

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

INGRID HELENA TAVARES

O LUTO, A LIDA E A LUTA: A ATUAÇÃO DO MOVIMENTO MÃES DE MAIO

FRANCA

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS

INGRID HELENA TAVARES

O LUTO, A LIDA E A LUTA: A ATUAÇÃO DO MOVIMENTO MÃES DE MAIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Direito da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de Franca, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Direito

Área de concentração: Sistemas Normativos e Fundamentos da Cidadania

Linha de pesquisa: Cidadania Social e Econômica e Sistemas Normativos

Orientadora: Prof. Dra. Regina Claudia Laisner

FRANCA

2023

T2311	Tavares, Ingrid Helena O LUTO, A LIDA E A LUTA: : A ATUAÇÃO DO MOVIMENTO MÃES DE MAIO / Ingrid Helena Tavares. -- Franca, 2023 202 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca Orientadora: Regina Claudia Laisner 1. Movimentos Sociais. 2. Letalidade Policial. 3. Gênero e Raça. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

INGRID HELENA TAVARES

O LUTO, A LIDA E LUTA: A ATUAÇÃO DO MOVIMENTO MÃES DE MAIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Direito da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de Franca, como requisito para obtenção do título de Mestre em Direito.

Área de concentração: Sistemas normativos e fundamentos da cidadania

Linha de pesquisa: Cidadania Social e Econômica e Sistemas Normativos

BANCA EXAMINADORA

Orientadora - Prof. Dr. Regina Claudia Laisner

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, campus de Franca

Examinadora - Profa. Dra. Ana Gabriela Mendes Braga

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, campus de Franca

Examinadora - Profa. Dra. Fernanda de Castro Nakamura

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, campus de Franca

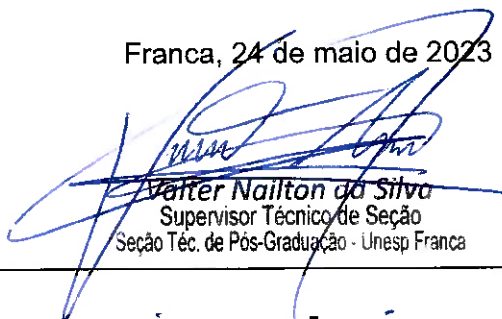
Franca, 24 de maio de 2023

ATESTADO DE APROVAÇÃO - DEFESA

Atestamos que **INGRID HELENA TAVARES**, RA nº: DIR200026, RG nº 446788223, expedido pela ssp/SP, defendeu, no dia 24/05/2023, a dissertação intitulada **O LUTO, A LIDA E A LUTA: A ATUAÇÃO DO MOVIMENTO MÃES DE MAIO**, junto ao Programa de Pós Graduação em Direito, Curso de Mestrado Acadêmico, tendo sido 'APROVADA'.

Atestamos ainda que a obtenção do título dependerá de homologação pelo Órgão Colegiado competente.

Franca, 24 de maio de 2023

A large, stylized handwritten signature in blue ink is written over the printed name and title of the official.

Valtter Nailton da Silva
Supervisor Técnico de Seção
Seção Téc. de Pós-Graduação - Unesp Franca

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A pesquisa sobre a atuação do Movimento Mães de Maio tem o potencial de gerar impactos significativos tanto no âmbito social quanto político. Em termos de impacto social, ela pode servir como uma ferramenta poderosa para sensibilizar a sociedade em relação às questões de violência policial e racial enfrentadas pelas comunidades periféricas, especialmente aquelas de jovens negros. Ao destacar as experiências e reivindicações dessas mães e familiares, a pesquisa pode ampliar a conscientização pública sobre as injustiças sistêmicas que afetam essas populações e catalisar um maior engajamento da sociedade civil na busca por soluções e mudanças estruturais. No âmbito político, a pesquisa pode influenciar a formulação de políticas públicas mais sensíveis e eficazes no combate à violência institucional e na promoção da igualdade racial. Ao fornecer insights sobre as estratégias de mobilização e comunicação adotadas pelo Movimento Mães de Maio, ela pode informar ações governamentais voltadas para a proteção dos direitos humanos e a garantia de justiça para as vítimas de violência policial. Além disso, ao destacar a voz e as demandas das comunidades afetadas, a pesquisa pode estimular um maior diálogo entre os tomadores de decisão e os grupos marginalizados, promovendo uma abordagem mais inclusiva e participativa na elaboração de políticas. Ao associar a pesquisa com um Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS), pode-se destacar a sua relevância para o ODS 16 - Paz, Justiça e Instituições Eficazes. A pesquisa contribui para a promoção da paz e da justiça ao expor as violações de direitos humanos e ao advogar por sistemas de justiça mais transparentes e responsáveis.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The research on the actions of the Mothers of May Movement has the potential to generate significant impacts both socially and politically. In terms of social impact, it can serve as a powerful tool to raise awareness within society regarding issues of police violence and racial discrimination faced by peripheral communities, especially those of young black individuals. By highlighting the experiences and demands of these mothers and families, the research can enhance public awareness of the systemic injustices affecting these populations and catalyze greater engagement of civil society in seeking solutions and structural changes. Politically, the research can influence the formulation of more sensitive and effective public policies in combating institutional violence and promoting racial equality. By providing insights into the mobilization and communication strategies adopted by the Mothers of May Movement, it can inform governmental actions aimed at protecting human rights and ensuring justice for victims of police violence. Furthermore, by emphasizing the voices and demands of affected communities, the research can encourage greater dialogue between decision-makers and marginalized groups, promoting a more inclusive and participatory approach to policy-making. By associating the research with a Sustainable Development Goal (SDG), its relevance to SDG 16 - Peace, Justice, and Strong Institutions can be highlighted. The research contributes to the promotion of peace and justice by exposing human rights violations and advocating for more transparent and accountable justice systems.

Dedico esta pesquisa à todas as minhas ancestrais, em especial, à minha mãe, minhas avós e minhas bisavós. Vocês me fizeram continuar e acreditar na possibilidade de um futuro diferente.

AGRADECIMENTO

“Seus olhos são como fogo, em sua boca há uma espada e está vestido com um manto de Sangue”. Agradeço, primeiramente, a Deus que me levantou todas as vezes que eu caí durante estes anos. Yeshua, Yahweh, Papai, Senhor dos Exércitos: tudo o que eu faço é por Você e para Você. Agradeço a Jesus por me acompanhar em cada momento. Agradeço o fogo do Espírito Santo e pelo sopro de vida de Ruah.

Agradeço a Débora Maria da Silva, por transformar a dor do luto em luta e sua luta em forma de lidar com as adversidades da vida. Observar Débora Maria da Silva continuando sua caminhada inspira força para que todas nós, sobreviventes das mais diversas formas de violência, continue caminhando também.

Agradeço minha mãe, Maria Fernanda Bartolomeu Tavares, por sempre me incentivar a viver a vida que ela mesma não teve oportunidade. Obrigada por todo seu sacrifício, por cuidar tão bem de nós, por tudo e principalmente, por confiar e acreditar em mim.

Agradeço meu pai, Antônio Marcio Tavares, por ter me ensinado que não importa de onde nós viemos, nós merecemos ir longe, mesmo que isso signifique suor e trabalho. Obrigada por lutar para eu ter as oportunidades de vida que você não teve.

Agradeço meu companheiro, Fábio Donizeti Benassi, por todas as vezes que segurou minha mão e cheio de ternura, não me deixou desistir. Obrigada por todas as vezes que esperou nos corredores da Faculdade, ficou acordado até tarde para me ajudar e cuidou de mim quando eu estava cansada.

Agradeço minha irmã Yasmin Sthefane Tavares por viver comigo as alegrias e as tristezas dessa vida.

Agradeço aos meus avós, Antonio Osvaldecio Bartolomeu, Terezinha Eliza Mantoaneli e Valdira Maciel por todo o carinho ao longo dos anos.

De igual forma agradeço a professora Regina Claudia Laisner, minha querida orientadora, que me incentivou, me orientou pacientemente, me ensinou as práticas acadêmicas e me ensinou como é a professora que eu quero me tornar.

Agradeço minhas amigas, Eduarda Sansão, Ana Carolina, Daiane Moreira, Beatriz Bárbaro, Alexia Floriano, Amanda Jacob, Juniele Alves, Julia Santos, Gabriela Silva, Kayeny Adami, Krisly Keila, Amanda Uchôa, Maria Eduarda Marinheiro por todo o apoio. De igual forma, agradeço meus amigos, Ian Cardoso, Weneg Alves e Rafael Marques de Carvalho.

Não ceder à paralisia. É preciso seguir adiante
como quem se recusa a alargar as bordas
dos rasgos, o latejar da tristeza apalpando o
cardíaco, abafando as vísceras. E mesmo
assim não ocultar-de-si- o rastro do dissabor
sob a língua, o coração arranhado
ruído na vitrola
o último colapso [os castelos são todos de
areia, Meu bem] – e você finge não notar
Não ceder É preciso prosseguir como quem
assente o sol
a morte e o renascer todo santo dia.
(Natalis Xavier, 2023)

TAVARES, Ingrid Helena. **O LUTO, A LIDA E A LUTA: A Atuação Do Movimento Mães De Maio**. Orientadora: Prof. Dr. Regina Claudia Laisner. 2023. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2023.

RESUMO

Na atualidade existem muitas discussões que são permeadas pela categoria raça, com diferenciações substanciais no enfrentamento do cotidiano entre negros e brancos. Observa-se um aumento nas taxas de assassinatos em regiões periféricas, direcionada para jovens e famílias negras. Dentro deste contexto, surgiu uma mobilização de mães e familiares de jovens expostos à violência que reivindicam uma posição do sistema de justiça e visibilidade em espaços midiáticos para denunciar a relação entre a atuação do Estado e as mortes. A presente dissertação de mestrado tem por objetivo compreender a atuação do Movimento Mães de Maio, fundado na Baixada Santista do Estado de São Paulo após os crimes ocorridos entre 12 e 21 de maio de 2006. O texto apresenta um trabalho dividido em duas partes. A primeira parte aborda o racismo e a violência policial, com referências teóricas de desigualdade racial e genocídio do povo negro de autores como Ana Luzia Pinheiro Flauzina e Sueli Carneiro. A segunda parte fala sobre movimentos sociais, com autores como Maria da Glória Gohn e inclui uma descrição do Movimento Mães de Maio. Esta pesquisa é classificada como descritiva, pois busca identificar a atuação do Movimento Mães de Maio analisando suas ações nas redes sociais. A abordagem utilizada é dedutiva, partindo de um panorama geral das ações do movimento para as especificidades. Para conduzir a pesquisa, foi utilizada a análise de conteúdo de redes sociais, focando no movimento Mães de Maio, que utiliza essas plataformas para divulgar suas ações e conscientizar sobre a violência institucional e policial contra jovens negros. As postagens foram categorizadas em grupos imagéticos, textuais e híbridos, separados em discursos reivindicativos, pedagógicos, contestatórios ou denunciativos por meio de palavras-chave. Foram analisadas cerca de 226 postagens desde o início do canal em 2019 até 2022, com os dados tabelados e metodologicamente analisados para obter resultados, inferências e interpretações críticas.

Palavras-chave: Genocídio do povo. Desigualdade racial. Movimentos sociais. Mães de Maio.

ABSTRACT

Currently, there are many discussions that are permeated by the race category, with substantial differences in the daily confrontation between blacks and whites. There is an increase in murder rates in peripheral regions, directed towards young people and black families. Within this context, a mobilization of mothers and relatives of young people exposed to violence emerged, claiming a position of the justice system and visibility in media spaces to denounce the relationship between State action and deaths. This master's thesis aims to understand the performance of the Mães de Maio Movement, founded in Baixada Santista in the State of São Paulo after the crimes that occurred between May 12 and 21, 2006. The text presents a work divided into two parts. The first part addresses racism and police violence, with theoretical references to racial inequality and genocide of black people by authors such as Ana Luzia Pinheiro Flauzina and Sueli Carneiro. The second part talks about social movements, with authors such as Maria da Glória Gohn includes a description of the Mães de Maio Movement. This research is classified as descriptive, as it seeks to identify the work of the Mães de Maio Movement by analyzing its actions on social networks. The approach used is deductive, starting from an overview of the movement's actions to the specifics. To conduct the research, content analysis of social networks was used, focusing on the Mães de Maio movement, which uses these platforms to publicize its actions and raise awareness about institutional and police violence against young black people. The posts were categorized into imagery, textual and hybrid groups, separated into claiming, pedagogical, contesting or denouncing speeches by means of keywords. About 226 posts were analyzed from the beginning of the channel in 2019 to 2022, with the data tabulated and methodologically analyzed to obtain results, inferences, and critical interpretations.

Keywords: Genocide of the people. Racial inequality. Social movements. Mães de Maio.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Ações do Movimento Mães de Maio	68
Gráfico 2 - Conteúdos pedagógicos	69
Gráfico 3 - Práticas reivindicativas	71
Gráfico 4 - Discursos denunciativos	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Divisão entre postagens de vídeo e imagéticas	64
Tabela 2 - Índices e Indicadores	65
Tabela 3 - Agrupamentos e categorização	66
Tabela 4 - Categorias e unidades de registros	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 O LUTO	18
1.1 O grito da violência policial	18
1.2 O silêncio do racismo	24
1.3 Entre grito e silêncio	30
CAPÍTULO 2 A LIDA	35
2.1 Movimentos sociais: uma definição	35
2.2 Informações básicas sobre o Movimento Mães de maio	41
2.3 O movimento interseccional no território necropolítico	45
CAPÍTULO 3 A LUTA	53
3.1 Caminho metodológico	53
3.2 Análises das postagens do <i>Instagram</i>	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
ANEXOS	91

INTRODUÇÃO

A política de “panelas” acadêmicas de corredor universitário e a publicação a qualquer preço de um texto qualquer se constituem no metro para medir o sucesso universitário. Nesse universo não cabe uma simples pergunta: o conhecimento a quem e para que serve? (Mauricio Tragtenberg)

Toda introdução é um desabafo do autor ainda que sejam esperadas que neste tópico inicial sejam explicadas questões pormenorizadas da pesquisa. Exige-se que contenha objetivos, justificativa, referencial teórico, explicação de determinados termos e por aí vai. Contudo, a introdução possui um lado subjetivo do autor que deseja trazer mais que tecnicismo, deseja trazer a paixão por aquilo que escreve e estuda.

De início, cabe justificar a presente dissertação com base na preocupação com a situação de jovens negros. Sabe-se que com o aumento nas taxas de assassinatos em regiões periféricas, mães e familiares de jovens expostos à violência reivindicam, tanto uma posição do sistema de justiça, quanto visibilidade nos espaços de mídia para denunciar que estas mortes estão relacionadas majoritariamente com questões raciais.

A raça estabelece largas diferenças no status social, na qualidade e no estilo de vida da população, tanto que a raça não deve ser apenas encarada como uma categoria política, mas sim, reconhecida como uma categoria analítica, que revela como a discriminação é corporificada e, às vezes, transcende as questões de classe (Guimarães, 2016).

Na América Latina, negros fazem parte da classe mais explorada e como consequência tendem a vivenciar mais situações de desigualdade, pobreza e violência (Gonzalez, 2018). A título de exemplo, somente no Brasil, no ano de 2019, houve 6375 mortes decorrentes de intervenção policial, onde 79,1% dessas vítimas eram pretas e pardas (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019).

Ocorre que, sobre a montanha de corpos pretos e pobres, assassinados pelo sistema de justiça criminal e pela omissão do Estado sempre pairou o silêncio e a invisibilidade, mas sempre para cada corpo caído há uma mãe que sangra, não somente pela morte dos seus, mas também pelas marcas do racismo e pelo fardo da luta diária por sobrevivência. A mobilização de mulheres unidas pela dor do luto atua no sentido de garantir justiça em memória aos filhos que lhe foram arrancados e em busca da concretização de uma cidadania, constantemente negada aos jovens negros devido ao racismo e a associação destes à criminalidade.

Uma destas mobilizações é o movimento Mães de Maio - formado por famílias das

vítimas dos crimes ocorridos em maio de 2006 na Baixada Santista, em que a polícia militar realizou uma suposta “onda de reação contra os ataques do PCC”, resultando em centenas de mortes (Mães de Maio, 2011).

Dizer somente que “essa dissertação estuda a atuação do movimento Mães de Maio” é de certo modo, simplista. Atuar é agir, obrar, operar, empreender, mover-se, lidar, praticar, trabalhar, concretizar, representar, interpretar, desempenhar, executar, encenar, encarnar e vários outros verbos.

E de verbo, as Mães de Maio entendem muito bem, tanto que transformaram a dor do luto, em lida e a lida em uma forma de lutar. Transmutaram uma realidade tão dolorida em verbo de ação. Assim, é uma grande missão falar sobre o Movimento Mães de Maio, isto porque, falar do movimento é falar de resistência e resiliência.

A escolha do tema está intrinsecamente relacionada com as vivências e subjetividades da pesquisadora responsável por esta pesquisa, caracterizada enquanto mulher e admiradora dos Movimento Mães de Maio. Há uma lembrança subjetiva da primeira vez que houve contato com o Movimento através de uma música do rapper Emicida, em que a música mexeu com os sentimentos da pesquisadora de tal forma que no pico do meio-dia, chorou, em pé, em um ônibus voltando da escola.

O clipe da música Chapa dura tem um pouco mais de 7 minutos e conta com a participação das Batucadeiras do Terreiro dos Órgãos. No decorrer da produção, Emicida traz versos sobre a violência sofrida por jovens em comunidades, enquanto mães relatam a dor de perder um filho assassinado. Além disso, o clipe de Chapa presta uma homenagem ao grupo Mães de Maio.

O envolvimento com o tema não se restringe somente à emoção diante a música do *rapper* Emicida. Subjetivamente, a violência presenciada pelas mães da vida da pesquisadora motivaram de certa forma a escrita. Violências físicas e verbais, que vão além, passando pela fome e a tristeza de ver seus filhos em situação de prisão. A questão racial também foi motivação para a escrita, tendo em vista que entrecorta a própria identidade da pesquisadora, uma vez em que há um apagamento da própria história.

Após ouvir a música e conhecer as Mães de Maio, chegou-se à seguinte conclusão: Mãe sofre demais, mas algumas mães sofrem mais que as outras. Até então, a pesquisadora teve contato com outros tipos de violência que a fazia acreditar que a sua sina enquanto mulher seria sempre sofrer. Contudo, ao ver a luta das Mães de Maio, percebeu algo em comum entre ela e suas ancestrais: as mulheres sofrem, mas continuam.

O ímpeto de todas essas mulheres inspirou a escrita da presente pesquisa, visto que a indignação em relação à violência motivou esta pesquisa. Em relação ao aspecto subjetivo desta pesquisa, só resta parafrasear verso da música Torto Arado de Rubel com participação de Liniker e Luedji Luna: “E elas já calejadas, que já viram de tudo, não se acostumam a ver sonhos mortos”. E por não se acostumarem a ver sonhos mortos, escrevem.

Essa dissertação busca ser um instrumento para evidenciar as ações do Movimento Mães de Maio, sob a escrita consciente de que os eventos neste subcapítulo são apenas algumas das várias contribuições das Mães de Maio para a luta contra a violência policial.

A questão que guiou o desenvolvimento da pesquisa foi: Qual o objetivo destas mães? Ao que, como hipótese a ser confirmada pelo trabalho, respondeu-se: O objetivo das mães de maio é promover justiça em relação a situações de violência policial ao qual jovens negros são constantemente submetidos.

Portanto, o objetivo desta dissertação é olhar para dentro deste movimento e averiguar como este movimento opera. Propõe-se entender como ocorrem as ações do Movimento Mães de Maio a partir do que as próprias integrantes do Movimento postam em suas redes sociais a partir do desenvolvimento de um método que permita analisar as postagens do Movimento Mães de Maio na rede social Instagram possibilitando a realização de análises críticas sobre esses conteúdos.

Este trabalho é dividido em duas partes, a primeira parte está concentrada nos dois primeiros capítulos, ao qual, inicialmente, no primeiro capítulo, denominado “O LUTO” foi realizada uma contextualização sobre racismo e violência policial utilizando-se de um referencial teórico de forma mais geral sobre desigualdade racial e genocídio do povo negro com autoras como Ana Luzia Pinheiro Flauzina e Sueli Carneiro.

O segundo capítulo, denominado “A LIDA”, por sua vez, traz uma introdução sobre o que são movimento sociais, contando com autores como Maria da Glória Gohn. Além disso, trabalha o Movimento Mães de Maio, no sentido de descrevê-lo e encerra-se com uma discussão sobre a questão da interseccionalidade de Kimberley Crenshaw e a necropolítica, conceito formulado por Achille Mbembe.

Para aprofundar os estudos sobre o Movimento Mães de Maio da Democracia Brasileira foi realizada a leitura de dois livros de autoria do grupo. O primeiro, “Mães de Maio: Do luto à luta” e o segundo, “Mães de Maio, Mães do Cárcere – A Periferia Grita”. A obra “Mães de Maio: Do luto à luta”, lançada em maio de 2011, traz testemunhos sobre a perda dos filhos sofridas por estas mães e mostram o cenário em que ocorreu os Crimes

de Maio. Nesse sentido, o livro contribui com depoimentos e um retrato sobre como ocorre a violência policial e como os grupos de extermínios permanecem ilesos. Já a segunda obra de autoria das Mães de Maio, “Mães de Maio, Mães do Cárcere – A periferia grita”, lançada em 2012, é um grito do movimento em busca da paz em meio à luta pela desmilitarização das polícias. A obra pode ser lida como uma obra de arte e engloba manifestações de poetas da periferia, rappers e até mesmo jornalistas. Já a segunda parte deste trabalho desdobra-se no capítulo 3, intitulado “A LUTA” e para melhor compreendê-lo é necessário introduzir algumas informações.

Inicialmente, cabe dizer que esta pesquisa se classifica como uma pesquisa descritiva, justamente porque busca identificar como ocorre a atuação do Movimento Mães de Maio analisando suas principais ações que estão expostas nas redes sociais. Teoricamente, essa classificação é justificada conforme Gil (1999), o qual indica que a pesquisa descritiva tem como objetivo descrever características de algum fenômeno ou de algum grupo. Já para Andrade (2002), a pesquisa descritiva é aquela que irá utilizar-se de observações de determinados fatos, possibilitando a identificação e a posterior análise destes.

O método de abordagem utilizado nesta dissertação é o dedutivo, visto que a pesquisa parte de um panorama geral das ações do Movimento Mães de Maio e sua caracterização enquanto movimento social, com direcionamentos para um contexto mais específico em que há o maior detalhamento destas ações.

Para a concretização da pesquisa, recorreu-se à análise de conteúdo de Redes Sociais. Sabe-se que o Movimento Mães De Maio, através de suas redes sociais, propaga suas ações e conscientizam as pessoas sobre pautas envolvendo a violência policial e institucional contra jovens negros. Atualmente, as redes sociais auxiliam a interação entre as pessoas, bem como os relacionamentos interpessoais, visto ser um dos meios de comunicação do ser humano mais utilizados nos últimos tempos (Chambers, 2013).

Nesta pesquisa optou-se por analisar postagens do Instagram do Movimento Mães de Maio e não o *Blog* de autoria do movimento (<http://maesdemaio.blogspot.com/>), ao considerar que o *blog* não é atualizado desde 2014, enquanto a rede social *Instagram* ganhou um espaço enorme nos últimos anos, promovendo visibilidade para as ações deste movimento.

Segundo Laurence Bardin (2011), “a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos extremamente diversificados”. Portanto, utilizou-se da técnica proposta por Bardin para fazer a análise, seguindo algumas etapas (Bardin, 2011).

Para Bardin (2011) a primeira fase de uma análise de conteúdo consiste na pré-análise, ou seja, é o momento em que todo o material a ser analisado é organizado, tornando a pesquisa operacional. Inicialmente, as postagens da página do Movimento Mães de Maio foram separadas em quatro grupos diferentes: imagéticos, textuais, híbridos – quando há imagem e texto e Postagens compartilhadas de outras páginas (Bardin, 2011).

Restou estabelecido que seriam objetos de análise os grupos imagéticos, textuais e híbridos. Após a leitura flutuante¹ das postagens das redes sociais emergiram as categorias de análise e os discursos foram agrupados em discursos reivindicativos, pedagógicos, contestatórios ou denunciativos. Para separar em categorias de análises foram utilizadas palavras chaves evidenciadas de forma detalhada no capítulo 3.

A terceira etapa da análise de conteúdo diz respeito aos resultados, inferências e interpretação. No caso da pesquisa realizada, houve a condensação das informações e realização de uma análise reflexiva e crítica. Desta forma, foram analisadas cerca de 226 postagens desde o ano de criação do canal da rede social em 2019 até o ano de 2022. Os dados foram tabelados e metodologicamente analisados.

Esquemáticamente, a presente pesquisa possui as seguintes fases de análise de conteúdo. Em primeiro lugar, a pré análise que inclui: a leitura flutuante, a escolha dos documentos, a formulação de objetivos e hipóteses e por fim, a formulação de índices e indicadores. Em segundo lugar, a exploração do material com a criação de categorias e por fim, os resultados com a produção de inferências.

Os dados coletados foram muito relevantes para responder à questão posta e confirmada a hipótese, em uma perspectiva de interesse não somente, mas de forma mais ousada e engajada, como tentativa de dar voz e fortalecer a luta destas bravas mulheres. Também neste sentido foram incorporadas algumas postagens da página oficial do Movimento Mães de Maio de forma a expressar de maneira mais potente a ligação do conteúdo e o teor das postagens.

¹ Segundo Bardin (2011) a leitura “flutuante” é uma leitura que possibilita o primeiro contato com os documentos que serão submetidos à análise.

CAPÍTULO 1 O LUTO

*Chapa, desde que cê sumiu Todo dia alguém pergunta de você Onde ele foi?
Mudou? Morreu? Casou?
Tá preso? Se internou? É memo? Por quê?*
(EMICIDA, 2010)

A principal questão que move as reflexões propostas nesta dissertação refere-se à atuação do coletivo Mães de Maio. Neste sentido, este primeiro capítulo denominado “O Luto” tem como objetivo realizar uma contextualização capaz de criar uma base sólida para introduzir este movimento. Para que isso seja possível, há dois objetos que devem ser tratados neste capítulo: a violência policial e suas implicações no genocídio do povo negro, assim como a questão da desigualdade racial e do consequente racismo.

1.1 O grito da violência policial

Imagem – 14/09/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B2ZgANTHj5d/> (2019)

Sabe-se que 12 de maio de 2006, dia que sucedeu o Dia das Mães, foi o início de ataques a prédios públicos e rebeliões dentro de presídios. Tais ações foram atribuídas ao Primeiro

Comando da Capital – PCC. Ocorre que em meio à paralisação e ao medo que aterrorizava a metrópole paulistana e as cidades aos arredores, a resposta da polícia militar foi intensiva: 493 pessoas mortas em menos de uma semana, em que apenas 6% possuíam antecedentes criminais, o que também não justificaria a carnificina utilizada como resposta aos supostos ataques (Gonçalves, 2012, p. 135).

Em reação a esse contexto, o movimento Mães de Maio surgiu em maio de 2006, com uma atuação pautada no combate à violência policial propulsionada por desigualdades raciais dado que, em termos estatísticos, essa violência, aqui reportada, atinge majoritariamente jovens negros com faixa etária entre 15 e 29 anos, que possuem baixa escolaridade e moram em regiões periféricas (IPEA, 2020).

A mobilização surge justamente porque “foi mesmo impossível sufocar a voz e abalar os sentidos quando as massas encarceradas e os corpos caídos estampavam monotonamente o mesmo tom” (Flauzina, 2006, p. 40). Tais vozes pertenciam às mulheres pobres, moradoras de regiões periféricas, negras, que tiveram seus filhos precocemente arrancados de seus braços pelas mãos de agentes de segurança pública (Cerqueira; Bueno, 2020, p. 67-73)

Assim, o estudo da mobilização das Mães de Maio pressupõe uma verificação da perspectiva de violência do Estado para a juventude negra e, para isso, ressalta-se a necessidade de compreender algumas intercorrências ocorridas, que contribuíram para a análise do contexto. No ano de 2015, pelo Requerimento nº 115 de autoria da Senadora Lídice da Mata (PSB/BA), foi instaurada uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) com o objetivo de investigar a situação do assassinato de jovens. Contudo, a partir de determinado ponto a CPI, sob responsabilidade do Relator Senador Lindbergh Farias, foi focalizada apenas para os homicídios de jovens negros por decorrência de ação do Estado, em vista da constatação de que 53% das vítimas eram jovens e, entre esses, 77% eram negros e 93% do sexo masculino (Brasil, 2016).

Observa-se também os dados apresentados pelo Mapa da Violência 2013, centralizado no tema “Homicídios e Juventudes no Brasil”. O relatório tem um destaque metodológico, ao tratar dados sobre o tema entre 1980 e 2011, com coletas a partir das “estimativas intercensitárias disponibilizadas pelo Datasus, baseadas em projeções do IBGE” (Waiselfisz, 2013, p. 17).

Sob tal escopo, é possível apontar que a taxa de homicídio de jovens negros é quase quatro vezes maior do que entre os brancos, detalhado em 36,9 a cada 100 mil habitantes contra 9,6 (Waiselfisz, 2013).

Ainda em 2015, foi instaurada outra CPI com caráter parecido à exposta anteriormente,

mas com diferenciações no objetivo, voltada para “apurar as causas, razões, consequências, custos sociais e econômicos da violência, morte e desaparecimento de jovens negros e pobres no Brasil”, como indicado em seu título. Isso destaca a pretensão da CPI de averiguar de forma pormenorizada os homicídios de jovens negros e pobres.

Nesse mesmo ano, o relatório “Você matou meu filho”, da Anistia Internacional, que tratava sobre os homicídios cometidos pela Polícia Militar na cidade do Rio de Janeiro, revelou os estereótipos negativos associados à juventude negra que vive em áreas marginalizadas, os quais contribuem para a banalização e a naturalização da violência (Anistia Internacional, 2015).

Diante desse quadro, é possível caracterizar a violência policial contra os jovens negros como crime de genocídio. De acordo com a Resolução 96 da organização das Nações Unidas (ONU), aprovada em 11 de dezembro de 1946, “genocídio é a negação do direito de existência de grupos humanos” e possui duas fases: a destruição do oprimido e a imposição do padrão pelo opressor. Segundo Raphael Lemink (1944, p. 79):

De um modo geral, o genocídio não significa necessariamente a destruição imediata de uma nação, exceto quando materializado por assassinatos em massa de todos os membros de uma nação. Significa a configuração de um plano coordenado de diferentes ações que visam à destruição dos fundamentos essenciais da vida de grupos nacionais, com o objetivo de aniquilar os grupos. Os objetivos de tal plano seriam a desintegração das instituições políticas e sociais, da cultura, da língua, dos sentimentos nacionais, da religião e da existência econômica de grupos nacionais, e a destruição da segurança pessoal, liberdade, saúde, dignidade, e até mesmo da vida dos indivíduos pertencentes a esses grupos. O genocídio é dirigido contra o grupo nacional como uma entidade, e as ações envolvidas são dirigidas contra indivíduos, não em sua capacidade individual, mas como membros do grupo nacional.

Ao realizar esse debate, Ana Luiza Pinheiro Flauzina, em “As Fronteiras Raciais do Genocídio” (2014), levanta uma questão polêmica sobre o uso do termo genocídio no contexto do território nacional. Flauzina aponta a crítica sobre o uso deste termo por ativistas e estudiosos de forma generalizada, comumente utilizado para designar situações violentas e discriminatórias, como por exemplo, prisão, tortura e até mesmo falta de assistência humanitária. Apesar da crítica, a autora ressalta que a utilização da noção de genocídio pode ser feita para tratar de violações de direitos humanos associadas às políticas de reparação e punição. Quando considerado uma categoria política, o genocídio passa a ser um instrumento que busca uma resposta diante às tragédias em escala mundial (Flauzina, 2014).

Porém, a autora aborda especificamente a negligência quanto ao sofrimento negro quando o assunto é o reconhecimento do racismo e genocídio. Para ela, trata-se de mais uma ambiguidade do direito penal internacional que carece de uma análise do impacto do racismo

dado o caráter de negação do poder institucionalizado da supremacia branca que acaba por ocasionar uma administração distorcida do genocídio (Flauzina, 2014).

Para Flauzina, “o alto grau de vulnerabilidade em torno da vida negra é cultivado por atos de incontestável terror patrocinados e sancionados pelo Estado que visam a controlar o que são categorizados como ‘corpos indomesticáveis’”, o que poderia ser traduzido para a ideia de que genocídio seria uma tragédia branca. Quando o crime é cometido por brancos contra não brancos, esse genocídio é menos reconhecido, ocasionando uma “naturalização do Estado visando corpos negros” (Flauzina, 2014).

Deste modo, apresenta-se a perspectiva teórica sobre o conceito de genocídio aplicado para o contexto estudado no sentido de construir uma referência que permita compreender o funcionamento da segurança pública do Estado brasileiro: se anteriormente a qualificação teórica da vulnerabilidade do corpo negro foi associada a uma naturalização do Estado sobre determinados corpos, agora fica evidente a questão da desigualdade racial como elemento presente desta equação.

Apesar da associação teórica proposta, embasada em demais autores, é necessário reconhecer a escassez de dados capazes de comprovar a associação entre o racismo e as práticas policiais violentas, a partir do aspecto da desigualdade racial. Uma das pesquisas capazes de apontar materialmente essa desigualdade possui autoria de Carolina Schittler, Giane Silvestre e Jacqueline Sinhoretto (2014).

As pesquisadoras Schittler, Silvestre e Sinhoretto (2014) coletaram dados da ouvidoria da polícia do Estado de São Paulo sobre a letalidade policial e o perfil das vítimas dessa letalidade. Para alcançar o resultado da pesquisa, as autoras percorreram um longo caminho e mantiveram um interessante diálogo entre a questão da desigualdade racial na segurança pública e a violação do princípio da igualdade jurídica que, em linhas gerais, seria apenas simbólica. Isto porque, ao contrário do que se percebe quanto às questões de gênero e classe na prática, a questão racial não é geralmente um ponto de interesse quando o assunto é seletividade da Justiça, visto que no imaginário brasileiro a questão da raça não é fator de diferenciação. Nesse sentido, observa-se uma aspiração à negação de que existe racismo dentro do sistema de justiça criminal, amparada em uma defesa abstrata de igualdade.

Entretanto, essa perspectiva tem sido questionada e cada vez mais ganha novos contornos. Ressalta-se uma preocupação recente para as discussões acerca da raça como um fator de desigualdade quando o assunto é segurança pública em boa medida em função da reivindicação da sociedade civil mobilizada e organizada em movimentos sociais que também tem proporcionado a crescente ascensão de políticas públicas de igualdade racial promovidas

pelas agências do Estado.

O cruzamento de dados coletados pelas pesquisadoras permite reconhecer que a ação policial violenta é um reflexo da desigualdade racial, pois estas ações vitimizam três vezes mais negros do que brancos.

Todavia, a desigualdade racial não se apresenta apenas em dados que tratam sobre a mortalidade e vitimização majoritária de negros. Ao observar as prisões em flagrantes, que independem de uma prévia investigação criminal, realizada somente por meio da abordagem policial, verifica-se uma disparidade racial. A partir do critério de cor e raça, os dados apresentados pelas pesquisadoras indicam que, em 2012, para uma taxa de 100 mil habitantes em São Paulo, havia 35 prisões em flagrante de pessoas negras e 14 prisões em flagrante de pessoas brancas (Schitler; Silveste; Sinhoretto, 2014).

Essas informações apontam para o fato de que há uma vigilância policial maior em relação às pessoas negras, o que pode direcionar para a consideração de que as atividades criminais praticadas por brancos despertam menor atenção da polícia. A filtragem racial está interligada com as estratégias de policiamento, em uma perspectiva de que os recursos empregados por policiais militares no Estado de São Paulo (PMESP), durante ações ostensivas e repressivas em regiões periféricas, são marcados pela tríade: determinar, aprisionar e eliminar pessoas “lidas” como criminosas, antes de qualquer evidência desta característica, que não o pré-julgamento. Os órgãos do sistema de justiça criminal, em especial a polícia, implementam estratégias de policiamento baseadas em padrões raciais e preconceitos sociais, reproduzindo estereótipos que tornam o negro, alvo (Sinhoretto; Batitutti; Mota, 2014).

Essa análise tem fundamento a partir do poder punitivo associado às ciências criminais, o qual escalonou em sua dimensão estrutural o racismo e engendrou a construção da seletividade penal (Flauzina, 2008). A construção do mito do “homem negro bandido” por teóricos do racismo científico, desde Nina Rodrigues, entre outros, a partir da segunda metade do século XIX, teve importante papel para a construção de uma criminologia que coloca o negro como principal suspeito das contravenções cometidas no país (Rocha, 2014). Para Lélia Gonzalez (1982, p. 16):

A sistemática repressão policial, dado o seu caráter racista (segundo a polícia, todo crioulo é marginal até que se prove o contrário), tem por objetivo próximo a imposição de uma submissão psicológica através do medo. A longo prazo, o que se pretende é o impedimento de qualquer forma de unidade e organização do grupo dominado, mediante a utilização de todos os meios que perpetuem sua divisão interna. Enquanto isso o discurso dominante justifica a atuação desse aparelho repressivo, falando em ordem e segurança sociais.

Faz-se pertinente recordar a afirmação de Lelia Gonzalez (1982, p. 22): “qualquer

aglomeração de negros é sempre encarada como caso de polícia”. A perspectiva colocada por Lélia Gonzalez não configura mero elemento discursivo, mas encontra fundamento na realidade.

Maria Carolina de Camargo Schlittler, em sua tese de doutorado “Matar Muito Prender Mal” (2016), indica que, ao estudar a atuação da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP), é necessário compreender que a polícia acredita ter um saber capaz de identificar possíveis infratores, quando na verdade, determinados indivíduos são estigmatizados e encarados como criminosos, muito antes de terem suas ações enquadradas como condutas típicas, ilícitas e culpáveis.

Há dois pilares para explicar estas práticas policiais cotidianas: o treinamento escolarizado e a prática do tirocínio policial, que se configura como percepção de saber em que se deve atirar. De início, é importante destacar que o referido treinamento escolarizado parte da premissa de que durante a própria formação da PMESP é ensinado o reconhecimento de comportamentos suspeitos. Institucionalmente, há uma orientação que determina se “A” tem um comportamento considerado potencialmente perigoso. A orientação desses órgãos é que os policiais devem basear qualquer ação policial na legalidade e nos protocolos estabelecidos pela PMESP, desde que identifiquem um suspeito. Portanto, os alunos são treinados no pressuposto de que o policiamento pode ser realizado aplicando a lei e que as atividades policiais devem produzir resultados.

Por outro lado, o tirocínio policial se baseia no aspecto da experiência dos integrantes da PMESP, que alegam adquirir certa subjetividade no olhar com a prática cotidiana, o que possibilita a identificação de suspeitos já no primeiro contato. Sabe-se que mesmo que não seja uma prática institucional, trata-se de uma prática normalizada e tradicionalmente utilizada, que reforça o estereótipo de quem é tido como transgressor da lei e qual deve ser a resposta da sociedade aos que são postos sob essa categorização (Schlittler, 2016)

Ao considerarmos as práticas produzidas pela Polícia Militar (PM) baseadas no estigma construído a partir da desigualdade racial, encontramos denúncias do associativismo antirracista contra a PM (Polícia Militar) que versam sobre abordagens policiais, com amplo recurso à violência por parte dos policiais, localizando um grupo específico da população marcado por raça, identificado como suspeito de cometimento de crimes e que, por isto, sob a justificativa da “resistência seguida de morte” mereceriam uma resposta violenta.

Ao considerar os aspectos teóricos apontados, articulados aos eventos ocorridos, demonstrados pelos dados, é possível verificar a existência de marcadores raciais durante a seleção de pessoas tidas como suspeitas ou criminosas, o que explica, em boa medida, porque

é maioria a população de jovens negros e pobres assassinada pelas mãos do Estado.

Tal reconhecimento coloca em destaque o tema da violência policial como elemento intrínseco da formação do movimento Mães de Maio, objeto de análise desta pesquisa. Por conseguinte, segue-se para a ampliação da compreensão do contexto de desigualdade racial e do racismo, enquanto categorias fundantes deste objeto.

Imagem – 28/04/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/BiHmQ_-A04J/ (2018)

1.2 O silêncio do Racismo

O sistema de justiça criminal pode ser considerado como instrumento oficial de dominação e opressão dos grupos sociais não reconhecidos, pois gera estigmatização² e controle sobre tais grupos. Enquanto consequência, coopera destacadamente para a opressão de um grupo sobre outros, considerado seu relevante papel na reprodução da estrutura vertical da sociedade e dos processos de marginalização.

Neste aspecto, há uma certa particularidade quando o assunto é racismo. Enquanto característica específica do contexto brasileiro, aponta-se a tentativa de convencer sobre a não existência do racismo por meio de um padrão de silenciamento. Essa ótica pode ser encontrada

² O conceito de Estigma aqui utilizado, tem origem no pensamento de Erving Goffman

por meio do discurso, como elucidado no seguinte trecho, escrito por Lélia Gonzalez:

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um (Gonzalez, 1984, p. 226).

Apesar da tentativa de negação do caráter racista na realidade brasileira, sabe-se que o racismo é base do processo de formação histórica da América Latina. Para o Brasil, há uma vinculação com esse processo desde seu momento mais embrionário, a partir da colonização, por meio do extermínio dos povos indígenas e a escravização dos povos negros.

O racismo na América Latina coloca negros e índios nas classes mais exploradas, pois a ideologia do branqueamento leva as pessoas a acreditarem que os valores da cultura branca ocidental são universais (Gonzalez, 2018).

Neste contexto, destaca-se o mito da democracia racial, a partir do qual há uma obediência ao padrão de silenciamento sobre o racismo, revelando-se como uma forma de dominação que tende a evitar o confronto direto, onde:

[...] tudo indica que estamos diante de um tipo particular de racismo, um racismo silencioso e sem cara que se esconde por trás de uma suposta garantia da universalidade e da igualdade das leis, e que lança para o terreno do privado o jogo da discriminação (...) (Schwarcz, 2012, p. 32).

Como afirma o sociólogo Carlos Hasenbalg, esse mito resulta em “uma poderosa construção ideológica, cujo principal efeito tem sido manter as diferenças inter-raciais fora da arena política, criando severos limites às demandas do negro por igualdade racial” (Hasenbalg; Silva, 1987, p. 80).

A maior influência do mito da democracia racial é a crença de que o racismo não existe em nosso país, graças ao processo de miscigenação. Em consonância com este aspecto é possível utilizar a visão que Kabenguele Munanga expôs durante entrevista para Dantas, Ferreira e Vêras sobre o racismo no Brasil:

Todos os racismos são abomináveis, são crimes, mas eu achei que o racismo brasileiro é um crime perfeito partindo da ideia de um judeu prêmio [Nobel] da Paz que disse uma vez que o carrasco mata sempre duas vezes, a segunda pelo silêncio, e nesse sentido achei o racismo brasileiro um crime perfeito. É como um carrasco que você não vê te matando, está com um capuz; você pergunta pelo racista e você não encontra, ninguém se assume, mas o racismo e a discriminação existem. Esse racismo matava duas vezes, mesmo fisicamente, a exclusão e tudo, e matava a consciência da própria vítima. A consciência de toda a sociedade brasileira em torno da questão, o silêncio, o não dito. Nesse sentido, era um crime perfeito, porque não deixava nem a formação de consciência da própria vítima, nem a do resto da população através do chamado mito da democracia racial” (Dantas; Ferreira; Veras, 2017, p. 40).

Observa-se neste trecho a chamada “ideologia racial”, articulada pelas elites brasileiras entre o final do século XIX com a finalidade de unificar a identidade brasileira com base na ideia de que o mestiço impediria que a população negra se mobilizasse politicamente para construir identidades subjetivas e coletivas (Munanga, 2019).

Segundo agora Michelle Alexander, “A criminalização e demonização do homem negro virou a comunidade negra contra ele, desmantelando suas relações familiares e comunitárias, dizimando as suas conexões de sustentação e intensificando a vergonha e a experiência de ser odiado por sua própria casta” (Alexander, 2018, p. 55).

Assim, o impedimento sobre a vida das pessoas negras por meio da veiculação da “ideologia racial” produziu encontros traumáticos com a violência e brutalidade do mundo branco, e a irracionalidade do racismo que sempre os vê como “outros”, diferentes (Kilomba, 2019, p. 40).

É a definição de Lélia Gonzalez que, mais especificamente, supre as necessidades conceituais e metodológicas deste trabalho em relação à definição e perspectiva adotada sobre o racismo. Sabe-se que Gonzalez partilhava da mesma perspectiva de autores como Abdias do Nascimento, Beatriz Nascimento, Florestan Fernandes e Octavio Ianni, que comungavam da ideia de que a concretização da democracia e combate ao racismo perpassaria pela superação do mito da democracia racial.

Gonzalez explica que o racismo como exploração mostra-se de duas formas nas Américas: o racismo por segregação e o racismo por denegação. Este primeiro, por segregação, é visto em sociedades de colonização anglo-saxônica, germânica ou holandesa em que a miscigenação é impensável, pois a superioridade branca é assegurada com a pureza do sangue, como a título de exemplo, o sistema do *apartheid*.

O racismo por denegação, por sua vez, tem como fundamento a ideologia do branqueamento e se fundamenta em “teorias” da miscigenação, da assimilação e da “democracia racial” (Gonzalez, 2018). Estas teorias evidenciam a tentativa de apagamento do passado escravocrata e racista da sociedade brasileira. (Gonzalez, 1988, p. 69).

Sob este entendimento do racismo, o diálogo teórico e prático produz a perspectiva de que a desigualdade racial é caracterizada como um elemento incontornável da sociedade brasileira. Desenha-se uma perspectiva de que há um sentido de benefícios atribuídos – estruturalmente – aos brancos, frente aos níveis de exploração da população negra.

A Declaração sobre a Raça e os Preconceitos Raciais (1978), aprovada e proclamada pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris em sua 20ª Reunião, em 27 de novembro de 1978, adotou – em termos

gerais – uma posição política de contrariedade aos princípios morais e étnicos da humanidade para qualquer teoria que legitime a superioridade ou inferioridade de determinados grupos raciais ou étnicos voltada para legitimação do direito de domínio de certas etnias sob outras. Nesse sentido, a Declaração sobre a raça e os preconceitos raciais informa que o racismo:

[...] engloba as ideologias racistas, as atitudes fundadas nos preconceitos raciais, os comportamentos discriminatórios, as disposições estruturais e as práticas institucionalizadas que provocam a desigualdade racial, assim como a falsa ideia de que as relações discriminatórias entre grupos são moral e cientificamente justificáveis; manifesta-se por meio de disposições legislativas ou regulamentárias e práticas discriminatórias, assim como por meio de crenças e atos antissociais; cria obstáculos ao desenvolvimento de suas vítimas, perverte a quem o põe em prática, divide as nações em seu próprio seio, constitui um obstáculo para a cooperação internacional e cria tensões políticas entre os povos; é contrário aos princípios fundamentais ao direito internacional e, por conseguinte, perturba gravemente a paz e a segurança internacionais (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 1978).

Estes juízos de valores baseados na diferença racial dizem respeito ao preconceito historicamente vinculado às desigualdades de poder, o qual foi consolidado devido às diferenças econômicas e sociais entre os indivíduos. Entre os elementos que contribuíram para o estabelecimento desse contexto, reconhece-se que a criminalização de pessoas negras possui raízes profundas advindas da antropologia criminal de Cesare Lombroso e da Sociologia Criminal de Ferri.

Para Lombroso, segundo Vera Regina Pereira de Andrade, “a causa do crime é identificada no próprio criminoso” (1995, p. 25), com atribuição de um determinismo biológico para definir quem é o criminoso. Já Ferri, por sua vez, além de auxiliar Lombroso em suas pesquisas, cunhou o termo “Criminoso nato”. Assim, enquanto Lombroso definiu como razões da criminalidade o atavismo³, a epilepsia e a loucura moral, Ferri desenvolveu a antropologia lombrosiana demonstrando o fundamento da causa tríplice do crime, baseado em causas individuais, físicas e sociais.⁴

Tais elementos contribuem para uma compreensão da realidade atual e como o discurso em torno da criminologia associam as noções de raça à maior probabilidade de cometer crimes ou ações repudiáveis. Esta visão permitiu um fortalecimento da perspectiva de que o homem

³ "Atavismo" é uma ideia associada ao criminologista italiano Cesare Lombroso, que acreditava que a criminalidade poderia ser explicada pela presença de características físicas e mentais primitivas em algumas pessoas. Ele argumentava que essas características eram uma espécie de atavismo, ou seja, traços evolutivos antigos que reapareciam em algumas pessoas.

⁴ Ferri argumentava que essas três causas estavam inter-relacionadas e que a prevenção do crime deveria ser abordada de maneira holística, considerando tanto fatores biológicos quanto sociais e psicológicos. Embora a teoria da "causa tríplice" de Ferri tenha sido amplamente aceita na época em que foi proposta, hoje em dia é vista como limitada e simplista pelos criminologistas modernos.

negro estaria no centro das ações criminosas. Deste modo, torna-se possível pensar a institucionalidade como elemento que contribuiu para o sofrimento do povo negro.

Na configuração histórica do sofrimento negro a partir do Estado, destaca-se o período ditatorial militar, após 1964. Ana Luiza Pinheiro Flauzina e Felipe da Silva Freira trabalham com a indiferença ao sofrimento negro nos planos social e institucional no Brasil, com atenção às consequências para a vida negra neste período, assim como o silenciamento sobre os processos decorrentes (Flauzina, Freira, 2017).

Durante a ditadura militar, os governos militares suprimiram a categoria cor no censo de 1970, anteriormente utilizada em outras organizações censitárias brasileiras. Tratava-se de uma tentativa de passar uma imagem pacificada no tocante à integração racial, com o objetivo de veicular que a cor não importava, somente se a pessoa era transgressora em relação ao regime.

Entretanto, é possível observar que durante o regime militar as injustiças cometidas contra corpos negros não se limitavam às agressões físicas. Verifica-se que era comum uma vigilância maior sobre esses corpos, assim como a prática de coação de familiares, entre outras experiências. Ainda assim, entende-se que há uma tentativa histórica de apagar o sofrimento negro, vide a não inclusão de um recorte sobre os corpos negros nas investigações realizadas sobre os crimes ocorridos na ditadura.

Neste período da história do Brasil, a dor negra é banalizada de modo que os corpos são violados sob o argumento de que se trata de um controle de criminalidade. Contudo, é preciso ir além das concepções genéricas que apontam os negros como aqueles com maiores índices de mortalidade e encarceramento: existe a necessidade de uma compreensão profunda das relações raciais e suas representações sociais, com atenção ao aspecto de que a branquitude possui seus privilégios.

Nesta mesma linha, Thula Pires (2018) trabalha com o fato de que o mito da democracia racial foi um dos mecanismos que perpetuou práticas de desumanização contra os negros. Sob esse argumento, a pesquisadora busca evidenciar o silêncio da violência praticada entre os anos de 1960 a 1980, marcados pela ditadura militar.

Atribui-se certa ingenuidade à crença de que o racismo na ditadura vivenciada no Brasil estava restrito para agressões físicas e verbais. A tentativa de validação dessa premissa acaba por ignorar que raça é uma forma de hierarquização da humanidade que permite a reprodução de violências contra negros e perpetua um sistema de privilégios aos corpos brancos. Portanto, nesse período, também foi possível observar o aumento de tensões raciais a partir da ascensão

social de negros, com um reforço social sobre qual seria o local adequado que um negro deveria ocupar na sociedade.

De modo simultâneo, a negação de existência do racismo baseado nos pressupostos expostos anteriormente era utilizada pelo Estado brasileiro para livrar-se das interferências de organizações internacionais de Direitos Humanos. Contudo, a realidade das pessoas não brancas era marcada por blitz, prisões arbitrárias, invasões em domicílio, expropriação de lugares de moradia (remoções), torturas físicas e psicológicas, além do convívio com a ameaça latente dos grupos de extermínio” (Pires, 2018, p. 1063). Sobre tais situações, a autora situa que:

Não renunciar a categoria raça permite perceber não apenas os efeitos do racismo sobre brancos e não brancos, mas também o seu impacto sobre o funcionamento de outras formas de dominação e opressão. O funcionamento institucional de regimes políticos (autoritários ou não) podem ser mais bem compreendidos nesses termos. Não renunciar a categoria raça ajuda a entender melhor como funciona o patriarcado, a cis/heteronormatividade, a luta de classes e as dinâmicas institucionais (Pires, 2018, p. 1077).

Um dos aspectos mais importantes em relação à violência, neste período, também se estabelece nas ações contra os corpos brancos eram motivadas como forma de contenção ao que era categorizado como “juventude rebelde”, enquanto a violência cometida contra jovens negros era somente uma forma de controle de criminalidade.

Apesar de todas estas análises se remeterem ao período ditatorial-militar, verificou-se uma sequência histórica de controle da juventude negra, com uma continuidade desse modelo de ação na estrutura estatal do Brasil, mesmo na redemocratização.

Durante a década de 1990, o Brasil viu um aumento alarmante no número de jovens negros assassinados em todo o país. Esse fenômeno ficou conhecido como "genocídio da juventude negra" e foi resultado de um conjunto de fatores, incluindo a desigualdade social, a exclusão econômica e a discriminação racial. Muitas ações ligadas ao genocídio da juventude negra estiveram associadas com a ação do Estado, por meio das suas polícias.

Nesse sentido, apresenta-se um caso emblemático que ocorreu atualmente e já nos remete aos dias atuais, com ocorrência da seletividade da justiça criminal. Trata-se de Rafael Braga, jovem, morador de rua negro, que foi acusado de manusear explosivos por portar uma garrafa de desinfetante durante as manifestações de 2013 no Rio de Janeiro. O jovem foi o único condenado entre centenas de milhares de jovens que cometeram atividades ilícitas na mesma manifestação, o que pode ser atribuído a uma “blindagem do corpo branco”.

Assim, percebe-se que o distanciamento da categoria raça como um recorte ao estudar

processos históricos pode ser considerado como um dos principais fatores para a perpetuação das violências sofridas por pessoas não brancas. Tal afirmação não está limitada a uma análise simplória baseada em termos meramente individuais, mas se baseia na compreensão das contradições para a existência de negros e negras na realidade brasileira, dada a continuidade do racismo, por meio de diversas expressões.

Entretanto, ressalta-se que o contexto relatado para a veiculação do racismo não significa passividade ou uma condição inerte da população negra. Enquanto processo latente no meio social, as disputas coletivas e políticas em torno da sobrevivência e existência da população preta no Brasil são significativas e devem ser observadas a partir das mobilizações do movimento negro, conforme estudado a seguir e o que foi vivenciado a partir dos acontecimentos de maio de 2006.

1.3 Entre o grito e o silêncio

Lélia Gonzalez (1982) foi responsável pela obra “Lugar de Negro”, onde discorre sobre o Movimento Negro. A autora relata que o primeiro movimento ideológico pós-abolição foi a Frente Negra Brasileira (1931 – 1938) que buscou incorporar o assimilacionismo⁵ e as práticas culturais de forma mais incisiva para a população negra brasileira. As atividades relacionadas a este movimento iniciaram-se em São Paulo e, de modo gradativo, alcançaram cidades do interior, em um sentido integrativo do negro em sociedade. De acordo com Nilma Lima Gomes (2011, p. 140):

Essa associação de caráter político, recreativo e beneficente surge, em São Paulo, no período pós-abolição, com intenções de se tornar uma articulação nacional. Composta por vários departamentos também promovia a educação e o entretenimento de seus membros, além de criar escolas e cursos de alfabetização de crianças, jovens e adultos. Em 1936, transformou-se em partido político. Porém, o decreto de 1937 assinado por Getúlio Vargas, que colocava na ilegalidade todos os partidos políticos, acabou ocasionando sua extinção.

Somente no final da década de 1970 houve uma reinvenção dos movimentos sociais em meio a toda pressão da sociedade que almejava o fim da ditadura militar. Nesse período, o movimento negro teve destaque, principalmente em 1978, com a organização do Movimento Negro Unificado (MNU) “uma entidade em nível nacional que marcou a história do movimento

⁵ A assimilação cultural de um grupo étnico ou cultural minoritário a uma cultura dominante, geralmente em um contexto de sociedade multicultural. Isso geralmente envolve a adoção da língua, costumes, valores e tradições da cultura majoritária, em detrimento da preservação da cultura de origem do grupo minoritário. O assimilacionismo muitas vezes surge como uma resposta à discriminação e ao preconceito enfrentados pelos grupos minoritários.

negro contemporâneo e é considerada como um dos principais protagonistas na luta antirracista brasileira” (Gomes, 2011, p. 141).

Em um sentido cronológico, situa-se que mulheres negras se organizaram enquanto um coletivo frente às desigualdades de gênero que sofriam a partir da década de 1980. O Movimento das Mulheres Negras passou a integrar a articulação latino-americana e internacional de mulheres negras, com atuação até a atualidade. Considera-se que essas mulheres ocupam um espaço a ser observado em termos de militância direcionada para as questões de raça e gênero (Gomes, 2011).

O movimento de Mulheres Negras se expande cada vez mais, com novas facetas e dimensões. A partir desse espectro, há destaque para o Movimento Mães de Maio, cuja existência é intermediada pela atuação do Estado frente à população negra.

Define-se o movimento Mães de Maio como um movimento que pode ser caracterizado como um grito em meio ao silêncio ensurdecido da violência policial, explicitado no cruzamento de informações colhidas no relatório “São Paulo sob Achaque: Corrupção, Crime Organizado e Violência Institucional em maio de 2006” e nas páginas do livro “Do luto à luta” de autoria das Mães de Maio.

Sobre o sangue derramado nas calçadas, em meio ao choro inconsolável e frente ao riso apoteótico de agressores covardes, a obra “Do Luto à luta” tem seu início com a seguinte declaração: “ESTE LIVRO É UM GRITO”. Nas primeiras linhas deste livro, as mães afirmam: “Este Livro não é daqueles que late e não morde. Este livro Grita. Este Livro é Não. Nosso currículo é nosso pé, nossa mão, nossa história! Este Livro na verdade é um Grito muito Forte e Sincero, arrancado de lá do fundo da nossa alma, de cada uma de nós: do Luto à Luta!” (Mães de Maio, 2011a, p. 4). Em seguida, as idealizadoras desta obra reafirmam:

Hoje, nós Mães de Maio temos o nosso primeiro Livro, o nosso primeiro Grito em páginas impressas, sem intermediação de outras falas e outros pseudorepresentantes que nunca sentiram o que nós sentimos na pele esses anos todos – mas que sempre fazem questão de se apresentar como nossos porta-vozes. Não queremos ninguém falando pela gente: queremos aprender errando, se corrigindo, melhorando, se enfiando, ouvindo, gritando, acalmando, indo de novo para cima, refletindo, compartilhando, se fortalecendo... Com os nossos! (Mães de Maio, 2011a, p. 4)

A obra “Do Luto à luta” apresenta uma denúncia sobre OS crimes ocorridos em maio de 2006 a partir da visão das próprias mães. Inicialmente, as mães discorrem sobre o que foram episódios ocorridos nesta data e trazem informações sobre a questão do genocídio no Estado Brasileiro. Um dos aspectos mencionados pela obra é que, no período compreendido entre os anos de 1998 e 2008, mais de 500 mil pessoas foram mortas no país, em que uma parcela destas

mortes decorreu de ações policiais. Essa informação teve como fonte o de acordo com o “Mapa da Violência de 2011”.

De acordo com a obra “Do luto à luta”, “em uma cínica e mentirosa “onda de resposta” ao que se chamou na grande imprensa de “ataques do PCC”, foram assassinadas no mínimo 493 pessoas - que hoje constam entre mortas e desaparecidas” na semana entre os dias 12 e 20 de maio de 2006 no Estado de São Paulo, situação que exemplifica o dado relatado no parágrafo anterior. Além desta informação, as Mães de Maio frisam na referida obra um dado de suma importância, ao indicar que “os jovens negros têm risco quase três vezes maior de serem executados em comparação com os brancos”.

Para os crimes de maio de 2006, considera-se os detalhes expostos pelo Relatório “São Paulo sob Achaque”, ressaltadas as dinâmicas constantes de desigualdade racial e violência para a vida de pessoas não brancas. De antemão, é substancial informar o significado de “Achaque”, de acordo com o próprio relatório, que traz um significado retirado do dicionário Mini-Aurélio, 6ª Edição Revista e Atualizada, Editora Positivo, 2008, achacar é um verbo transitivo direto que significa maltratar, molestar ou ainda significa “Extorquir dinheiro de.”

O relatório “São Paulo sob Achaque” é o resultado de uma pesquisa acerca das respostas e as responsabilidades assumidas pelo Estado. Durante cinco anos, pesquisadores da Clínica Internacional de Direitos Humanos da Faculdade de Direito de *Harvard* e da organização não-governamental Justiça Global colheram dados sobre os agentes públicos envolvidos nos Crimes de Maio para compreender o retorno por parte das autoridades àquela crise, ou seja, a pesquisa buscou explicar os acontecimentos de maio de 2006 e como o ocorrido influenciou o cenário das políticas públicas estatais.

Durante a pesquisa foram feitas entrevistadas às autoridades e testemunhas, além de uma análise minuciosa de dados oficiais, peças de inquéritos policiais e autos processuais. Uma das primeiras conclusões do relatório foi a de que houve falha por parte do Estado nas seguintes situações:

Falhou ao permitir uma corrupção que fortaleceu uma facção criminosa;
 Falhou ao gerir seu sistema prisional realizando acordos com facções criminosas;
 Falhou ao não proteger seus agentes públicos;
 Falhou ao optar por um revide como resposta;
 Falhou ao acobertar os Crimes de Maio ou investigá-los de forma corporativista; e
 Falhou solução. ao apostar novamente na expansão do sistema prisional como solução (Justiça Global; Internacional Human Rights Clinic, 2011, s. p.)

Ao apresentar essa série de falhas em relação à ação do Estado para a segurança pública, verifica-se a amplitude das dimensões estatais em relação aos acontecimentos de maio de 2006.

Nota-se também outra face da gestão de segurança, uma face que refletia as consequências da corrupção e a violência que o sistema criminal reproduzia nas ruas e nos presídios. Os ataques por parte do Primeiro Comando da Capital (PCC) eram uma resposta a toda essa corrupção, principalmente à série de achques (extorsões) a qual familiares de líderes do PCC estavam submetidos.

Sobre esses achques, cumpre salientar que não houve uma investigação minuciosa por parte da Polícia Civil. Contudo, vale mencionar um caso emblemático envolvendo o investigador Augusto Peña. De acordo com Ministério Público, Peña, era um dos acusados de praticar no ano de 2005 o crime de sequestro e extorsão contra o enteado do então líder do PCC, Marcos Willians Herbas Camacho ("Marcola"). Salienta-se que as investigações sobre a questão tiveram início após o Ministério Público (MP) receber cerca de 200 CDs com gravações que mostravam os achques praticados. Peña beneficiou-se da delação premiada e veiculou fortemente o vínculo do Estado com o crime organizado.

O despreparo dos líderes da gestão de segurança pública foi significativo durante anos. Esse fato pode ser compreendido como um elemento que contribuiu para a criação da facção criminosa, Primeiro Comando Capital (PCC), no ano de 1993. Nesse cenário, foram criadas diversas circunstâncias decorrentes da falta de preparo dos líderes responsáveis pela segurança pública, juntamente com uma série de violações aos direitos humanos. Essas violações incluíam situações de superlotação e tortura dentro dos presídios, além de eventos trágicos, como as chacinas ocorridas no 42º Distrito Policial em 1989, que resultaram em 18 presos asfixiados, e o massacre de 111 presos na Casa de Detenção do Carandiru.

De acordo com o relatório "São Paulo sob Achaque", após verificar algumas denúncias, foi possível concluir que a cúpula do governo tinha conhecimento das intenções do Primeiro Comando da Capital (PCC) em maio de 2006. Todavia, o governo optou por ignorar o chamado "Salve Geral", uma ordem da facção, além de não alertar sobre os ataques coordenados pela organização por conta do peso que isso teria em um ano eleitoral. O resultado foi dramático, visto que cerca de 43 agentes públicos foram assassinados durante os Crimes de Maio e os indícios de autoria apontam para o PCC.

Considera-se a importância de ressaltar que a pesquisa que resultou no relatório "São Paulo sob Achaque" iniciou-se com o objetivo de responder três questões: "O que aconteceu em maio de 2006 em São Paulo? Qual foi a resposta do Estado a esses acontecimentos? Qual a situação de São Paulo hoje em comparação à sua situação em maio de 2006? Há ou não risco de repetição de uma crise semelhante?" (Justiça Global; Internacional Human Rights Clinic, 2011, s. p.). Esses questionamentos foram destacados porque se tornam

basilares para a condução da própria análise da atuação das Mães de Maio frente aos crimes de maio de 2006.

Ademais, dentre os diversos episódios ocorridos no trágico mês de maio de 2006, a pesquisa abordou o esquema de achques com o propósito de compreender a corrupção associada ao crime organizado em São Paulo. Em face de tamanha violência, a população começou a se mobilizar em movimentos sociais com o intuito de promover mudanças na realidade. O próximo capítulo versa precisamente acerca dessa união, que se originou a partir da dor sentida e pela capacidade de transformar a dor do luto em uma forma de lidar e lutar.

CAPÍTULO 2 A LIDA

*Chapa, ontem o sol nem surgiu, sua mãe chora Não dá pra esquecer que a dor vem sem boi Sentiu, lutou, ei djow, ilesa nada
Ela tá presa na de que ainda vai te ver
(EMICIDA, 2010)*

Para o capítulo 2, direciona-se o estudo específico da compreensão da atuação do Movimento Mães de Maio. Entretanto, é necessário balizar a definição de movimentos sociais para direcionar a análise específica do movimento estudado. Considera-se as perspectivas adotadas pela pesquisadora Maria da Glória Gohn como elementos basilares que contribuem para elucidação do objeto estudado, ademais de outros estudos complementares.

2.1 Movimentos sociais: uma definição

Imagem – 02/09/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B17Gj1n71N/> (2019)

A compreensão do Movimento Mães de Maio passa pela observação de um tipo de manifestação mais geral, no qual as pessoas se associam para reivindicar seus direitos, denominada na literatura como movimento social, tema que buscamos explorar a seguir.

A base de reflexão sobre este tema dá-se a partir das contribuições estabelecidas por Maria da Glória Gohn em seu artigo “Teorias Sobre A Participação Social: desafios para a compreensão das desigualdades sociais”, onde faz um questionamento muito importante dentro do cenário do campo das políticas públicas: “O que tem sido construído em termos da participação dos cidadãos?” (Gohn, 2020, p. 63).

A participação dos cidadãos ocorre das mais diversas formas, seja na formação e ascensão de sindicatos, seja em outros movimentos e organizações sociais. Considera-se a possibilidade de uma análise sobre a participação de três maneiras possíveis:

[...] o conceptual, o político e o da prática social. O primeiro apresenta um alto grau de ambiguidade e varia segundo o paradigma teórico em que se fundamenta. O segundo, dado pelo nível político, usualmente é associado a processos de democratização (em curso, ou em lutas para sua obtenção), mas ele também pode ser utilizado como um discurso mistificador em busca da mera integração social de indivíduos, isolados em processos que objetivam reiterar os mecanismos de regulação e normatização da sociedade, resultando em políticas sociais de controle social. O terceiro, as práticas, relaciona-se ao processo social propriamente dito; trata-se das ações concretas, engendradas nas lutas, movimentos e organizações, para realizarem algum intento, ou participar de espaços institucionalizados na esfera pública, em políticas públicas. Aqui a participação é um meio viabilizador fundamental (Gohn, 2016, p. 16-17).

O que interessa ao presente trabalho é a participação por meio da prática social e para compreender essa forma de participação, segue-se para uma breve abordagem acerca da participação de determinados grupos organizados a partir do século XX.

Para Maria da Glória Gohn, há várias abordagens capazes de explicar a participação política dos cidadãos, como: a escolha racional, a proximidade dos centros de poder e da posição social dos indivíduos na sociedade, a mobilização política institucional, a identidade coletiva, a teoria crítica e reconhecimento de direitos, a referente ao engajamento militante ou neomarxista, a decolonial, a abordagem relacional ou do *cyber* ativismo, a de gênero, a partir de grupos de mulheres e a abordagem autonomista.

Em suma, a abordagem conhecida como da escolha racional foi constituída a partir de teorias de pesquisadores norte-americanos que compreendiam que a participação de um indivíduo ocorreria motivado com o que possivelmente obteria dessa participação. No Brasil, esta abordagem foi utilizada com o estudo de sindicatos na década de 1970. Entretanto, essa abordagem ganhou uma roupagem mais conservadora com os movimentos MBL (Movimento Brasil Livre) e VPR (Vem Pra Rua) em meados de 2010.

A segunda abordagem trata da proximidade dos centros de poder e da posição social dos indivíduos na sociedade e traz como característica um aspecto um pouco mais social que

valoriza as trajetórias individuais que tornariam os indivíduos propensos ou não ao engajamento. Já a mobilização política institucional trata de uma rede de articulação entre grupos e uma estrutura institucional macro. Alguns autores denominam essa abordagem de participação institucional, conforme Maria Gloria Gohn:

É importante destacar que essa abordagem tem sido muito utilizada na América Latina e no Brasil, influenciando e formando vários pesquisadores. Após a Constituição Brasileira de 1988, com os processos de gestão participativa na fase de redemocratização, até 2010, essa abordagem predominou no estudo das instituições participativas criadas. Recentemente, tem-se destacado o ativismo institucionalizado construído, focalizando nas instituições públicas o papel do ativista institucional – aquele indivíduo que poderá atuar dentro ou fora das instituições, como funcionário ou não, como fomentador da ação coletiva. Essas mudanças políticas deram vigor à abordagem dos “institucionalistas”. Toda sua base conceptual teórica está ancorada, na atualidade, à teoria do confronto político (Gohn, 2016, p. 69)

Segue-se para a quarta abordagem, que trabalha a identidade coletiva e dá destaque às peculiaridades culturais de cada participante, bem como dá ênfase na sensação de pertencimento de cada um deles. Aqui, “as trajetórias dos indivíduos – familiar, escolar, profissional etc. – são consideradas como espaços de socialização política” e:

As desigualdades serão questionadas mais do ponto de vista das diferenciações e discriminações sociais e menos sob o aspecto socioeconômico. E é essa abordagem que nos auxilia na análise dos avanços das lutas de mulheres, negros e homoafetivos nas décadas de 2000 e 2010 no Brasil (Gohn, 2019, p. 70)

A quinta abordagem parte da teoria crítica e do reconhecimento de direitos, em que dois aspectos principais são evidenciados: a desigualdade social e a redistribuição como forma de reparação histórica e social. Em continuidade, a sexta abordagem trata do engajamento militante ou neomarxista. A abordagem do engajamento militante está associada ao interacionismo simbólico que busca realizar uma avaliação dos indivíduos enquanto militantes. Já quando o assunto é marxismo, a participação está alinhada com as transmutações das realidades sociais incluindo também um viés econômico.

Em relação à sétima abordagem, encontra-se a temática da decolonização trabalhada por Quijano (2005) e outros. A decolonialidade contribui para uma ótica do mundo por lentes que levem em consideração a colonialidade, construída como uma crítica do pensamento latino- americano que se faz a partir da ótica do colonizado e não do colonizador (Ballestrin, 2013, p. 92).

A abordagem relacional é a oitava abordagem e é encontrada nas pesquisas sobre *cyberativismo* e redes sociais. Nessa abordagem, há um monitoramento das relações entre pessoas. Trata-se de uma maneira de defender causas e realizar reivindicações, onde outras

peças passam a integrar o movimento que defende determinada causa a partir das interações online.

A penúltima abordagem é focada no gênero, composta por feministas. Essa abordagem passou por diversos momentos, onde destaca-se, por exemplo, a reivindicação feita pela libertação moral das mulheres, assim como as lutas por sua inclusão no mercado de trabalho, na educação, na política e no combate à desigualdade de gênero como um todo.

Por conseguinte, a última abordagem foca na autonomia dos participantes de um movimento e se fez presente no Brasil nas manifestações de junho de 2013. Da mesma forma, está muito presente quando o assunto é movimento dos povos indígenas. De acordo com Maria Glória Gohn:

Em um período com poucos sindicatos formais, os protestos dos autonomistas foram denominados “contracultura” e minimizados na década de 1960. Já na década de 1980, quando ocorreu o ciclo dos “novos movimentos sociais” – no campo popular, com os movimentos de bairros urbanos, com demandas locais, e, no campo dos movimentos por identidades, como sexo, raça, etnia etc. –, o tema da autonomia também esteve presente (vide Sader, 1988). Mas se tratava de autonomia em relação aos partidos (tanto os que dominavam o status quo como os partidos de esquerda, então tidos como clandestinos) e em relação ao Estado de plantão – o governo militar vigente (GOHN, 2012).

Dentre as abordagens consideradas, constata-se que elas convergem com a prática consolidada por meio dos movimentos sociais, os quais podem ser classificados como uma resposta à indignação suscitada por situações conflituosas que afetam um grupo específico que compartilha a mesma identidade e propósito. No entanto, torna-se complexo assumir qual delas seria a mais adequada para a formulação de uma compreensão teórica e ampliada dos movimentos sociais de forma geral.

De acordo com Scherer-Warren (2014), o conceito de movimentos sociais é complexo e não há um consenso que engesse seu significado. Para determinados indivíduos, por exemplo, qualquer ação coletiva reivindicatória pode ser considerada como um movimento social, por isso, antes de tudo, é necessário um olhar histórico das definições e teorias que tratam sobre o assunto. Um olhar histórico que considere o dinamismo dos movimentos sociais.

Neste sentido é que a autora apresenta uma tipologia dos movimentos sociais que pode ser útil: Movimentos Sociais organizados, Manifestações ou marchas dos movimentos, Manifestações amplas de cidadania e/ou dos “indignados”, Manifestações Bloqueios e Ação Manifesto Sociocultural.

Há uma particularização das características para cada uma das categorias propostas. Como exemplo, cita-se os Movimentos Sociais organizados como possuidores de uma continuidade temporal, um objetivo político definido, além de utilizar manifestações públicas

para realizar suas reivindicações, como é o caso do Movimento dos Trabalhadores sem-terra (MTST).

As manifestações ou marcha dos movimentos, por sua vez, almejam visibilidade para pautas específicas e utilizam-se do espaço público para suas reivindicações. Como exemplo, temos a Marcha das Margaridas, a Marcha da Maconha e até mesmo a Marcha Zumbi dos Palmares.

Quanto às Manifestações amplas de cidadania e/ou dos “indignados”, pontua-se que a principal característica é a junção de sujeitos com identidades diversas que levantam um protesto heterogêneo organizado por meio das redes sociais. É o caso das Manifestações de Junho de 2013.

Define-se, ainda, as Manifestações Bloqueios ou “formas de ação nas ruas”, que são compostas por microestratégias de luta dentro de um universo macro de manifestações, que possuem um forte caráter anarquista e são representadas por grupos como *Black Blocs* e *Anonymous*. Por fim, a Ação Manifesto-cultural é encarada como uma forma de um determinado grupo reafirmar seus direitos socioculturais, por exemplo, os conhecidos “rolezinhos” em *shoppings* da grande São Paulo.

Junto ao contexto das abordagens e tipologia explicitados anteriormente, reconhece-se a complexidade da conceituação dos movimentos sociais e a estrutura das perspectivas para compreender as noções da mobilização social. Sabe-se que os movimentos sociais se inclinam a sugerir mudanças institucionais tidas como mais benéficas ao fomento de seus objetivos, portanto voltam-se para uma mobilização estratégica baseada na cooperação, extra institucionais e institucionais. (Tatagiba, Abers, Silva, 2018, p. 107). Mas, frente à polissemia do conceito de movimentos sociais, cabe uma tentativa de defini-lo. Assim, primeiramente, utilizando-se de Diani e Bison (2010, p. 221) tem-se:

[...] os processos de movimento social como exemplos de ação coletiva com clara orientação para o conflito com relação a oponentes sociais e políticos específicos, conduzida no contexto de densas redes interorganizacionais, por atores ligados por solidariedades e identidades compartilhadas que precedem e sobrevivem a coalizões e campanhas específicas [...]. Em primeiro lugar, a experiência dos movimentos sociais está inextricavelmente ligada à expressão pública de um conflito social. A ação coletiva não somente se orienta para o trato de problemas coletivos, para corrigir injustiças, conquistar bens públicos, atacar fontes de descontentamento, ou expressar apoio a certos valores ou princípios morais; ela o faz identificando alvos para os esforços coletivos, especificamente articulados em termos sociais ou políticos.

Por sua vez, a autora Maria Glória Gohn (1995, p. 44) considera que

[...] os movimentos sociais são ações coletivas de carácter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam

suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo.

Para além destas definições, deve-se considerar que os movimentos sociais possuem subjetividade e são cheios de significados, com reivindicações que ultrapassam questões atreladas à economia. Para o sociólogo francês Alain Touraine (2002), a motivação dos movimentos sociais é o conflito entre classes e essa forma de manifestação é intrínseca ao Estado moderno.

A visão de Touraine (1998) acerca do conceito de movimentos sociais destaca a questão do conflito como fator propulsor para a mobilização e ao realizar uma problematização sobre o tema, o autor posiciona-se da seguinte maneira:

A noção de movimento social só é útil se permitir pôr em evidência a existência de um tipo muito particular de ação coletiva aquele tipo pelo qual uma categoria social, sempre particular, questiona uma forma de dominação social, simultaneamente particular e geral, invocando contra ela valores e orientações gerais da sociedade, que ela partilha com seu adversário, para privar este de legitimidade (Touraine, 1998, p. 113).

Assim, sob a ótica de Touraine (1998), é possível compreender que os movimentos sociais podem partir de grupos dominantes e grupos dominados. O primeiro diz respeito a aquele grupo de pessoas que agem no sentido contrário a grupos populares quando a intenção é a manutenção e permanência do *status quo*, enquanto o grupo dos reivindicam mudanças a partir de suas mobilizações.

Ademais, o significado de movimentos sociais proposto por José Adelson da Cruz é o de que “os movimentos sociais oferecem uma perspectiva desafiadora e produtiva até mesmo no momento de refluxo das lutas sociais, ajudando a compreender melhor a sua natureza e as lutas que eles transportam” (Cruz, 2004, p. 179). Para Cruz (2004), movimentos sociais são capazes de propulsionar solidariedade e humanização entre os homens, apesar de serem frutos de conflitos:

O movimento social é, ao mesmo tempo, um conflito social e um projeto cultural articulado por força de interesses e necessidades que permitem a emergência de sujeitos sociais coletivos. Isto porque os movimentos sociais podem ser considerados como índices da democracia real, ou como potência dela, para viabilizar o quadro das liberdades e da humanização dos homens, à medida que modificam as relações sociais e, portanto, as de poder nas suas várias formas (Cruz, 2004, p. 178).

Ao refletir sobre as potências dos movimentos sociais provindos de aspectos como

solidariedade ou a existência de conflitos, cabe inserir o pensamento de Melucci (1989), que encara a questão do conflito e da solidariedade, juntas, como dimensões passíveis de análise dentro do universo dos movimentos sociais. Para o autor, a solidariedade é uma identidade coletiva, uma espécie de vínculo criado entre os indivíduos que lidam simultaneamente com determinado conflito. Assim, para Melucci (1989, p. 57) o conceito de movimentos sociais se apoia em três pilares “[...] (a) na solidariedade, (b) desenvolvendo um conflito, (c) rompendo os limites em que ocorre a ação”.

Observa-se que os principais teóricos sobre os movimentos sociais, como Cruz (2004), Gohn (2012) e Scherer-Warren (2014) concordam e apoiam a teoria das redes de movimentos sociais, definida como uma rede de comunicação ao qual os indivíduos se conectam. Scherer-Warren (2006, p. 113) assim conceitua rede de movimentos sociais: “[...] rede de movimento social pressupõe a identificação dos sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos comuns, os quais definem os atores ou situações sistêmicas antagônicas que devem ser combatidas e transformadas”.

Assim, no âmbito deste trabalho, configura-se que os movimentos sociais são responsáveis por realizar diagnósticos sobre a realidade social e construir propostas de mudanças, atuando em redes que se articulam em nível global (Gohn, 2012). Esta é a visão que aqui se apresenta, não com vistas produzir uma nova conceituação sobre movimentos sociais, mas para compreender o quadro teórico de debates sobre a categoria, com o destaque apropriado para a discussão conectada com o Movimento Mães de Maio.

2.2 O Movimento Mães de Maio

Nenhuma história é linear, o que não é diferente com a história do movimento Mães de Maio. Condensar em um subcapítulo as principais informações sobre o início e a continuidade do movimento é uma tarefa complexa, o que nos direciona para uma construção cronológica dos atos, para elucidar informações relevantes para a pesquisa.

Enquanto ponto de partida, destaca-se a história de Débora Maria da Silva. Mãe de Edson Rogério Silva Santos, Débora ouviu de seu filho, às 22 horas do dia 15 de maio de 2006, a seguinte frase: “não precisa se preocupar com essas coisas, mãe, já estou indo”. Isso ocorreu após alertá-lo sobre o perigo de ataques que estavam para acontecer na vizinhança conforme telefonema que recebeu de um parente policial naquele dia mais cedo (Mães de Maio, 2011a).

Edson Rogério, 29 anos, gari e pai de um filho de três anos, foi à casa da mãe buscar um antibiótico, pois tinha feito uma cirurgia dentária que não o impediria de ir dormir em sua casa

ainda em construção para trabalhar no dia seguinte. Tomou consigo 10 reais e foi embora. No dia 16 de maio de 2006, o nome de Rogério foi o terceiro a ser mencionado em uma rádio em uma lista que constava o nome das primeiras dezesseis pessoas assassinadas (Mães de Maio, 2011a).

A partir do acontecimento, Débora relata que vegetou por quarenta dias, entre os quais esteve internada durante dez dias. Neste período, vivenciou uma experiência sobre a qual pensou estar delirando, onde recebeu a visita de seu filho no hospital que lhe disse “mãe, levanta e vai à luta que eu preciso de justiça, mas a senhora tem o dom para fazer a transformação e lutar pelos que estão vivos!” (Não saia hoje, 2016).

Após uma semana, Débora realizou contato com outra mãe que também havia perdido o filho e posteriormente foi ao encontro de mais duas mães. A primeira foi Ednalva Santos, mãe de Marcos Rebelo Filho, balconista, 26 anos, morto a queima roupa com nove tiros na saída de uma *lan house*. Para convencer Ednalva, Débora falou para as outras mães que poderia ajudar a fazer justiça, como transcrito na fala abaixo proferida por Débora Maria da Silva em uma *live* no Facebook:

Eu fui atrás de uma primeira mãe, a Ednalva, falando para ela que eu conhecia a justiça. Eu conhecia pessoas, né? Mas eu era leiga, eu não entendia de fato o que eu conhecia. A gente só soube o que era justiça – que era injustiça, né, pra dizer a verdade – quando a gente viu que que as portas a gente batia não abria. Mas eu falava pra Ednalva que eu sabia onde era o caminho da justiça e fomos atrás de outras mães porque a gente vimos que aparecia, assim, no cotidiano, nas matérias de jornais e enfim, que tava ocorrendo uma matança e a gente vimos as mães no decorrer da semana chorando pela morte dos seus filhos e tudo (Direitos Humanos..., 2020).

Juntas, Débora e Ednalva, buscaram contato com outras mães alvos da mesma situação, acompanharam jornais e buscaram informalmente através do conhecido “boca-a-boca”. Após um tempo, encontraram VeraLucia Andrade de Freitas, mãe de Mateus Andrade de Freitas, jovem assassinado aos 22 anos, após ser liberado da escola por conta de uma ligação que determinava um toque de recolher.

Na trajetória de formação do grupo, foram guiadas erroneamente por uma notícia, a partir da busca por uma quarta integrante para o grupo. Buscaram um pai que, supostamente, teria visto seu filho ser alvejado da laje de casa, porém logo que o encontraram constataram que se tratava de uma informação equivocada. Para a surpresa das três mães, o tal homem conhecia uma mulher que perdeu a filha e o genro no mês de maio de 2006, o que as levou a buscar por Vera Lúcia Gonzaga dos Santos (Almeida, 2021).

Vera Lúcia Gonzaga dos Santos perdeu a filha de 19 anos, Ana Paula Gonzaga dos Santos, que estava grávida com o parto marcado para o dia seguinte e o genro, Eddie Joey de Oliveira Lavezaris, 22 anos. O casal estava indo ao mercado, quando foram alvejados por

homens encapuzados que apareceram de motos (Mães de Maio, 2019). Inicialmente, Vera Gonzaga questionou Débora Silva se a intenção dela era formar um grupo de mães como as Mães de Acari⁶ e, em seguida, juntou-se a ela e outras mães e criaram o grupo sem uma identificação nominal (Almeida, 2021).

A partir dessa linha de atuação do Movimento Mães de Maio, com a organização de obras, livros, manifestos, entre outros materiais, de autoria própria, menciona-se a Carta das Mães de Maio do Brasil às Madres e *Abuelas da “Plaza de Mayo”*, redigida em 15 de março de 2012. Na carta, as Mães de Maio se compadeceram com o que ocorreu com Nora Centeno, fundadora da *Abuelas da Plaza de Mayo*, cruelmente agredida em sua própria casa.

As Mães de Maio e as *madres e Abuelas da “Plaza de Mayo”* – nome do movimento da Argentina são ligadas por uma trágica coincidência: todas perderam seus filhos no fatídico mês de maio. Na carta redigida pelas Mães de Maio, além de oferecerem apoio à Nora Centeno e seu grupo, as Mães revelaram um dos motivos pelos quais acreditam que a violência perdura, como no trecho abaixo:

Nosso país, como a Argentina, também viveu uma longa ditadura civil-militar, de 1964 até 1988 – quando foi proclamada uma nova Constituição por aqui. No entanto, o novo Estado Democrático constituído, por não haver esclarecido os crimes cometidos no regime anterior, e não haver, portanto, julgado e punido seus responsáveis, mantém agentes estatais (sobretudo no poder Executivo e Judiciário, e suas respectivas polícias) que continuam a promover o terror contra os nossos trabalhadores e os mais pobres, principalmente nos bairros populares e das periferias das grandes cidades, em especial contra a nossa juventude pobre e negra (Mães de Maio, 2012a).

Ainda, em 23 de julho de 2012, foi elaborada a Carta das Mães de Maio à Presidente Dilma Rousseff. Na referida Carta, as Mães comovem e ressaltam:

Escrevemos daqui de dentro da guerra [...] não se trata de um pedido de favor, mas da exigência de direitos humanos fundamentais, que temos como cidadãos e cidadãs brasileiros, como a senhora e como qualquer outra pessoa nascida por aqui. Direito à Vida e à mínima Liberdade de Ir e Vir em segurança, sem correremos o risco de morte por agentes de estado simplesmente por nossa origem, classe social ou cor da pele. (Mães de Maio, 2012b).

Posteriormente, em 13 de março de 2015, o movimento deu um passo muito importante, ao formalizar uma Denúncia à Comissão Interamericana de Direitos Humanos contra o Brasil, por violação da Convenção de Direitos Humanos, por meio do Núcleo Especializado de

⁶ Trata-se de grupo que surgiu como reação ao desaparecimento de onze jovens na favela de Acari. O grupo, formado em 1990 no Rio de Janeiro não está mais ativo, visto que as mulheres que compunham o grupo eram reiteradamente ameaçadas, chegando uma das integrantes a ser assassinada. Ainda não é conhecido o paradeiro dos jovens, mas as Mães de Acari serviram de inspiração para outros grupos se mobilizarem, principalmente, as Mães de Maio (Quintela, 2021).

Cidadania e Direitos Humanos da Defensoria Pública do Estado de São Paulo (Silva, 2021). Esse passo foi importante não somente pela formalização da denúncia, mas também para mostrar que, socialmente, as Mães de Maio estavam cada vez mais engajadas. Destacava-se o apoio que recebiam de outras organizações que também lutavam pelos direitos humanos, como a Rede Contra a Violência, a ONG Justiça Global e o Condepe - Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana de São Paulo (Alves, 2022)

Entre os apoiadores, encontram-se, também, membros da classe artística do país, como o *rapper* Emicida, o qual contou com a participação das Mães de Maio no videoclipe da música “Chapa”. A música, lançada quando os Crimes de Maio completaram 10 anos, trata da dor das mães que perderam os seus filhos, assim como da esperança das mães que não encontraram sequer um corpo para velar (Alves, 2022).

Para representar o aspecto da luta de forma conjunta, as Mães de Maio também publicaram o livro “Memorial dos Nossos Filhos Vivos - as vítimas invisíveis da democracia”, que reúne histórias e memórias que as famílias guardam de seus filhos.

Em continuidade, o movimento, representado pela figura de Débora Silva, direcionou atenção especial à *internet*, com a utilização de um *blog* para alcançar mais pessoas para essa luta. Segundo a líder do movimento Mães de Maio, “a internet não substitui o papel da rua, que é o verdadeiro espaço de luta e pressão social. Entretanto, o blog é um mecanismo de romper a censura velada dos meios de comunicação e do poder público” (Mães de Maio, 2010).

Além das publicações autorais das Mães de Maio, vários pesquisadores já se dispuseram a pesquisar sobre os Crimes de Maio e o envolvimento dessas mães, como o Relatório São Paulo sob Achaque. Entretanto, apesar das muitas pesquisas que envolvem o universo dos Crimes de Maio de 2006, as Mães de Maio dirigem uma crítica justificada à academia, posição destacada em um trecho autoral, sob o título “Carreirismo acadêmico, ongueiro e estatal”, de 2015, em que dizem:

Nós do Movimento Independente Mães de Maio há muito tempo alertamos, e hoje reforçamos estar totalmente cansadas da quantidade de oportunismo e carreirismo acadêmico com o qual somos obrigad@s a lidar dia após dia. Diversos gestores acadêmicos (ligados direta ou indiretamente a ONGs e ao Estado), professores, pesquisadores e até mesmo jovens estudantes - muitos que se auto-definem como "de esquerda", mas que na verdade se aproximam dos movimentos única e exclusivamente pensando em SUAS pesquisas acadêmicas; em SEUS currículos que lattes mas não mordem; em SEUS eventos institucionais; e em SUAS carreiras individuais na academia ou em instituições ligadas direta ou indiretamente a órgãos do Estado (Mães de Maio, 2015).

De um modo muito particular, essa crítica não afetou a escrita desta dissertação, isto

porque, buscou-se incorporar o máximo possível da voz das Mães de Maio nesta dissertação, tendo em vista que o papel da academia é possibilitar que essas mulheres assumam seus lugares de fala e compartilhem suas vivências.

2.3 Um movimento interseccional no território necropolítico

Imagem – 10/08/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CSafW1InLuw/> (2021)

A interseccionalidade entre raça e gênero é uma das principais características do Movimento Mães de Maio, visto que é um grupo formado por mães pretas e pobres. Inicialmente, cabe dizer que o termo interseccionalidade foi cunhado e utilizado pela feminista norte americana Kimberlé Crenshaw em um artigo publicado em 1989 denominado “Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: uma crítica feminista negra da doutrina antidiscriminação, teoria feminista e políticas antirracistas”. Logo após, em 1991, a autora reutilizou o conceito no artigo “Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres de cor”. Nestes dois artigos referidos, há um compilado teórico sobre a questão da “diferença” que contam com discursos de feministas Negras dos Estados Unidos, como por exemplo, Audre Lorde.

Para Crenshaw (2002), a interseccionalidade é uma forma de combinar múltiplos

sistemas de subordinação, ou seja, uma forma de encarar discriminações que ocorrem ao mesmo tempo. A autora considera que as mulheres negras são constantemente submetidas a opressões que transpassam a questão do gênero e da raça de maneira interseccional. Segundo Crenshaw:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2002, p. 177).

Em caráter primário, cabe ressaltar que o termo interseccionalidade era utilizado para criticar movimentos intelectuais e jurídicos que ignoravam o entrecruzamento das opressões nas análises produzidas. Posteriormente, o termo interseccionalidade obteve contornos como um elemento analítico da realidade das mulheres pretas no contexto de violência ao qual estavam inseridas (Crenshaw, 1991). Em outras palavras, pode-se dizer também que:

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (Bilge, 2009, p. 70).

Sabe-se que a interseccionalidade enquanto termo que define a intermediação entre as temáticas raça, gênero e classe, também foi trabalhada pelas feministas negras durante o período de redemocratização do Brasil. Cita-se Lélia Gonzalez, que mostra o uso de uma abordagem interseccional em sua obra “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (1983), quando revela que “a mulher negra sofre uma discriminação tríplice: social, racial e sexual”, apesar de não utilizar a denominação propriamente dita (Gonzalez, 2018).⁷

Em contrapartida a Lélia Gonzalez que utilizou a interseccionalidade como um método analítico sem necessariamente usar o termo, Adriana Piscitelli (2008) foi uma das primeiras autoras nacionais a utilizar o termo interseccionalidade. Esta autora, afirmou, inclusive, que o termo interseccionalidade oferece ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas desigualdades no Brasil.

⁷ Trata-se de um trecho de uma entrevista publicada em 1981 no Jornal AUE – Jornal de Sexualidade. O conjunto da obra de Lélia Gonzalez está reunido no livro *PrimaVerapara as Rosas Negras*, de 2018, onde consta a republicação da entrevista.

No contexto dos movimentos sociais, pode-se dizer que a interseccionalidade tem sido utilizada como um parâmetro de justiça (Milhomem Sousa; Cunha Gallas; Peres, 2022). Trata-se de um conceito que tem sido corporificado para a realidade dos movimentos feministas, ao incorporar a argumentação de que não existe somente desigualdades de gênero, mas também uma desigualdade relacionada à raça. Isso torna necessário direcionar as pautas dos movimentos para abordar as múltiplas opressões (Rios, Perez; Ricoldi, 2018).

Sob esse contexto, demarca-se que a interseccionalidade funciona como uma lente analítica e evidencia que mulheres negras sofrem diferentes tipos de opressões (Pires, 2021). Conforme exposto, considera-se que:

Importa salientar que as mulheres de quem estamos falando são, em sua maioria, negras e, em sua totalidade, moradoras de bairros populares e periféricos. Nesse sentido, elas não correspondem à figura de mulher atrelada ao ideal (burguês) de maternidade, frágil e vulnerável, dedicada exclusivamente à vida doméstica. São mulheres que, pressionadas pelas necessidades socioeconômicas, desde sempre se dividiram entre o cuidado dos filhos e o trabalho “produtivo”. Não por isso, elas são menos pressionadas por esse ideal de maternidade. Em verdade, podemos considerar que salientar a maternidade e um amor materno incondicional é um quê de resistência frente a um sistema que não apenas dificulta o exercício de sua maternidade, mas, frequentemente, as trata como mães indesejáveis (Quintela, 2021).

O conceito de interseccionalidade proposto pela pensadora Sueli Carneiro está relacionado a uma abordagem teórica e política que visa compreender as complicadas interações entre diferentes formas de opressão e discriminação que os indivíduos enfrentam diariamente em suas vidas.

Segundo Sueli Carneiro (2019) as identidades sociais, como gênero, raça, classe, sexualidade, deficiência, e outras não são experienciadas isoladamente, mas estão entrelaçadas e interconectadas. A autora também destaca a importância de considerar a pluralidade de opressões que as pessoas enfrentam, rompendo com abordagens que tratam identidades de forma isolada que ignoram essa complexidade perpetuando discriminação e invisibilidade de grupos marginalizados.

A interseccionalidade tem um papel fundamental para organização de movimentos sociais inclusivos e igualitários, assim como respectivas políticas públicas. O reconhecimento de múltiplas formas de opressão que se combinam para criar experiências únicas de desigualdade é necessário para que as estratégias de luta possam ser mais abrangentes e eficazes.

A importância de valorizar e ampliar as vozes daqueles que são marginalizados pelos diferentes aspectos de suas identidades é destacada por Sueli Carneiro, pois a partir desta perspectiva busca-se criar espaços e oportunidades para que essas vozes sejam ouvidas e que suas necessidades específicas sejam atendidas.

O artigo "O reconhecimento a partir da diferença: olhares interseccionais para a construção de ferramentas de avaliação de políticas públicas", Regina Claudia Laisner *et al* (2021), discute como avaliar as políticas públicas considerando as múltiplas diferenças presentes na sociedade, o que é considerado um desafio.

A interseccionalidade é uma teoria transdisciplinar que entende a complexidade das identidades e das desigualdades sociais, indo além do reconhecimento simples dos diversos sistemas de opressão, refutando o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. Essa abordagem postula a interação dessas categorias na produção e na reprodução das desigualdades sociais e a necessidade de pensar essa complexidade de maneira integral e interseccional.

Deste modo, é necessário levar em conta as experiências narradas pelos sujeitos e pensar essas experiências em termos de análise, considerando os vários formatos de injustiça que perfazem a lógica da diferença para a construção de ferramentas de avaliação de políticas públicas.

Com base no aparato básico estabelecido sobre o que é a interseccionalidade, a análise realizada informa que as Mães de Maio não compõem o movimento negro ou o movimento feminista com exclusividade. Na realidade, elas estão localizadas na intersecção desses movimentos, visto que constroem uma luta contra o genocídio da população negra e pobre.

Assim, é possível dizer que as Mães de Maio, além de estarem envolvidas em uma luta antagonista ao sistema, também ocupam posição de maior desigualdade social, racial e de gênero, quando comparadas com outros movimentos de direitos humanos que têm o mesmo objetivo que elas (Alves, 2022).

Em consonância à experiência vivenciada pelas Mães de Maio, observa-se a busca pela compreensão do sofrimento das mães de jovens que foram assassinados utilizando-se da interseccionalidade para melhor compreensão sobre as questões raciais, de gênero, de classe, conforme relatado no artigo “Tortura que não acaba”: análise do sofrimento de mães de jovens assassinados em Fortaleza” (Rodrigues, *et al*, 2022). O artigo traz:

As mães destacam-se como testemunhas de uma necropolítica (Rodrigues, 2019), à medida que, ao construírem narrativas sobre as violências que atravessam seus cotidianos, denunciam o processo de sofrimento psicossocial atuante em suas trajetórias. Para materializar os efeitos das políticas de morte, destacamos no título deste artigo o recorte da fala de uma interlocutora da pesquisa que originou a construção deste texto. Maria, que ao ser perguntada sobre o assassinato do seu filho, compara sua dor a uma “tortura que não acaba”, uma saudade que nunca será aplacada, uma ausência com a qual nunca vai se acostumar. A comparação da perda com uma tortura é algo emblemático, tendo em vista estarmos falando a respeito de corpos

negros, pobres e subalternizados que são torturados de diferentes formas ao longo da vida e dos séculos de marginalização social (Rodrigues, *et al*, 2022).

É possível observar essa marginalização e tortura em uma série de massacres e chacinas que aconteceram em território nacional. Segundo as Mães de Maio, somente entre 1990 e 2011, sucederam os seguintes:

[...] emblemática Chacina de Acari (1990), a de Matupá (1991), o Massacre do Carandiru (1992), da Candelária e Vigário Geral (1993), do Alto da Bondade (1994), de Corumbiara (1995), de Eldorado dos Carajás (1996), de São Gonçalo (1997); de Alhandra e do Maracanã (1998), da Cavalaria e da Vila Prudente (1999), de Jacareí (2000), de Caraguatatuba (2001), do Jd. Presidente Dutra e de Urso Branco (2002), do Amarelinho, Via Show e do Borel (2003), do Caju, da Praça da Sé e de Felisburgo (2004), a Chacina da Baixada Fluminense (2005), os Crimes de Maio (2006), do Complexo do Alemão (2007), do Morro da Providência (2008), de Canabrava (2009), a chacina de Vitória da Conquista e os Crimes de Abril na Baixada Santista (2010), a chacina de Praia Grande (2011) (Mães de Maio, 2018).

Para esta pesquisa, ressaltar a quantidade de chacinas citadas possibilita trabalhar o aspecto de que a responsabilidade por esses eventos pode ser associada ao Estado, adjetivado como necropolítico. Essa categoria deve ser observada de modo que se compreenda o conceito de necropolítica a partir das dinâmicas estruturais do sistema.

O termo necropolítica foi cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2016) baseado no conceito de biopoder formulado por Foucault. Mbembe explica que os Estados Modernos se utilizam constantemente dos estados de exceção e de sítio e definem com presteza quem deve ser considerado inimigo. Assim, o necropoder significa uma política de morte institucionalizada, que pode ocorrer de duas formas: definindo quem deve ser morto e quem é passível de deixar morrer por meio da negligência (Mbembe, 2016). Thiago Amparo (2021) chega à seguinte consideração sobre a necropolítica:

Necropolítica é uma tecnologia de poder; portanto, requer tecnologias que permitam a governabilidade soberana da morte. É um erro entender necropoder como uma massa amorfa e desorganizada de violações contra corpos negros; ao contrário, necropoder implica a estruturação meios de governabilidade centradas no poder de matar e deixar morrer. Neste sentido, requer uma gama de tecnologias que permitam a subjugação da vida (Amparo, 2021, p. 350).

O autor Antonio Pelle, inspirado pelo conceito formulado por Mbembe, aponta sete elementos que se traduzem como necropolítica. O primeiro elemento diz respeito ao “Terror de Estado” situação em que o “Estado persegue, aprisiona e elimina certas populações para neutralizar as contestações políticas e sociais”. O segundo elemento diz respeito ao “uso compartilhado da violência”, onde o Estado tem certa associação com determinados atores privados, como milícias, por portarem grande armamento (Pele, 2020).

O terceiro elemento, conhecido como o “elo da inimizade”, demonstra uma sociedade em que o poder é pautado pela capacidade de destruição de outras vidas. O quarto elemento, “guerra”, demonstra que a paz não serve quando o assunto é poder, o que nos direciona para a ideia de que a violência se tornou uma mercadoria (Pele, 2020).

Em continuidade, o quinto elemento é a “predação de recursos naturais”, o qual ocorre nas situações em que populações inteiras são eliminadas ou dizimadas para garantir a exploração de recursos naturais. O sexto elemento constitui-se como os “diferentes modos de matar” e Antonio Pele cita como exemplo “torturas, mutilações, assassinatos em massa, eliminação de alta tecnologia através de ataques de drones” (Pele, 2020).

Por fim, o último elemento que compõe a necropolítica constitui-se como “diferentes justificativas morais”, que variam desde grandes atentados sob justificativa de limpeza étnica, como no caso do Nazismo, até situações mascaradas, como as mortes decorrentes da violência policial por conta de supostas resistências seguidas de morte ou guerra às drogas (Pele, 2020).

A partir da categorização apresentada, considera-se este último elemento, “diferentes justificativas morais” como marcador elementar da necropolítica mais presente no Brasil, com base na perspectiva de que:

[...] os processos de dominação necessitam de justificativas que impeçam os questionamentos por parte da sociedade que o invalidem. Desse modo, alimenta-se a ideia de que a existência do Outro significa um atentado real contra a vida e o bem-estar das demais pessoas e, conseqüentemente, sua eliminação é fundamental para a manutenção da vida daqueles ditos como os que realmente importam. Mais uma vez, é necessário destacar a sutileza e sofisticação de tais processos sociais, que não ocorrem da noite para o dia. No caso do Estado brasileiro, o genocídio da população negra é um claro exemplo da perpetuação da necropolítica, respaldada por um discurso amplo e abstrato de segurança, assim como na importância da guerra às drogas. Dessa forma, as mortes, que ocorrem em operações policiais em comunidades periféricas, por exemplo, são vistas como uma espécie de efeito colateral, um mal necessário (Barretos, Aleixo e Soares, 2020, p. 239).

A necropolítica refere-se à relação entre o poder político e a instrumentalização da morte, em especial em contextos de dominação colonial, pós-colonial e de opressão sistêmica, esse conceito ganhou reconhecimento e relevância crescentes no campo dos estudos pós-coloniais e das teorias críticas.

A abordagem de Mbembe aponta como certas formas de poder operam não apenas através do controle e da preservação da vida, mas também por meio da gestão da morte. Quando a necropolítica compreende que o poder estatal e outras estruturas de poder exercem controle sobre a vida e a morte de certos grupos, evidencia o uso da violência e da morte como instrumentos de governança.

Outros autores africanos têm contribuído relacionando-a com experiências históricas e

contemporâneas do continente africano e suas diásporas. Fanon (1961), por exemplo, discute em sua obra "Os condenados da terra" a violência como um meio de libertação para os povos colonizados. A violência seria uma resposta inevitável à violência do colonialismo e pode ser uma forma de romper com a opressão e buscar a libertação. Fanon advoga por uma violência revolucionária que possa desafiar e subverter as estruturas coloniais e abrir caminho para uma nova ordem social e política.

Voltando ao pensamento de Achille Mbembe, ao considerarmos a forma como a violência é empregada pelo Estado colonial para manter seu domínio sobre os colonizados, podemos relacionar ao conceito de necropolítica desenvolvido por Achille Mbembe, que explora como o Estado e outras instituições de poder exercem controle sobre os indivíduos. No contexto colonial, a violência sistemática utilizada pelo poder colonial pode ser vista como uma manifestação da necropolítica, uma vez que a morte, a opressão e a sujeição são empregadas como meios para governar e subjugar os povos colonizados.

O escritor nigeriano e vencedor do Prêmio Nobel de Literatura Wole Soyinka (1981), aborda questões de poder e autoritarismo. Em suas obras, a análise de Soyinka sobre a opressão política na África é relevante para compreender os mecanismos de controle e violência que foram empregados durante o período colonial. Ao narrar suas experiências de infância, ele traz à tona as injustiças, desigualdades e abusos de poder enfrentados por muitas comunidades africanas sob o domínio colonial. Embora não seja centralizada na necropolítica, sua análise sobre a opressão política na África é necessária para compreender os mecanismos de controle e violência exercidos em diferentes épocas históricas e locais.

Também é importante citar a antropóloga nigeriana Oyèrónké (1997), que em sua obra "A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero", desafia as construções de poder e gênero impostas pelo colonialismo e ideias ocidentais, abrindo espaço para uma compreensão mais complexa das dinâmicas de poder e violência nas sociedades contemporâneas. Quando abordamos a necropolítica, temos que considerar que discursos e ideias podem perpetuar a opressão e violência, incluindo concepções ocidentais de gênero e poder impostas em contextos africanos. Sua obra potencializa o debate, possibilitando uma perspectiva crítica e reflexiva sobre a relação entre poder, violência e identidade em sociedades africanas atuais.

Esses autores africanos, no seu conjunto, oferecem perspectivas cruciais para a compreensão da necropolítica, demonstrando como as estruturas de poder podem se valer da morte e da violência para manter sistemas de dominação e exploração. Ao examinar suas obras, compreendemos mais sobre essa abordagem e suas implicações nas realidades políticas e

sociais.

Enquanto o Estado adota uma postura baseada na veiculação da ideia de “cortar pela raiz o mal necessário”, mães negras choram pelas vidas de seus filhos. Em uma dupla violência, sofrem suas perdas em meio às lágrimas, assim como precisam reafirmar continuamente a identidade de tais jovens negros mortos. Às mães, é relegada a sofrível função de lembrar a sociedade de que estes eram sujeitos de direitos.

As Mães de Maio lutam para serem ouvidas nos espaços classificados como democráticos (Castelar, Santana e Souto, 2020). Apesar dos processos de ampliação e utilização da voz pelas Mães de Maio, observa-se uma série de contrariedades no uso de instrumentos democráticos como a mídia. Neste caso, não há abertura de espaço para que essas mães falem sobre racismo, justiça e sororidade, mas a adoção de um posicionamento midiático incapaz de valorar os sofrimentos destas mães, sob alegações, muitas vezes falsas, de que estes jovens que foram assassinados estavam envolvidos em atividades criminosas, o que contribui para reforçar o racismo contra a população negra e pobre (Castelar, Santana E Souto, 2020).

Essa tentativa de silenciá-las, ocorre justamente dada a falsa pretensão de memória perante a sociedade de que nada ocorreu e que se ocorreu, não foi algo tão grave a ponto de ser relevante. Contudo, é necessário resgatar estas memórias, uma vez que o passado contribui para a não repetição de diversos acontecidos. Como nos dizeres do autor Oropeza: só há perdão, se há reconhecimento e memória (Oropeza, 2009).

CAPÍTULO 3 A LUTA

Este capítulo intitulado “A LUTA” configura a parte central da presente pesquisa, visto que trabalha os caminhos metodológicos criados para responder à pergunta chave desta dissertação: “Como o Movimento Mães de Maio opera, ou em outras palavras, como ocorre a atuação do Movimento Mães de Maio?”.

3.1 Caminho metodológico

Para compreender como o Movimento Mães de Maio opera, a presente pesquisa recorreu ao ambiente virtual para analisar e descrever as ações do Movimento. Por ambiente virtual, considera-se as redes sociais, especificamente a rede social *Instagram*. O *Instagram* surgiu em 2010 com a promessa de facilitar o compartilhamento de imagens e vídeos. Em 2012, foi comprado pelo *Facebook*, o que contribui para que milhares de pessoas aderissem ao uso da rede social (Bessa, 2018, p. 02).

Nesta pesquisa, optou-se por analisar postagens do *Instagram* do Movimento Mães de Maio em detrimento das postagens do Blog de autoria do Movimento (<http://maesdemaio.blogspot.com/>), visto que o blog não é atualizado desde 2014, enquanto a rede social *Instagram* ganhou espaço nos últimos anos, com a promoção da visibilidade para as ações deste Movimento.

O recorte temporal da pesquisa envolve o perfil do *Instagram* das Mães de Maio⁸, por meio da análise das postagens realizadas de março de 2018, data da primeira postagem até dezembro de 2022, demarcado pela conclusão da pesquisa. Neste período, a página no *Instagram* apresenta 226 postagens que envolvem as temáticas da desigualdade racial, violência policial, denúncias e as ações do Movimentos Mães de Maio.

Para compreender o conteúdo postado pelas Mães de Maio, utilizou-se a análise de conteúdo. Sabe-se que “o grande volume de material produzido pelos meios de comunicação e a necessidade de interpretá-lo determinou o aparecimento da análise de conteúdo” (Gil, 2022, p. 89). Portanto, a análise de conteúdo mostrou-se o instrumento adequado para compreender as mensagens das postagens da página do *Instagram*.

Preliminarmente, considera-se que a análise de conteúdo se desenvolve em três fases: a primeira fase, denominada pré-análise, é o momento em que há a escolha dos documentos a

⁸ Acesso disponível a partir do link: <https://www.instagram.com/Movimentomaesdemaio>

serem analisados, a formulação de hipóteses e a preparação do material para análise. Já a segunda fase ocorre com a exploração do material, envolvendo a escolha das unidades de análise e a classificação. Por fim, a terceira etapa é constituída pelo tratamento, inferência e interpretação dos dados colhidos (Bardin, 2011).

Quadro 1 – Fases da análise de conteúdo

PRÉ ANÁLISE	
Leitura flutuante;	
Escolha dos documentos;	
Formulação de objetivos e hipóteses	
Formulação de índices e indicadores	
EXPLORAÇÃO DO MATERIAL	
Criação das categorias	
RESULTADOS	
Inferências	

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Seguindo o método de análise de conteúdo de Laurence Bardin, tem-se:

Pré-análise

Para Laurence Bardin (2002), nesta fase deve ser realizada a organização do trabalho, buscando-se sintetizar conceitos iniciais a fim de se operacionalizar a pesquisa. Primeiramente, os documentos a serem analisados devem ser definidos, logo após cabe formular objetivos e hipóteses a seu respeito e, por fim, devem ser elaborados indicadores que serão utilizados para fundamentar a interpretação final (Bardin, 2002). Seguindo essa lógica, a presente pesquisa desenvolveu-se da seguinte maneira:

a) Leitura flutuante

A leitura flutuante foi o primeiro contato realizado com conteúdo a ser analisado – página do *Instagram* do Movimento Mães de Maio, e foi utilizada com o objetivo de explorar os textos e permitir colocar em evidência os temas mais significativos. Sabe-se que:

A leitura flutuante não pressupõe uma leitura descuidada; pelo contrário, deve haver o cuidado por parte do leitor de não se prender a palavras, imagens ou sentenças específicas. Deve-se entender todo o texto como importante e passível de oculta significância. Contudo, o leitor tampouco deve censurar suas intuições iniciais, as quais selecionarão, sim, ideias e imagens em meio às outras (Abreu, 2021).

Assim, durante a leitura flutuante, cabe ao pesquisador se deixar levar por “impressões,

representações, emoções, conhecimentos e expectativas” (Franco, 2008, p. 52). No trabalho realizado, é possível consultar a totalidade das publicações da página do Movimento Mães de Maio por meio dos materiais anexados nesta dissertação. Todavia, a leitura flutuante permitiu o alcance das seguintes informações a partir das postagens:

1. Apresentação da líder do Movimento Mães de Maio
2. Divulgação de matéria sobre lideranças
3. Divulgação de evento contra violência
4. Denúncia de seis funkeiros mortos em periferia
5. Acender luzes por Marielle Franco e Anderson
6. Despedida póstuma de dona Ivone
7. Divulgação de evento contra violência
8. Imagem pedindo justiça por Marielle Franco
9. Conexão Brasil x Colômbia
10. Polícia militar atirando em suspeito
11. Anúncio do falecimento de Vera Lúcia dos Santos
12. Morte de uma das fundadoras do Movimento Mães de Maio
13. Homenagem à Vera Lúcia dos Santos
14. Imagem pedindo justiça por Marielle
15. Protesto
16. Protesto
17. Solicitação de ajuda para Mães de Maio em evento
18. Divulgação de pesquisa sobre crimes de maio
19. Notícia sobre assassinato de Marielle
20. Encontro Mães de Maio
21. Homenagem a Malcolm X
22. Imagem das integrantes do Movimento Mães de Maio
23. Encontro de mães de vítimas da violência
24. Homenagem ao filho de Débora Maria da Silva

25. Notícia sobre homicídio no Brasil
26. Notícia sobre homicídio no Brasil
27. Notícia sobre detenção de mãe com bebê
28. Notícia sobre Polícia Militar assassinada
29. Notícia sobre menor de idade assassinado
30. Denúncia sobre artigo jornalístico preconceituoso
31. Deputado federal falando sobre fazer boletim de ocorrência contra jornalistas que foram preconceituosos
32. Notícia da morte de Chicha Mariani
33. Divulgação de evento com a participação das Mães de Maio
34. Mães de Maio na Colômbia
35. Mães de Maio no protesto "ele não", contra Jair Bolsonaro
36. União das Mães de Maio e mães da zona leste
37. Rap-hip-hop em favor da democracia
38. Vídeo de rap pela democracia
39. Divulgação de evento sobre periferia
40. Vídeo com fala de Samia Abreu
41. Trocadilho para que o cidadão ande amado e não armado
42. Palavras de esperança associada ao protesto "ele não"
43. Cartum falando sobre a justiça estar ao lado da Polícia Militar e não ao lado das Mães de Maio
44. Desenho homenageando Rogerio dos Santos, filho de Débora Maria da Silva
45. Débora Maria da Silva com o artista Paulo calvo mostrando homenagem a Rogerio dos Santos
46. Apoio a Jean Willys
47. Notícia sobre júri de Polícia Militar acusado de matar garoto de 14 anos
48. Notícia sobre campanha de difamação contra Jean Willys
49. Vídeo de advogado sofrendo violência
50. Divulgação de evento sobre mulheres que lutam
51. Nota sobre homenagem de rapper a Marielle Franco
52. Imagem da Débora Maria Silva com frases contra a violência e justiça por Marielle
53. Divulgação de cine debate sobre violência
54. Foto das integrantes do Movimento Mães de Maio

55. Imagem satirizando a frase vidas negras importam com bandeira alvejada por tiros
56. Repostagem de vídeo de ronda policial
57. Divulgação de eventos e mesa de debates sobre violência com a participação das Mães de Maio
58. Notícia sobre jovem morto em abordagem policial
59. Notícias sobre livro das Mães de Maio
60. Vídeo em homenagem as Mães de Maio
61. Vídeo noticiando morte de jovem que foi agredido por Polícia Militar
62. Vídeo de criança falando que não precisa de príncipe
63. Foto de evento
64. Repostagem de vídeo sobre despreparo policial
65. Vídeo de divulgação filme Marighela
66. Convite das Mães de Maio para filme "mataram nossos filhos"
67. Mães de Maio recebem prêmio COOPERIFA
68. Notícia de seguranças que chicotearam jovem
69. Notícia sobre maior probabilidade de jovens negros morrerem
70. Foto do livro de autoria das Mães de Maio
71. Notícias de *motoboys* presos por acusação de furto de celular
72. Imagem de motivação sobre seguir na luta
73. Imagem de integrantes do Mães de Maio
74. Notícia de homem preso sem portar drogas
75. Notícia sobre mulher que levou tiro com bala de borracha
76. Homenagem a Ágatha
77. Divulgação de mostra de arte sobre violência
78. Cartum sobre morte de Ágatha
79. Divulgação de livro “Brasil: construtor de ruínas”
80. Divulgação de palestras outubro negro
81. Participação das Mães de Maio em performance contra violência
82. Participação das Mães de Maio em performance contra violência
83. Divulgação de livro “dois amores”
84. Divulgação de evento com a participação das Mães de Maio
85. Vídeo sobre atividades para o mês da consciência negra
86. Notícia sobre advogado com ação homofóbica com promotora

87. Notícia sobre ameaça de Polícia Militar a testemunhas da chacina de São Vicente
88. Notícia sobre reivindicação para saber o que aconteceu com menor
89. Notícia sobre jovem que ficou cega após tiro de borracha por Polícia Militar
90. Notícia sobre justiça se negando a indenizar crimes de maio
91. Integrantes do Movimento Mães de Maio
92. Notícia sobre repressão a bailes *funks*
93. Notícia sobre uso de gás lacrimogêneo em massacre de Paraisópolis
94. Notícia sobre ataque em Paraisópolis
95. Cartum satirizando Paraisópolis
96. Notícia sobre depressão de jovem que ficou cega após tiro da Polícia Militar
97. Notícia sobre secretaria da segurança pedindo "ficha" das vítimas do massacre de Paraisópolis
98. Notícia aconselhando a gravar ações policiais
99. Apresentação das Mães de Maio de Minas Gerais
100. Cartum sobre mulheres unidas contra Jair Bolsonaro
101. Vídeo de apoio contra a violência contra a mulher
102. Exigência das Mães de Maio para liberar empregadas domésticas durante a pandemia
103. Compartilhamento de tweet para que as pessoas valorizem o trabalho dos lixeiros
104. Apoio ao combate do coronavírus através de arrecadação de produtos de higiene
105. Cartum satirizando Bolsonaro com falas genocidas
106. Apresentação de *las madres* de Bogotá
107. Tweet de Kennedys Alencar sobre Andrew Cuomo, Bolsonaro e pandemia.
108. Notícia sobre Polícia Militar que criticou atos pró ditadura
109. Notícia sobre desaparecimento e informações
110. Homenagem à Vera Lúcia dos Santos
111. Mães de Maio dedicam música para apoiadores
112. Informação sobre o que foram os crimes de maio
113. Cartaz das Mães de Maio contra o fascismo
114. Foto e apelo por justiça a menor morto
115. Homenagem póstuma à Vera Lúcia dos Santos
116. Cartum sobre morte de João Pedro
117. Cartum sobre morte de João Pedro
118. Vídeo de menina indígena contra genocídio

119. Conteúdo sensível - violência policial
120. Cartum sobre o Brasil fascista
121. Divulgação de live em prol das Mães de Maio
122. Mães de Maio antifascistas
123. Imagem com escrito "Black lives Matter"
124. Live em prol das Mães de Maio
125. Imagem mostrando mulher defendendo filho
126. Divulgação de música "vidas negras"
127. Divulgação de evento com participação das Mães de Maio do nordeste
128. Encontro de Movimentos sociais com João Dória
129. Encontro entre governo do Estado de São Paulo e Movimentos sociais
130. Divulgação de entrevista na Jovem Pan sobre violência policial
131. Notícia sobre morte do filho de Givonete
132. Divulgação de entrevista com participação das Mães de Maio
133. Divulgação de ato de cinco anos em memória à chacina
134. Vídeo sobre cultivar direitos
135. Cartum envolvendo as Mães de Maio contra o fascismo
136. Vídeo envolvendo Bolsonaro
137. Divulgação de evento - debate sarau com participação das Mães de Maio
138. Divulgação de live com participação das Mães de Maio
139. Texto sobre políticas de segurança sem violência no Amapá
140. Divulgação de evento - bate papo sobre as Mães de Maio com a participação de Débora Maria da Silva
141. Notícia sobre projeto de lei das Mães de Maio
142. Vídeo sobre documentário "filhos e filhas"
143. Vídeo sobre documentário "filhos e filhas"
144. Divulgação de artigo escrito pelas Mães de Maio
145. Vídeo com notícia sobre morte de jovem negro
146. Parte dois do vídeo com notícia sobre morte de jovem negro
147. Vídeo da Polícia Militar espancando o MC Salvador da Rima
148. Apresentação de integrante do Movimento Mães de Maio de Minas Gerais
149. Apelo contra votação sobre excludente de ilicitude
150. Divulgação de evento com participação de Débora Maria da Silva - Mães de Maio

151. Divulgação de debate gratuito sobre violência contra a mulher
152. Apelo contra votação sobre excludente de ilicitude
153. Denúncia sobre impunidade de promotora que caluniou o Movimento Mães de Maio
154. Divulgação de eventos com participação de Débora Maria Silva representando o Movimento Mães de Maio sobre tributar grandes fortunas
155. Crítica das Mães de Maio sobre ouvidoria da Polícia Militar
156. Vídeo sobre Dina Alves
157. Vídeo "parem de nos matar"
158. Divulgação do evento cordão da mentira
159. Divulgação de painel sobre segurança pública, participação de Débora Maria da Silva, representante do Movimento Mães de Maio
160. Apelo a não urgência da PL 6764
161. Homenagem a Alípio freire
162. Vídeo de Bolsonaro sobre decreto
163. Divulgação de *twittaço* pela chacina de jacarezinho
164. Cartum satirizando briga entre coronavírus e polícia para saber quem mata mais
165. Vídeo sobre 15 anos dos crimes de maio
166. Imagem com as vítimas dos crimes de maio
167. Organização de ato político "a luta continua"
168. Vídeo sobre crimes de maio
169. Divulgação de eventos sobre 15 anos dos crimes de maio com organização das Mães de Maio
170. Vídeo sobre crimes de maio
171. Divulgação de audiência pública sobre crimes de maio - participação das Mães de Maio
172. Nota de apoio ao quilombo rio
173. Imagem sobre crimes de maio
174. Divulgação de evento com participação de Débora Maria da Silva - Mães de Maio
175. Divulgação de documento e debate com participação de Débora Maria Silva representando as Mães de Maio
176. Divulgação de evento contra abordagens violentas, participação de Débora Maria da Silva representando as Mães de Maio
177. Notícia sobre advogado que foi imobilizado
178. Imagem de mano Brown exigindo liberdade para galo

179. Cartum com sátira sobre padre Júlio Lancelot alimentar os pobres
180. Notícia sobre arquivamento de caso envolvendo mortes dos crimes de maio
181. Notícia sobre crack encontrado em batalhão da Polícia Militar
182. Vídeo sobre corregedoria da Polícia Militar
183. Divulgação de monumento em homenagem às Mães de Maio
184. Divulgação de live sobre arquivamento do pedido de federalização dos crimes de maio participação Débora Maria da Silva representando Movimento Mães de Maio
185. Divulgação de audiência pública - 15 anos dos crimes de maio, com participação do Movimento Mães de Maio
186. Divulgação de monumento na praça de Santos em homenagem às vítimas dos crimes de maio
187. Foto de Débora Maria da Silva
188. Apelo por justiça por Luana Barbosa
189. Vídeo do mano Brown sobre conhecimento
190. Divulgação da mostra taturana de cinema com participação de Débora Maria da Silva - representando Mães de Maio
191. Apresentação de integrantes do Movimento *Las madres de Mayo*
192. Imagem com poesias sobre dororidade
193. Vídeo falando sobre las madres del México
194. Divulgação de debate com a participação de Débora Maria da Silva representando as Mães de Maio
195. Foto mostrando memorial das vítimas dos crimes de maio
196. Homenagem de Aline Rocco às Mães de Maio
197. Vídeo com comentário do mano Brown sobre pandemia
198. Vídeo com trecho do filme Marighela
199. Convite para prestar condolências por morte de jovem
200. Divulgação de psicólogas individuais - encontro promovido pelas Mães de Maio e pelas Mães de Maio Leste
201. Entrega de honraria a 21 organizações negras na Alesp - incluindo, o Movimento Mães de Maio
202. Divulgação de evento sobre democracia e violência
203. Divulgação de inauguração do "memorial dos nossos filhos" pelas Mães de Maio
204. Participação de Débora Maria da Silva em evento - festival de direitos humanos

205. Inauguração de monumento "nossos mortos têm voz" pelas Mães de Maio
206. Divulgação de evento - cordão da mentira
207. Debora maria da Silva recebe prêmio de melhor atriz coadjuvante
208. Organização do evento cordão da mentira
209. Imagem do encontro cordão da mentira
210. Reunião das Mães de Maio com relator da ONU
211. Vídeo com fala de Débora Maria da Silva
212. Homenagem de aniversário a Vilma melo e Débora Maria da Silva
213. Integrantes do Movimento Mães de Maio
214. Audiência pública com participação das Mães de Maio sobre ADPF pelas vidas negras
215. Mães de Maio contra convênio que prioriza atendimento de policiais envolvidos em letalidade
216. Live no *youtube* com Débora Maria da Silva - ser mãe na favela
217. Mães de Maio no festival de cinema em gramado
218. Integrantes do Movimento Mães de Maio
219. Debate sobre organização política de mães - evento com participação de Débora Maria da Silva
220. Divulgação do filme "a mãe" com participação de Débora Maria Silva
221. Estreia de peça de teatro com a participação das Mães de Maio
222. Relembrando tragédia do Carandiru - 30 anos
223. Mães de Maio em evento prol democracia
224. Divulgação de ato público em prol da democracia
225. Vídeo com recado de Débora Maria da Silva
226. Imagem das Mães de Maio reivindicando nova ouvidoria da polícia

Sob esse escopo, a leitura flutuante das postagens da página do *Instagram* permitiu sistematizar as principais informações constantes nas postagens, possibilitando a próxima fase da pré-análise, baseada na escolha dos documentos a serem analisados.

a) Escolha dos documentos a serem analisados

Escolher os documentos a serem analisados implica na definição do corpus de análise. Durante a realização dessa fase, é necessário seguir determinadas regras obedecendo os critérios de exaustividade, pertinência, homogeneidade e representatividade (Bardin, 2016).

O critério da exaustividade afere que ao selecionar todos os documentos para a análise, estes devem ser esgotados. Bardin (1977) propõe que seja exaurido qualquer componente do corpus. Em relação ao critério da pertinência, Bardin (1977) afere a necessidade de verificar se os documentos a serem analisados estão em consonância, ou seja, adequados em relação ao objetivo da análise.

O critério da homogeneidade, por sua vez, considera que ao realizar a seleção dos documentos, deve-se seguir os mesmos critérios de escolha. Por fim, o critério da representatividade, para Bardin (2011) é o critério que permite, nos casos em que há elevado números de dados, efetuar uma amostra, ou seja, é possível uma amostra representativa, caso os possíveis resultados forem passíveis de serem generalizados.

Neste contexto, seguindo a orientação de Laurence Bardin (2002) sobre a escolha dos documentos e de acordo com os critérios da pertinência, representatividade, exaustividade e homogeneidade, as postagens da página do Movimento Mães de Maio foram separadas em postagens de vídeo e postagens imagéticas, com análise somente das postagens imagéticas.

Tabela 1 – Divisão entre postagens de vídeo e imagéticas

Postagens de vídeo	Postagens imagéticas
31 postagens	197 postagens
40; 49; 56; 60; 61; 62; 64; 65; 86; 102; 119; 134; 136; 143; 145; 147; 148; 149; 158; 159; 164; 167; 170; 172; 184; 191; 195; 199; 200; 213; 227.	Demais postagens

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

b) Formulação de objetivos e hipóteses

Segundo Laurence Bardin (2002) após a leitura flutuante e a escolha dos documentos, é necessário deixar claro os objetivos e as hipóteses. Após a escolha dos documentos, ou seja, das postagens a serem analisadas, foi possível estabelecer objetivos e realizar o levantamento de hipóteses. Neste estudo, o objetivo geral consiste em compreender como ocorrem as ações do Movimento Mães de Maio a partir do que as próprias integrantes do Movimento postam nas redes sociais, especificamente, no *Instagram*.

Já em relação às hipóteses, de acordo com a autora, estas são “explicações antecipadas do fenômeno observado” (Bardin, 2016, p. 68), em outras palavras, hipóteses são prévias afirmações que tendem a ser contraditadas durante a análise. Nesta pesquisa, trabalha-se com a hipótese de que o Movimento Mães de Maio opera denunciando a violência policial,

reivindicando Justiça pela morte de seus entes queridos, ensinando de maneira pedagógica sobre a desigualdade racial e destacando figuras importantes na luta contra a violência institucional.

c) Referenciação dos índices e indicadores

Segundo Bardin (2002) a última etapa da pré-análise é a definição dos índices e indicadores. Os referidos índices podem ser considerados elementos dos textos que servem de dados para cumprir com os objetivos propostos (Bardin, 2002).

Para Bardin (1977, p.100) os índices são “elementos do texto a serem analisados, como por exemplo, a menção explícita de um tema numa mensagem, e os indicadores são a quantidade de vezes que o tema é repetido, ou seja, a frequência com que o índice aparece no texto”. Vale dizer que nesta etapa é realizado recortes textuais possibilitando a posterior categorização e a codificação (Bardin, 2010). Nesta pesquisa foram definidos os seguintes índices:

Tabela 2 - Índices e Indicadores

TERMO	ÍNDICE	INDICADORES
NOTÍCIA	MATÉRIA JORNALÍSTICA	36 POSTAGENS
APRESENTAÇÃO	APRESENTAÇÃO FIGURA/GRUPO	16 POSTAGENS
APELO	REIVINDICAÇÃO	13 POSTAGEM
EVENTO	EVENTO	25 POSTAGENS
HOMENAGEM	HOMENAGEM	27 POSTAGENS
CARTUM/CARTOON	SÁTIRAS	12 POSTAGENS
DENÚNCIA	CONTEÚDO DENUNCIATIVO	8 POSTAGENS
PROTESTO	PROTESTO	4 POSTAGENS
LIVRO	DIVULGAÇÃO DE LIVRO	4 POSTAGENS
PESQUISA	PESQUISA	1 POSTAGEM
PRONUNCIAMENTO	ANÚNCIO	2 POSTAGENS
APOIO	APOIO	1 POSTAGEM
ARTIGO	ARTIGO	1 POSTAGEM
GOVERNO/ONU	ATO POLÍTICO	4 POSTAGENS
COMPARTILHAMENTO	COMPARTILHAMENTO	1 POSTAGEM
MÚSICA/POESIA	ENTRETENIMENTO	5 POSTAGEM
INFORMAÇÃO	INFORMATIVO	2 POSTAGENS

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Exploração do material

Após a conclusão da primeira fase, é necessário iniciar a fase da exploração do material. A presente fase é o momento em que são construídas as categorizações e as classificações das informações de acordo com os temas. Para Laurence Bardin (1997) a codificação/categorização deve ocorrer através de recortes do texto que trazem características do conteúdo. Em um primeiro, deve-se recortar o material em unidades de registros. Neste caso, as unidades de registros são realizadas a partir do resumo da leitura flutuante associada aos índices criados na primeira fase da pesquisa. Esta fase é uma descrição analítica em categorias que possibilitará as posteriores inferências.

Os índices apontam os seguintes temas: Matéria Jornalística; Apresentação Figura/Grupo; Reivindicação; Evento; Homenagem; Sátiras; Conteúdo Denunciativo; Protesto; Divulgação De Livro; Pesquisa; Anúncio; Apoio; Artigo; Ato Político; Compartilhamento; Entretenimento; Informativo. A partir desses índices cabe criar os agrupamentos das temáticas e a formulação das categorias. Lembrando que a formulação das categorias são frutos do estudo dos índices e da leitura flutuante.

Tabela 3 - Agrupamentos e categorização

AGRUPAMENTO	CATEGORIZAÇÃO
1. EVENTO 2. APRESENTAÇÃO FIGURA/GRUPO 3. HOMENAGEM 4. ANÚNCIO 5. ENTRETENIMENTO	ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS E INTERAÇÃO SOCIAL
1. APOIO 2. REIVINDICAÇÃO 3. PROTESTO 4. ATO POLÍTICO	PRÁTICAS REIVINDICATIVAS
1. CONTEÚDO DENUNCIATIVO 2. MATÉRIA JORNALÍSTICA 3. SÁTIRAS	DISCURSOS DENUNCIATIVOS
1. INFORMATIVO 2. DIVULGAÇÃO DE LIVRO 3. PESQUISA 4. ARTIGO 5. COMPARTILHAMENTO	CONTEÚDO PEDAGÓGICO

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Quando o assunto é organização de eventos e interação social temos que são todas aquelas ações que envolvem a organização e a participação em eventos, abrangendo também todas as postagens de apresentação do Movimento ou de Movimentos parecidos, bem como também toda homenagem, anúncio ou forma de entretenimento.

Já para compreender o que essa pesquisa entende por Práticas reivindicativas é necessário recorrer ao dicionário e verificar qual a definição da palavra reivindicação. Segundo o Dicionário Aulete, reivindicação é a “ação ou resultado de reivindicar, de reclamar aquilo pelo qual se tem direito ou se considera ter direito”.

Portanto, Práticas reivindicativas são aquelas ações em que as mães de vítimas de violência do Estado se organizam e criam estratégias, exigindo, requerendo, pedindo, demandando, postulando ou solicitando ações por parte do legislativo, judiciário e executivo em relação a alguma pauta.

Por Conteúdo Pedagógico entende-se todo aquele discurso que tem como principal função instruir, educar sobre determinado assunto. Sabe-se que as Mães de Maio trabalham com pautas envolvendo de forma implícita a necropolítica e de maneira explícita, o racismo, a desigualdade racial, a violência contra jovens negros, entre outros. Portanto, cabe investigar por meio das postagens na página do *Instagram* determinados Discursos pedagógicos.

Já por Discurso denunciativo compreende-se aquele discurso em que há exposição de determinado fato ou acontecimento. As Mães de Maio são ativistas que desde maio de 2006 denunciam tanto a seletividade da Justiça, quanto os próprios crimes que ocorrem e continuam acontecendo nas periferias do Estado de São Paulo. Em resumo, as categorias remetem aos seguintes conceitos:

Tabela 4 - Categorias e unidades de registros

CATEGORIAS	UNIDADES DE REGISTROS
ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS E INTERAÇÃO SOCIAL	Organizar, divulgar, participar de eventos, homenagear, anunciar, promover entretenimento.
PRÁTICAS REIVINDICATIVAS	Fazer exigências, requerimentos, pedidos, demandar, postular, reclamar, solicitar.
DISCURSOS DENUNCIATIVOS	Realizar instruções, promover educação sobre determinado assunto.
CONTEÚDO PEDAGÓGICO	Fazer denúncia de algo ou de alguém, tornar público e conhecido, expor, noticiar, acusar.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

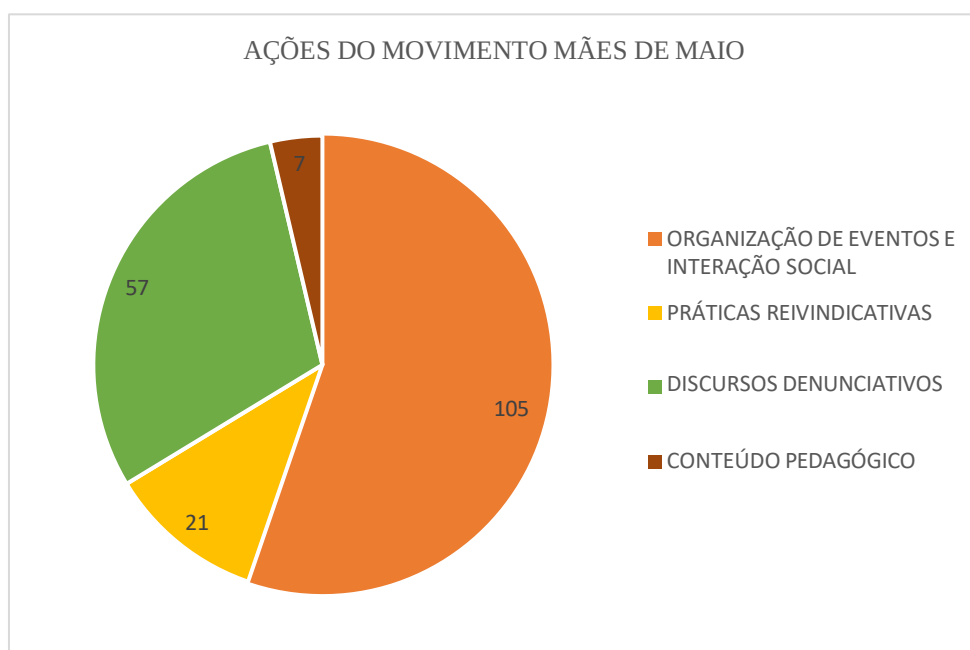
Tratamento dos resultados obtidos e interpretação⁹

A terceira fase trabalha o tratamento dos resultados, das inferências e da interpretação. Trata-se de recolher os conteúdos contidos no material coletado e analisá-los à luz do referencial teórico a seguir.

3.2 Análises das postagens do *Instagram*

As ações das Mães de Maio podem ser classificadas de acordo com o gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Ações do Movimento Mães de Maio



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

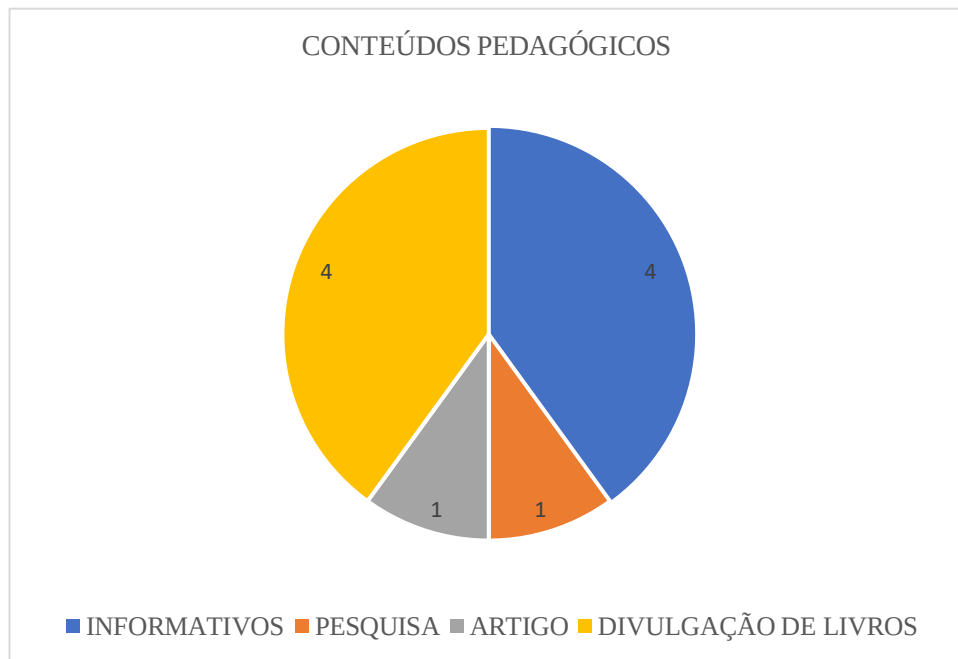
Com base análise das ações do Movimento Mães de Maio, apresenta-se uma divisão em quatro diferentes grupos, iniciando com o grupo com menor incidência:

Primeiro grupo de ações: Conteúdo Pedagógico

O conteúdo pedagógico é formado por informativos, divulgação de livros, pesquisas e artigos. Ao todo esta categoria conta com 10 postagens distribuídas conforme gráfico abaixo:

⁹ Toda a classificação presente neste tópico metodológico se encontra na tabela do Excel, disponível por meio do seguinte link de acesso: <https://1drv.ms/x/s!AnFW5KxlpdLgcd9TwNUx6to04_5mA?e=jTYQTN>

Gráfico 2 - Conteúdos pedagógicos



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

No tocante ao conteúdo, os informativos tratam, respectivamente, de:

1. Informação sobre o que foram os crimes de maio
2. Cartaz das Mães de Maio contra o fascismo
3. Imagem com escrito "*Black lives Matter*"
4. Texto sobre políticas de segurança sem violência no Amapá

Em relação à divulgação de livros, tem-se que nesta categoria constam:

1. Notícias sobre livro das Mães de Maio
2. Foto do livro de autoria das Mães de Maio
3. Divulgação de livro "Brasil: construtor de ruínas"
4. Divulgação de livro "dois amores"

Em relação à pesquisa acadêmica, as Mães de Maio fazem a divulgação da seguinte pesquisa:

1. Pesquisa sobre crimes de maio – (postagem 19) - “Violência do Estado no Brasil: um estudo do crime de maio de 2006 na perspectiva da antropologia forense e da justiça de transição”

Em relação à divulgação de artigos, tem-se:

1. Divulgação de artigo - (postagem 146) – “trajetórias interrompidas: O luto e a luta das mães que sobrevivem ao genocídio”

Após a exposição dessas postagens, é possível concluir que quando o assunto é conteúdo pedagógico, as Mães de Maio atuam em dois sentidos, primeiramente, ensinando com conteúdo autorais e em um segundo momento, compartilhando conteúdos acadêmicos e informativos de terceiros.

Majoritariamente, dentro da categoria de conteúdos pedagógicos, as Mães de Maio buscam ensinar sobre o que foram os Crimes de Maio, seja através da divulgação do livro autoral delas, seja divulgando e compartilhando conteúdos acadêmicos, como por exemplo, a divulgação da pesquisa realizada pela UNIFESP.

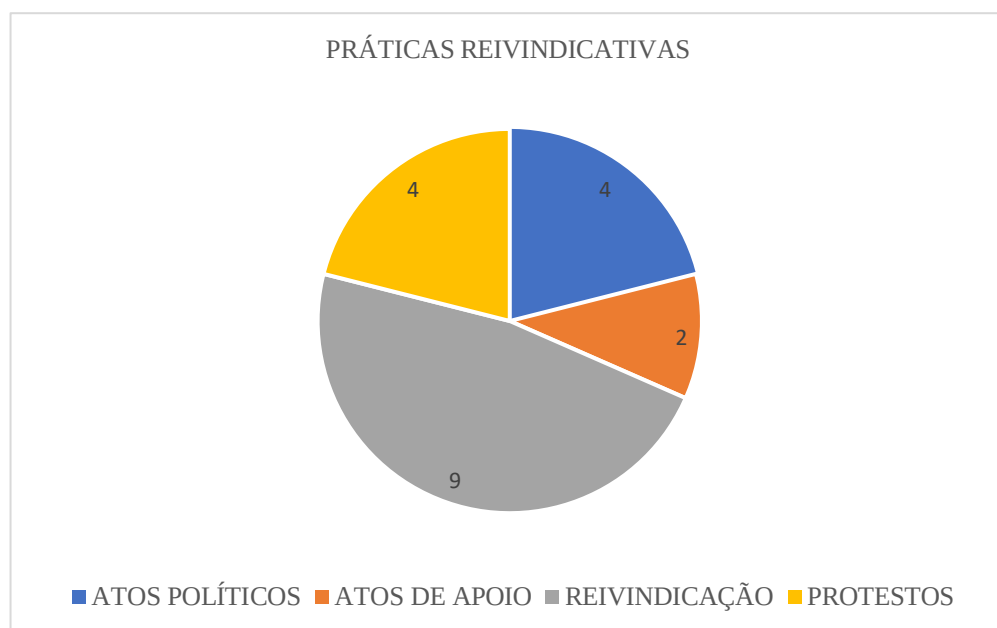
Além das informações sobre os Crimes de Maio, as Mães de Maio posicionam-se na luta contra o fascismo e contra o racismo, entoando a máxima *Black Lives Matter*. Junto a esse posicionamento, as Mães de Maio demonstram que sua preocupação não é somente territorial, restringindo-se ao Estado de São Paulo, mas sim, nacional, chegando a debater sobre a segurança pública no Amapá.

Por fim, salienta-se que as Mães de Maio também divulgam conteúdos não autorais, mas com assuntos que estão alinhados à sua luta, como é o caso da divulgação do livro, “Brasil, Construtor de Ruínas: um olhar de Lula a Bolsonaro” e o livro “Dois amores”, de Paulo Lins, um escritor que viveu em regiões periféricas.

Segundo grupo de ações: Práticas reivindicativas

As Práticas reivindicativas são compostas por atos de apoio, atos de reivindicação, protestos e atos políticos. Esta categoria conta com 19 postagens, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 3 - Práticas reivindicativas



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

No tocante aos conteúdos que compõem estas categorias, tem-se que, foram atos políticos exercidos pelas Mães de Maio:

1. Encontro de Movimentos sociais com João Dória
2. Encontro entre governo do Estado de São Paulo e Movimentos sociais
3. Organização de ato político "a luta continua"

São considerados atos de apoio:

1. Apoio ao combate do coronavírus através de arrecadação de produtos de higiene
2. Compartilhamento de *tweet* para que as pessoas valorizem o trabalho dos lixeiros
3. Nota de apoio ao quilombo Rio

As Mães de Maio estiveram envolvidas nos seguintes protestos:

1. Protesto pelos crimes de maio
2. Protesto pelos crimes de maio
3. Mães de Maio no protesto "ele não", contra Jair Bolsonaro
4. Palavras de esperança associada ao protesto "ele não"

E por fim, atuaram fazendo os seguintes apelos e reivindicações:

1. Imagem pedindo justiça por Marielle - apelo
2. Exigência das Mães de Maio para liberar empregadas domésticas durante a pandemia
3. Foto e apelo por justiça a menor morto
4. Mães de Maio antifascistas
5. Imagem mostrando mulher defendendo filho
6. Apelo contra votação sobre excludente de ilicitude
7. Apelo contra votação sobre excludente de ilicitude
8. Apelo não a urgência da PL 6764 – crimes contra o estado democrático de direito

Observando este cenário, é possível concluir, em relação aos Atos políticos que estes são manifestações em que as Mães de Maio fazem alguma conexão com o poder Executivo, Judiciário ou Legislativo. Nas postagens, observa-se que as Mães de Maio se encontraram com o então governador João Dória, além de se reunirem com outros órgãos estatais. Quando as Mães não estavam em conjunto com o ente público, estavam organizando atos públicos, tidos como atos políticos em prol de sua luta.

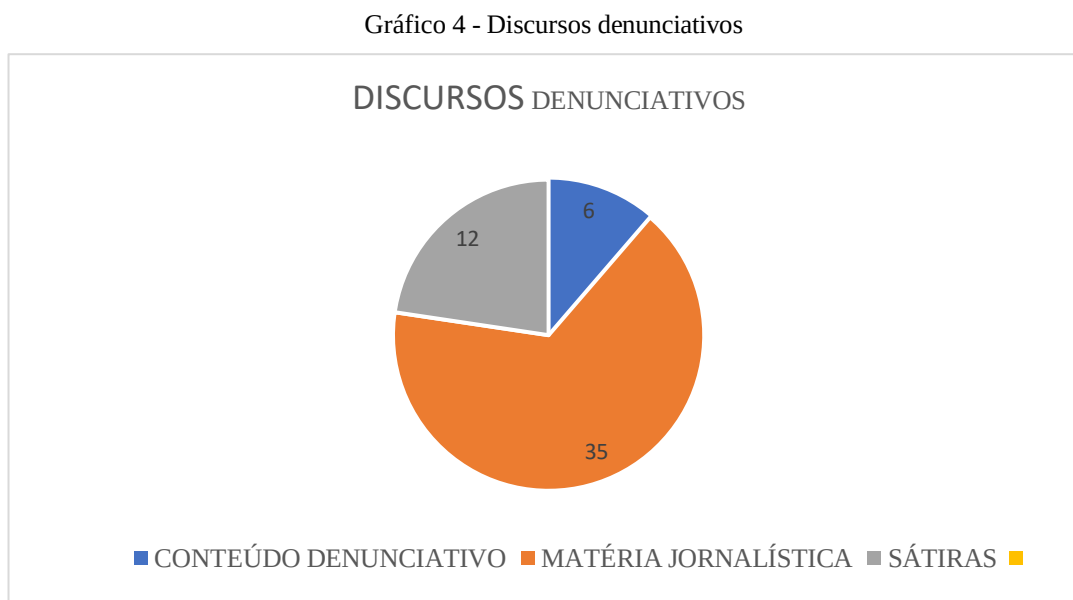
Em relação aos Atos de Apoio, o principal apoio que as Mães de Maio exerceram foi arrecadar produtos para pessoas carentes durante a Pandemia do Coronavírus e para que neste mesmo período, as pessoas apoiassem o trabalho dos lixeiros. Já no tocante aos protestos, quando as Mães de Maio se organizaram, elas focaram principalmente na Justiça pelos Crimes ocorridos em maio de 2016 e contra a eleição do ex-presidente Bolsonaro.

Por fim, os atos reivindicativos das Mães de Maio buscavam atingir vários objetivos. Um dos objetivos é concretizar Justiça no caso Marielle Franco, vereadora cruelmente assassinada. Outra reivindicação das Mães de Maio ocorreu durante a Pandemia, quando suas componentes observaram que suas companheiras empregadas domésticas não eram liberadas de seus empregos.

Além disso, as Mães de Maio reivindicaram justiça por jovens menores de idade, mortos pelas mãos da polícia. No tocante à esfera legislativa, as Mães de Maio foram contra a votação do excludente de ilicitude e apoiaram a não a urgência da PL 6764/2002 que trata dos crimes contra o Estado Democrático de Direito.

Terceiro grupo de ações: Discursos denunciativos

Os discursos denunciativos são compostos por postagens de conteúdo denunciativo, matérias jornalísticas e sátiras. Esta categoria conta com 53 postagens e são distribuídas conforme gráfico abaixo:



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Por conteúdo denunciativo entende-se toda aquela postagem que expôs ou denunciou, de alguma maneira, determinada situação. Fazendo uma varredura das postagens das Mães de Maio, foram encontradas as seguintes postagens com conteúdo denunciativo:

1. Denúncia de seis funkeiros mortos
2. Denúncia sobre artigo jornalístico preconceituoso
3. Notícia sobre repressão a bailes *funks*
4. Denúncia sobre impunidade de promotora que caluniou o Movimento Mães de Maio
5. Crítica das Mães de Maio sobre Ouvidoria da polícia militar
6. Imagem com as vítimas dos crimes de maio

Observa-se que as Mães de Maio denunciam a letalidade policial ao expor que seis funkeiros foram mortos em regiões periféricas. Esse teor denunciativo encontra-se também quando as mães compartilham imagens com o intuito de lembrar as vítimas dos Crimes de Maio de 2006, também resultado da letalidade policial.

Contudo, a denúncia não se restringe somente ao momento em que jovens de regiões

periféricas são assassinados, tendo em vista que, como exemplo, na situação dos funkeiros assassinados, as Mães de Maio já haviam denunciado em momento anterior a repressão aos Bailes *Funks*.

Os demais conteúdos denunciativos realizados pelas Mães de Maio possuem um teor de crítica. Crítica dirigida à imprensa que permite que sejam publicados artigos e matérias jornalísticas preconceituosas, assim como críticas à impunidade de membros do poder judiciário que caluniaram o Movimento Mães de Maio e, até mesmo, críticas à Ouvidoria da Polícia Militar.

Outro índice dentro da categoria dos Discursos Denunciativos é o compartilhamento de matérias jornalísticas são as seguintes:

1. Divulgação de matéria sobre lideranças marcadas para morrer
2. Notícia sobre policial militar atirando em suspeito
3. Notícia sobre assassinato de Marielle Franco
4. Notícia sobre homicídio no Brasil
5. Notícia sobre homicídio no Brasil
6. Notícia sobre detenção de mãe com bebê
7. Notícia sobre policial militar lésbica assassinada
8. Notícia sobre menor de idade assassinado
9. Notícia deputado federal falando sobre fazer boletim de ocorrência contra jornalistas que foram preconceituosos
10. Notícia sobre júri de policial militar acusado de matar garoto de 14 anos
11. Notícia sobre campanha de difamação contra Jean Willys
12. Notícia sobre jovem morto em abordagem policial
13. Notícia de seguranças que chicotearam jovem
14. Notícia sobre maior probabilidade de jovens negros morrerem
15. Notícia de motoboys presos por acusação de furto de celular
16. Notícia de homem preso sem portar drogas
17. Notícia sobre mulher que levou tiro com bala de borracha
18. Notícia sobre advogado com ações homofóbicas com promotora
19. Notícia sobre ameaça da polícia militar contratestemunhas da chacina de São Vicente
20. Notícia sobre reivindicação para saber o que aconteceu com menor
21. Notícia sobre jovem que ficou cega após tiro de borracha por polícia militar
22. Notícia sobre justiça se negando a indenizar crimes de maio

23. Notícia sobre uso de gás lacrimogêneo em massacre de Paraisópolis
24. Notícia sobre ataque em Paraisópolis
25. Notícia sobre depressão de jovem que ficou cega após tiro da polícia militar
26. Notícia sobre secretaria da segurança pedindo "ficha" das vítimas do massacre de Paraisópolis
27. Notícia aconselhando a gravar ações policiais
28. *Tweet* de Kennedy Alencar sobre Andrew Cuomo, Bolsonaro e pandemia.
29. Notícia sobre polícia militar que criticou atos pró ditadura
30. Notícia sobre desaparecimento e informações
31. Notícia sobre morte do filho de Ivonete
32. Notícia sobre projeto de lei das Mães de Maio
33. Notícia sobre advogado que foi imobilizado
34. Notícia sobre arquivamento de caso envolvendo mortes dos crimes de maio
35. Notícia sobre *crack* encontrado em batalhão da polícia militar

Observa-se que todas essas notícias possuem uma temática em comum, mesmo que indiretamente: a letalidade policial. As Mães de Maio denunciam que determinadas lideranças estão marcadas para morrer quando lutam pela vida de jovens negros periféricos. É o caso da vereadora Marielle Franco, que foi assassinada por conta de suas denúncias e posicionamentos.

Em outra grande parte das postagens, as Mães de Maio compartilham notícias em que a polícia militar exerce um poder repressivo em cima de corpos negros, atirando em suspeitos de maneira indiscriminada, executando menores de idade, chicoteando jovens, realizando prisões arbitrárias e sem fundamento, utilizando gás lacrimogênio, atirando em mulheres, detendo outras mulheres com bebês e ameaçando testemunhas da violência e de chacinas.

O aconselhamento das Mães de Maio é que as pessoas passem a gravar as ações policiais, como forma de garantir que ocorram menos arbitrariedades, violências e desaparecimentos. Contudo, as Mães de Maio não somente denunciam a violência policial, elas também exercem uma crítica sobre a violência contra os próprios policiais, principalmente contra policiais LGBTQIA+. Além disso, elas exercem seu poder denunciativo contra os integrantes do Judiciário e Legislativo que por serem negros, mulheres ou LGBTQIA+ sofrem ataques generalizados.

Outras matérias jornalísticas compartilhadas dizem respeito à luta das Mães de Maio propriamente dita, em casos em que a justiça se negou a indenizar as famílias das vítimas dos crimes de maio de 2006 e situações em que foram arquivados casos envolvendo as mortes dos

Crimes de maio. Em continuidade aos discursos denunciativos, as Mães de Maio compartilham postagens satirizando, ironizando e denunciando algumas temáticas, apresentadas a seguir:

1. Cartum falando sobre a justiça estar ao lado da polícia militar e não ao lado das Mães de Maio
2. Imagem satirizando a frase “vidas negras importam” com bandeira alvejada por tiros
3. Cartum sobre morte de Ágatha
4. Cartum satirizando chacina em Paraisópolis
5. Cartum sobre mulheres unidas contra Jair Bolsonaro
6. Cartum satirizando Bolsonaro com falas genocidas
7. Cartum sobre morte de João Pedro
8. Cartum sobre morte de João Pedro
9. Cartum sobre o Brasil fascista
10. Cartum envolvendo as Mães de Maio contra o fascismo
11. Cartum satirizando briga entre coronavírus e polícia para saber quem mata mais
12. Cartum com sátira sobre padre Júlio Lancelot alimentar os pobres

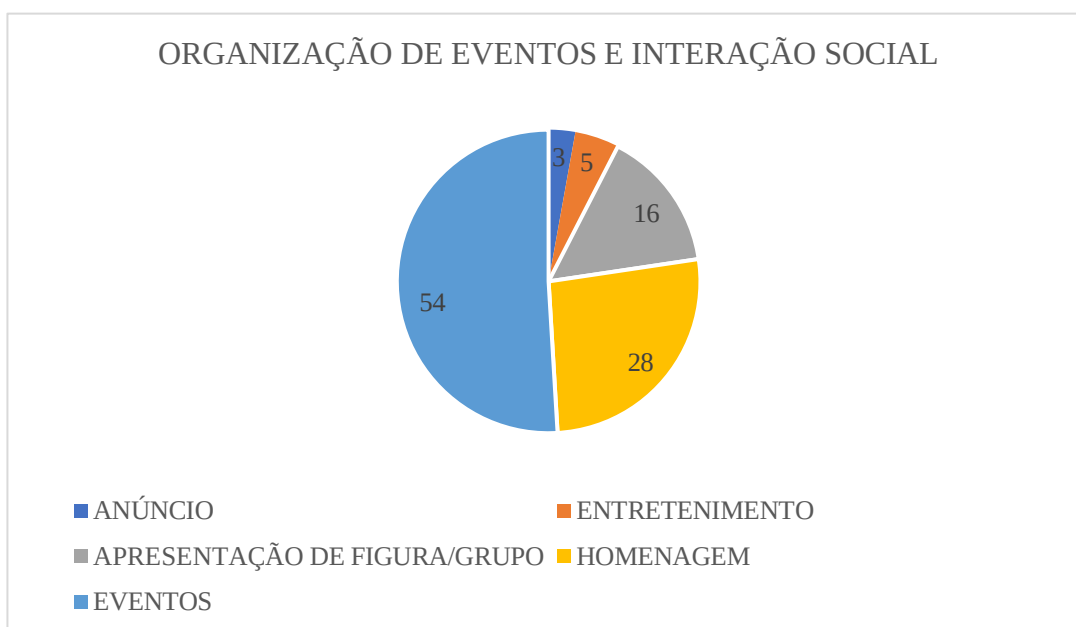
As principais críticas exercidas pelas Mães de Maio nas postagens de Sátiras envolvem a denúncia de que a justiça permanece ao lado da polícia militar e não ao lado das vítimas de violência. Enquanto alguns cartuns revelam a morte de “Ágatha” e “João Pedros”, outros ironizam as falas genocidas do Ex presidente Jair Bolsonaro.

Se por um lado, ecoam gritos de que vidas negras importam, por outro lado ecoam barulhos de tiros. A denúncia das Mães de Maio com essas postagens é de que o Brasil é um país fascista, em que a polícia mata a população, a pandemia mata a população e figuras como a do Padre Júlio Lancelot tentam ajudar as pessoas são demonizados.

Quarto grupo de ações: Organização de eventos e interação social

A categoria Organização de eventos e interação social é composta por postagens divulgando eventos, apresentando figuras e grupos, homenageando agentes, anunciando falecimentos e divulgando algum tipo de entretenimento.

Gráfico 4 - Discursos denunciativos



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

De início, cabe falar que o luto na vida das Mães de Maio não se restringe somente à perda de seus filhos. As Mães de Maio em suas postagens também anunciaram demais perdas:

1. Falecimento de Vera Lúcia Gonzaga dos Santos
2. Morte de uma das fundadoras do Movimento Mães de Maio
3. Falecimento de Chicha Mariani

A morte de uma das fundadoras do Movimento Mães de Maio, a senhora Vera Lucia Gonzaga dos Santos, foi uma perda lamentável, mas serviu de combustível para que as demais Mães de Maio continuassem na luta por seus filhos vitimados e por elas mesmas e parceiras. Neste sentido, outra perda muito dolorida anunciada pelas Mães de Maio, foi a perda de Chicha Mariani aos 94 anos. Chicha Mariani foi ativista e fundadora do grupo Avós da Praça de maio e lutou até seu fim para descobrir o paradeiro de sua neta, que desapareceu durante a ditadura militar na Argentina.

Dando continuidade à análise das postagens das Mães de Maio, é possível observar que as Mães de Maio também compartilham uma certa forma de entretenimento, recheada de poesia e músicas do estilo *rap* e *hip hop*. Elas compartilharam as seguintes postagens deste teor:

1. *Rap-hip-hop* em favor da democracia
2. *Rap* pela democracia

3. Trocadilho para que o cidadão ande amado e não armado
4. Mães de Maio dedicam música de Emicida para apoiadores
5. Divulgação de música "vidas negras"

As Mães de Maio reconhecem no *rap/hip-hop* uma forma de manifestação e protesto. São letras acidas e recheadas de críticas sociais. Um dos principais rappers mencionados pelas Mães de Maio é Emicida que faz uma forte crítica a letalidade policial e ao racismo.

Outra exposição que as Mães de Maio fazem em seu *Instagram* é apresentar agentes de luta. Por agentes de luta entende-se pessoas e grupos que participam do próprio Movimento Mães de Maio, como por exemplo, as fundadoras e outros grupos que possuem o mesmo objetivo de luta. As seguintes postagens demonstram os agentes mencionados pelas Mães de Maio:

1. Apresentação da líder das Mães de Maio
2. Apresentação conexão Brasil x Colômbia
3. Encontro das Mães de Maio
4. Imagem das integrantes do Mães de Maio
5. Mães de Maio na colômbia
6. União das Mães de Maio e mães da Zona Leste
7. Foto das integrantes do Movimento Mães de Maio
8. Imagem de integrantes do Mães de Maio
9. Integrantes do Movimento Mães de Maio
10. Apresentação das Mães de Maio de Minas Gerais
11. Apresentação de as madres de Bogotá
12. Apresentação de integrante do Movimento Mães de Maio de Minas Gerais
13. Foto de Débora Maria da Silva – fundadora das Mães de Maio
14. Apresentação de integrantes do Movimento *Las madres de Mayo*
15. Integrantes do Movimento Mães de Maio
16. Integrantes do Movimento Mães de Maio

Nas postagens, é possível observar a presença marcante de Débora Maria da Silva, fundadora do Movimento Mães Maio. Também é possível observar a apresentação de grupos como Mães de Maio de Minas Gerais, Mães da Zona Leste e grupos internacionais, *Las Madres de Bogotá* e *Las Madres de Mayo*. Além de apresentar figuras e grupos importantes, as Mães

de Maio fazem homenagens e são homenageadas. Em sua extensa lista de homenagens, elas postaram:

1. Homenagem - acender luzes por Marielle e Anderson
2. Homenagem - despedida dona Ivone
3. Homenagem – Vera Lúcia Gonzaga dos Santos
4. Homenagem - Malcolm x
5. Homenagem - filho de Débora Maria da Silva
6. Desenho homenageando Rogerio dos Santos, filho de Débora Maria da Silva
7. Débora Maria da Silva com o artista Paulo calvo mostrando homenagem a Rogério dos Santos
8. Homenagem - Jean Willys
9. Nota sobre homenagem de rapper - Marielle franco
10. Imagem da Débora Maria Silva com frases contra violência e justiça por Marielle
11. Vídeo em homenagem às Mães de Maio
12. Mães de Maio recebem prêmio COOPERIFA
13. Homenagem à Ágatha
14. Homenagem à Vera Lúcia dos Santos
15. Homenagem póstuma à Vera Lúcia dos Santos
16. Homenagem a Alípio freire
17. Imagem sobre crimes de maio
18. Divulgação de monumento em homenagem às Mães de Maio
19. Divulgação de monumento na praça de Santos em homenagem às vítimas dos crimes de maio
20. Foto mostrando memorial das vítimas dos crimes de maio
21. Homenagem de Aline Rocco às Mães de Maio
22. Convite para prestar condolências por morte de jovem
23. Entrega de honraria a 21 organizações negras na Alesp - incluindo, o Movimento Mães de Maio
24. Divulgação de inauguração do "Memorial dos nossos filhos" pelas Mães de Maio
25. Inauguração de monumento "Nossos mortos têm voz" pelas Mães de Maio
26. Débora Maria da Silva recebe prêmio de melhor atriz coadjuvante
27. Homenagem de aniversário a Vilma melo e Débora Maria da Silva
28. Relembrando tragédia do Carandiru - 30 anos - homenagem

São homenagens à Marielle Franco e Anderson, homenagens póstumas à Vera Lucia Gonzaga dos Santos, Rogério dos Santos, Alípio Freire e Jean Willys. Além disso, é possível verificar monumentos, entregas de honrarias e prêmios às integrantes do Movimento Mães de Maio. Por fim, cabe falar um pouco sobre os eventos envolvendo as Mães de Maio. São eventos em que as Mães de Maio promovem, divulgam e participam e estão expostos na seguinte lista:

1. Divulgação de evento contra violência
2. Divulgação de evento contra violência
3. Solicitação de ajuda para Mães de Maio em evento
4. Encontro de mães de vítimas da violência
5. Divulgação de evento com a participação das Mães de Maio
6. Divulgação de evento sobre periferia
7. Divulgação de evento sobre mulheres que lutam
8. Divulgação de cine debate sobre violência
9. Divulgação de eventos e mesa de debates sobre violência com a participação das Mães de Maio
10. Foto de evento
11. Convite das Mães de Maio para filme "mataram nossos filhos"
12. Divulgação de mostra de arte sobre violência
13. Divulgação de palestras outubro negro
14. Participação das Mães de Maio em performance contra violência
15. Participação das Mães de Maio em performance contra violência
16. Divulgação de evento com a participação das Mães de Maio
17. Divulgação de live em prol das Mães de Maio
18. Live em prol das Mães de Maio
19. Divulgação de evento com participação das Mães de Maio do nordeste
20. Divulgação de entrevista na jovem pan. sobre violência policial
21. Divulgação de entrevista com participação das Mães de Maio
22. Divulgação de ato de cinco anos em memória a chacina
23. Divulgação de evento - debate sarau com participação das Mães de Maio
24. Divulgação de live com participação das Mães de Maio
25. Divulgação de evento - bate papo sobre as Mães de Maio, com a participação de Débora Maria da Silva
26. Divulgação de evento com participação de Débora Maria da Silva - Mães de Maio

27. Divulgação de debate gratuito sobre violência contra a mulher
28. Divulgação de eventos com participação de Débora Maria Silva representando o Movimento Mães de Maio sobre tributar grandes fortunas
29. Divulgação do evento cordão da mentira
30. Divulgação de painel sobre segurança pública, participação de Débora Maria da Silva, representante do Movimento Mães de Maio
31. Divulgação de *twittaço* pela chacina de jacarezinho
32. Divulgação de eventos sobre 15 anos dos crimes de maio com organização das Mães de Maio
33. Divulgação de audiência pública sobre crimes de maio - participação das Mães de Maio
34. Divulgação de evento com participação de Débora Maria da Silva - Mães de Maio
35. Divulgação de documento e debate com participação de Débora Maria Silva representando as Mães de Maio
36. Divulgação de evento contra abordagens violentas, participação de Débora Maria da Silva representando as Mães de Maio
37. Divulgação de live sobre arquivamento do pedido de federalização dos crimes de maio - participação Débora Maria da Silva representando Movimento Mães de Maio
38. Divulgação de audiência pública - 15 anos dos crimes de maio, com participação do Movimento Mães de Maio
39. Divulgação da mostra taturana de cinema com participação de Débora Maria da Silva - representando Mães de Maio
40. Divulgação de debate com a participação de Débora Maria da Silva representando as Mães de Maio
41. Divulgação de psicólogas individuais - encontro promovido pelas Mães de Maio e pelas Mães de Maio Leste
42. Divulgação de evento sobre democracia e violência
43. Participação de Débora Maria da Silva em evento - festival de direitos humanos
44. Divulgação de evento - cordão da mentira
45. Organização do evento cordão da mentira
46. Imagem do encontro cordão da mentira
47. Audiência pública com participação das Mães de Maio sobre ADPF pelas vidas negras
48. Live no *youtube* com Débora Maria da Silva - ser mãe na favela
49. Mães de Maio no festival de cinema em gramado

50. Debate sobre organização política de mães - evento com participação de Débora Maria da Silva
51. Divulgação do filme "A mãe" com participação de Débora Maria Silva
52. Estreia de peça de teatro com a participação das Mães de Maio
53. Mães de Maio em evento prol democracia
54. Divulgação de ato em prol democracia

É possível observar que foram realizadas lives, audiências públicas, cines debates, mostras, encontros, peças, filmes, atos públicos em prol da democracia e contra a violência. Todos os eventos possuem o mesmo teor temático: lutar contra o racismo e a letalidade policial. Além disso, os eventos buscam dar voz as Mães de Maio para que elas denunciem e falem sobre a dor da perda de seus entes queridos. Os eventos são formas de reivindicar e conscientizar a população de inúmeras maneiras e as Mães de Maio buscam fazer diferentes tipos de eventos para abranger vários públicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conseguinte, observa-se que a presente pesquisa foi construída por meio da articulação da análise do contexto sobre o racismo e violência policial. desenvolveu-se um olhar sobre as noções em torno dos movimentos sociais, com a construção teórica que permitiu constituir uma estrutura para análise do Movimento Mães de Maio.

Em suma, a invisibilidade e o silêncio sempre pairaram sobre a grande quantidade de corpos negros e pobres que foram assassinados pelo sistema de justiça criminal e pela omissão do Estado. As mães dessas vítimas, além de lidar com a dor da perda, enfrentam diariamente as marcas do racismo e lutam por justiça e cidadania.

O dia 12 de maio de 2006 entrou para a história: o fatídico dia marcado pelos ataques e rebeliões dentro dos presídios, resultou em uma resposta por parte da polícia que terminou com 493 pessoas mortas em menos de uma semana. Neste mesmo mês, surgiu um grupo, ainda sem nome, mas que além de reivindicar justiça, passou a lutar pelo combate à violência policial desencadeada por desigualdades raciais.

A união de mulheres pobres, moradoras de regiões periféricas, negras é fundamental no cenário da luta contra a violência policial, contudo a negligência quanto ao sofrimento negro torna essas mulheres ainda mais vulneráveis neste contexto de luta. O movimento Mães de Maio é uma das mobilizações que buscam garantir justiça e memória aos seus filhos. No entanto, reduzir a atuação do movimento a apenas essa declaração seria uma simplificação, pois suas atividades envolvem uma perspectiva diversificada.

A interseccionalidade entre raça e gênero é uma das principais características do Movimento Mães de Maio. Compreender o termo interseccionalidade foi um dos principais desafios da presente pesquisa. Ao redigir essa parte do trabalho, uma das principais influências para a escrita foi o artigo de autoria do grupo de Avaliação de Políticas Públicas com coordenação da orientadora da presente pesquisa.

O artigo publicado na revista AVAL denominado “O reconhecimento a partir da diferença: olhares interseccionais para a construção de ferramentas de avaliação pública” contribuiu principalmente quando demonstrou que as identidades são resultadas das formas de interação na luta pela cidadania. A interseccionalidade, assim, para o Movimento Mães de Maio, enquanto identidade, ocorre quando elas estão submetidas às mais diversas formas de opressão, sendo estas opressões de raça, classe e gênero.

A luta das Mães de Maio, portanto, é uma luta interseccional para combater a violência policial em um território necropolítico. Por necropolítica, entende-se a permissão que o Estado

concede para a polícia matar e a omissão do Estado quando deixa jovens negros para morrerem, principalmente, com a falta de políticas públicas de segurança. Na medida que as Mães buscam por justiça, elas vão contra o necropoder, que nada mais significa que uma política de morte institucionalizada.

Ao analisar o *Instagram* das Mães de Maio, foi possível aferir que as Mães de Maio trabalham em quatro sentidos: Organizando eventos e interagindo com as pessoas, promovendo práticas reivindicativas, discursos denunciativos e compartilhando conteúdos pedagógicos.

Ao organizar eventos e interagir com as pessoas essas mães buscam conscientizar e combater o racismo, além de trazer à memória o que foram os crimes de Maio. As práticas reivindicativas envolvem uma atuação contra a necropolítica, quando atuam politicamente contra novas políticas de segurança repressiva. Por sua vez, os discursos denunciativos são necessários para evidenciar que letalidade policial é um dos maiores motivos das mortes de jovens negros moradores de regiões periféricas e por fim, quando elas compartilham conteúdos pedagógicos, elas deixam claro que as Mães de Maio estão presentes para produzir seus próprios conteúdos, enquanto Movimento Social.

Em síntese, o Movimento Mães de Maio atua para combater a necropolítica - termo cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe - que se refere ao poder de Estado de determinar quem pode viver e quem deve morrer. Através da interseccionalidade, o movimento enfatiza como a violência do Estado afeta de forma desproporcional e sistemática comunidades marginalizadas, em particular jovens negros e moradores de periferias.

As principais formas de atuação do movimento se caracterizam pela amplificação das vozes marginalizadas através da visibilidade das histórias das vítimas e suas famílias, que irão romper com a invisibilidade imposta pelo sistema que frequentemente negligência essas mortes, principalmente quando ocorrem em comunidades periféricas.

O movimento reconhece as dimensões interseccionais das vítimas e de suas famílias, prestando atenção às particularidades de gênero, raça, classe e outras identidades que moldam suas experiências. Além disso, o movimento promove a educação sobre direitos humanos com o intuito de sensibilizar a sociedade sobre a urgência de combater a violência estatal e promover uma cultura de respeito à diversidade e aos direitos humanos. Eles buscam formular propostas de políticas públicas que abordem de maneira abrangente os problemas da violência polícia e suas interseções com outras formas de opressão, a fim de construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Os objetivos da dissertação foram alcançados, a partir do momento em que foi evidenciado como as Mães de Maio operam. Além disso, a análise de conteúdo confirmou que

as Mães de Maio operam de diferentes formas lutando por justiça pelos seus filhos assassinados pelo Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERS, R. N.; SILVA, M. K.; TATAGIBA, L.. Movimentos Sociais e Políticas Públicas: Repensando Atores e Oportunidades Políticas. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. Lua Nova, 2018 (105), p. 15–46, set. 2018.
- ABREU, N. de M. Por uma leitura flutuante: a leitura interpretativa de textos automáticos. **Estudos a Margem**, Uberlândia, v. 18, n. 1, 2021
- ADORNO, S. Crime, justiça penal e desigualdade jurídica - As mortes que se contam no tribunal do júri. **Revista USP**, (21), 132-151, 1994.
- ALEXANDER, M. **A nova segregação**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.
- ALMEIDA, M. **Do luto à luta**: O movimento Mães de Maio da Baixada Santista de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2021.
- ALMEIDA, T. L. J. Instagram: análise crítica das postagens jornalísticas através da Teoria da Relevância. **Entre palavras**, Fortaleza, v. 11, n. 2, e2045, p. 1-20, maio-ago./2021.
- ALVES, T. Do acontecimento à luta: uma análise sobre o movimento Mães de Maio como uma ação coletiva conflitual. **Sociologias Plurais**, 2022.
- ANDRADE, M. M. de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação**: noções práticas. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- ANDRADE, V. Do paradigma etiológico ao paradigma da reação social: mudança e permanência de paradigmas criminológicos na ciência e no senso comum. **Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos**, Florianópolis, p. 24-36, 1995.
- ANDRADE, V. Por que a Criminologia (e qual Criminologia) é importante no Ensino Jurídico? **Unisul de Fato e de Direito**: revista jurídica da Universidade do Sul de Santa Catarina, 2013.
- ANGELOU, M. **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola**. Tradução de Regiano Winarski. Bauru, SP: Astral Cultural, 2018.
- ANISTA INTERNACIONAL. **Relatório “Você matou meu filho” 30, da Anistia Internacional**, publicado no ano de 2015, sobre os homicídios cometidos pela Polícia Militar na cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: https://anistia.org.br/wp-content/uploads/2015/07/Voce-matou-meu-filho_AnistiaInternacional-2015.pdf
- .BARDIN L. **L’Analyse de contenu**. França: Editora Presses Universitaires de France, 1977.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETOS, D. do C; ALEIXO, K. C.; SOARES, V. de S.. Entre a ausência e o excesso: a atuação do estado sobre corpos dissidentes. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, Brasília, v. 10, n. 2 p.229-246, 2020

BESSA, A. R. **Influenciadores em redes sociais digitais**: uma análise aplicada ao Instagram: o processo de desenvolvimento do ambiente e das possibilidades interativas em comunicação. Universidade do Estado de São Paulo. São Paulo, 2018.

BOMFIM, R.; SALLES, V. T.; BAHIA, A. G. M. F. de M.. NECROPOLÍTICA TRANS: o gênero, cor e raça das LGBTI que morrem no Brasil são definidos pelo racismo de Estado. **Argumenta Journal Law**, Jacarezinho - PR, n. 31, p. 153-170, fev. 2020. ISSN 2317-3882. Disponível em:
<<https://seer.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/view/1727>>.

CAAF-UNIFESP. Violência de Estado no Brasil: uma análise dos Crimes de Maio de 2006 na perspectiva da antropologia forense e da justiça de transição. **Relatório Final**. São Paulo: UNIFESP, 2019.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CERQUEIRA, D.; BUENO, S. (Coord.). **Atlas da violência - 2020**. Rio de Janeiro: IPEA, 2020.

CONDEPE– Conselho estadual de defesa dos direitos da Pessoa Humana. **Crimes de Maio**. São Paulo: Condepe, 2007

CRENSHAW, K. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. The University of **Chicago Legal Forum**: feminism in the law: theory, practice and criticism, Chicago, v. 1989.

CRENSHAW, K. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review**, Califórnia, n. 6, p. 1.241-1.299, 1991.

CRUZ, J. A. Movimentos sociais e práticas educativas. **InterAção**, Goiânia, n. 2, jul./dez. 2004.

DIANI, M.; BISON, I. Organizações, coalizões e movimentos. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 3, p. 219-250, 2010.

DIREITOS HUMANOS e o Extermínio da Juventude: no olhar das Mães de Maio, 2020, [S. l.]: **Anistia Internacional [Facebook]**, Ago. 2020. 1 vídeo (70 min: 50 seg). [live]. Disponível em: <https://www.facebook.com/anistiasaopaulo/videos/889729418182169>. Acesso em: 13 fev. 2023.

FARIAS, J.; LAGO, N. B. DO .; EFREM FILHO, R.. Mães e lutas por justiça. Encontros entre produção de conhecimento, ativismos e democracia. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), n. Sex., Salud Soc. (Rio J.), 2020 (36), p. 146–180, dez. 2020.

FLAUZINA, A. L. P. As fronteiras raciais do genocídio. *Direito.UnB - Revista de Direito da Universidade de Brasília*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 119–146, 2014. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/revistadedireitounb/article/view/24625>.

FLAUZINA, A. L. P.; FREITAS, Felipe da Silva. Do paradoxal privilégio de ser vítima: terror de Estado e a negação do sofrimento negro no Brasil. *Revista Brasileira De Ciências Criminais* v 1, 2017.

FLAUZINA, A. L. P.; **Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro**. 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em Direito) -Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FLAUZINA, A. L. P.; As fronteiras raciais do genocídio. *Direito.UnB - Revista de Direito da Universidade de Brasília*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 119–146, 2014. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/revistadedireitounb/article/view/24625>.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. (“Anuário Brasileiro de Segurança Pública”) Ano 13, 2019. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/produtos/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/13oanuario-brasileiro-de-seguranca-publica>.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOHN, M. G. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil**, São Paulo: Edições Loyola, 1995.

GOHN, M. G. **Teoria Dos Movimentos Sociais Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GOMES, N. L. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 10, n. 18, p. 133-154, abr. 2011.

GOMES, N. L. O Movimento Negro No Brasil: Ausências, Emergências E a Produção Dos Saberes, 2011.

GONÇALVES, R. De antigas e novas loucas: Madres e Mães de Maio contra a violência de Estado. *São Paulo: Lutas Sociais*, n.29, p.130-143, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18502>.

GONZALEZ, L. “A lei facilita a violência”. In: GONZALEZ, L. **Primavera para as Rosas Negras**. São Paulo: Diáspora Africana. Coletânea organizada e editada pela União dos Coletivos Pan-Africanistas, 2018.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo brasileiro*, v. 92, n. 93, p. 69-82, 1988.

GONZÁLEZ, L. **O Lugar do negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afrolatinoamericano. In: GONZALEZ, L. **Primavera para rosas negras**. São Paulo: UCPA Editora, 2018

GONZALEZ, L. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984.

GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1981.

GRACA, A. M. B. **Da casa às ruas: o movimento de mães em São Paulo**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, 2014. 151 f.

GUIMARÃES, A. S. A. Formações nacionais de classe e raça. **Tempo Social**, 28(2), 162–182. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2016.109752>, 2016.

JUSTIÇA GLOBAL e INTERNACIONAL HUMAN RIGHTS CLINIC. **São Paulo sob ataque: corrupção, crime organizado e violência institucional em maio de 2006**. São Paulo, 2011.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2019.

LEMKIN, R. **Axis Rule in Occupied Europe**. Analysis of Government-Proposals for Redress. Washington, (DC): Carnegie Endowment for International Peace, 1944.

MÃES DE MAIO. **Carreirismo acadêmico, ongueiro e estatal**. 3. ed. São Paulo: Zagaia em Revista, 2015.

MÃES DE MAIO. **Do luto à luta**. 1 ed. São Paulo: Movimento mães de maio, 2011

MÃES DE MAIO. **Do luto à luta: Mães de Maio**. São Paulo: Nós por nós, 2011.

MÃES DE MAIO. **Mães de Maio contra o terrorismo do Estado Brasileiro**. 1. ed. Santos: SINDEST, SINTRASAUDE, NCST, 2014.

MÃES DE MAIO. **Mães de Maio: Mães do cárcere – a periferia grita**. São Paulo: Nós por nós, 2012.

MÃES DE MAIO. **Memorial dos nossos filhos vivos: Mães de Maio**. São Paulo: Nós por nós, 2019

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 5. Ed. 4. São Paulo: Atlas, 2003.

MELUCCI, A. Um objetivo para os movimentos sociais? **Lua Nova**, São Paulo, n. 17, Cedoc, p. 49-66, 1989

MILHOMEM SOUSA, L.; CUNHA GALLAS, A. K. .; PEREZ, O. C. . A interseccionalidade em um movimento social LGBTQI+ de Teresina (PI): Trajetória do Grupo Matizes. **REAMEC - Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, [S. l.], v. 4, n. 14, p. 158-179, 2022. DOI: 10.31560/2595-3206.2021.14.12100. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/reamec/article/view/12100..>

MOVIMENTO MÃES DE MAIO. “Mães de Maio, Mães do Cárcere – A Periferia Grita”. São Paulo, Movimento Mães de Maio, 2012.

MOZZATO, A. R; GRZYBOVSKI, D. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747, Jul./Ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/YDnWhSkP3tzfXdb9YRLCPjn/?lang=pt&format=pdf>.

NÃO SAIA HOJE. Direção Susanna Lira. Modo operante produções, 2016. 1 vídeo (53 min).

OROPEZA, I. D. **Memorias del dolor**: Consideraciones acerca de las Comisiones de la Verdad em América Latina. [S. l.]: Editorial Arlekin, 2009.

PELE, A. **Achille Mbembe**: Necropolitics Critical Legal Thinking, 2 mar. 2020. Disponível em: <https://criticallegalthinking.com/2020/03/02/achille-mbembe-necropolitics/>.

PEREIRA GOULART, V.; CAETANO NARDI, H. Vidas inimigas, necropolítica e interseccionalidade: da exclusão na educação ao suicídio/assassinato de pessoas trans. **Revista Entreideias**: educação, cultura e sociedade, [S. l.], v. 11, n. 1, 2022. DOI: 10.9771/re.v11i1.45614. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/45614>.

PIRES, J. T. **Espaço e interseccionalidade** : apropriação e objetificação dos corpos das mulheres negras / Juliana Torres Pires.2021. Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, 2021. 91 f.

PIRES, T. **Criminalização do racismo**: entre política de reconhecimento e meio de legitimação do controle social sobre os negros. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Brasília: Brado, 2016.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, vol. 11, n. 2, p. 263-274, 2008

QUINTELA, D. F. O movimento de mães contra a violência policial nas periferias brasileiras. **Sociedade e Estado**, v. 36, 2021 36(3), p. 867–890, set. 2021.

RIOS, F.; PEREZ, O.; RICOLDI, A. Interseccionalidade nas mobilizações do Brasil contemporâneo. **Lutas Sociais**, [S. l.], v. 22, n. 40, p. 36–51, 2019. DOI: 10.23925/l.v22i40.46648. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/l/article/view/46648>.

RODRIGUES, J. S. et al.. “Tortura que não acaba”: análise do sofrimento de mães de jovens assassinados em Fortaleza. **Psicologia USP**, v. 33, n. Psicol. USP, 2022 33, p. e210142, 2022.

SCHERER-WARREN, I. Dos Movimentos Sociais Às Manifestações de Rua: o ativismo brasileiro no século XXI. **Revista Política e Sociedade**, Florianópolis, V. 13, Nº 28, p.13-34, set-dez. 2014.

SCHLITTLER, M. C. “**Matar muito, prender mal**”: a produção da desigualdade racial como efeito do policiamento ostensivo militarizado em SP. Tese (Doutorado em Sociologia). UFSCar, São Paulo, 2016

SCHWARCZ, L. M. **Nem Preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociedade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SHIMIZU, B. **Mães de Maio**: uma ferida aberta na democracia brasileira. In Boletim IBCCRIM, ano 19, no. 227, p 15-16, out.2011.

SILVA, V. A. O. **A violência de Estado e as mulheres/mães**: sofreram e sofreram pela perda de familiares durante e após os crimes de maio de 2006 na região metropolitana da Baixada Santista (RMBS). Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Políticas Sociais) - Instituto de Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, Santos, 2021. 104 f.

SINHORETTO, J.; BATITUCCI, E.; MOTA, F. R. (Coords.). A filtragem racial na seleção policial de suspeitos: segurança pública e relações raciais. In: LIMA, C. do S. L.; BAPTISTA, G. C.; FIGUEIREDO, I. S. de (Orgs.) et al. **Segurança Pública e Direitos Humanos**: Temas Transversais. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp), 2014

SINHORETTO, J.; SILVESTRE, G.; SCHLITTLER, M. C. Desigualdade Racial e Segurança Pública em São Paulo: letalidade policial e segurança pública. **Relatório de Pesquisa**, GEVAC/UFSCar, 2014.

SOUZA, L. G., CASTELAR, M., SANTANA, K. S. O., & SOUTO, V. S. Mulheres negras e Necropolítica: como enfrentam a morte de seus filhos?. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, 9(3), 301-313. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v9i3.3096>. 2020

TEIXEIRA, A. C. C; TATAGIBA, L. **Movimentos sociais e sistema político**: os desafios da participação. São Paulo: Instituto Pólis / PUC-SP, 2005.

TOURAINÉ, A. Os movimentos sociais. In: FORACCHI, M.; MARTINS, J. de S. **Sociologia e sociedade**: leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

TOURAINÉ, A. **Palavra e sangue**. Campinas: Unicamp, 1989.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TOURAINÉ, A. **Pensar outramente o discurso interpretativo dominante**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TRANGTENBERG, M. (Org.). **Marxismo Heterodoxo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

VIANNA, A.; FARIAS, J.. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. Cadernos Pagu, n. **Cad. Pagu**, 2011 (37), p. 79–116, jul. 2011.

WASELFISZ, J.J. **Mapa da violência 2011**: os jovens do Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2011.

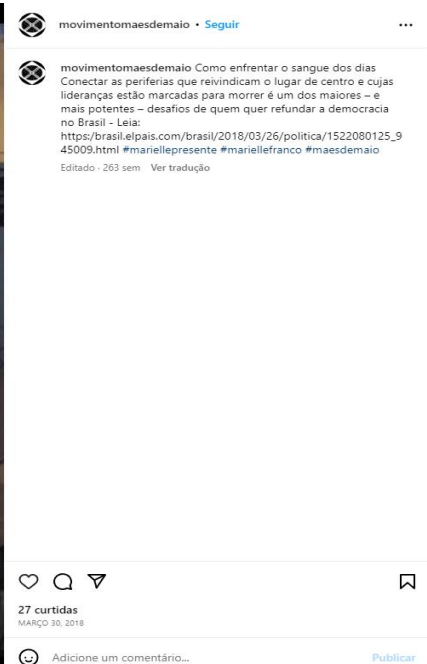
ANEXOS

Imagem 01 – 29/03/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Bg7doxmBFNE/> (2018)

Imagem 02 – 30/03/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Bg9cjd8hGQ7/> (2018)

Imagem 03 – 31/03/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/Bg_uI2VBAI4/ (2018)

Imagem 04 – 01/04/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BhB9Haehhg3/> (2018)

Imagem 05 – 01/04/2018



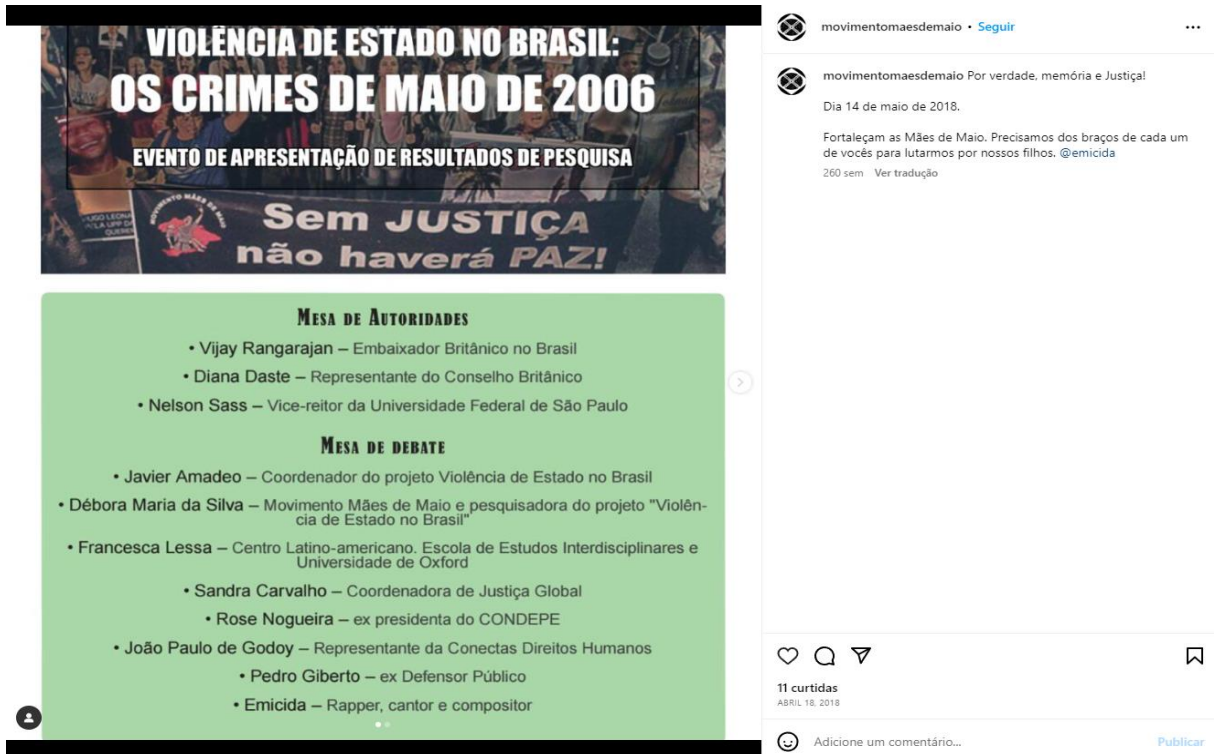
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BhDUWXZBhFW/> (2018)

Imagem 06 – 17/04/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BhrqnOZBhkh/> (2018)

Imagem 07 – 18/04/2018



**VIOÊNCIA DE ESTADO NO BRASIL:
OS CRIMES DE MAIO DE 2006**
EVENTO DE APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS DE PESQUISA

**Sem JUSTIÇA
não haverá PAZ!**

MESA DE AUTORIDADES

- Vijay Rangarajan – Embaixador Britânico no Brasil
- Diana Daste – Representante do Conselho Britânico
- Nelson Sass – Vice-reitor da Universidade Federal de São Paulo

MESA DE DEBATE

- Javier Amadeo – Coordenador do projeto Violência de Estado no Brasil
- Débora Maria da Silva – Movimento Mães de Maio e pesquisadora do projeto "Violência de Estado no Brasil"
- Francesca Lessa – Centro Latino-americano, Escola de Estudos Interdisciplinares e Universidade de Oxford
- Sandra Carvalho – Coordenadora de Justiça Global
- Rose Nogueira – ex presidenta do CONDEPE
- João Paulo de Godoy – Representante da Conectas Direitos Humanos
- Pedro Giberto – ex Defensor Público
- Emicida – Rapper, cantor e compositor

movimentomaesdemoio • Seguir

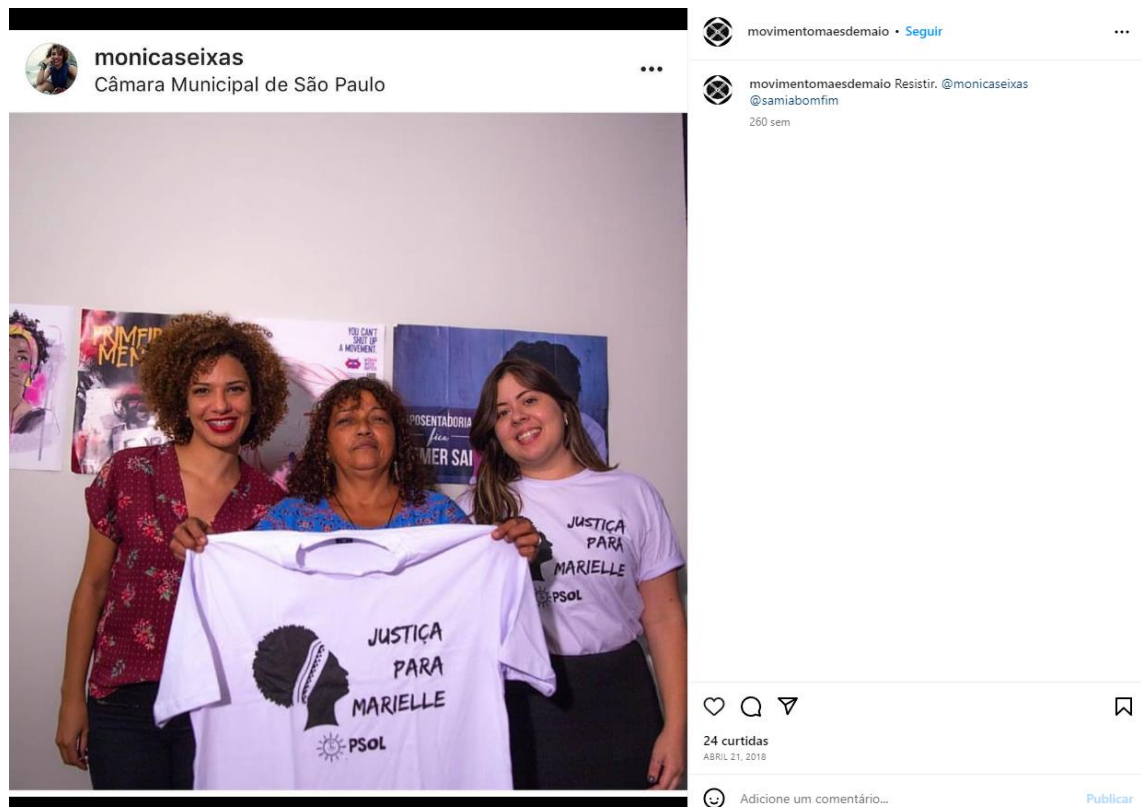
Por verdade, memória e Justiça!
Dia 14 de maio de 2018.
Fortaleçam as Mães de Maio. Precisamos dos braços de cada um de vocês para lutarmos por nossos filhos. @emicida
260 sem Ver tradução

11 curtidas
ABRIL 18, 2018

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Bhts7dIhlns/> (2018)

Imagem 08 – 21/04/2018



monicaseixas
Câmara Municipal de São Paulo

JUSTIÇA PARA MARIELLE
PSOL

movimentomaesdemoio • Seguir

Resistir. @monicaseixas
@samiabomfim
260 sem

24 curtidas
ABRIL 21, 2018

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Bh1Yt3cgjQZ/> (2018)

Imagem 09 – 25/04/2018



movimentomaesdemaio • Seguir

movimentomaesdemaio Conexão Brasil BR x Colômbia co
#maesdemaio #lasmadresdemayo
259 sem Ver tradução

Resistencia de las madres

Invitada:
Débora da Silva
Maes de Maio - Brasil

Conversatorio

La Escuela Socio-Política entre Mujeres en el desarrollo de su módulo "Contexto y Familia", propiciará un diálogo con Débora Silva, fundadora del Movimiento "Maes de Mayo" y una de las principales defensoras del pueblo negro frente a la violencia policial en Brasil.

▪ Casa Cultural "el Chontaduro"
Diagonal 26g9 # 725-25 Marroquín III

Jueves
Abr- 26-18
6:30 p.m.

17 curtidas
ABRIL 25, 2018

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BiAFhYJghbg/> (2018)

Imagem 10 – 28/04/2018



movimentomaesdemaio • Seguir

movimentomaesdemaio Leia em <https://noticias.r7.com/sao-paulo/video-mostra-pm-atirando-em-suspeito-em-acao-que-matou-um-27042018> #maesdemaio
259 sem Ver tradução

Vídeo mostra PM atirando em suspeito em ação que matou um

13 curtidas
ABRIL 28, 2018

Adicione um comentário... Publicar

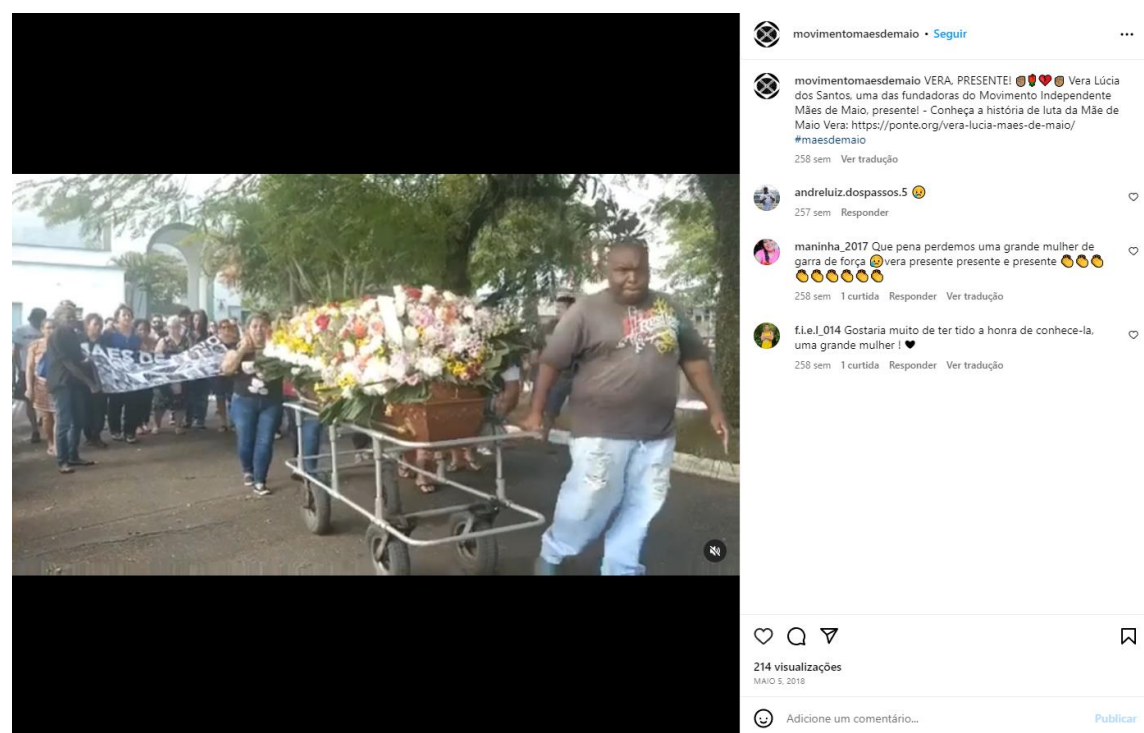
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/BiHmQ_-A04J/ (2018)

Imagem 11 – 03/05/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BiVeiVgAA4w/> (2018)

Imagem 12 – 05/05/2018



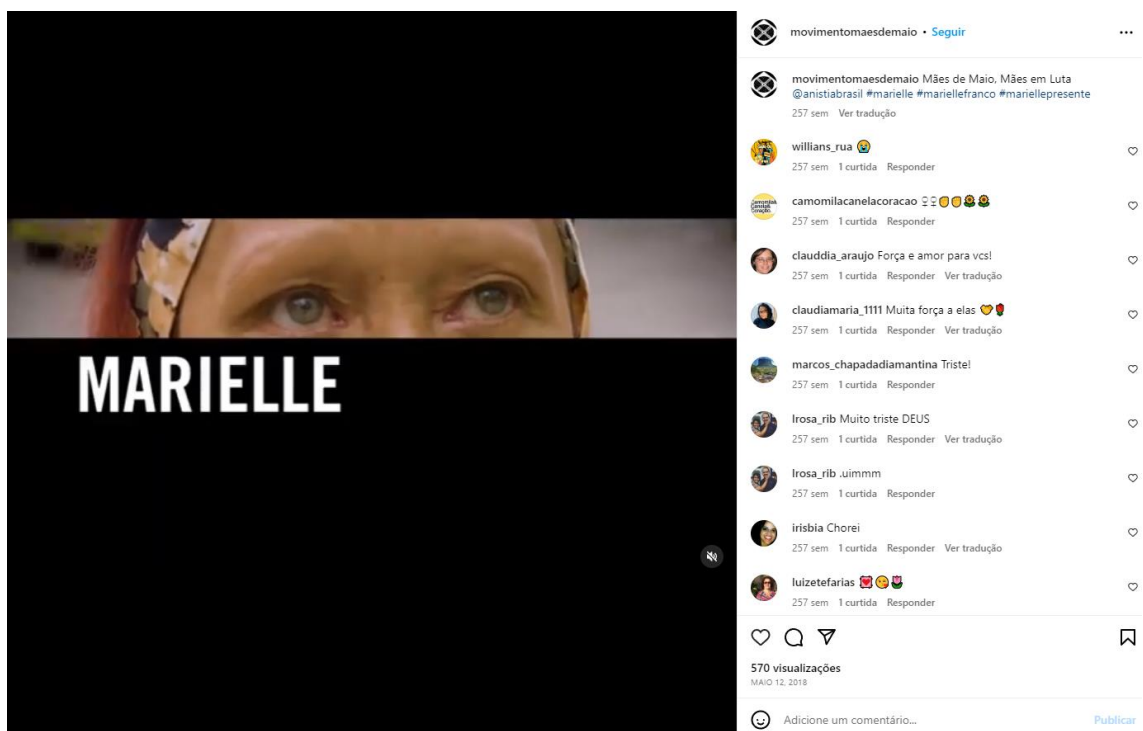
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BiZb-pkgIX6/> (2018)

Imagem 13 – 11/05/2018



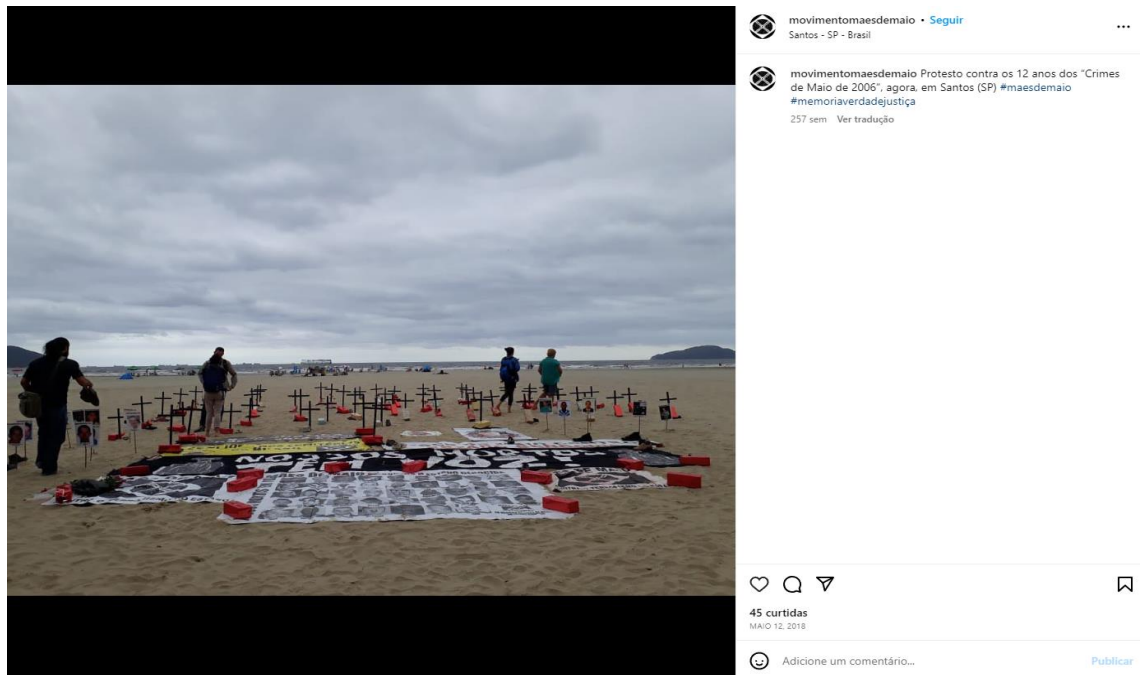
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Bio-LrKgOLh/> (2018)

Imagem 14 – 12/05/2018



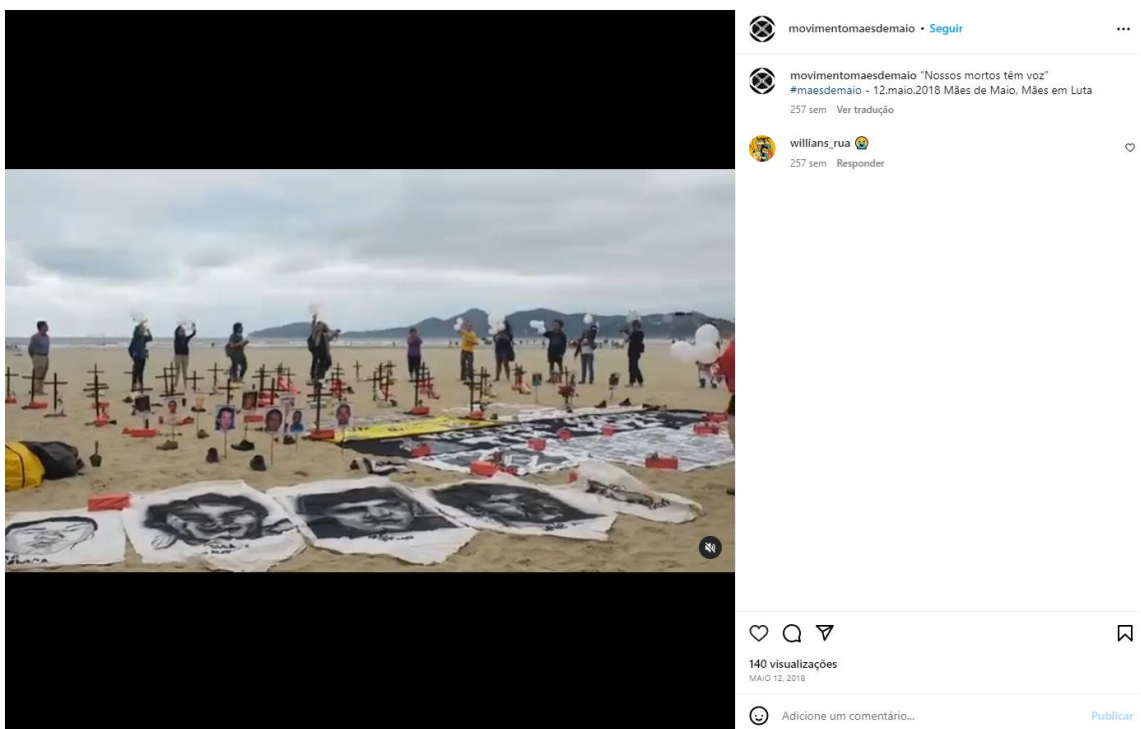
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BirucOVgITj/> (2018)

Imagem 15 – 12/05/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Bir3t0ZAxrW/> (2018)

Imagem 16 – 12/05/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BiseP7yAdQN/> (2018)

Imagem 17 – 13/05/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/Biu5s_AglDb/ (2018)

Imagem 18 – 14/05/2018



Debora Maria da Silva, fundadora do Movimento Mães de Maio

Reprodução Mães de Maio

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BixRMBGgbpI/> (2018)

Imagem 19 – 16/05/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Bi2jnjsl58N/> (2018)

Imagem 20 – 18/05/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Bi7mQzil9Li/> (2018)

Imagem 21 – 20/05/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BjBLPmulGJd/> (2018)

Imagem 22 – 21/05/2018



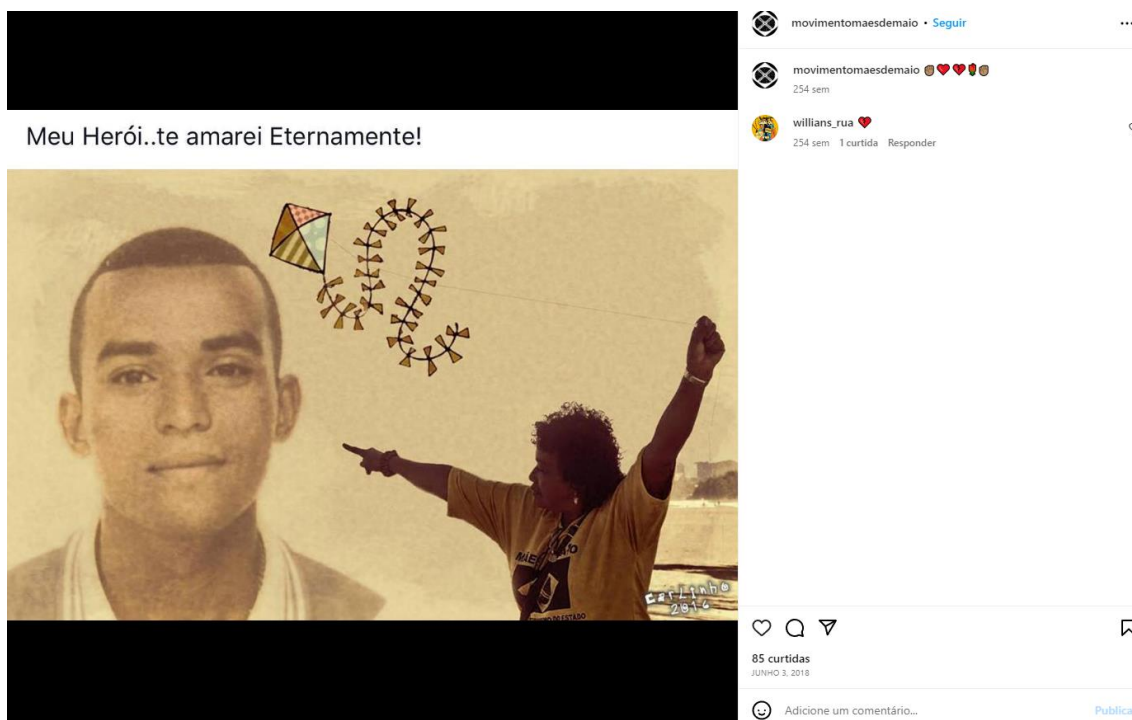
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BjD8OvAFwVd/> (2018)

Imagem 23 – 27/05/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BjTERtoAYG5/> (2018)

Imagem 24 – 03/06/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/Bji__nGge_x/ (2018)

Imagem 25 – 05/06/2018



TAXA DUAS VEZES SUPERIOR

'Assistimos a negros e pobres morrendo há anos', diz mãe

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BjpvGZbAq66/> (2018)

movimentomaesdemoia • Seguir

movimentomaesdemoia Homicídios no Brasil afetam 2,5 vezes mais a população negra. As maiores taxas de assassinato estão em Sergipe e no Rio Grande do Norte. O índice de homicídio entre mulheres negras subiu 71% entre 2006 e 2016 - <https://noticias.r7.com/cidades/homicidios-no-brasil-afetam-25-vezes-mais-a-populacao-negra-05062018#maesdemoia> #maesdemoia

253 sem Ver tradução

maninha_2017 verdade

252 sem Responder Ver tradução

68 curtidas JUNHO 5, 2018

Adicione um comentário... Publicar

Imagem 26 – 26/06/2018



NOTÍCIAS / SÃO PAULO

PMs matam suspeito, transportam cadáver e não registram caso

Policiais militares teriam solicitado exame necroscópico sem o pedido de um delegado de polícia. SSP condenou a atitude dos policiais no interior de SP

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BkfcDKzBwfV/> (2018)

movimentomaesdemoia • Seguir

movimentomaesdemoia Ciclo completo da letalidade da PM? #maesdemoia #maesdemoia - Reportagem aqui: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/pms-matam-suspeito-transportam-cadaver-e-nao-registram-caso-26062018>

250 sem Ver tradução

travelers.rs Não é novidade

250 sem Responder Ver tradução

iluskavieira 🙄🙄🙄

250 sem Responder

desorbis @arthurstabile

250 sem 1 curtida Responder

debi1977gmail.com Crápula..até..quando..esses..assassinos..sobreviveram..se..alimentando..de carne..humana???Basta das Penas de Morte declarada no Brasil Genocida!

250 sem 1 curtida Responder Ver tradução

68 curtidas JUNHO 26, 2018

Adicione um comentário... Publicar

Imagem 27 – 23/07/2018



Monica e Raissa em delegacia em Pinheiros, após a pedinte ter sido detida pela Polícia Militar

BBC BRASIL

movimentomaesdemoio • Seguir

movimentomaesdemoio 'Fotografei detenção de mãe com bebê e fui obrigado a entregar meu celular à PM e ir para delegacia' - Repórter da BBC News Brasil estava a caminho do trabalho quando viu comoção em frente a supermercado por causa de pedinte que teria 'desacatado autoridade'; após tirar fotos, foi obrigado a entregar celular e levado para a delegacia como 'testemunha'. (<https://noticias.r7.com/sao-paulo/fotografei-detencao-de-mae-com-bebe-e-fui-obrigado-a-entregar-meu-celular-a-pm-e-ir-para-delegacia-23072018>) #maesdemoio

247 sem Ver tradução

marce.diorio @rafaelsampaio_3

247 sem Responder

74 curtidas
JULHO 23, 2018

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Blk9JNZBgGE/> (2018)

Imagem 28 – 07/08/2018



Foto escolhida pela família para ficar em cima do caixão
| Foto: Arquivo pessoal

movimentomaesdemoio • Seguir

movimentomaesdemoio PM Juliane, morta por ser policial: um ataque aos direitos humanos. Veja na @pontejornalismo www.ponte.org #maesdemoio #maesdemoio

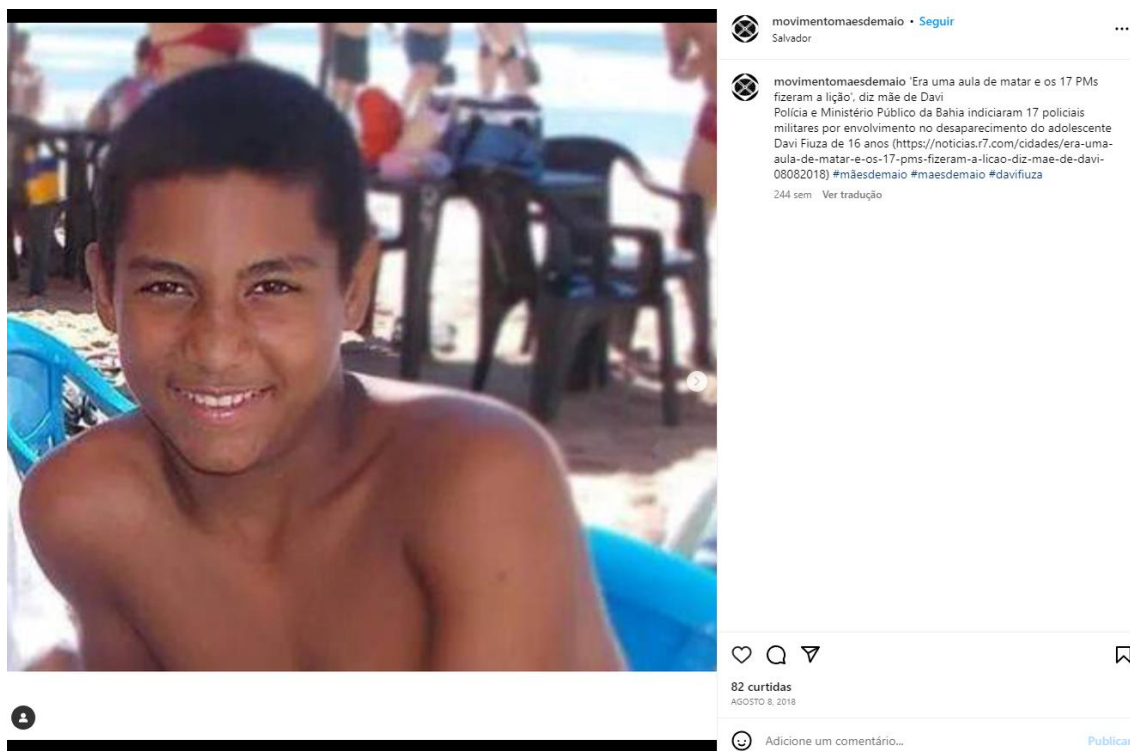
244 sem Ver tradução

126 curtidas
AGOSTO 7, 2018

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BmMrce3IYeN/> (2018)

Imagem 29 – 08/08/2018



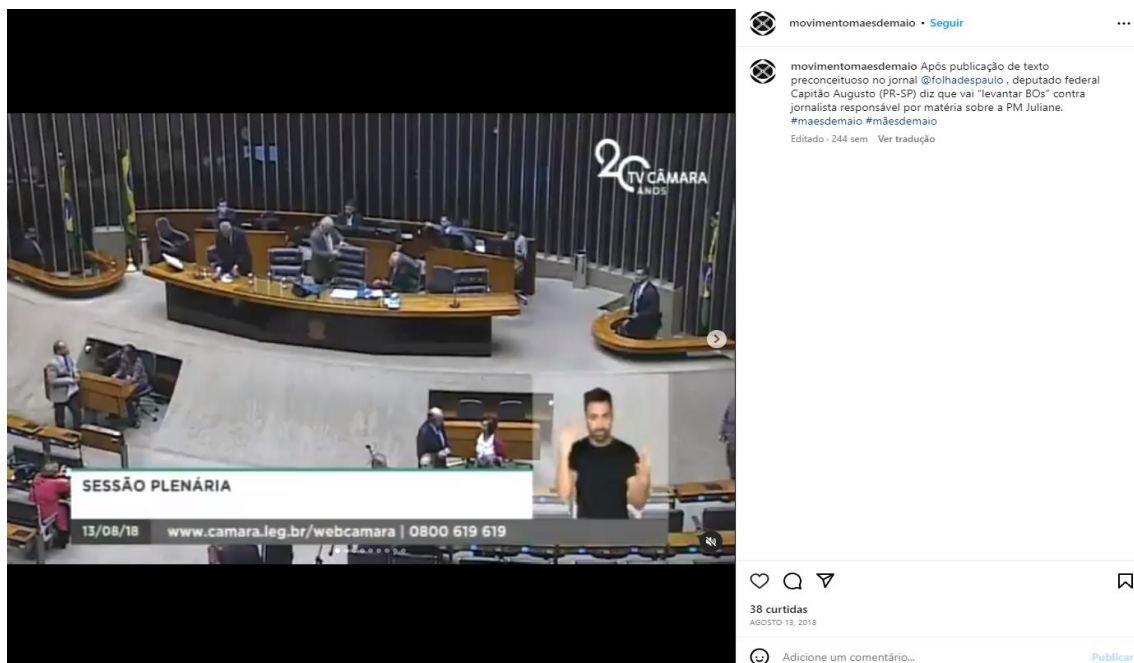
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BmOc2b4BYE6/> (2018)

Imagem 30 – 11/08/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BmWltnAhlXE/> (2018)

Imagem 31 – 13/08/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/Bmb_dwmhwCE/ (2018)

Imagem 32 – 21/08/2018



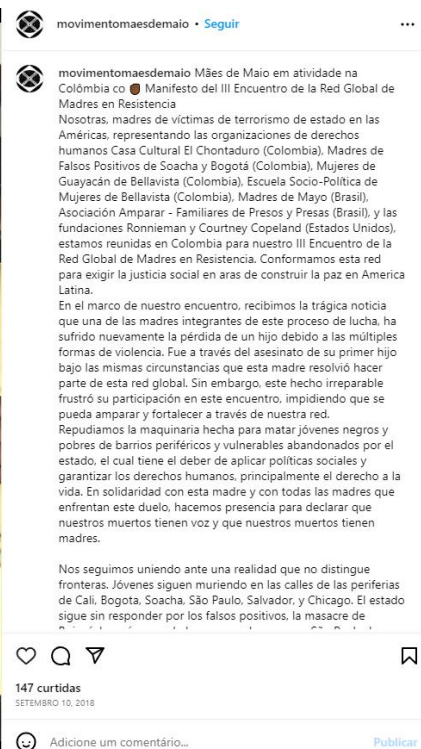
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BmwTW4jBRv9/> (2018)

Imagem 33 – 31/08/2018



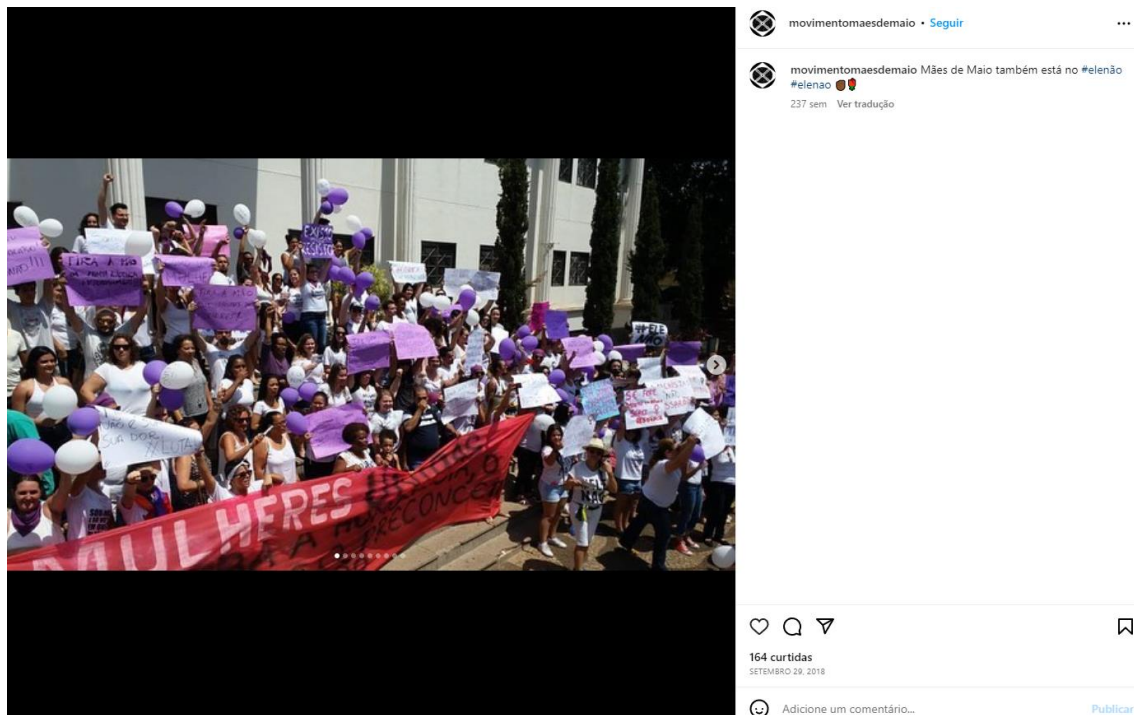
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BnJIB4thHU8/> (2018)

Imagem 34 – 10/09/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BnjNTn5B6ur/> (2018)

Imagem 35 – 29/09/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BoUUPuIBmdP/> (2018)

Imagem 36 – 03/10/2018



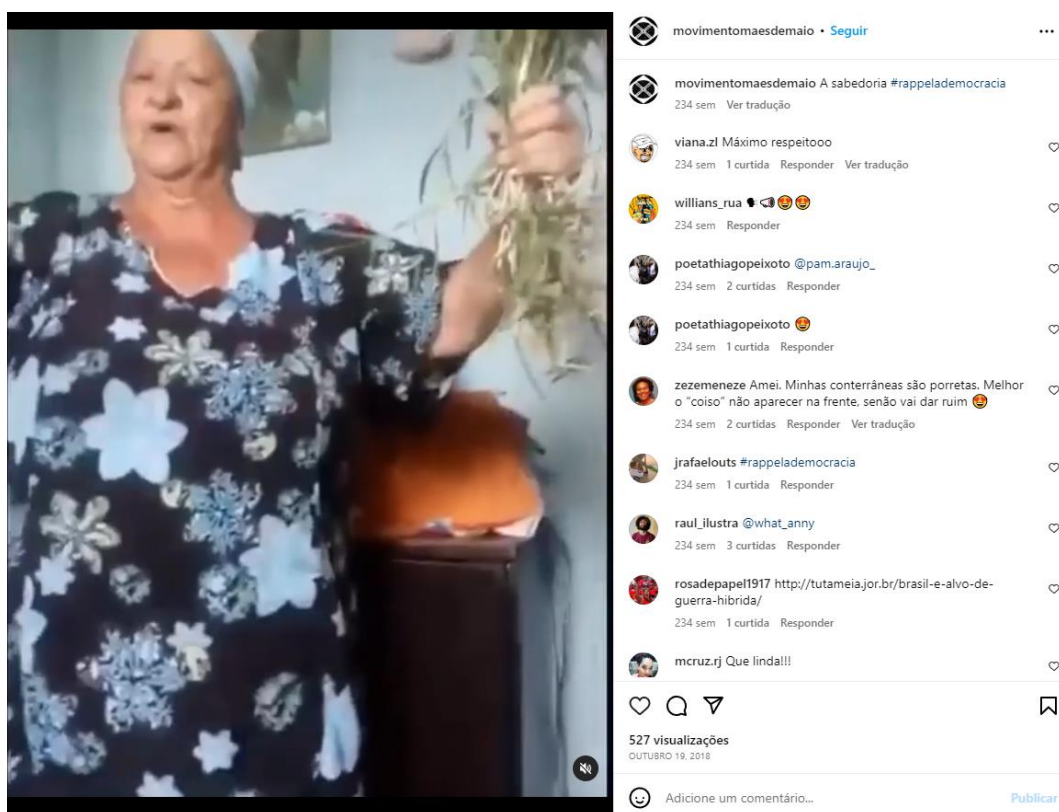
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BoedgZqBZBy/> (2018)

Imagem 37 – 18/10/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BpF-CFYHfT9/> (2018)

Imagem 38 – 19/10/2018



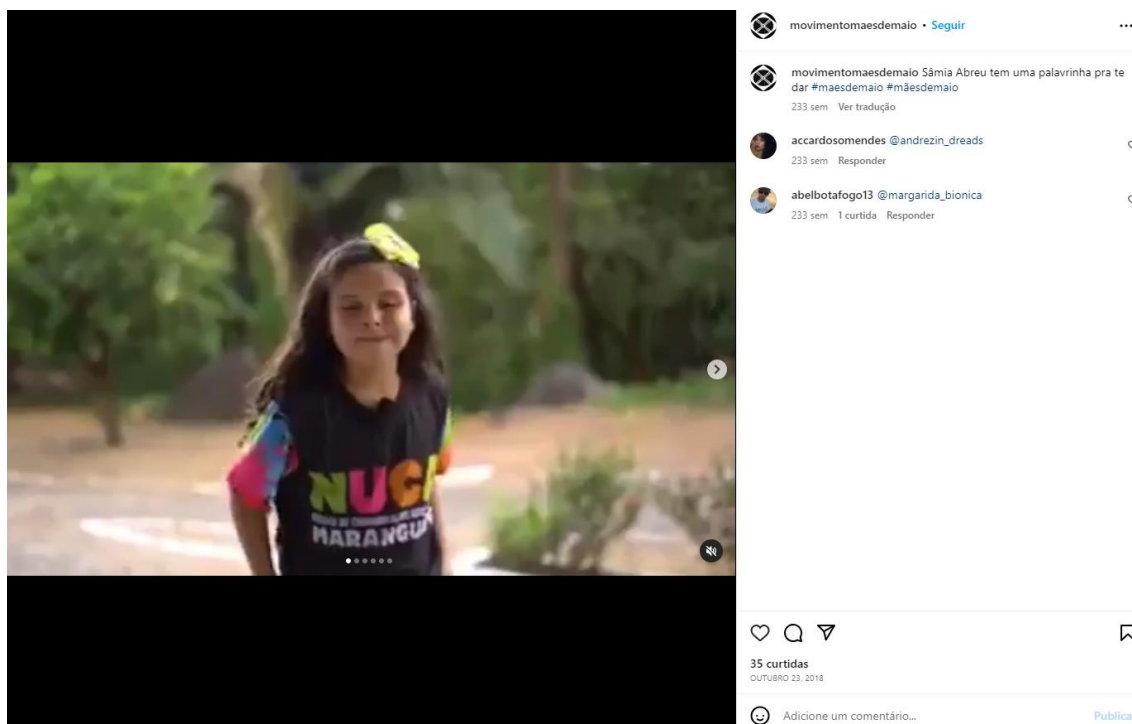
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BpIPq0RHXXz/> (2018)

Imagem 39 – 20/10/2018



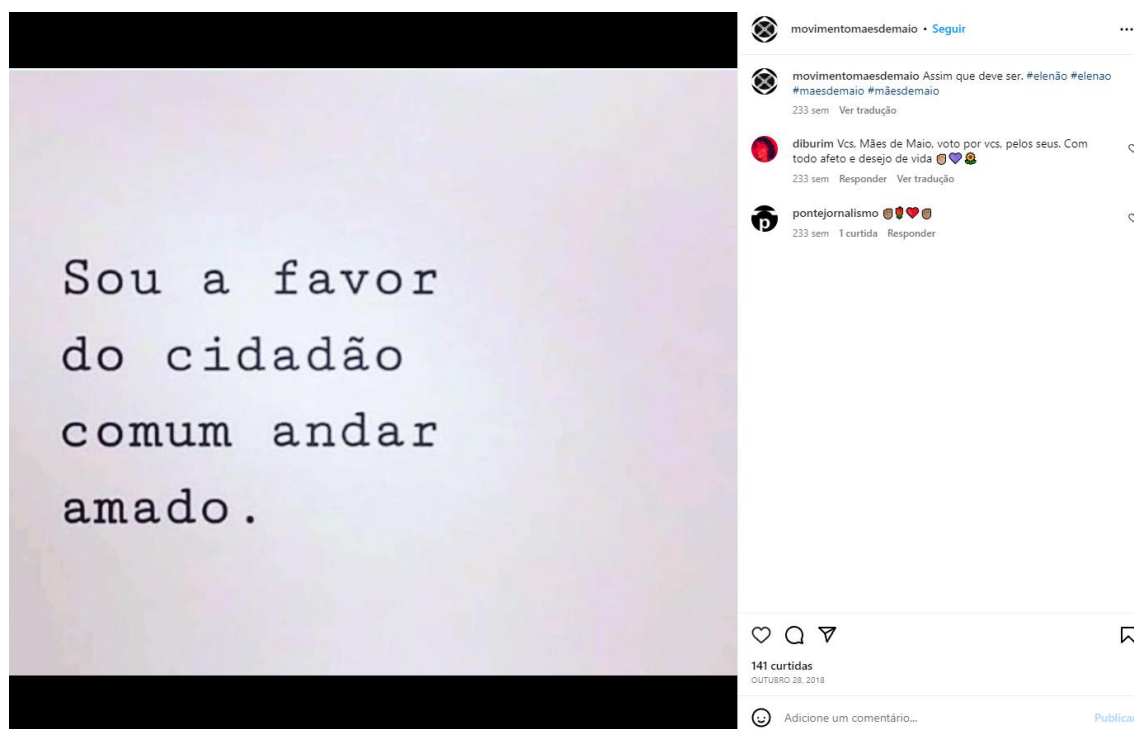
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BpKw7rrnXqD/> (2018)

Imagem 40 – 23/10/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BpTIh59HFEs/> (2018)

Imagem 41 – 28/10/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BpfA41rHolk/> (2018)

Imagem 42 – 28/10/2018



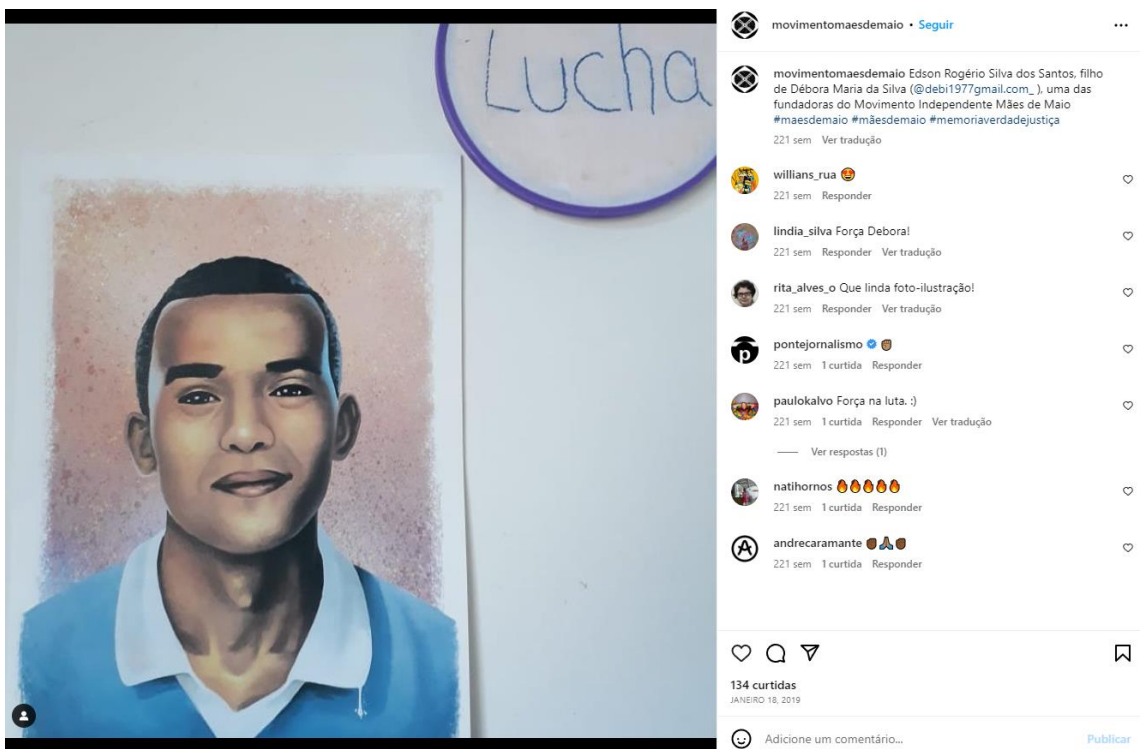
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BpfDiynH5Ke/> (2018)

Imagem 43 – 11/12/2018



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BrQLvIqn-xO/> (2018)

Imagem 44 – 18/01/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Bsx06uuHa5l/> (2019)

Imagem 45 – 18/01/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Bsx3A5bnmsJ/> (2019)

Imagem 46 – 24/01/2019



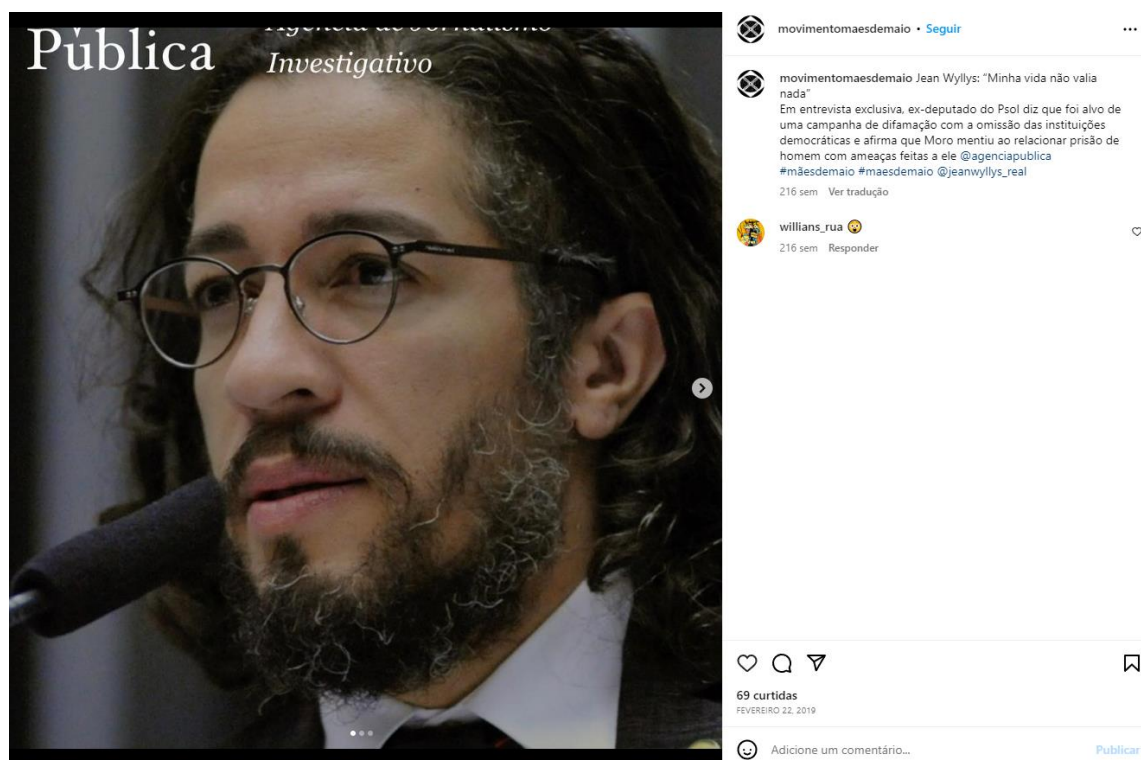
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BtCWoeiAGVe/> (2019)

Imagem 47 – 22/02/2019



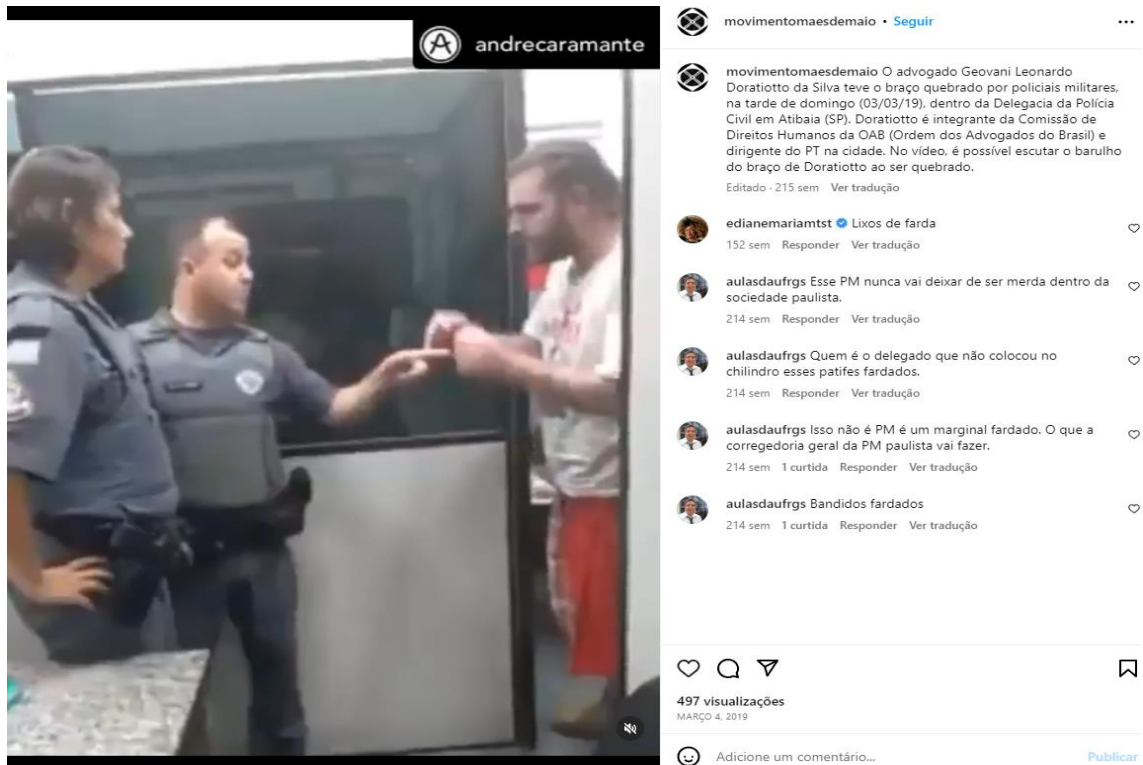
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BuMKz6EAS-e/> (2019)

Imagem 48 – 22/02/2019



Fonte: Movimento Mães d Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BuMLe8UAK55/> (2019)

Imagem 49 – 04/03/2019



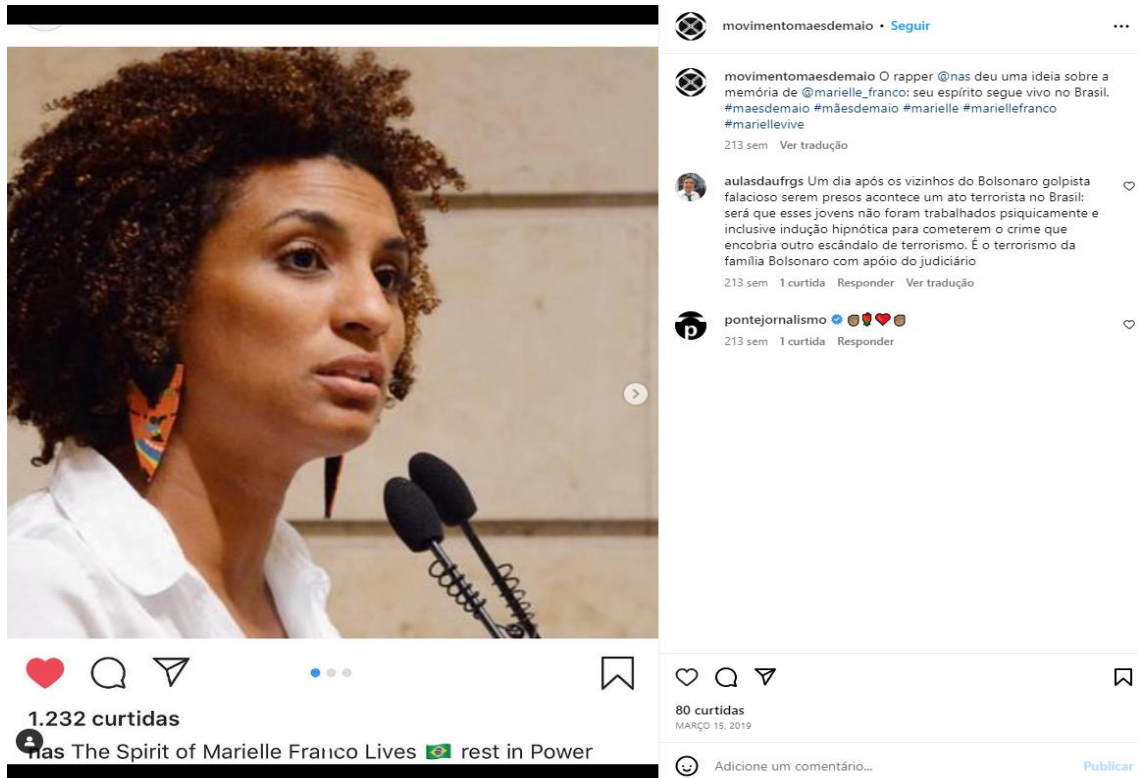
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/Bumfe_wg1Ky/ (2019)

Imagem 50 – 07/03/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/ButkVy_A1m9/ (2019)

Imagem 51 – 15/03/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BvCaXWNgZW/> (2019)

Imagem 52 – 24/03/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BvZstWwAsqW/> (2019)

Imagem 53 -25/03/2019



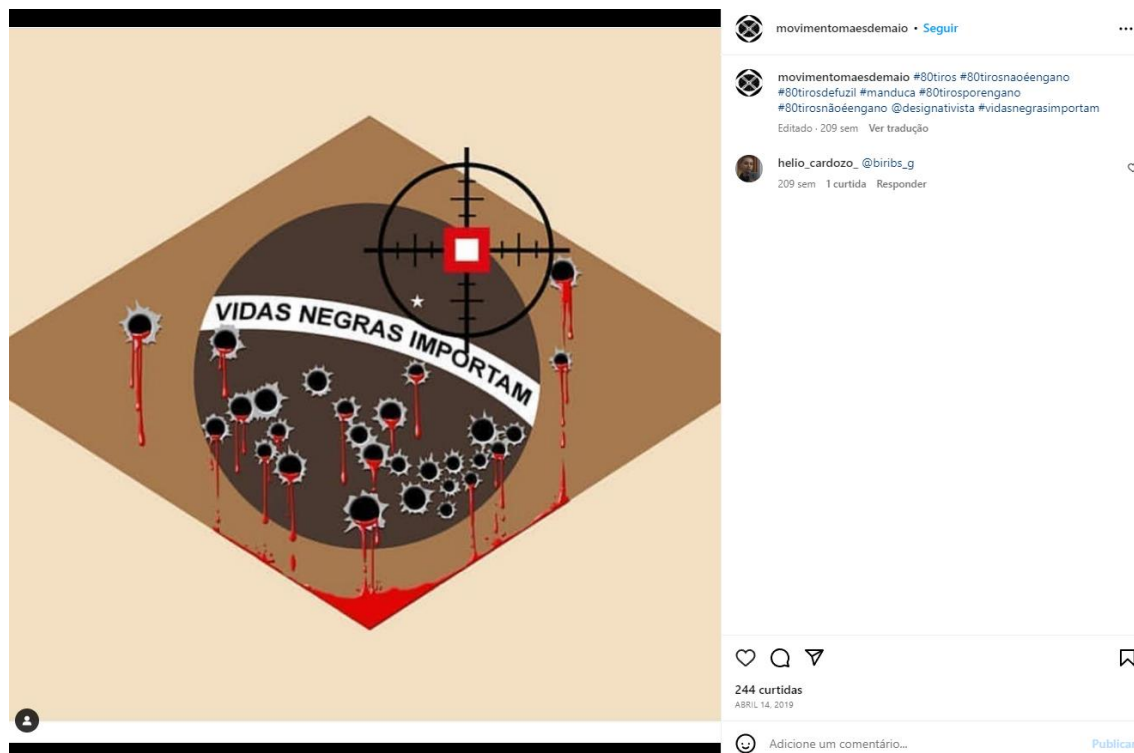
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BvcBPGEAd3x/> (2019)

Imagem 54 – 26/03/2019



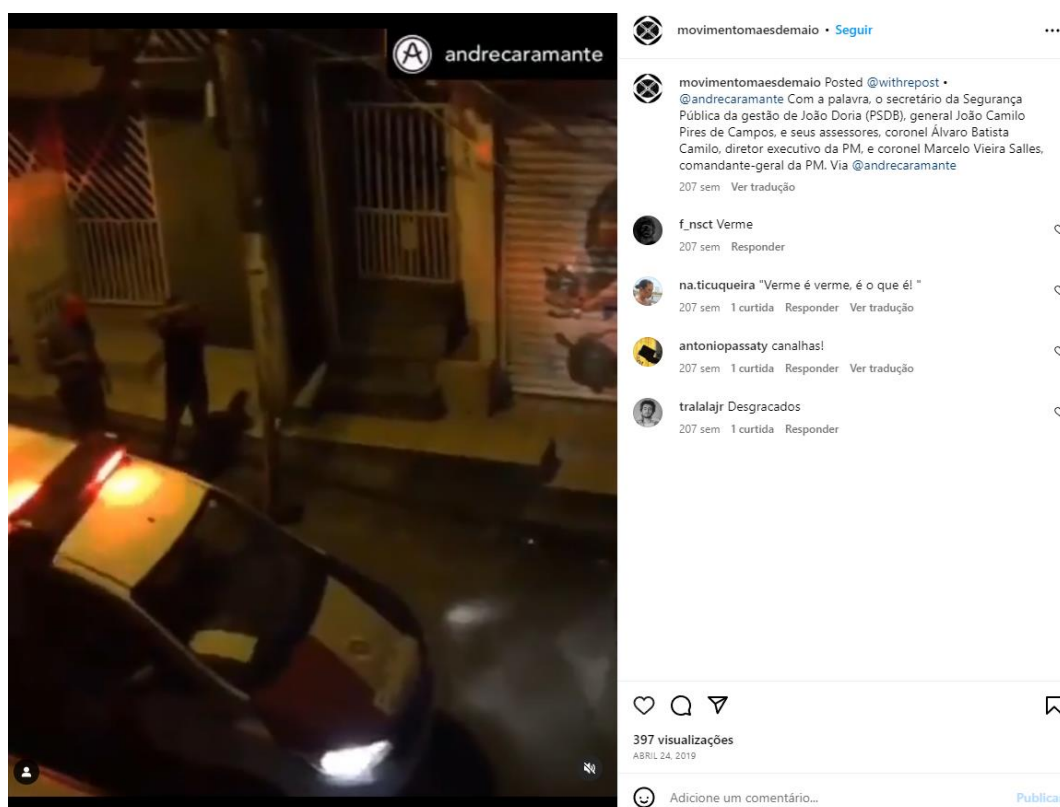
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BvfZzmEAApW/> (2019)

Imagem 55 – 14/04/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BwQD3ZOHeFM/> (2019)

Imagem 56 – 24/04/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Bwn2S5wnE-E/> (2019)

Imagem 57 – 29/04/2019

MESA DE ESTUDOS E DEBATES

OS EFEITOS PSICOSSOCIAIS DO EXTERMÍNIO DA JUVENTUDE NEGRA

PARTICIPAÇÕES:
 DÉBORA MARIA DA SILVA
 LUCIANE ROCHA
 MILENA MATEUZI
 PRISCILA PAMELA CESARIO

DIA 21 DE MAIO, ÀS 19H
 LOCAL: AUDITÓRIO DA DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO: RUA BOA VISTA, 170 - SÃO PAULO (SP)

EVENTO GRATUITO, SEM NECESSIDADE DE INSCRIÇÃO PRÉVIA

IBCCRRIM Defensoria Pública do Estado de São Paulo OAB Comissão de Direitos Humanos do Conselho Nacional de Justiça

125 curtidas
 ABRIL 29, 2019

Adicione um comentário...

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Bw2wwTdgLKx/> (2019)

Imagem 58 – 06/05/2019

PONTE direitos humanos justiça segurança pública andrecaramante

Jovem é morto durante abordagem policial na zona leste de SP

Rafael Aparecido de Souza, 23 anos, viu o irmão sendo abordado por dois PMs e acabou atingido por um disparo no peito; segundo versão do policial no boletim de ocorrência, tiro foi acidental.

06/05/19 • por Maria Teresa Cruz

85 curtidas
 MAIO 6, 2019

Adicione um comentário...

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BxJTjiQHCQI/> (2019)

Imagem 59 – 11/05/2019



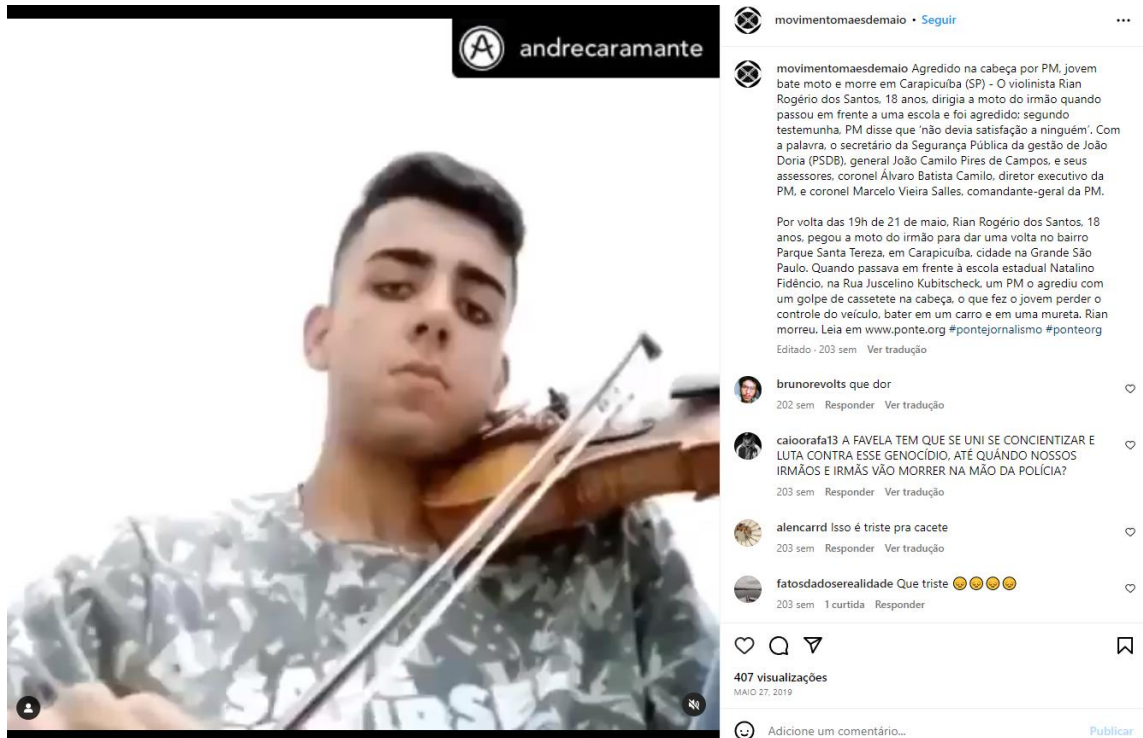
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BxVIC0uHDoG/> (2019)

Imagem 60 – 11/05/2019



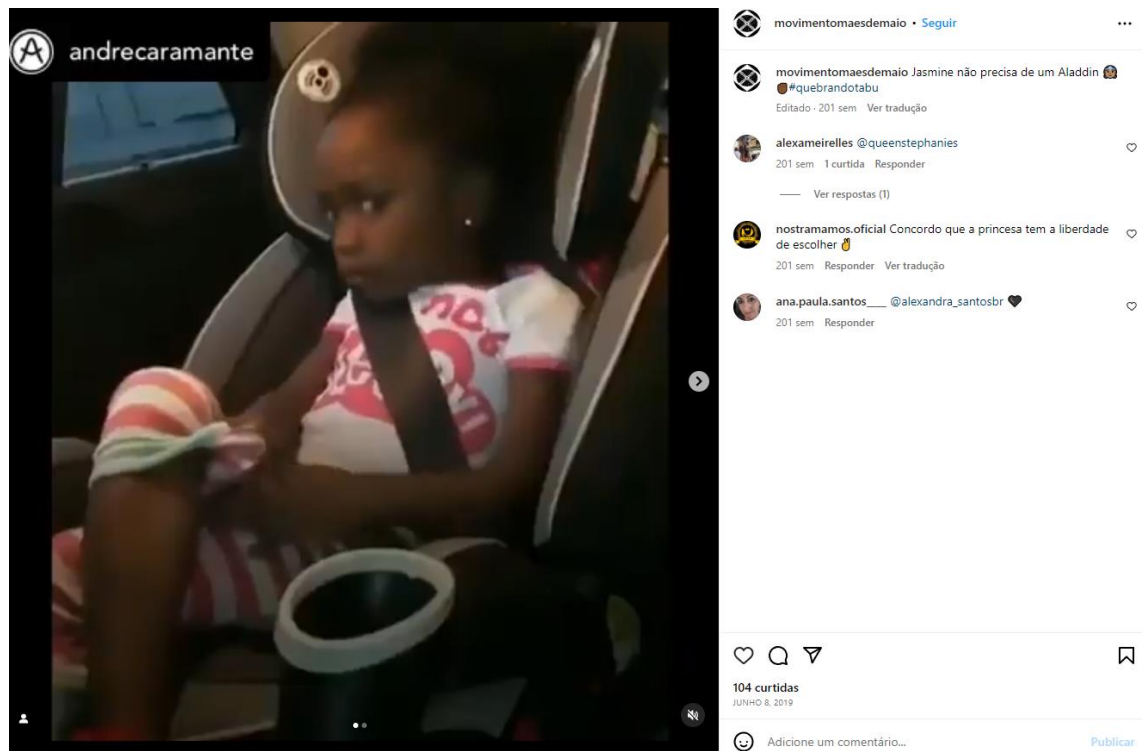
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BxVtBH6n0u-/> (2019)

Imagem 61 – 27/05/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/Bx-k_P-n2mx/ (2019)

Imagem 62 – 08/06/2019



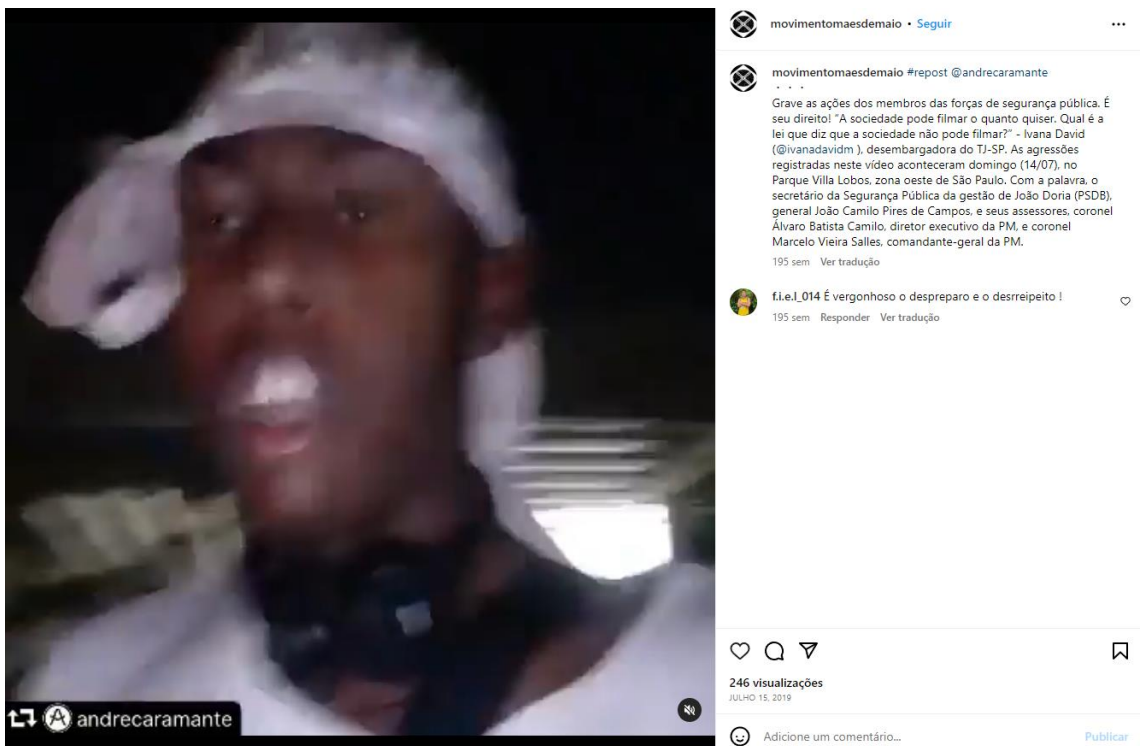
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Bydrwh1n20z/> (2019)

Imagem 63 – 06/07/2019



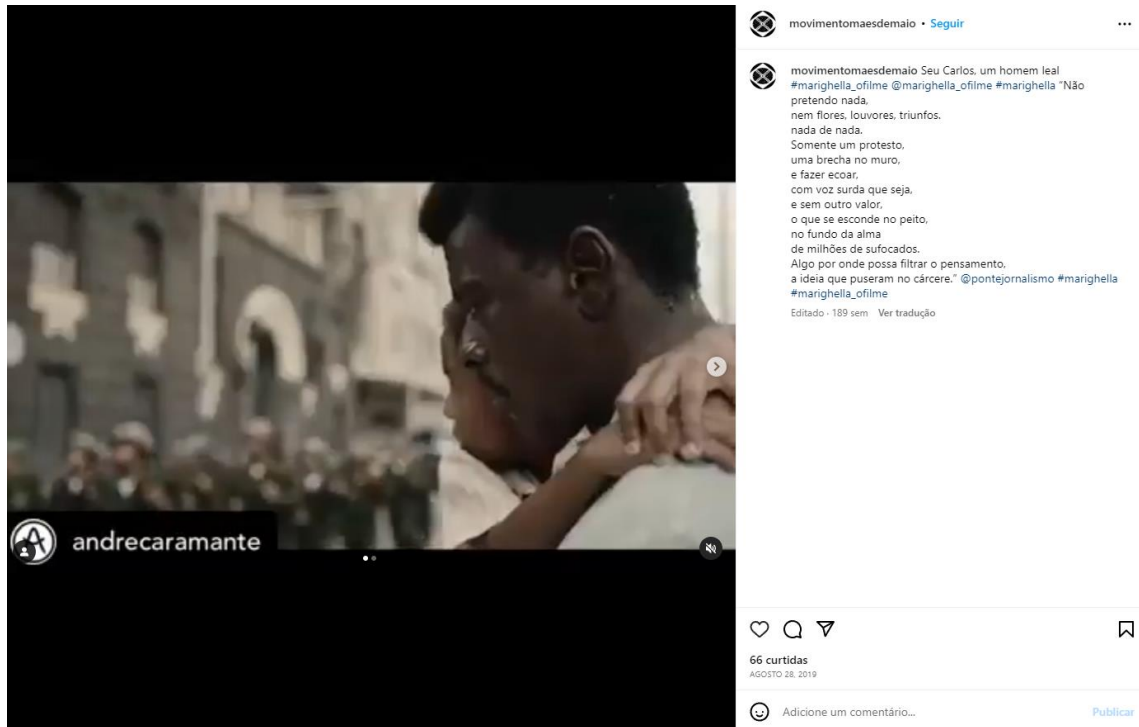
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/BzlSdq1nY0s/> (2019)

Imagem 64 – 15/07/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Bz9UrO3HxBd/> (2019)

Imagem 65 – 28/08/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B1um02ynK4J/> (2019)

Imagem 66 – 02/09/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B17FgHDn3NE/> (2019)

Imagem 67 – 02/09/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B17GjI7n7IN/> (2019)

Imagem 68 – 04/09/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/B2A0RaCHXv_/ (2019)

Imagem 69 – 05/09/2019

ponte



Adolescente negro tem quase 2 vezes mais risco de morrer do que um branco em SP

05/09/19 por Maria Teresa Cruz



movimentomaesdemaio • Seguir



movimentomaesdemaio Adolescente negro tem quase 2 vezes mais risco de morrer do que um branco em SP - Comitê de Prevenção a Homicídios na Adolescência mostra que uma pessoa de 15 a 19 anos tem 85% mais chance de ser morta do que um adulto de 30 anos. Leia em www.ponte.org #ponteorg #pontejornalismo

188 sem Ver tradução



57 curtidas

SETEMBRO 5, 2019

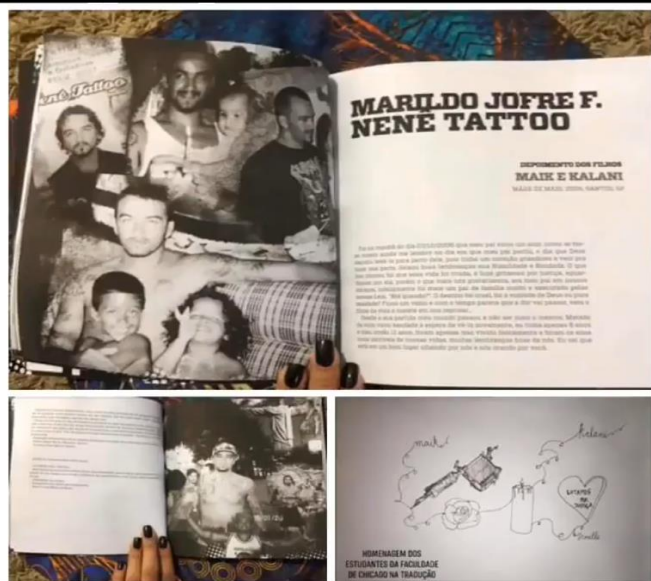


Adicione um comentário...

Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B2C3G1-n0rU/> (2019)

Imagem 70 – 11/09/2019



movimentomaesdemaio • Seguir



movimentomaesdemaio Kalani Beatriz, à luta! Sempre. #maesdemaio #maesdemaio

187 sem Ver tradução



228 visualizações

SETEMBRO 11, 2019



Adicione um comentário...

Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B2Ssz5HnTLB/> (2019)

Imagem 71 – 12/09/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B2U93WEn8gZ/> (2019)

Imagem 72 – 14/09/2019



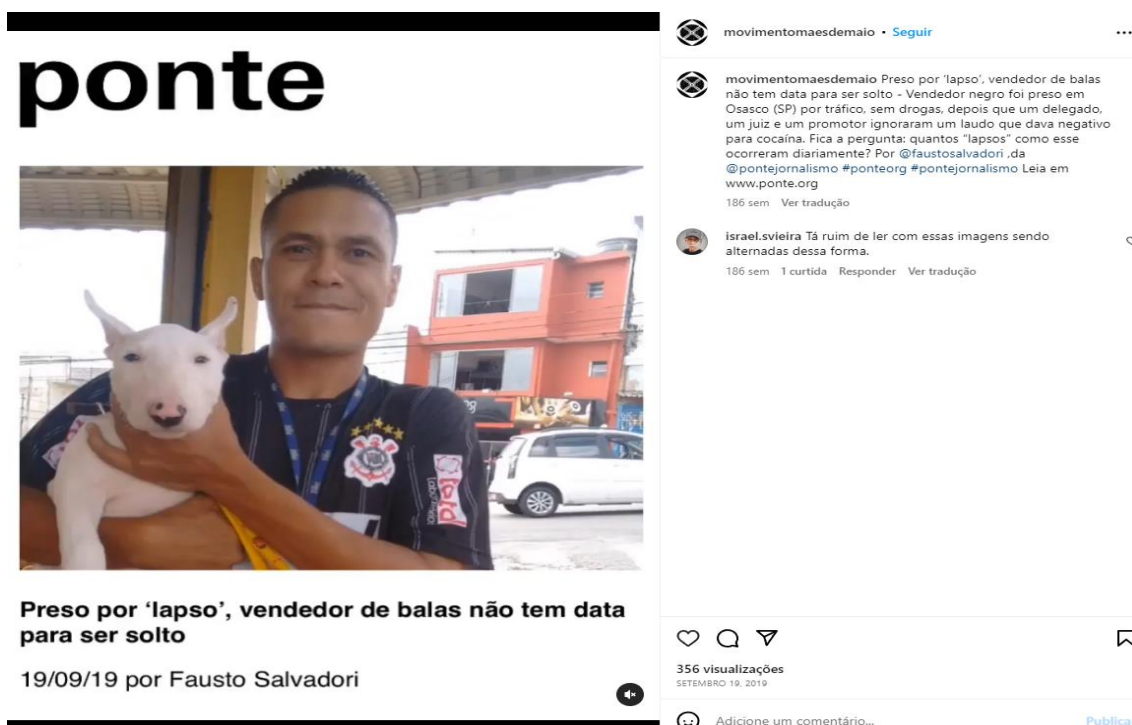
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B2ZgANTHj5d/> (2019)

Imagem 73 – 18/09/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/B2j_eSEnkE7/ (2019)

Imagem 74 – 19/09/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B2mo3Vgnyvi/> (2019)

Imagem 75 – 20/09/2019



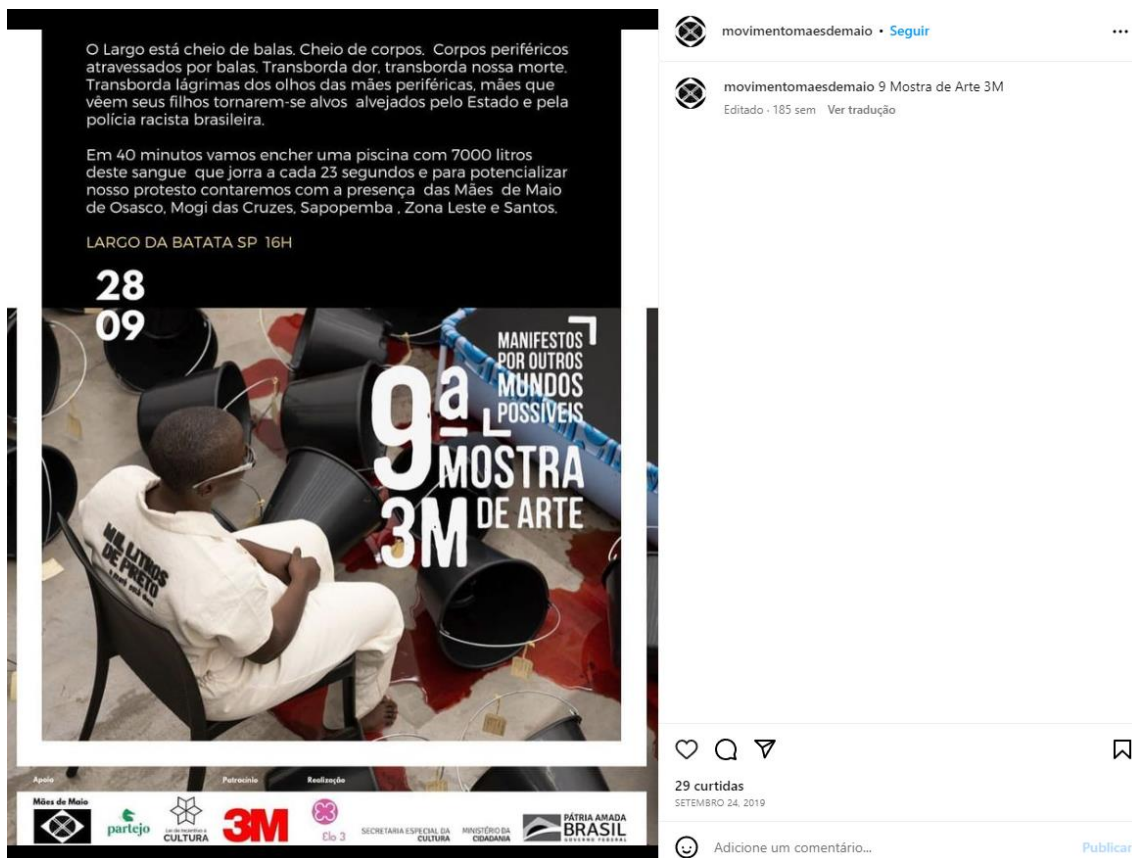
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B2prKRXn4Mw/> (2019)

Imagem 76 -22/09/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/B2uQqzEHgO_/ (2019)

Imagem 77 -24/09/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B2zbZ0vHVd/> (2019)

Imagem 78 – 25/09/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B2z7ZV6Hrzx/> (2019)

Imagem 79 – 29/09/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B3Av1p9nQUP/> (2019)

Imagem 80 – 02/10/2019



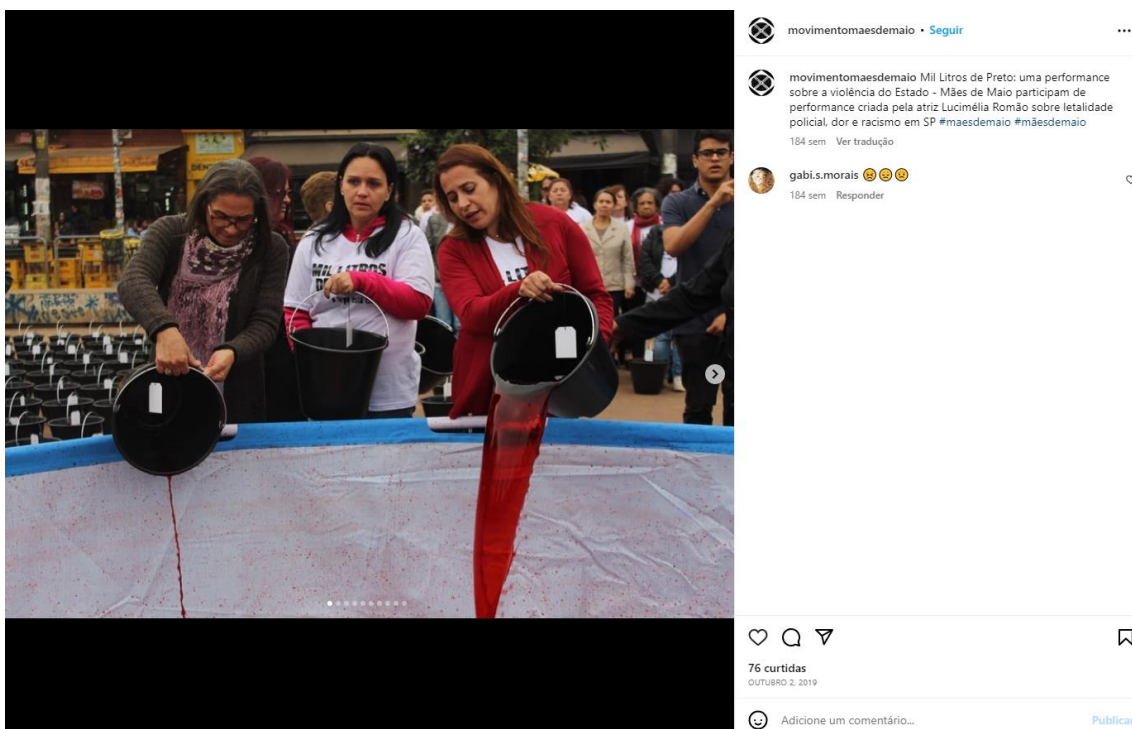
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B3HWqYKnX8l/> (2019)

Imagem 81 – 02/10/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B3HXMhRn7lk/> (2019)

Imagem 82 – 02/10/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/B3HXjUvHBz_/ (2019)

Imagem 83 – 02/10/2019



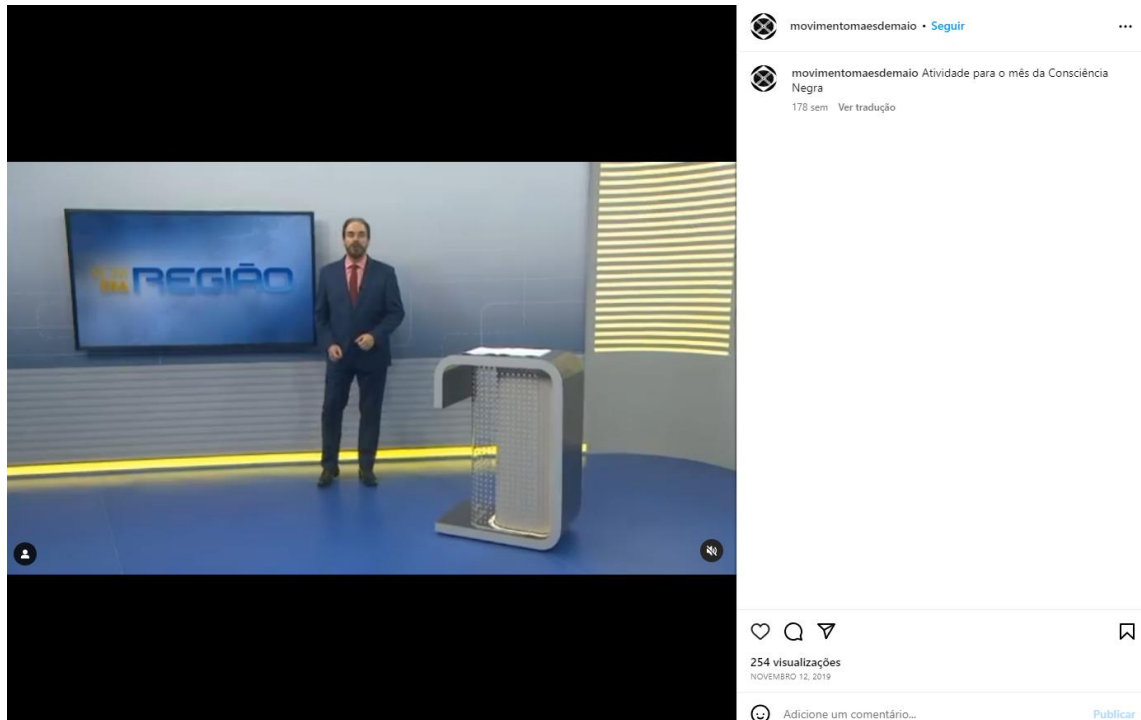
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B3IO8FfnESe/> (2019)

Imagem 84 – 21/10/2019



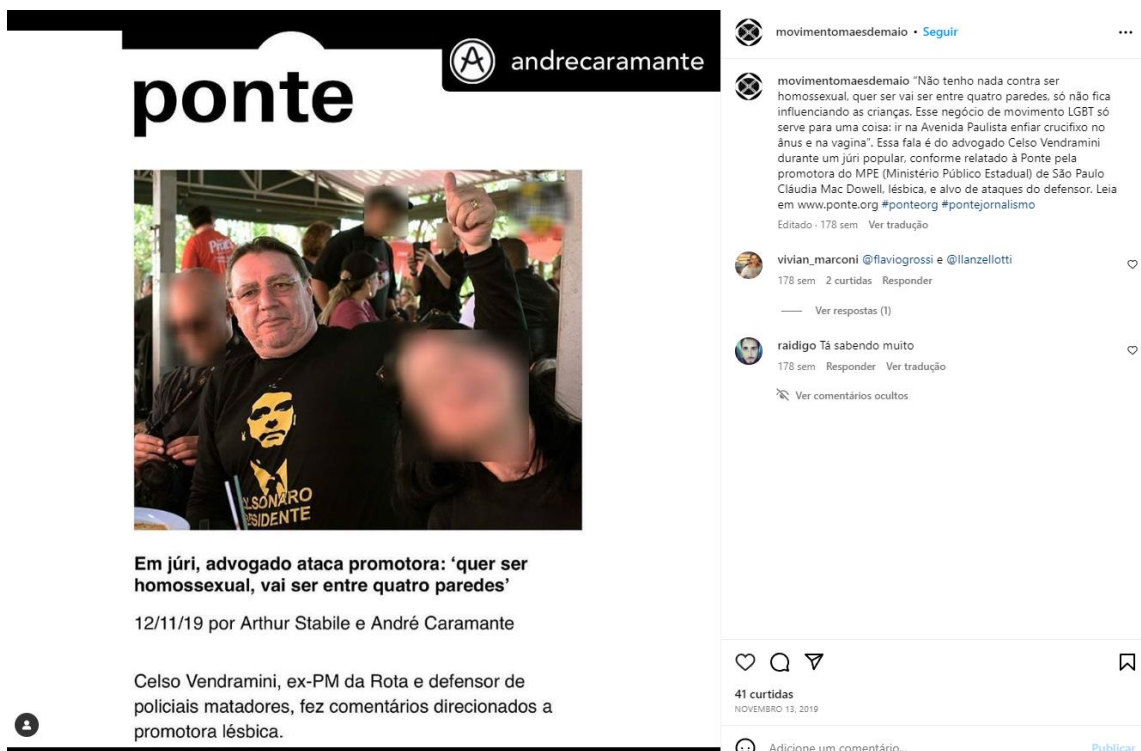
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B34gBQbnsYS/> (2019)

Imagem 85 – 12/11/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B4xonB6nfZO/> (2019)

Imagem 86 – 13/11/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B4yqZzfnt2u/> (2019)

Imagem 87 – 13/11/2019



ponte

andrecaramante

‘Quem postar vídeo vai morrer’, diz PM a testemunhas de chacina em S. Vicente

13/11/19 por Paloma Vasconcelos

movimentomaesdaio • Seguir

Dique Do Caveta

movimentomaesdaio 'Quem postar vídeo vai morrer', diz PM a testemunhas de chacina em S. Vicente - Após matar quatro pessoas no Complexo dos Diques, PMs voltaram para fazer ameaças, segundo moradores. Leia em www.ponte.org #pontejornalismo #ponteorg #maesdaio #mãesdaio

Editado · 178 sem · Ver tradução

105 curtidas

NOVEMBRO 13, 2019

Adicione um comentário...

Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B4yrUaenvrd/> (2019)

Imagem 88 – 15/11/2019



ponte

“Queremos o Lucas”: favela exige saber o que PM fez com menino desaparecido

15/11/19 por Paulo Eduardo Dias

Compartilhe este conteúdo:

Twitter Facebook Google+ LinkedIn Instagram

Madrasta de Lucas, 14 anos, ouviu menino falar com policiais militares antes de desaparecer; governo afasta dois PMs suspeitos

movimentomaesdaio • Seguir

movimentomaesdaio "Queremos o Lucas": favela exige saber o que PM fez com menino desaparecido - Madrastra de Lucas, 14 anos, ouviu menino falar com policiais militares antes de desaparecer; governo afasta dois PMs suspeitos. Por @pauloeduardodiaz, da @pontejornalismo #cadeolucas

178 sem · Ver tradução

pauloeduardodiaz • Responder

178 sem · Responder

405 visualizações

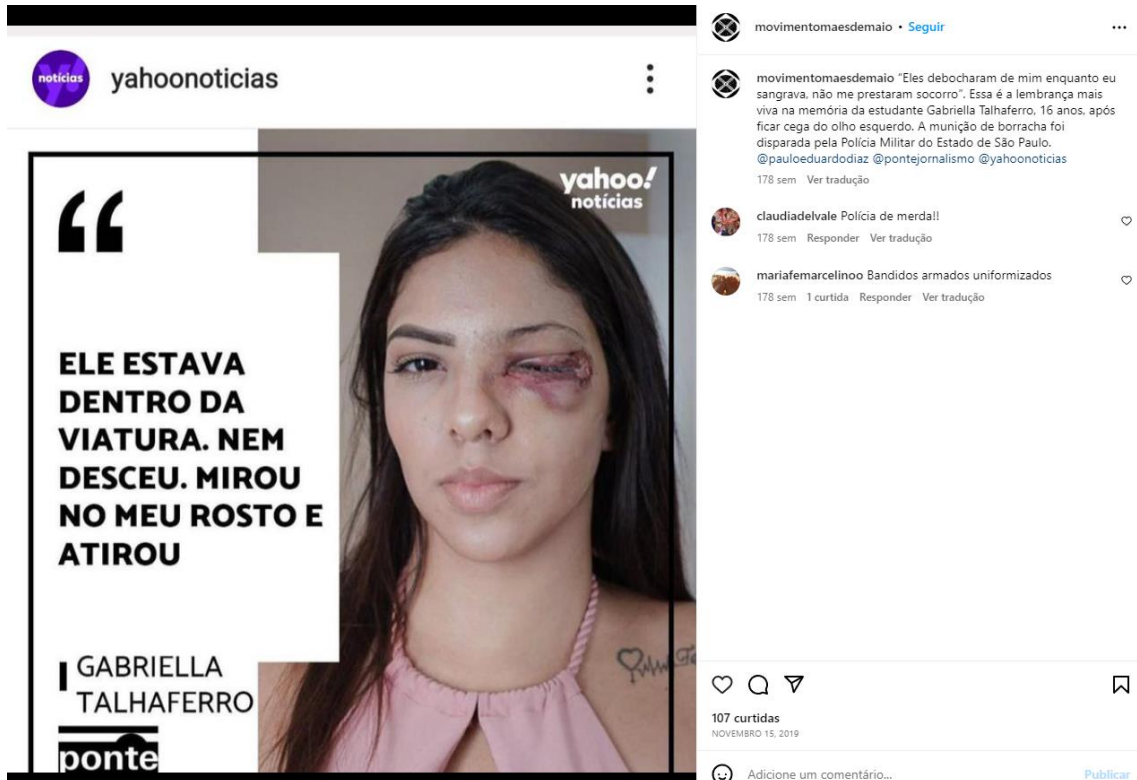
NOVEMBRO 15, 2019

Adicione um comentário...

Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B45E71PnKit/> (2019)

Imagem 89 -15/11/2019



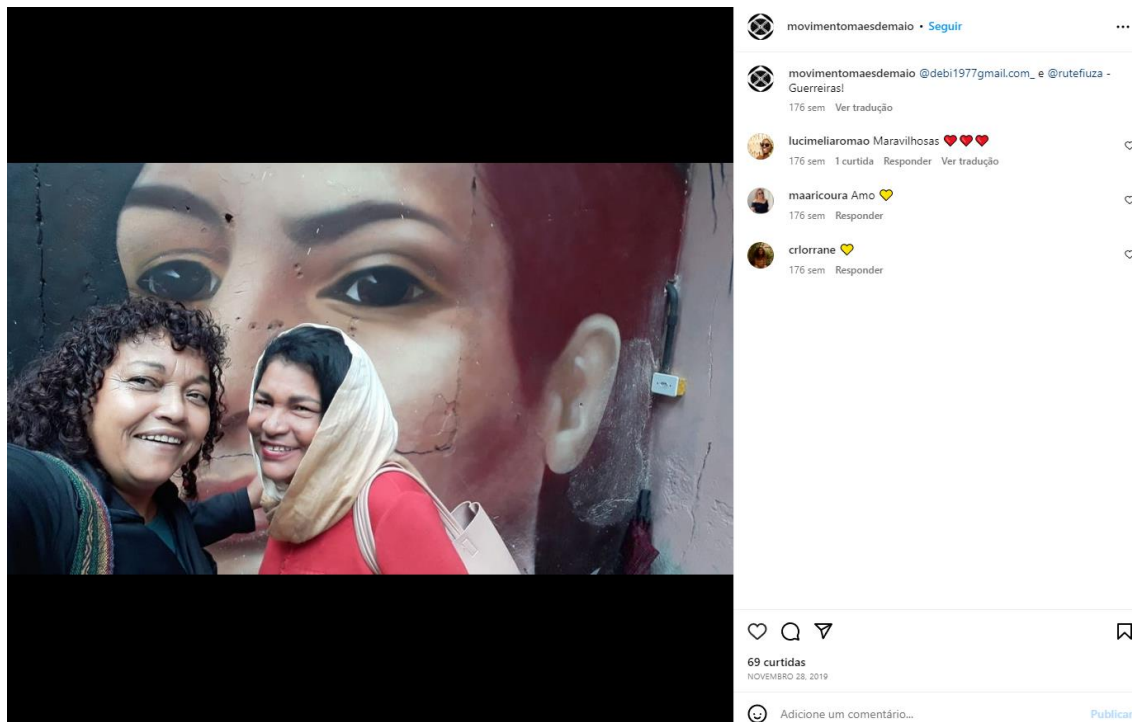
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B45St4gnEPN/> (2019)

Imagem 90 – 27/11/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B5YzbaOHMZ4/> (2019)

Imagem 91 – 28/11/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B5avF8hnzez/> (2019)

Imagem 92 – 04/12/2019



Doria já tinha criticado baile da DZ7 quando era prefeito de São Paulo

03/12/19 por Maria Teresa Cruz e Paloma Vasconcelos

Discurso de repressão aos pancadões é antigo; ativista conta que, em campanha, tucano tentou aproximação com organizadores de funk e descumpriu promessa

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B5pagdoHPJv/> (2019)

Imagem 93 – 04/12/2019



Uso de gás pela PM pode ter contribuído em massacre de Paraisópolis

03/12/19 por Arthur Stabile

Legista e perito ouvidos pela Ponte analisam laudos com causa das mortes de parte das 9 vítimas de ação da PM em baile funk; aos menos dois morreram asfixiados

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B5pbFwfn4ni/> (2019)

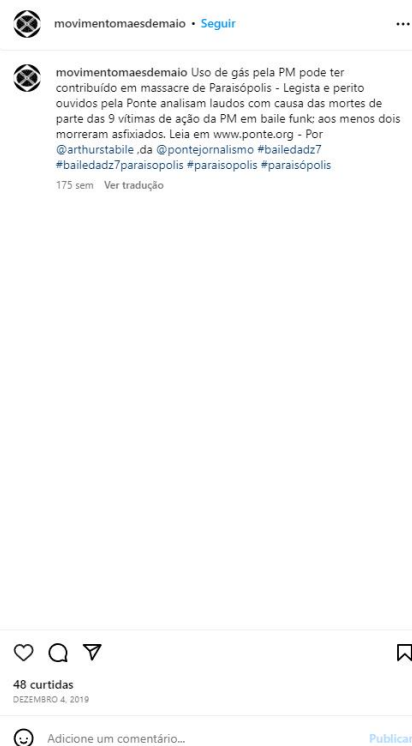


Imagem 94 – 04/12/2019



Paraisópolis: 'O pessoal não foi vítima de pisoteamento, mas da própria polícia'

03/12/19 por Maria Teresa Cruz e Paloma Vasconcelos

Ponte visitou a favela na segunda-feira (2/12) ouviu moradores e passou por vielas da comunidade onde 9 jovens morreram; imagens mostram PMs lançando bombas

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B5pbdn8nRME/> (2019)

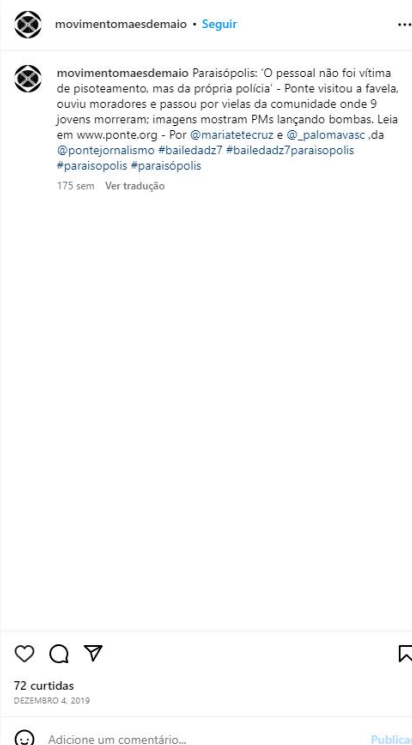
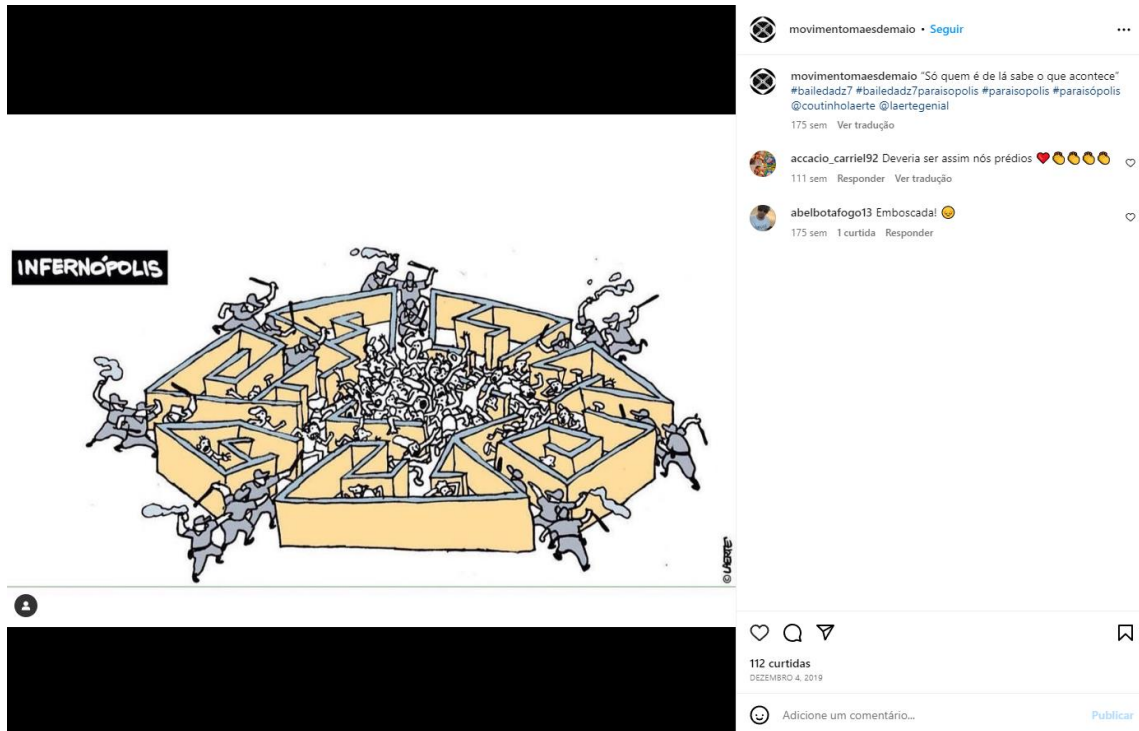
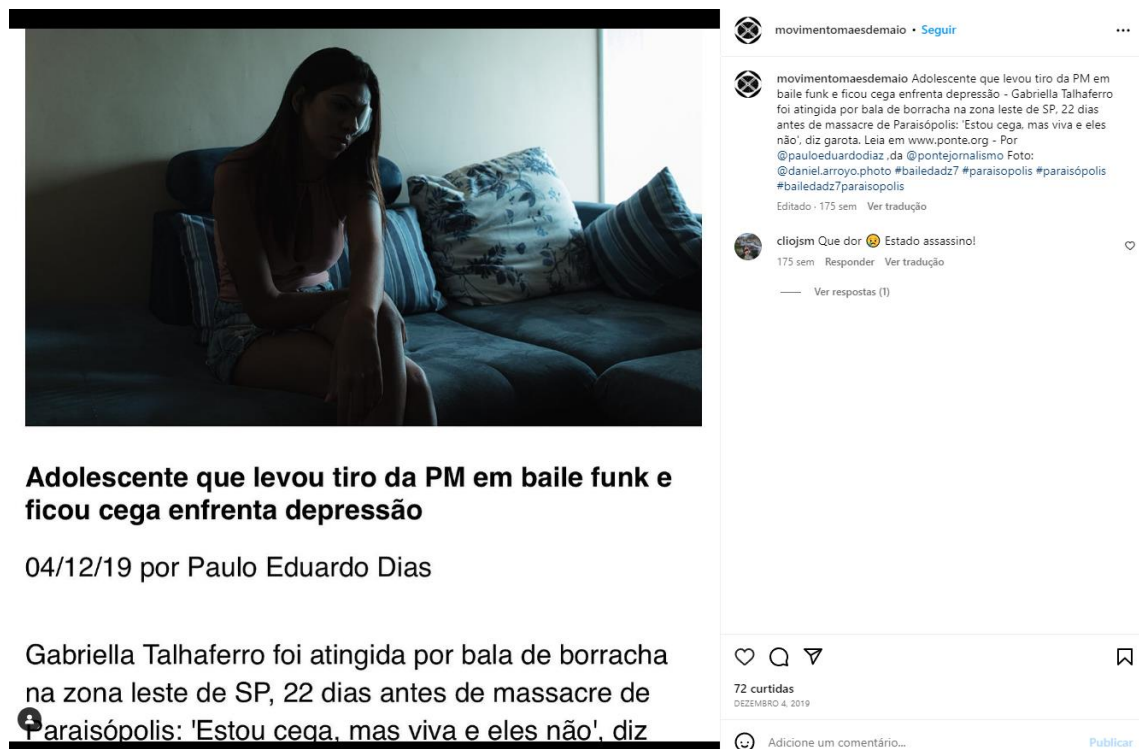


Imagem 95 – 04/12/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B5pcq6ynBS1/> (2019)

Imagem 96 – 04/12/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B5qbYoVneKi/> (2019)

Imagem 97 – 05/12/2019

ponte



Secretaria de Direitos Humanos pediu 'ficha' de vítima do massacre de Paraisópolis

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B5s1Qhrn9tX/> (2019)

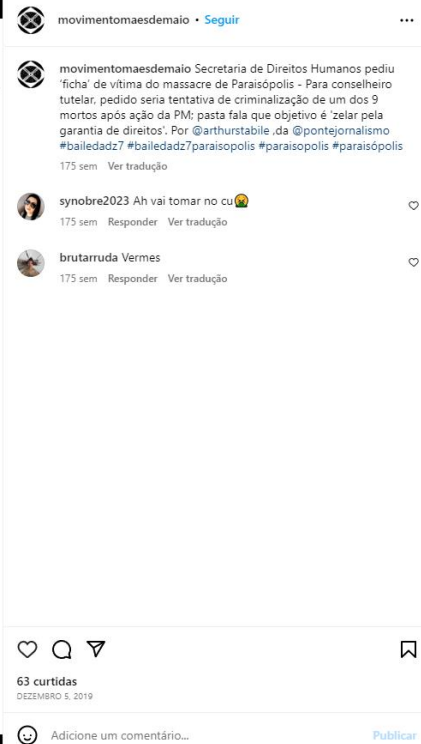


Imagem 98 – 06/12/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/B5vo5sjnkD_/ (2019)



Imagem 99 – 07/12/2019



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B5xZelunz9O/> (2019)

Imagem 100 – 06/03/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B9Z7TErHJzt/> (2020)

Imagem 101 – 06/03/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B9Z8cilHWi-/> (2020)

Imagem 102 – 21/03/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B-ANnRIn5gA/> (2019)

Imagem 103 – 22/03/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B-Cvbk2HAZX/> (2020)

Imagem 104 – 23/03/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B-Fllarnhvj/> (2019)

Imagem 105 – 25/03/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B-Ki8P6nwli/> (2020)

Imagem 106 – 26/03/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/B-M53aonvn8/> (2020)

Imagem 107 – 22/04/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/B_TJTMlHU5c/ (2020)

Imagem 108 – 23/04/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/B_VgTaDnU9L/ (2020)

Imagem 109 - 28/04/2020



PREFEITURA DE SÃO PAULO
DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA

DIVISÃO DE DESAPARECIDOS SMDHC
305684/2020

Geovanni da Guia Silva

Filiação: Alessandra Regina da Guia
Claudio Feliciano Moreira da Silva

Data de nascimento: 07/06/1995
Desaparecido em: 20/02/2020-São Paulo/SP

Características
Raça/Etnia: Negra
Altura: 1,80m
Cor dos olhos: Castanhos escuros
Cor dos cabelos: Castanhos escuros

Você viu essa pessoa?
Ligue para (11) 975499770 Darko Hunter
fb.me/SMDHCDesaparecidos

79 curtidas
ABRIL 28, 2020

Adicione um comentário...

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/B_i4HmKn38k/ (2020)

Imagem 110 – 03/05/2020



movimentomaesdemoia • Seguir

movimentomaesdemoia Vera Lúcia, presente! Sempre! 🌹❤️
#maesdemoia #mãesdemoia
154 sem Ver tradução

felipeumbigae 🌹#verapresente
154 sem Responder Ver tradução

psi.camillapadoim Que linda homenagem!!!! 🌹 #VeraPresente sempre
154 sem Responder Ver tradução

antoniopassaty PRESENTE
154 sem Responder

debi1977gmail.com Em 2018 no dia de hoje a Violência do Estado tirava de nós a grande Vera Lúcia, nossa Verinha, do Movimento Independente Mães de Maio, uma referência de luta para todos/as que se insurgem contra a Violência de Estado, que em 2006 perdeu sua filha fruto dessa mesma violência do Estado. Vera, seu legado de luta e sua coragem vive em nós para sempre!
A Iniciativa Direito à Memória e Justiça Racial vem aqui hoje no contexto dessa Pandemia afirmar que sua memória e luta nunca será esquecida em nenhum dia.
#VeraPresente hoje e sempre!
154 sem 2 curtidas Responder Ver tradução

laucasans ❤️
154 sem Responder

Vera Lúcia PRESENTE

#NossosMortosTêmVoz

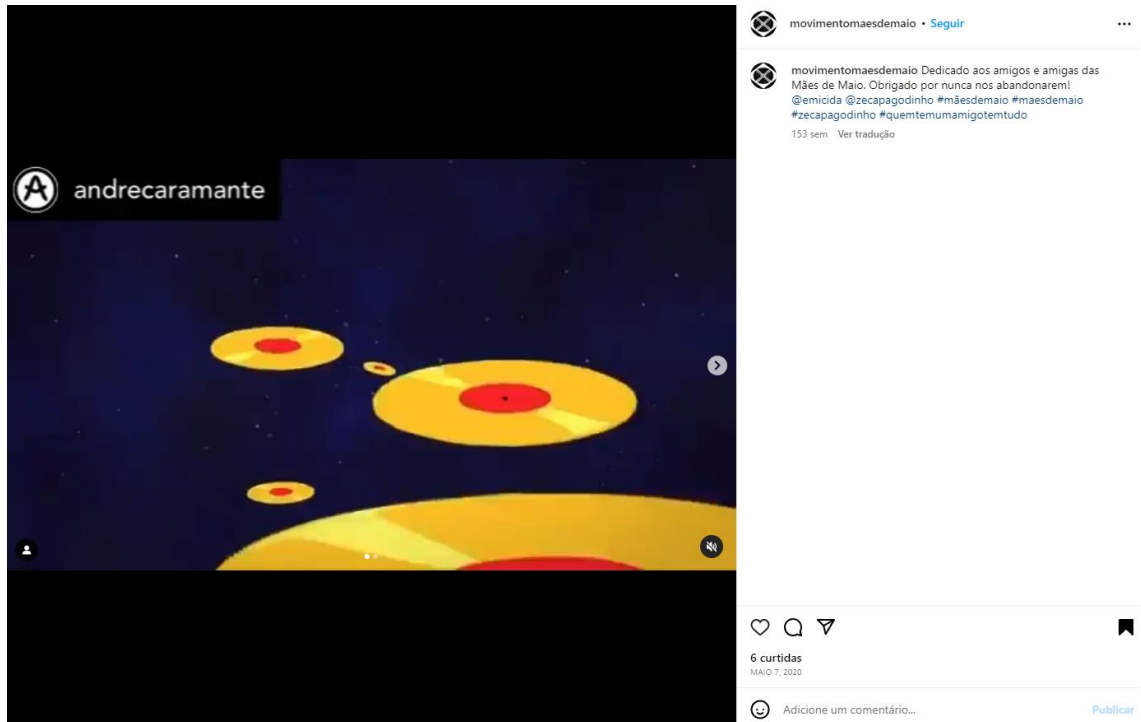
DIREITO MEMÓRIA E JUSTIÇA RACIAL

147 curtidas
MAIO 3, 2020

Adicione um comentário...

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/B_vl-8dn_RZ/ (2020)

Imagem 111 - 07/05/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/B_5DVrWHH7y/ (2020)

Imagem 112 – 12/05/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CAF2C4aHeAS/> (2020)

Imagem 113 – 14/05/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CALDwwMHZeW/> (2020)

Imagem 114 – 19/05/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CAYIIT8HzWg/> (2020)



Imagem 116 – 19/05/2020



Imagem 117 – 19/05/2020



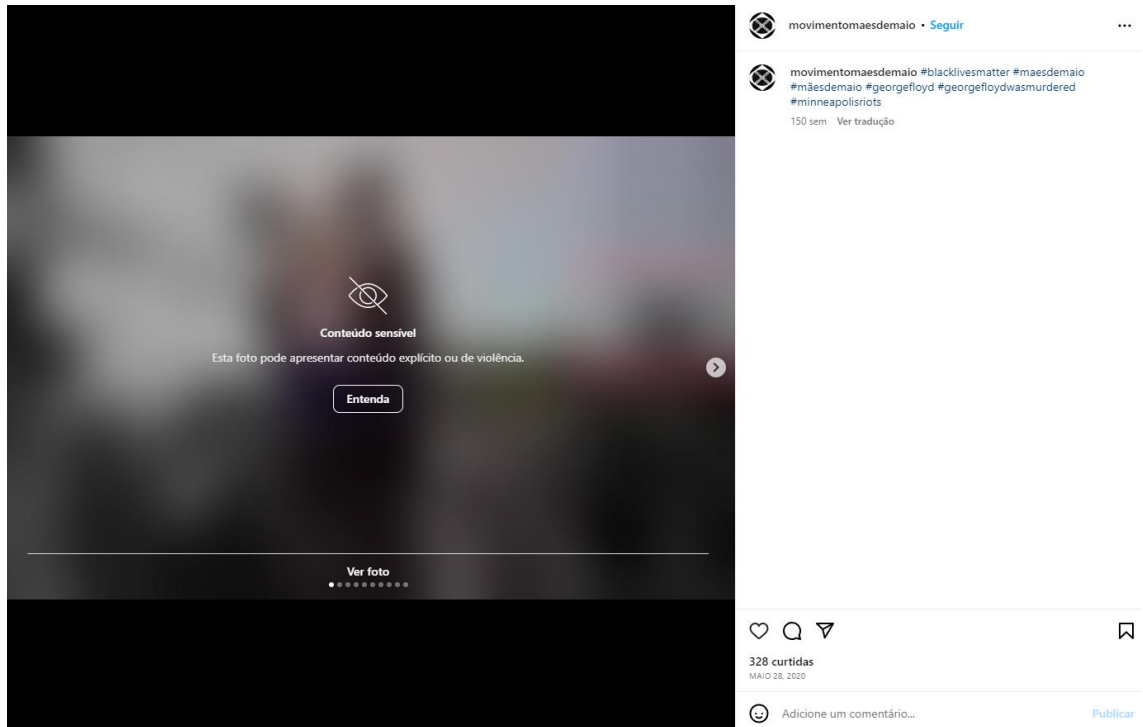
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CAZFkPdnjnA/> (2020)

Imagem 118 – 28/05/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CAwHtYIHx2y/> (2020)

Imagem 119 – 28/05/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CAwIZdWHfd6/> (2020)

Imagem 120 – 31/05/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CA3bePon9sA/> (2020)

Imagem 121 – 01/06/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CA6b-8BHzXq/> (2020)

Imagem 122 – 01/06/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CA6dlVwn5RG/> (2020)

Imagem 123 – 02/06/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CA8iIFNnRGV/> (2020)

Imagem 124 – 06/06/2020



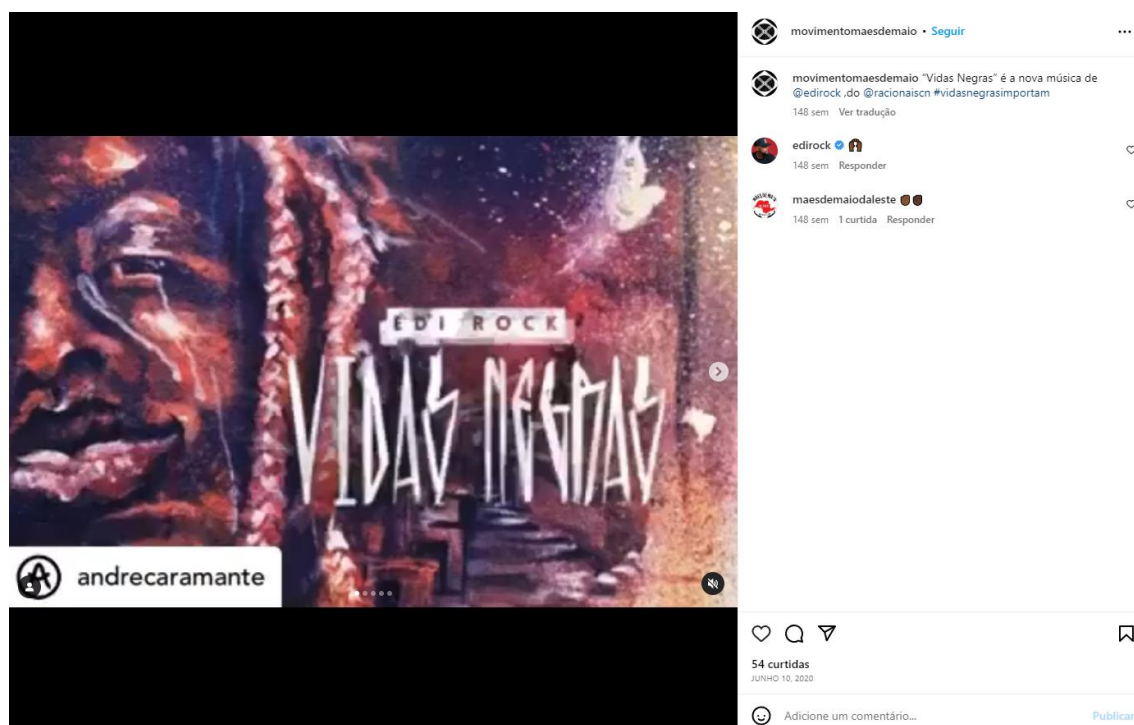
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CBGmmgrneE1/> (2020)

Imagem 125 – 09/06/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CBOYZdgnMYe/> (2020)

Imagem 126 – 10/06/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CBPdrAOH7g4/> (2020)

Imagem 127 -15/06/2020



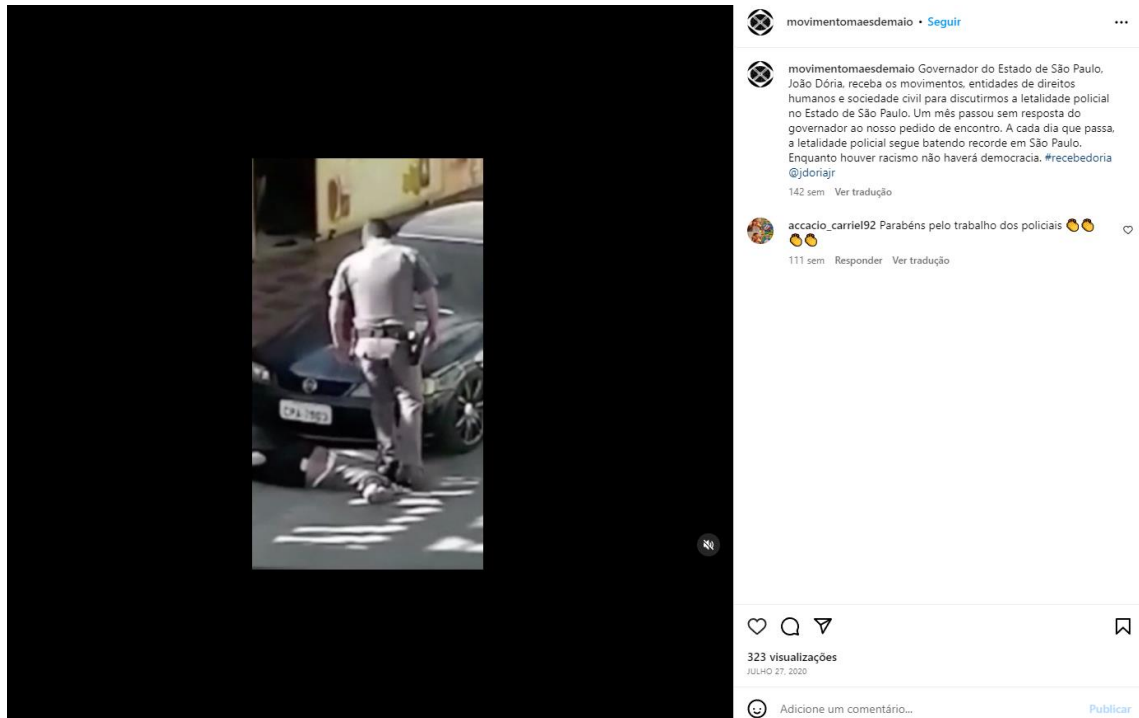
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CBd9IyyHVT_/ (2020)

Imagem 128 – 26/07/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CDHFuz8HwQE/> (2020)

Imagem 129 -27/09/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CDJpeZInbhk/> (2020)

Imagem 130 – 28/07/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CDMmfhsHMww/> (2020)

Imagem 131 – 03/08/2020

Estado matou o filho de Givonete e a abandonou à própria sorte



ponte

movimentomaesdaioio • Seguir

movimentomaesdaioio Aos 66 anos, Givonete Damasceno Filgueira apresenta uma série de problemas de saúde. É cega de um olho, tem uma trombose que a força a ficar boa parte do tempo deitada em um dos três sofás de sua sala, de aproximadamente 5 metros quadrados no bairro da Canaleira, em Santos, litoral de São Paulo. Ela depende de remédios do governo para sobreviver. As doenças vieram a partir de maio de 2006, quando seu filho, Robson Damasceno Filgueira, foi assassinado nos Crimes de Maio. Naquele ano, o PCC (Primeiro Comando da Capital) atacou uma série de prédios e integrantes da segurança pública de São Paulo, causando 59 mortes de agentes públicos. Em resposta, o Estado atacou. O revide provocou um banho de sangue entre os dias 12 e 26 daquele mês. Policiais que vestiam a farda da corporação ou usavam as toucas ninjas dos grupos de extermínio reagiram a esmo aos ataques do PCC. Mataram 505 pessoas em todo São Paulo. Robson era uma delas. O Estado deixou Givonete à sua sorte, sem ter o alicerce da família, então feito pelo seu filho.

por @ailton_martins_vortice

Leia a reportagem completa em www.ponte.org

#pontejornalismo #ponteorg

141 sem Ver tradução

charlespereira01

141 sem 1 curtida Responder

83 curtidas

AGOSTO 3, 2020

Adicione um comentário...

Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CDcNc0OHMpP/> (2020)

Imagem 132 – 10/08/2020



QUINTAS
resistentes

com Jéssica Santos,
Euro Mascarenhas e
Gabriela Gomes

Entrevista
Movimento
Mães de Maio

com
Débora Silva
Mães de Maio

13/08 18h

facebook.com/npcinstitucional

Transmissão ao vivo: Eric Fenelon

NPC Núcleo Piratininga
de Comunicação

FUNDAÇÃO
ROSA
LUXEMBURGO

movimentomaesdaioio • Seguir

movimentomaesdaioio Somos lutal. @debi1977gmail.com_ #maesdaioio #mãesdaioio

140 sem Ver tradução

lotavidal

140 sem 1 curtida Responder

58 curtidas

AGOSTO 10, 2020

Adicione um comentário...

Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CDtrUQ3HF0J/> (2020)

Imagem 133 – 13/08/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CD1mFD8HkHH/> (2020)

Imagem 134 – 13/08/2020



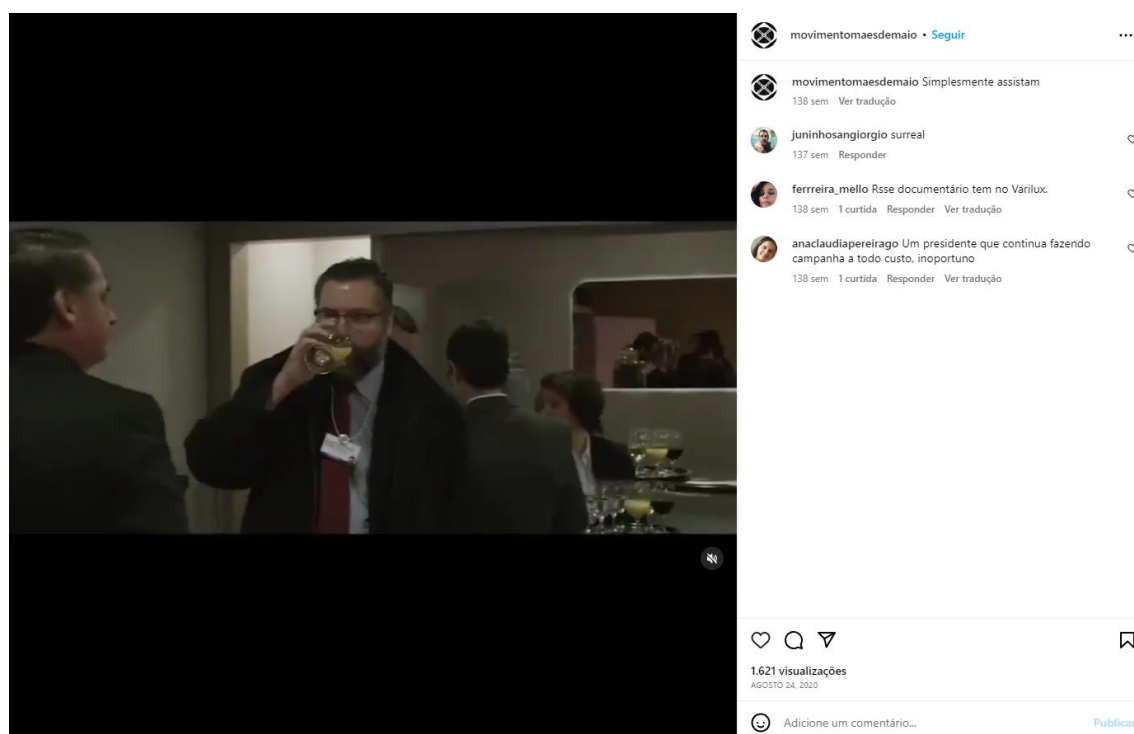
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CD2LnJ_Hk-g/ (2020)

Imagem 135 – 24/08/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CESSVd4HbsA/> (2020)

Imagem 136 – 24/08/2020



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CESzczgnJsk/> (2020)

Imagem 137 – 26/08/2020

SARAU RAÇA E CLASSE
28/08 A PARTIR DAS 19:30H

DEBATE COM AS MÃES DE MAIO "RACISMO E VIOLÊNCIA POLICIAL"

POESIA **MÚSICA**

Live (ao vivo) pelo Youtube no Canal raçaeclasse

Participantes:

- Aline Silva: Atleta olímpica de wrestling e fundadora da Mempoera
- Débora Maria: Coordenadora Mães de Maio
- Nívia Raposo: Mãe da Baixada Fluminense-RJ
- Eronilde Silva: Movimento Mães de Maio do Cerrado - GO
- Rute Fiúza: Mãe de Maio do Nordeste
- Eleonora Pereira: Enfermeira Mãe pela igualdade Defensora dos direitos Humanos
- Dina Alves: advogada, feminista negra e abolicionista
- Adriane Monteiro
- Lucas Afonso
- Nilson: Poeta da Maré
- Tita Reis
- DJ Ice Boy

67 curtidas
AGOSTO 26, 2020

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CEWtt-HXz8/> (2020)

Imagem 138 – 04/09/2020

LIVE POR JUSTIÇA E MEMÓRIA
DOMINGO **16:00**
06.09.2020

Participantes:

- Márcia Gazza: Mães de Maio da Leste-sp
- Débora Silva: Mães de Maio
- Mirtes Souza: Mãe de Miguel
- Rute Fiúza: Mães de Maio do Nordeste.
- Cléo Oliveira: Mães de Maio do Nordeste.
- Lygia Viégas: Psicóloga e professora da UFBA
- Heleni Barbosa: Advogada Comissão DH-OAB
- Eronildes Silva: Mães de Maio do Cerrado-Go
- Kaká Silveira: Mães de Maio de Minas Gerais
- Aline Rocco: Pesquisadora

MEDIÇÃO CAMILA FIÚZA
justiça global

62 curtidas
SETEMBRO 4, 2020

Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CEuZisMHlmp/> (2020)

Fonte:

Imagem 139 – 22/09/2020

Organizações e movimentos sociais de todo Brasil exigem políticas de segurança sem racismo no Amapá

Entidades afirmam que violência policial contra pedagoga em Macapá não é isolado e pedem medidas urgentes das autoridades

As organizações da sociedade civil e movimentos abaixo assinados exigem providências urgentes do Governo do Estado do Amapá no sentido de reestruturar sua política de segurança pública de modo a não seguir reproduzindo cenas de violência como as que ganharam o mundo no domingo (20). [As imagens mostram a pedagoga Eliane Espírito Santo da Silva sendo brutalmente agredida por um policial durante uma abordagem](#) ocorrida na sexta-feira (18), na região norte de Macapá.

Depois da agressão criminosa, Eliane e seu marido, Thiago da Silva, ainda foram detidos sob a acusação de desacato. Os dois só foram liberados após pagarem fiança, numa sequência estereotipada de abusos que não tem outra explicação a não ser o racismo — e a ausência de políticas efetivas destinadas a enfrentá-lo.

Causam perplexidade as reações públicas ao fato, tanto do governador do Amapá, Waldez Góes, quanto da própria PM do estado, ao tratarem a situação como “caso isolado”. Mesmo que Góes tenha reconhecido que a cena é “recheada de atitudes racistas”, tratá-la apenas como produto de desvio de conduta individual é, na verdade, transferir a enorme responsabilidade institucional pelo ocorrido para um único agente. O agressor não agiu isoladamente: recebeu treinamento e faz parte de uma corporação cuja finalidade última deve ser proteger cidadãos e cidadãs.

Outro fator que afasta ainda mais a hipótese de caso isolado é o fato de o Amapá ser atualmente, [segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública](#), o quinto estado brasileiro com maior taxa de mortes em decorrência de intervenção policial, indicando que a violência é um problema institucional a ser enfrentado com seriedade e medidas que repensem práticas de policiamento. Uma delas, sem dúvida, é a abordagem, feita de forma intuitiva (e eventualmente contaminada por estereótipos) pelos agentes e sem critérios objetivos e transparentes.

Por tudo isso é urgente que o problema seja reconhecido em sua extensão e profundidade e abordado como uma questão de concepção de segurança pública. O desafio real, nesse sentido, é impedir com urgência que o racismo continue permeando as políticas, principalmente as de segurança, e subvertendo sua finalidade, como nitidamente aconteceu em Macapá na última sexta-feira.

movimentomaesdemaio • Seguir

movimentomaesdemaio Organizações e movimentos sociais de todo Brasil exigem políticas de segurança sem racismo no Amapá. Entidades afirmam que violência policial contra pedagoga em Macapá não é isolado e pedem medidas urgentes das autoridades. As organizações da sociedade civil e movimentos abaixo assinados exigem providências urgentes do Governo do Estado do Amapá no sentido de reestruturar sua política de segurança pública de modo a não seguir reproduzindo cenas de violência como as que ganharam o mundo no domingo (20). As imagens mostram a pedagoga Eliane Espírito Santo da Silva sendo brutalmente agredida por um policial durante uma abordagem ocorrida na sexta-feira (18), na região norte de Macapá. Depois da agressão criminosa, Eliane e seu marido, Thiago da Silva, ainda foram detidos sob a acusação de desacato. Os dois só foram liberados após pagarem fiança, numa sequência estereotipada de abusos que não tem outra explicação a não ser o racismo — e a ausência de políticas efetivas destinadas a enfrentá-lo. Causam perplexidade as reações públicas ao fato, tanto do governador do Amapá, Waldez Góes, quanto da própria PM do estado, ao tratarem a situação como “caso isolado”. Mesmo que Góes tenha reconhecido que a cena é “recheada de atitudes racistas”, tratá-la apenas como produto de desvio de conduta individual é, na verdade, transferir a enorme responsabilidade institucional pelo ocorrido para um único agente. O agressor não agiu isoladamente: recebeu treinamento e faz parte de uma corporação cuja finalidade última deve ser proteger cidadãos e cidadãs. Outro fator que afasta ainda mais a hipótese de caso isolado é o fato de o Amapá ser atualmente, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o quinto estado brasileiro com maior taxa de mortes em decorrência de intervenção policial, indicando que a violência é um problema institucional a ser enfrentado com seriedade e medidas que repensem práticas de policiamento.

64 curtidas
SETEMBRO 22, 2020

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CFdZKG3nFuv/> (2020)

Imagem 140 – 26/09/2020

COLETIVO SEMENTES

CONVIDA

Débora Maria da Silva

BATE PAPO SOBRE O MOVIMENTO MÃES DE MAIO

LIVE 26/09 às 18h @coletivo.sementes

movimentomaesdemaio • Seguir

movimentomaesdemaio Vamos conversar? É hoje, filhos e filhas! #maesdemaio #mãesdemaio
Editado · 133 sem · Ver tradução

kebabkingoficial Bom dia sou advogada de uma mãe que perdeu o filho em uma operação policial em Itumbiara GO, gostaríamos de nos unir ao grupo das Mães de Maio!

128 sem · 1 curtida · Responder · Ver tradução

euellisferreira Incrível!!!! Obrigada Débora 🍷🍷🍷

132 sem · Responder · Ver tradução

coletivo.sementes 🍷🍷

133 sem · Responder

luaasuzan Foi lindo demais! Obrigada 🍷

133 sem · Responder · Ver tradução

julianemanzini @luizane_guedes

133 sem · 1 curtida · Responder

marisabarretos Débora, fala comigoooooo

133 sem · Responder · Ver tradução

yara.mayaa Ansiosaaa 🍷

133 sem · Responder

135 curtidas
SETEMBRO 26, 2020

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CFmuwLonhDE/> (2020)

Imagem 141 - 08/12/2020



ponte

Projeto de lei Mães de Maio quer apoiar vítimas da violência estatal em SP

movimentomaesdaio • Seguir

movimentomaesdaio Projeto de lei Mães de Maio quer apoiar vítimas da violência estatal em SP

Patrocinada pelo vereador Eduardo Suplicy (PT), proposta visa garantir auxílio psicológico e social para famílias que tiveram filhos ou parentes mortos pelo Estado. "O Estado tem que estipular uma ajuda porque esses familiares ficam doentes", pontua líder Débora Silva. @debi1977@gmail.com, @pontejornalismo @deboralopes #maesdaio #maesdaio

122 sem Ver tradução

parimaoparar 10 sem 1 curtida Responder

marcelopoeta.ignacio estamos juntos e misturados 122 sem Responder Ver tradução

maaricoura 122 sem 1 curtida Responder

andreuispatricio 122 sem Responder

cor.amanda 122 sem Responder

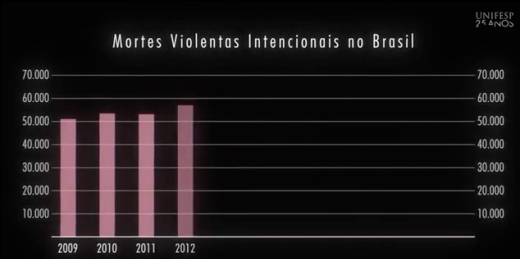
clorrane 122 sem Responder

161 curtidas
DEZEMBRO 8, 2020

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CIjHwOuHH76/> (2020)

Imagem 142 – 21/12/2020



Mortes Violentas Intencionais no Brasil

Ano	Mortes
2009	~48,000
2010	~52,000
2011	~50,000
2012	~55,000

UNIFESP 24 ANOS

movimentomaesdaio • Seguir

movimentomaesdaio Filhas e filhos, estreia hoje (21/12) documentário de divulgação científica sobre antropologia forense e a violência de Estado no Brasil, fenômeno que se agrava nos últimos anos a despeito do regime democrático e que ameaça se perpetuar com ainda mais impunidade.

Confira e, se puder, ajude a divulgar!

sinopse: O Estado brasileiro vive em guerra contra uma parcela da população. Com métodos particulares de atuação e um sistema institucional que a legitima, essa violência não é mero efeito colateral do grau elevado de criminalidade, mas a alimenta e faz parte dela. Pesquisadores das áreas da antropologia forense, sociologia e direitos humanos da Unifesp, reunidos em grupos como o Centro de Antropologia e Arqueologia Forense (Caaf), o Laboratório de Estudos Arqueológicos (LEA) e o Laboratório de Análise em Segurança Internacional e Tecnologias de Monitoramento (Lasintec), investigam as origens, a continuidade e o aumento da violência de Estado a partir de casos como a Vala de Perus, os Crimes de Maio e a Chacina de Osasco, em um esforço para embasar a narrativa suprimida de suas vítimas, levando em conta movimentos sociais e o ponto de vista de familiares, formar técnicos e validar metodologias que possibilitem denunciar a injustiça e dar fim à impunidade desses crimes.

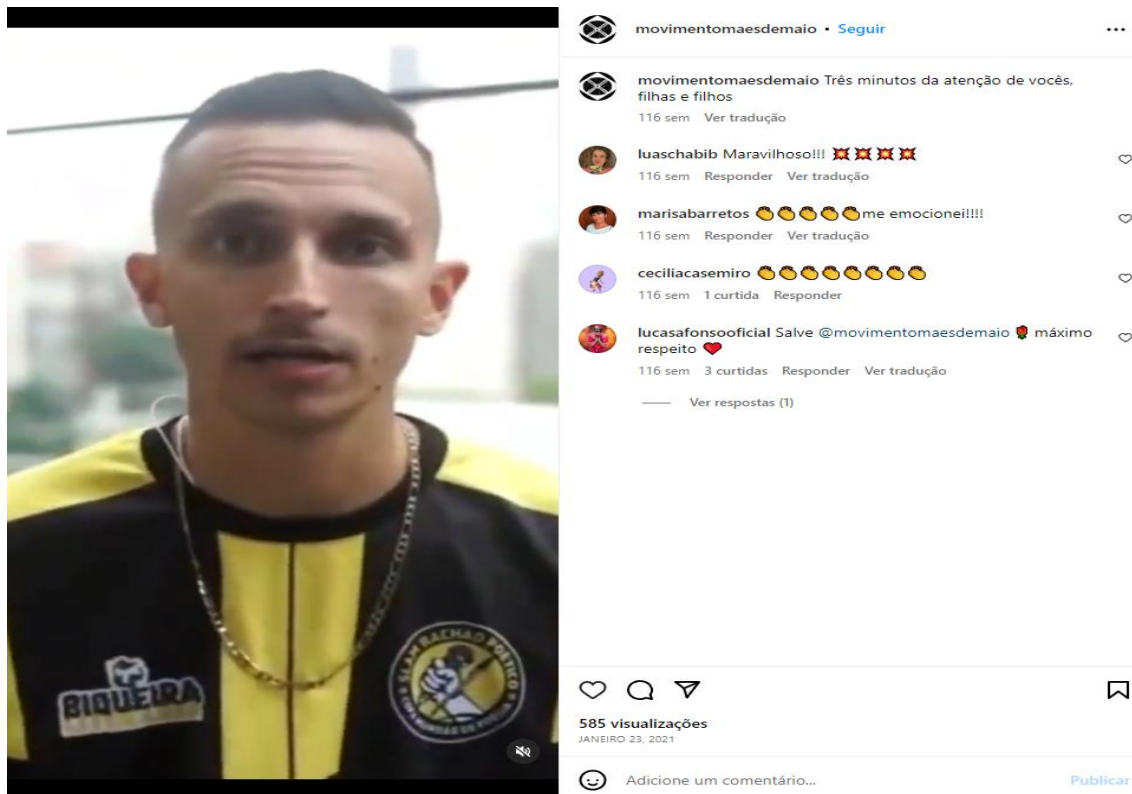
121 sem Ver tradução

230 visualizações
DEZEMBRO 21, 2020

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CJFFuOMHRXM/> (2020)

Imagem 143 – 23/01/2021



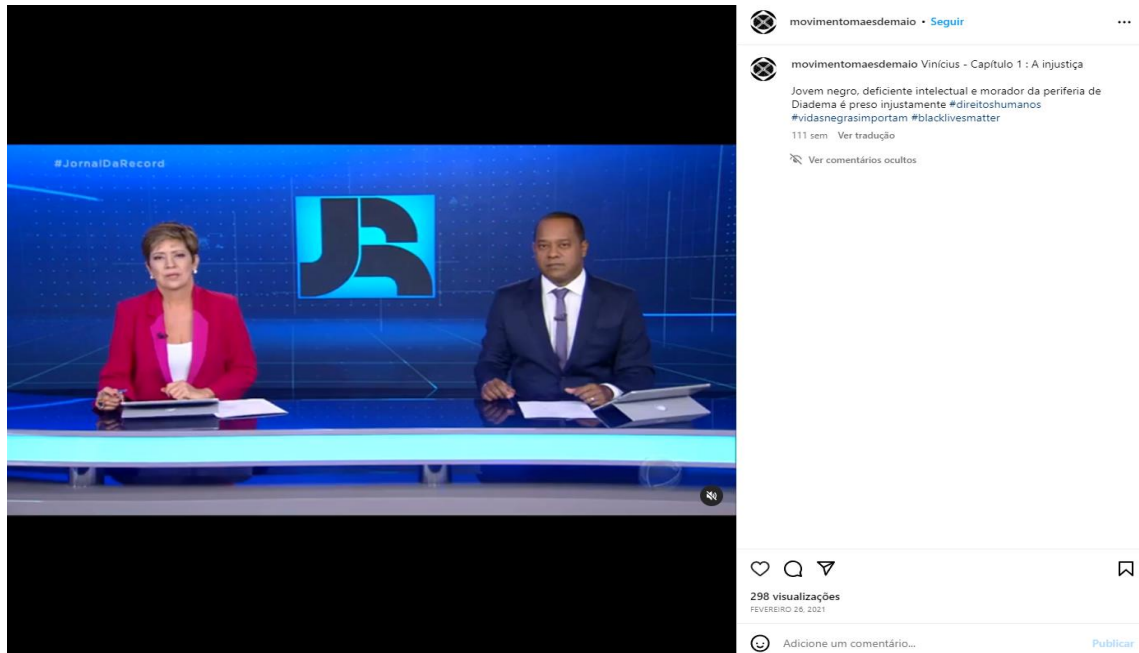
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CKZ9W4inRXq/> (2021)

Imagem 144 – 04/02/2021



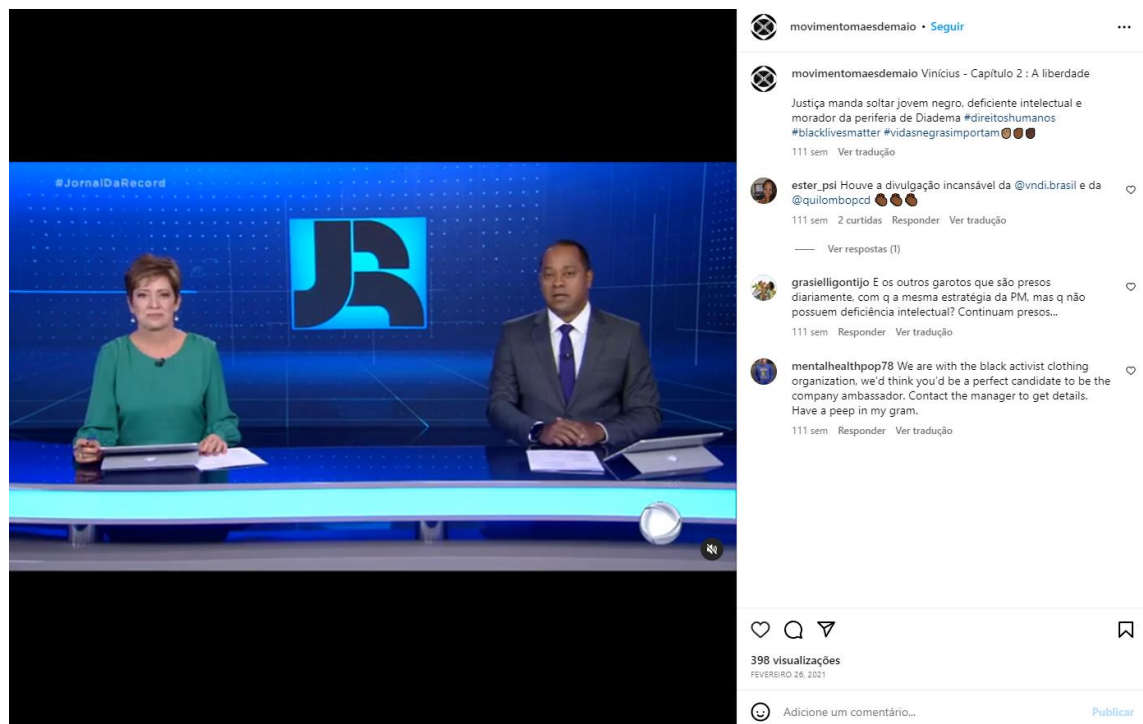
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CK4ByFHHjBY/> (2021)

Imagem 145 – 26/02/2021



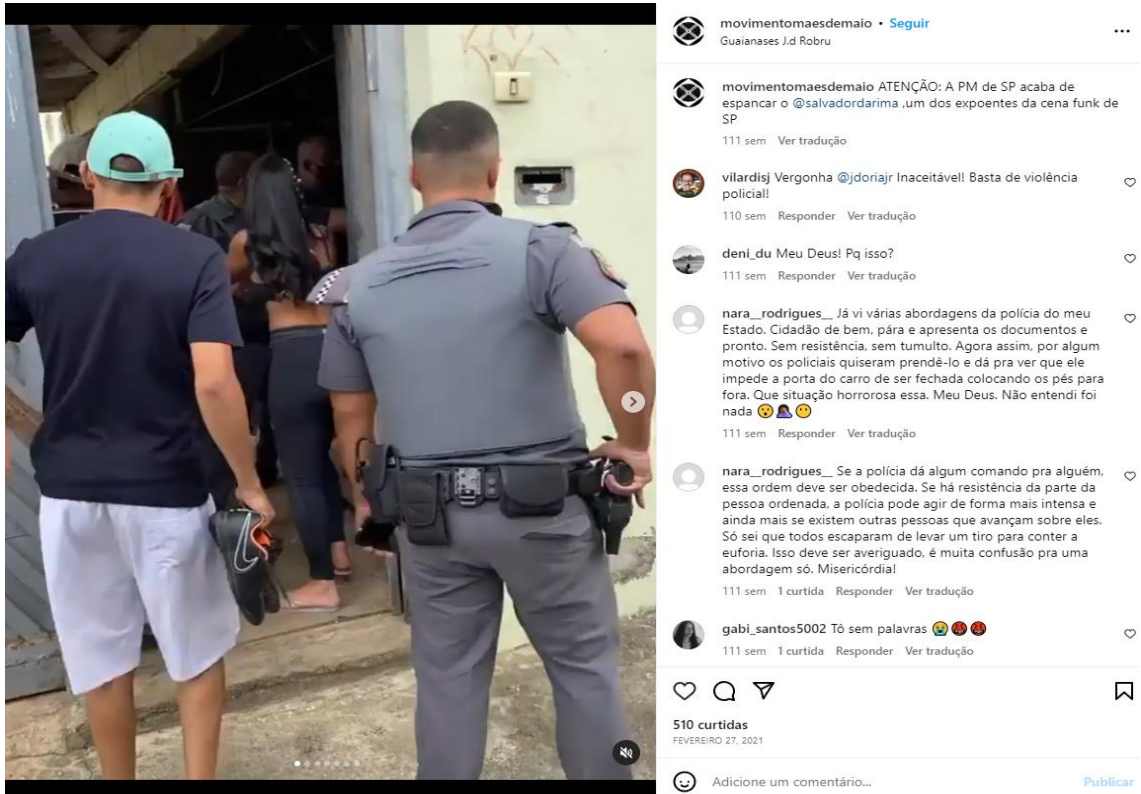
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CLxNmd4nXrj/> (2021)

Imagem 146 26/02/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CLxN-KEHP15/> (2021)

Imagem 147 – 27/02/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CLzdkMFnV7f/> (2021)

Imagem 148 – 02/03/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CL7r7nhHxzj/> (2021)

Imagem 149 – 03/03/2021

URGENTE

O Congresso Nacional deve votar em breve a excludente de ilicitude.

Inscreva-se para barrar esse absurdo:
www.semlicencapramatar.org.br

PAREM DE NOS MATAR

SEM LICENÇA PRA MATAR

movimentomaesdemoia • Seguir

movimentomaesdemoia !! "O Congresso Nacional deve votar em breve a excludente de ilicitude, que isenta de investigação e punição os policiais que cometerem assassinato durante o exercício da atividade profissional, conhecida como licença pra matar." Isso é um absurdo! O Brasil já é um dos países com maior taxa de letalidade policial do mundo e aprovar a excludente é permitir que esses assassinatos não sejam sequer investigados!

👉 "Em 2019 nós conseguimos derrotar a licença pra matar graças a uma grande mobilização popular. E dessa vez não vai ser diferente!" Juntos, nós iremos pressionar mais uma vez para barrar esse absurdo! Inscreva-se para receber o aviso assim que for a hora de agir: www.semlicencapramatar.org.br"

110 sem Ver tradução

marcelopoeta.ignacio E não é só na quebrada não, eu já fui humilhado na ciclovia de Santos em frente a Praça das Bandeiras voltando do trabalho por policiais da operação verão em 2009 vasculharam até minha marmita fazendo eu tirar tudo na mochila nessa abordagem o policial colocou a arma na minha cara e podia ter acontecido merda caso eu fizesse um movimento em falso diante de seu despreparo e cerca de quatro anos atrás na ciclovia de São Vicente também voltando do trabalho e da universidade jogaram meus livros na pista e me chamaram de poeta, escritor e professor de merda e que é em professores metidos ao confronto que eles mais gostavam de bater.

110 sem Responder Ver tradução

marcelopoeta.ignacio O maior dos absurdos é que pretensos representantes ou que deveriam ser? Decretam a pena de morte a vocês e suas famílias, mas respeito e educação nas abordagens ao povo periférico e aos jovens negros e pobres nas quebradas.

114 curtidas
MARÇO 3, 2021

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CL9bf5rHwpO/> (2021)

Imagem 150 – 03/03/2021

DECOLONIALIDADE MULHERES EM PAUTA

MÃES DE MAIO

CONVIDADAS

MEDIADORA

Débora Maria da Silva
Fundadora do Movimento Independente Mães de Maio

Dina Alves
Advogada, atriz, pesquisadora

Claudia Camilo
Antropóloga

MOVIMENTO INDEPENDENTE MÃES DE MAIO

03.03 Quarta-feira - 20h no YOUTUBE - Canal: /DECOLONIALIDADE MULHERES EM PAUTA

movimentomaesdemoia • Seguir

movimentomaesdemoia Filhas e filhos, todos vocês estão convidados! É hoje, às 20h.

110 sem Ver tradução

marcelopoeta.ignacio tamo junto e misturado

110 sem Responder Ver tradução

nena1974_ 🍌🍌🍌

110 sem Responder

101 curtidas
MARÇO 3, 2021

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CL-NMoknfig/> (2021)

Imagem 151 – 04/03/2021



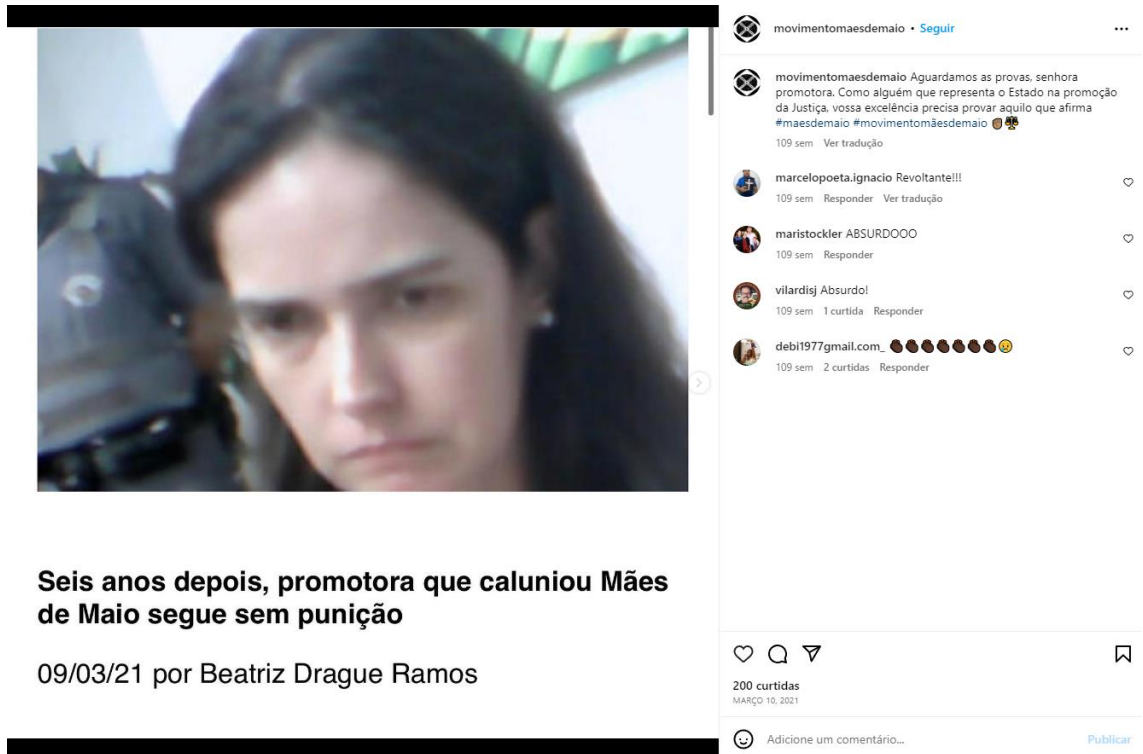
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CMAy18iHPuC/> (2021)

Imagem 152 – 05/03/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CMDGqNOH_Sa/ (2021)

Imagem 153 – 10/03/2021



Seis anos depois, promotora que caluniou Mães de Maio segue sem punição

09/03/21 por Beatriz Drague Ramos

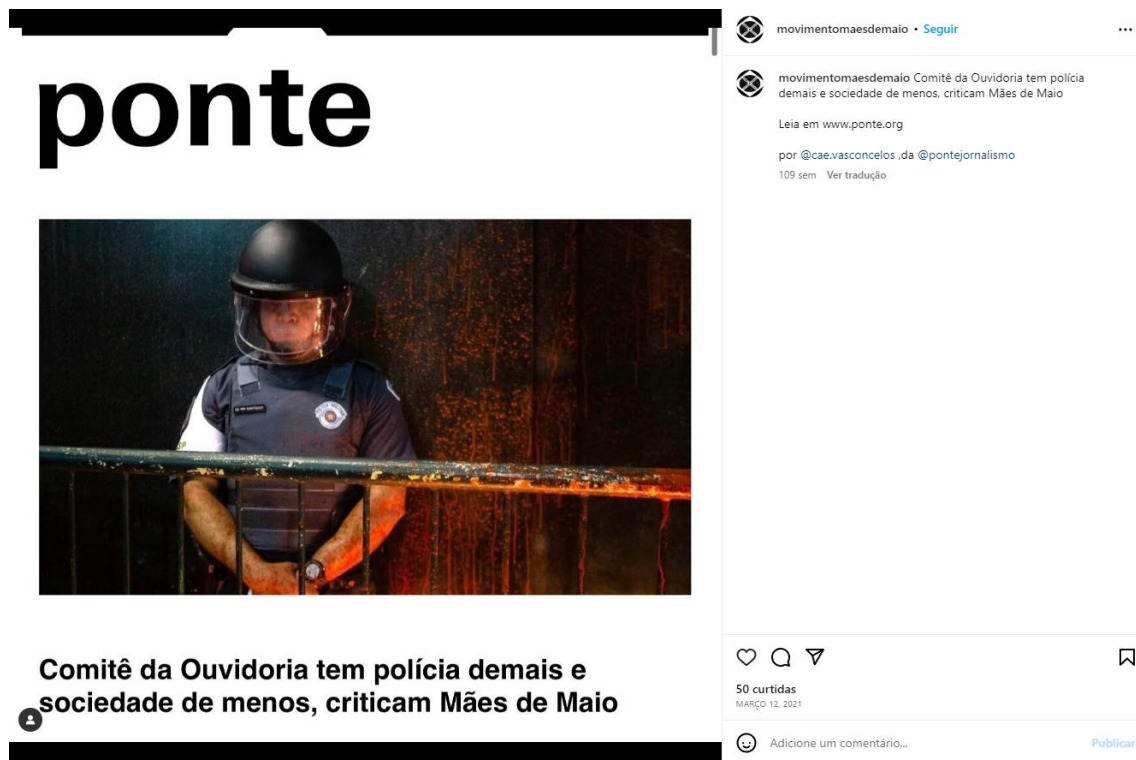
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CMPOGPOHw4i/> (2021)

Imagem 154 – 11/03/2021



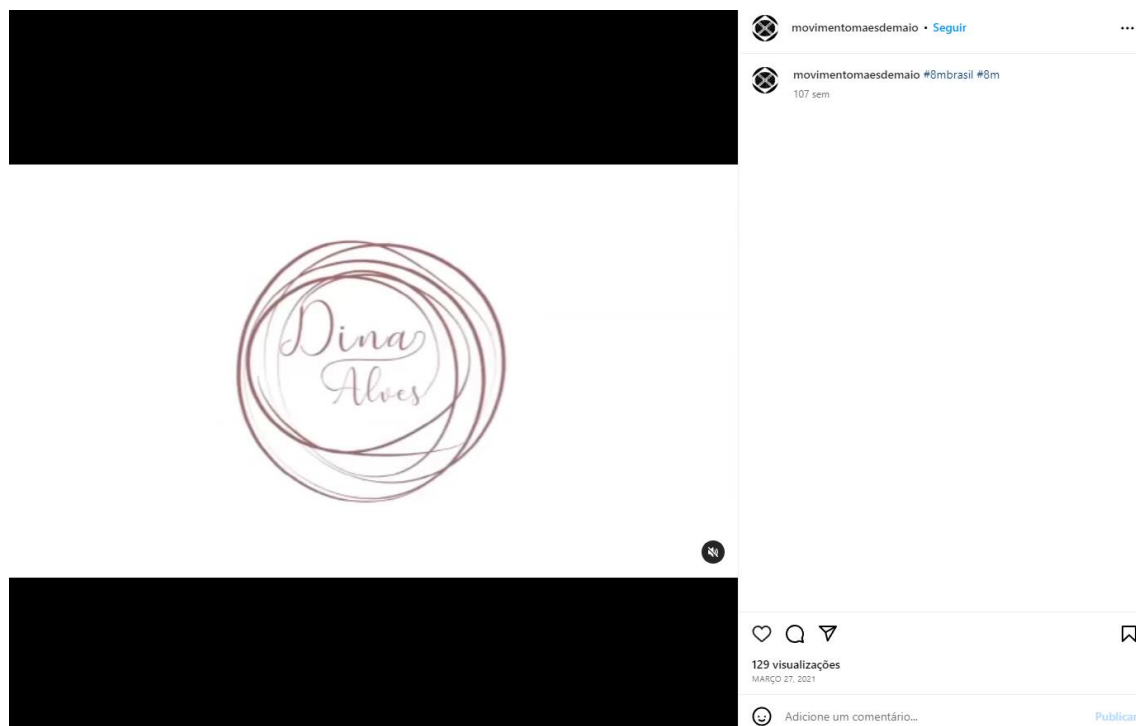
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CMSp-i5nZna/> (2021)

Imagem 155 -12/03/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CMUjjmYHM_1/ (2021)

Imagem 156 – 27/03/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CM70UTcH42e/> (2021)

Imagem 157 – 28/03/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CM-SZKxHPZ_/ (2021)

Imagem 158 – 01/04/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CNIV-cjnbjS/> (2019)

Imagem 159 – 11/04/2021

Painel:
Segurança Pública e Desigualdade

12 de Abril
20h30 (BRT)

Pablo Nunes
Coordenador no Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC)

Débora Silva
Fundadora do Movimento Mães de Maio

Cecília Oliveira
Jornalista

Flávio Costa
Jornalista

Moderação

BRAZIL CONFERENCE
AT HARVARD & MIT

movimentomaesdaio • Seguir

movimentomaesdaio Dia 12/04: vamos conversar sobre Segurança Pública e Desigualdade @oliveira_cecilia @debi1977@gmail.com_ @flaviomcosta @pblins
Editado · 105 sem · Ver tradução

marcelopoeta.ignacio colonialismo e racismo estrutural fazem uma segurança pública desigual
105 sem · Responder · Ver tradução

marcelopoeta.ignacio segurança desigual já está a décadas e décadas
105 sem · Responder · Ver tradução

marcelopoeta.ignacio segurança pública com igualdade
105 sem · Responder · Ver tradução

marcelopoeta.ignacio apoio e força
105 sem · Responder · Ver tradução

52 curtidas
ABRIL 11, 2021

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CNh1-_tHG8R/ (2021)

Imagem 160 – 13/04/2021

⚠️ TEM COISA MAIS URGENTE... ⚠️

COMO FORTALECER A SAÚDE PÚBLICA!

#NÃOÀURGÊNCIADOPL6764

movimentomaesdaio • Seguir

movimentomaesdaio O Brasil enfrenta o seu pior momento da pandemia. Diariamente, cerca de 4.000 pessoas no país perdem a vida para a Covid-19. Em menos de 15 dias do mês de abril, mais de 25.000 pessoas foram vítimas da pandemia por causa do descaso das autoridades públicas, que não dedicam esforços suficientes e coordenados para combatê-la. Mesmo assim, o Congresso Nacional quer votar – em regime de urgência – e sem participação popular o PL nº 6.764, que tem o potencial de ameaçar direitos civis e políticos ao reeditar crimes previstos na Lei de Segurança Nacional, criada na ditadura militar. Os parlamentares precisam colocar a proteção da vida como prioridade!

@anistiabrasil #anistiabrasil #maesdaio #mãesdaio
104 sem · Ver tradução

aloysoletra Oprê! Tempos sombrios os que vivemos. Esse bando de homem branco autoritário só traz coisa ruim...
103 sem · Responder · Ver tradução

marcelopoeta.ignacio VIVASUS!
104 sem · Responder

marcelopoeta.ignacio vacina já
104 sem · Responder · Ver tradução

karateka.sp A carta da saúde é linda.A verba carimbada,desviada pela corrupção,faz da saúde pública, um caos.
104 sem · Responder · Ver tradução

26 curtidas
ABRIL 13, 2021

Adicione um comentário... Publicar

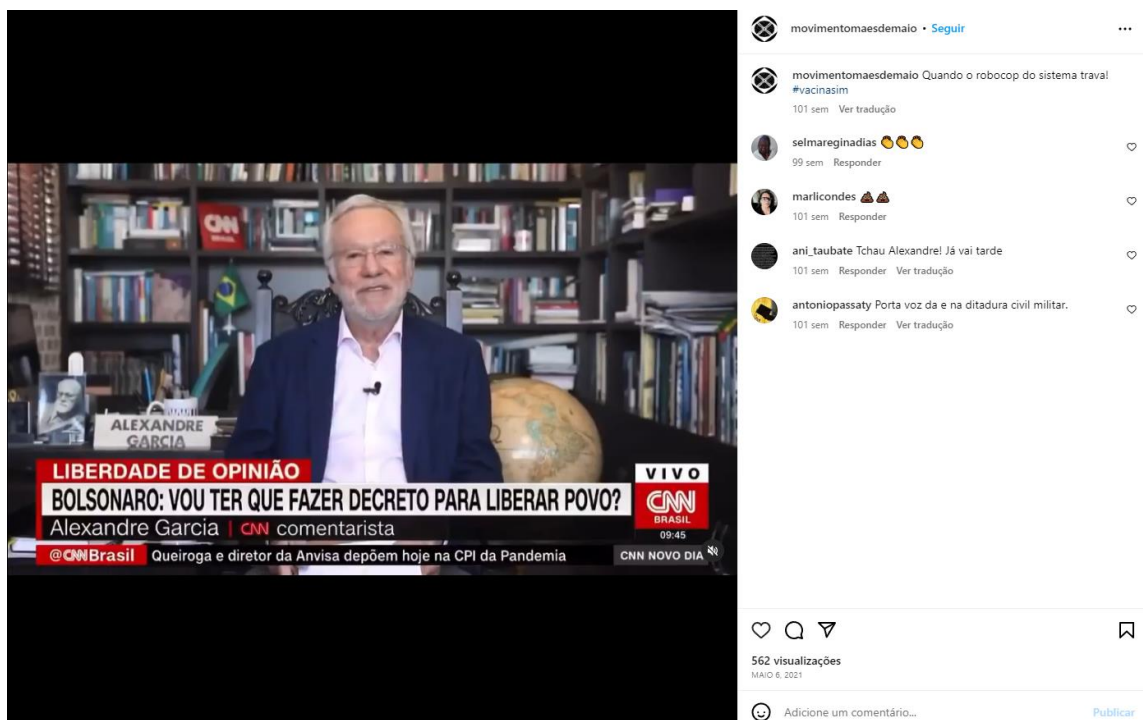
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CNnZYtXngU6/> (2019)

Imagem 161 – 22/03/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CN-bgBRnJ0d/> (2021)

Imagem 162 – 06/05/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/COiRoUAnH00/> (2021)

Imagem 163 - 06/05/2021



CHACINA DO JACAREZINHO

Temos que ocupar as redes pra denunciar a operação oficial com **MAIOR** número de **MORTOS** da **HISTÓRIA!**

Chacina que não para de crescer!
CHEGA!
Favelas Na Luta querem viver!

twittaço
#ChacinadoJacarezinho

movimentomaesdemoiaio • Seguir

movimentomaesdemoiaio !! *TWITTAÇO AGORA #ChacinadoJacarezinho*. Já são 25 mortos - entre famílias, jovens e crianças - no dia de hoje no Jacarezinho (RJ) e a mídia ainda está chamando de operação contra "suspeitos". Temos que ocupar as redes pra denunciar a operação oficial com maior número de mortos da história! Chacina que não para de crescer!

Divulgue, cobre o Governador Cláudio Castro para que ele se responsabilize pelo sangue que tem nas mãos e "mostre que se trata de um MASSACRE! Poste com a hashtag #ChacinadoJacarezinho!"

101 sem Ver tradução

marcelopoeta.ignacio genocídio social
101 sem Responder Ver tradução

marcelopoeta.ignacio tristeza sem fim
101 sem Responder Ver tradução

tatuzulu #Chacinadojacarezinho
101 sem Responder Ver tradução

ncqueiroz Que absurdo! 🤔🤔🤔🤔🤔
101 sem Responder

169 curtidas
MAIO 6, 2021

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/COin--0HFeS/> (2021)

Imagem 164 – 07/05/2021



movimentomaesdemoiaio • Seguir

movimentomaesdemoiaio #chacinadojacarezinho
101 sem Ver tradução

marcelopoeta.ignacio putz
101 sem Responder Ver tradução

153 curtidas
MAIO 7, 2021

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/COIHkp7nGF8/> (2021)

Imagem 165 -12/05/2021



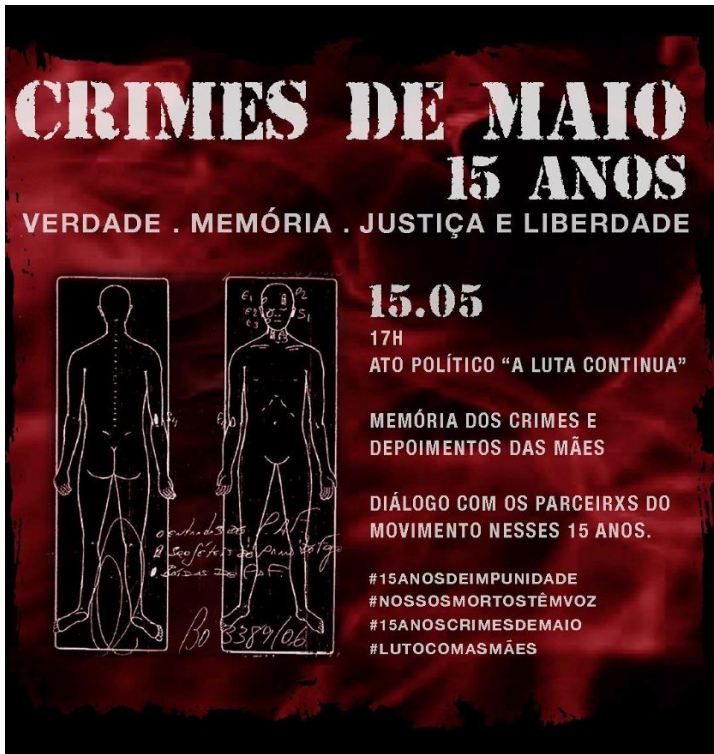
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/COyCjIzHGrv/> (2021)

Imagem 166 – 14/05/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CO1xo_kHmf_/ (2021)

Imagem 167 – 14/05/2021



CRIMES DE MAIO
15 ANOS
VERDADE . MEMÓRIA . JUSTIÇA E LIBERDADE

15.05
17H
ATO POLÍTICO "A LUTA CONTINUA"

MEMÓRIA DOS CRIMES E DEPOIMENTOS DAS MÃES

DIÁLOGO COM OS PARCEIRXS DO MOVIMENTO NESSES 15 ANOS.

#15ANOSDEIMPUNIDADE
#NOSSOMORTOSTÊMVOZ
#15ANOSCRIMESDEMAIO
#LUTOCOMASMÃES

movimentomaesdemaio • Seguir

movimentomaesdemaio #lutocomasmães
#15anosdoscrimesdemaio @debi1977gmail.com_ @caaf_unifesp
100 sem Ver tradução

leccamarotto Vai ser aqui. ou no youtube?
100 sem Responder Ver tradução

marcelopoeta.ignacio tamo junto
100 sem Responder Ver tradução

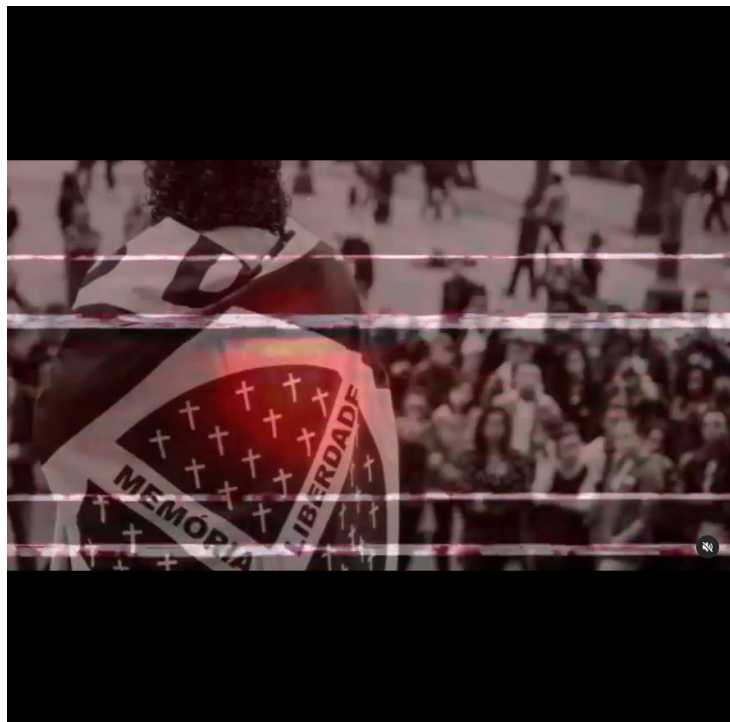
coletivo.sementes 🌱
100 sem Responder

73 curtidas
MAIO 14, 2021

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CO4DAMWnZ9h/> (2021)

Imagem 168 -14/05/2021



movimentomaesdemaio • Seguir

movimentomaesdemaio #maesdemaio
#lutocomasmães
#15anosdoscrimesdemaio
#15anosdeimpunidade
@caaf_unifesp
@debi1977gmail.com_
100 sem Ver tradução

katia_j_silva Sdds sem fim 🙏❤️🙏
100 sem Responder Ver tradução

caaf_unifesp 🙏🙏
100 sem Responder

lowprofilavia ❤️❤️❤️
100 sem Responder

424 visualizações
MAIO 14, 2021

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CO4HsVtH-M_/ (2021)

Imagem 169 – 16/05/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CO8LC5pHQvk/> (2021)

Imagem 170 – 19/05/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CPEeTrTnpLK/> (2021)

Imagem 171 – 28/05/2021

AUDIÊNCIA PÚBLICA

15 ANOS DE LUTAS

MÃES DE MAIO

O GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA É UM RETRATO DA DESIGUALDADE RACIAL DO PAÍS

28 DE MAIO ÀS 18H

DO LUTO À LUTA!

ACOMPANHE NO MEU FACEBOOK

CHICO NOGUEIRA DO SETAPORT

@VEREADORCHICONOQUEIRA

movimentomaesdemoio • Seguir

movimentomaesdemoio Hoje, filhas e filhos, às 18h #maesdemoio #mãesdemoio #lutocomasmães @debi1977@gmail.com_

Pra acompanhar: <https://www.facebook.com/camaramunicipaldesantos/> 98 sem Ver tradução

marcelopoeta.ignacio somos todos(as) todes Mães de Maio seus filhos(as) presentes 98 sem Responder Ver tradução

58 curtidas MAIO 28, 2021

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CPbWo6Onp_h/ (2021)

Imagem 172 – 28/05/2021

O QUILOMBO RIO DOS MACACOS PEDE SOCORRO!

movimentomaesdemoio • Seguir

movimentomaesdemoio "URGENTE" !! | Após a denúncia do assassinato de um jovem, na última terça (25/5), câmeras de segurança instaladas próximas as casas de lideranças comunitárias da Comunidade Quilombola de Rio dos Macacos foram desligadas "na noite desta sexta (28/5)".

Precisamos "imediatamente" de uma ronda no território e exigimos que a Secretaria de Segurança Pública da Bahia garanta a proteção da vida dos quilombolas!

Faça essa mensagem chegar ao maior número de pessoas possíveis! 98 sem Ver tradução

marcelopoeta.ignacio Um absurdo os quilombos e quilombolas ainda vivem nas suas terras sem o certificado de posse legal pela união...o estado ou estados a demarcação não somente dos quilombolas, assentados, indígenas e caiçaras sofrem ações de reintegração de terras? 98 sem Responder Ver tradução

andreluispatrio @juca_guima @sinomar_reporter @munilobusolin @ricardoveiga73 @edileuzapenhadesouza @luizixuau @marildatelesmaracci @atorjosedumont @eduardosuplidy @izettel 98 sem Responder

109 curtidas MAIO 28, 2021

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CPcE_w0HzIk/ (2021)

Imagem 173 – 29/05/2021



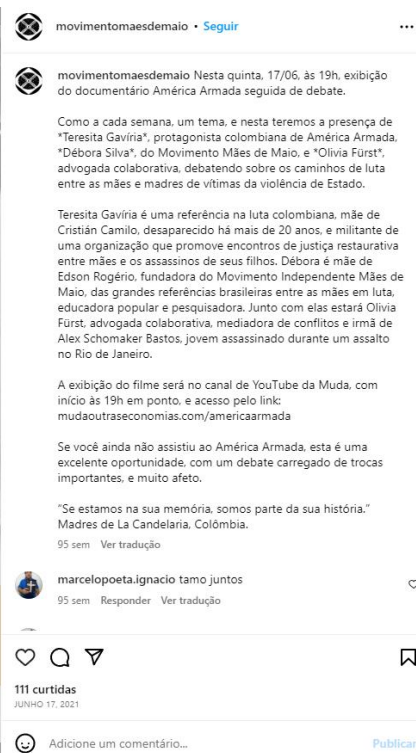
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CPdt2hvn1US/> (2021)

Imagem 174 – 31/05/2021



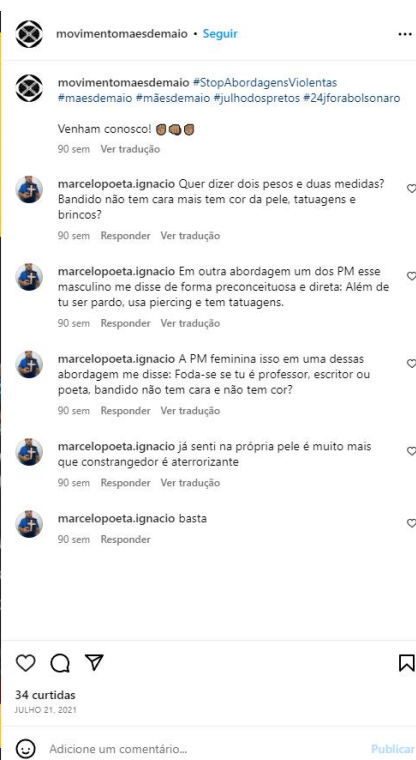
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CPjXMWbnFyd/> (2021)

Imagem 175 – 17/06/2021



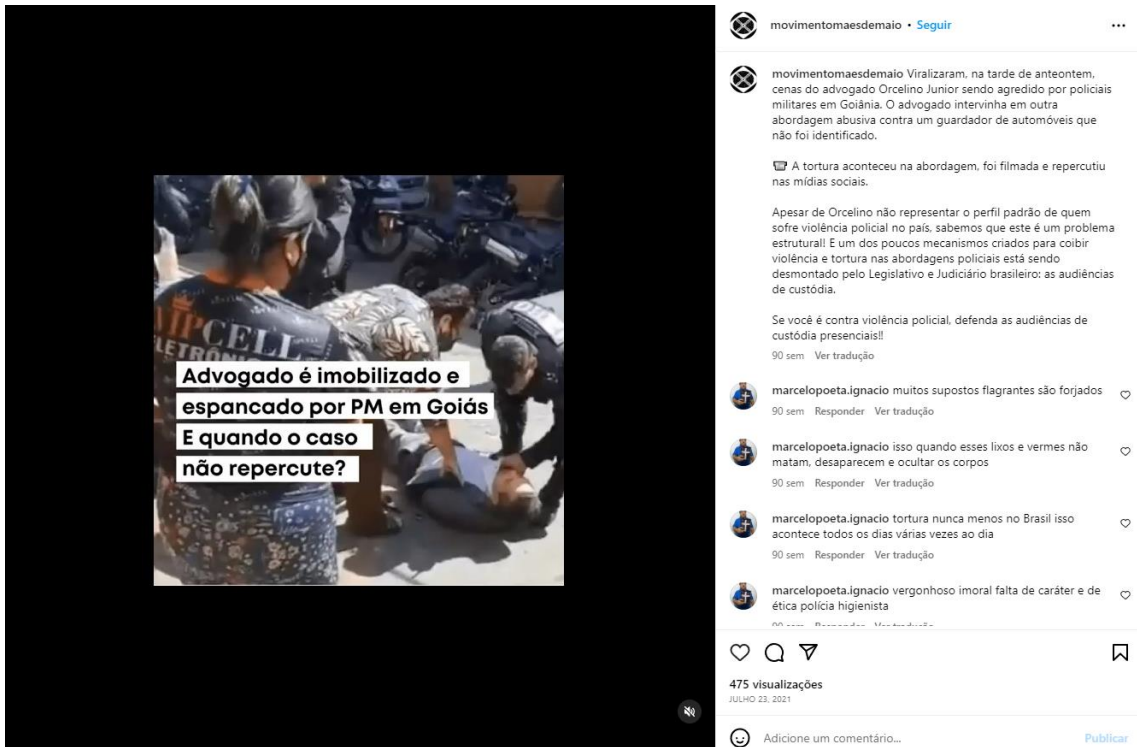
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CQOfcT8HLUN/> (2021)

Imagem 176 – 21/07/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CRmcIkBHY54/> (2021)

Imagem 177 – 23/07/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CRr1iHwnPad/> (2021)

Imagem 178 – 04/08/2021



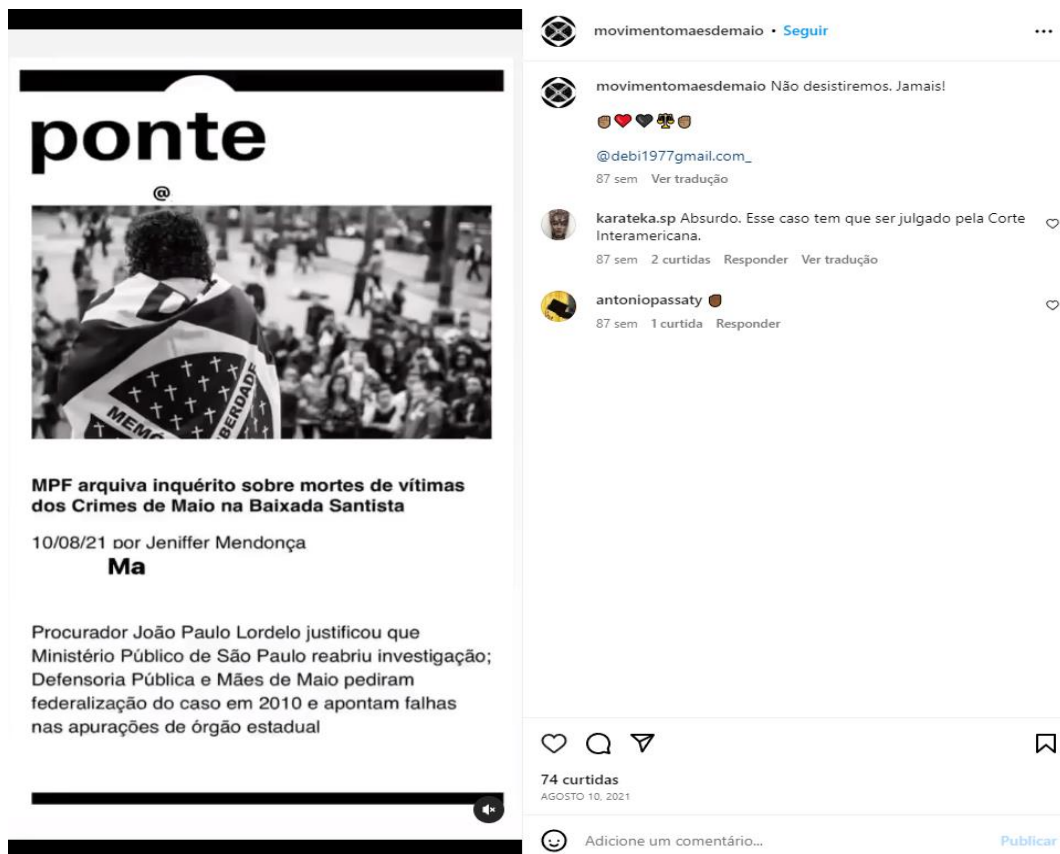
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CSKyQXoHF5f/> (2021)

Imagem 179 – 10/08/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CSafW1InLuw/> (2021)

Imagem 180 – 10/08/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CSag5vynjlo/> (2021)

Imagem 181 – 10/08/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CSaiAh6HUzU/> (2021)

Imagem 182 – 10/08/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CSajm6GnYyk/> (2021)

Imagem 183 – 14/08/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CSkcfklHJfc/> (2021)

Imagem 184 – 15/08/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CSmu7bVnUPU/> (2021)

Imagem 185 – 16/08/2021



15 ANOS DOS CRIMES DE MAIO

IMPUNIDADE E DESAFIOS PARA O ENFRENTAMENTO AO RACISMO

AUDIÊNCIA PÚBLICA

Com participação do poder público, de movimentos sociais e de familiares de vítimas

Acompanhe ao vivo

17.AGO 15H ÀS 18H

<https://youtu.be/JDgeiLmsgiY>

CNDH Conselho Nacional dos Direitos Humanos

justicaglobal

movimentomaesdaio • Seguir

movimentomaesdaio 15 anos dos Crimes de Maio: CNDH, Justiça Global e Movimento Mães de Maio promovem audiência sobre impunidade e racismo

Leia mais: <https://bit.ly/3CUew3W>

#maesdaio #mãesdaio #15anosdoscrimesdemaio

Editado · 87 sem Ver tradução

marcelopoeta.ignacio nossos mortos tem voz

86 sem Responder Ver tradução

48 curtidas

AGOSTO 16, 2021

Adicione um comentário...

Publicar

Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CSpNeqWHuko/> (2021)

Imagem 186 – 16/08/2021



MÃES DE MAIO

MEMÓRIA E JUSTIÇA

Mães de Maio conquistam monumento em praça de Santos (SP)

movimentomaesdaio • Seguir

movimentomaesdaio Mães de Maio conquistam monumento em praça de Santos (SP)

Após vetar projeto de lei que criava mausoléu para as vítimas dos Crimes de Maio de 2006, maior violência policial da história brasileira, prefeito se comprometeu a construir monumento.

Leia em www.ponte.org

#maesdaio #mãesdaio

87 sem Ver tradução

marcelopoeta.ignacio salve

86 sem Responder

marcelopoeta.ignacio adoro

86 sem Responder

38 curtidas

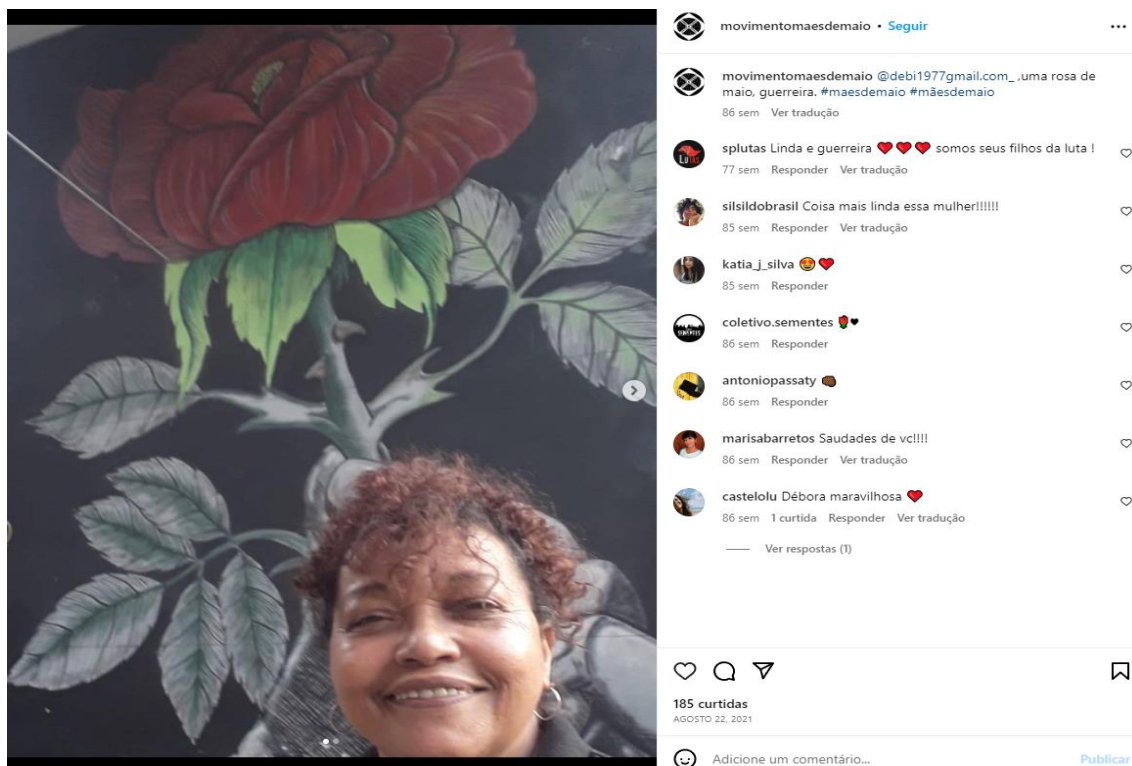
AGOSTO 16, 2021

Adicione um comentário...

Publicar

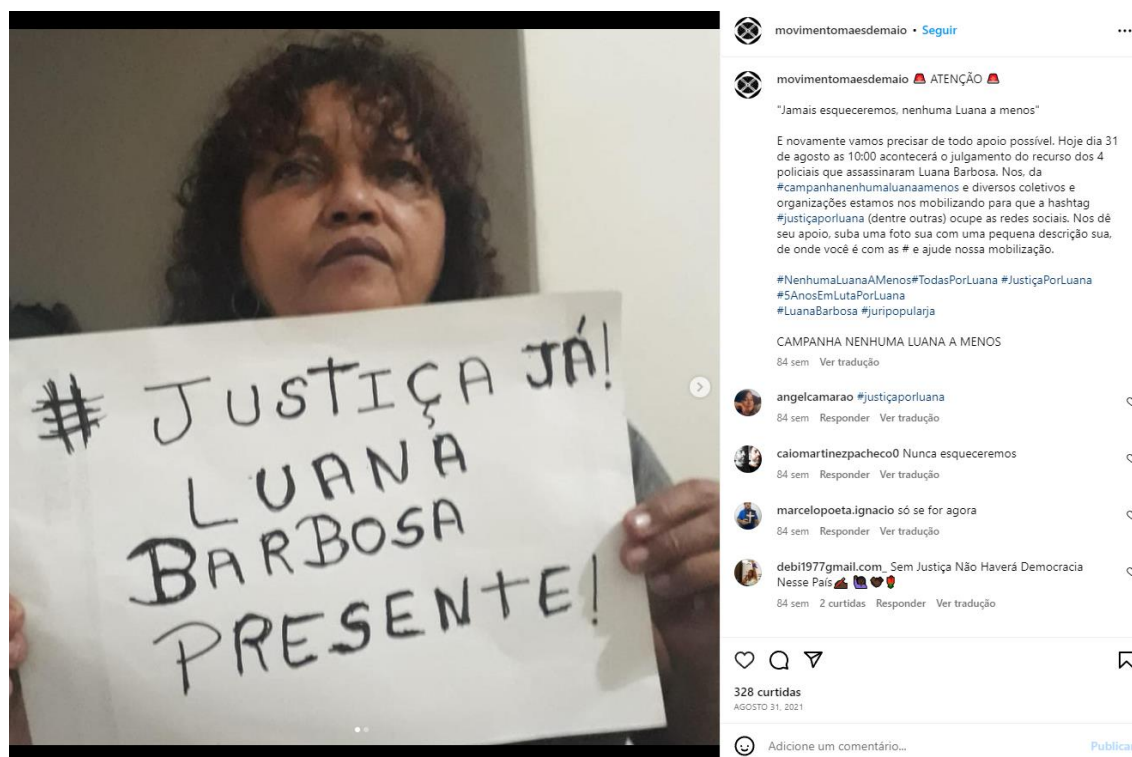
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CSp4uowHMF-/> (2021)

Imagem 187 – 22/08/2021



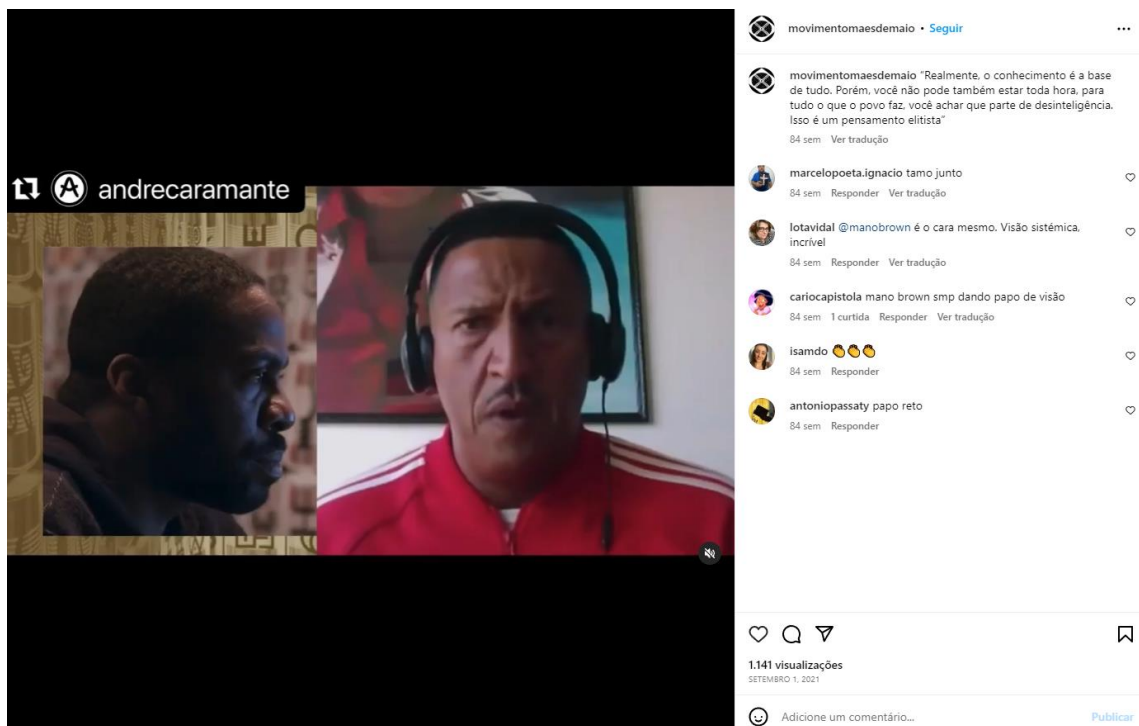
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CS48PZVHNP1/> (2021)

Imagem 188 – 31/08/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CTPf66kHWqn/> (2021)

Imagem 189 – 01/09/2021



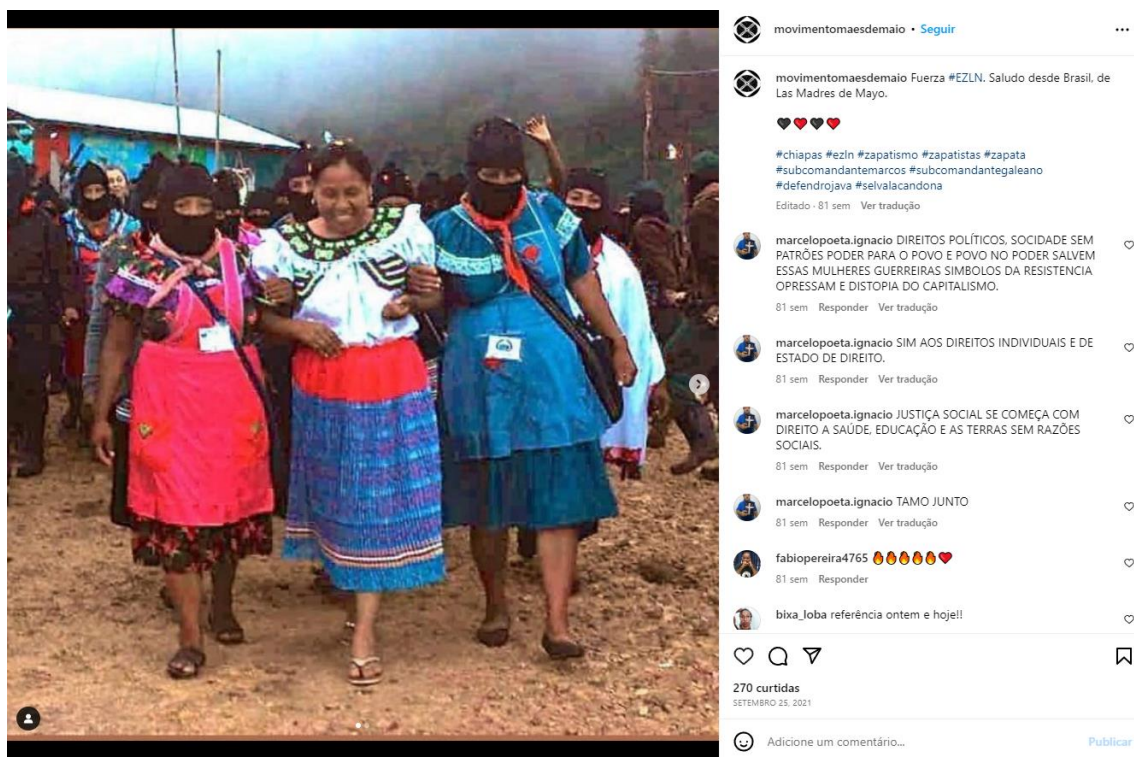
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CTSy3t1AZR_/ (2021)

Imagem 190 – 18/09/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CT-L4ARrWme/> (2021)

Imagem 191 – 25/09/2021



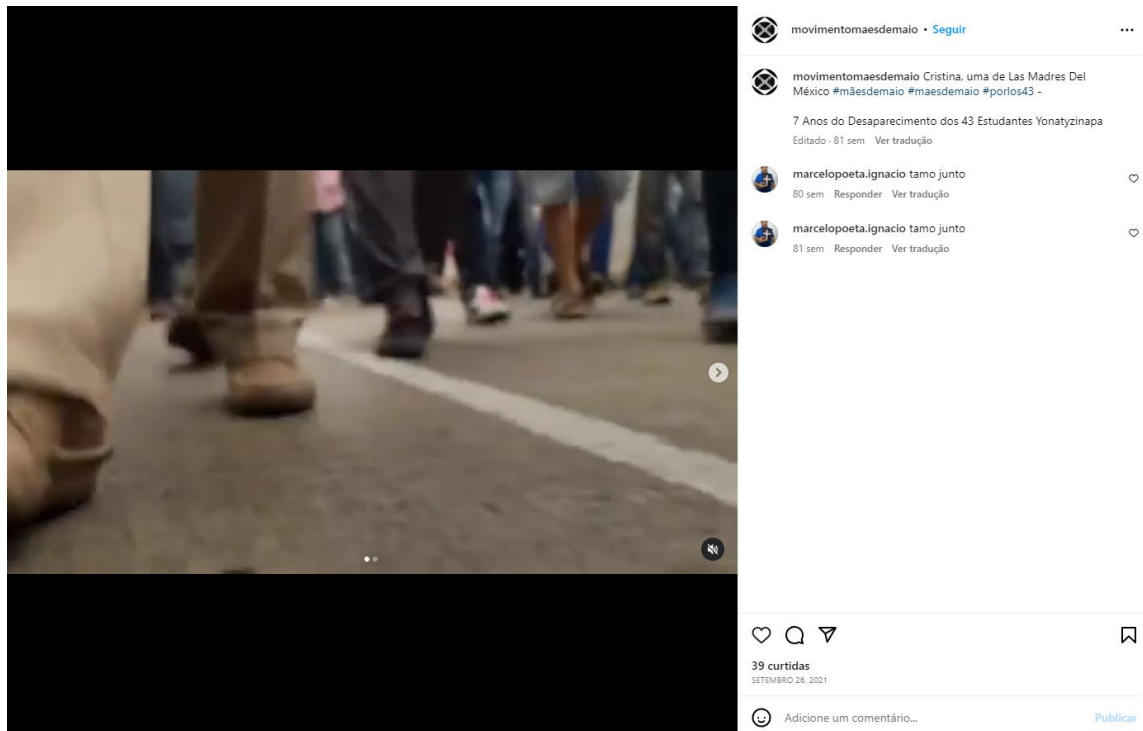
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CUQAwGPL5uw/> (2021)

Imagem 192 – 25/09/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CURA1nztKuK/> (2021)

Imagem 193 – 26/09/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CUTJTf_P2Z6/ (2021)

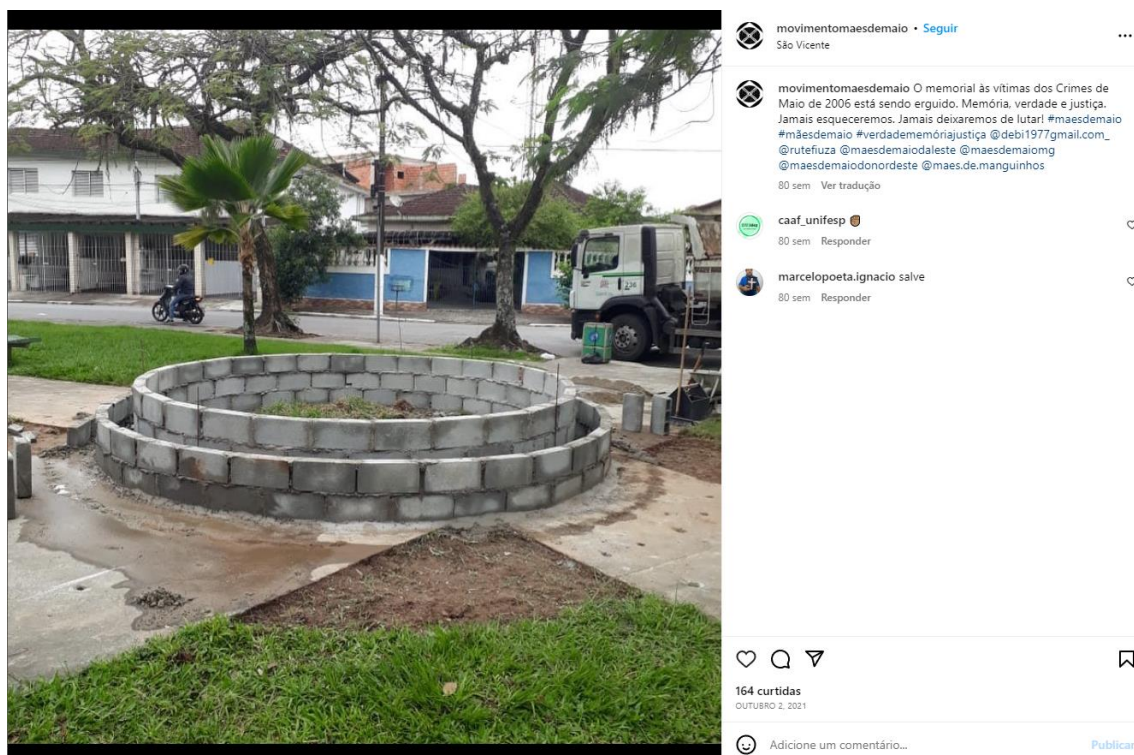
Imagem 194 – 27/09/2021



Fonte:

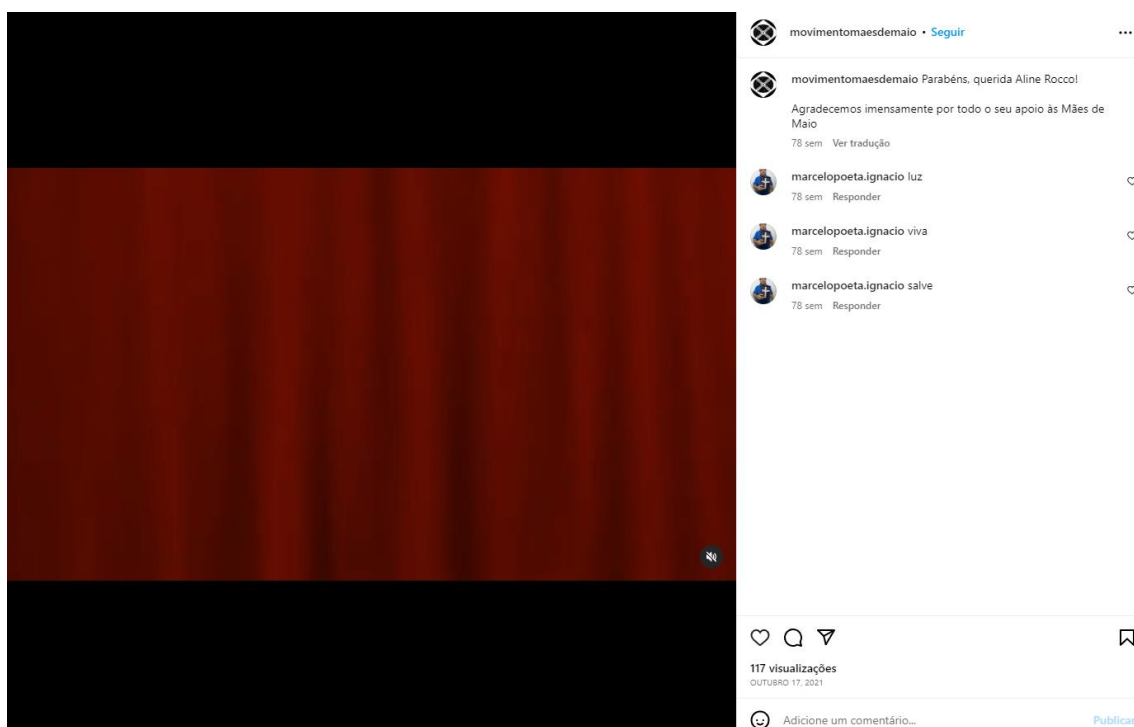
Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CUU4SvpLkD3/> (2021)

Imagem 195 – 02/10/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CUiS_fGrwyk/ (2021)

Imagem 196 – 17/10/2021



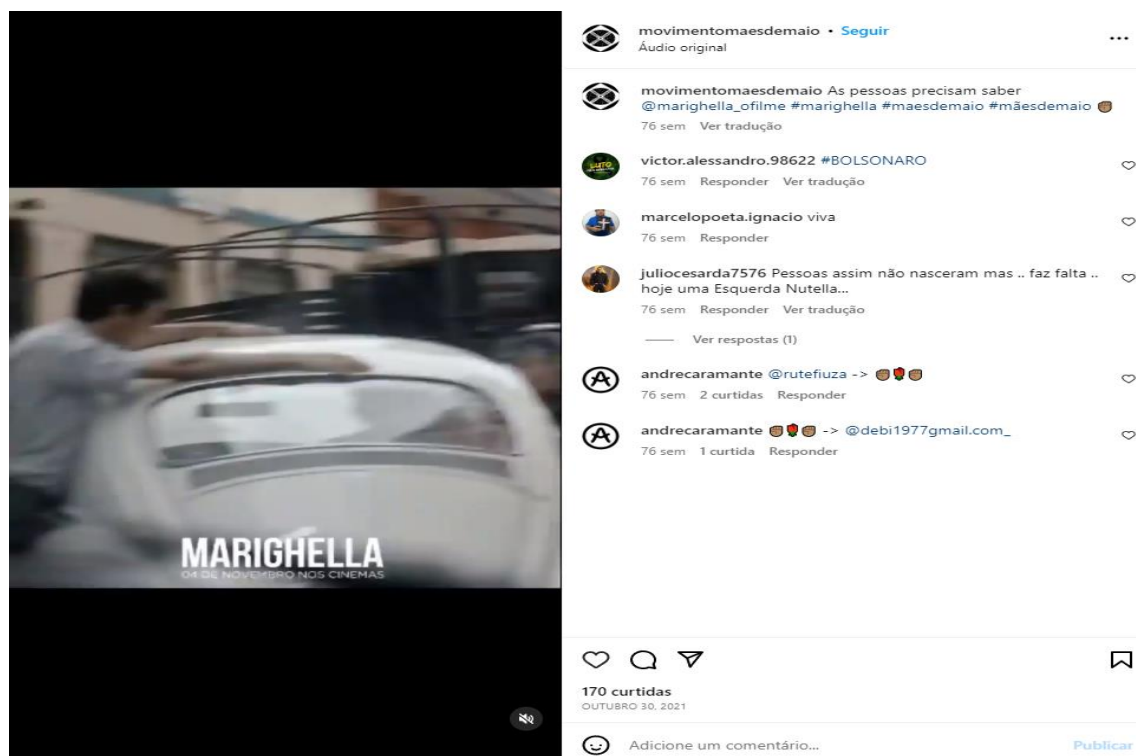
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CVJDEKqA3kJ/> (2021)

Imagem 197 – 29/10/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CVoE-ryg-Ab/> (2021)

Imagem 198 – 30/10/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CVqJN5vgQrN/> (2021)

Imagem 199 – 30/10/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CVqM19ILwrU/> (2021)

Imagem 200 – 21/09/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CWjBHEUv-wl/> (2021)

Imagem 201 – 24/09/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CWq0Ap8PCLS/> (2021)

Imagem 202 – 30/09/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CW7CnFetYJV/> (2021)

Imagem 203 – 09/12/2021



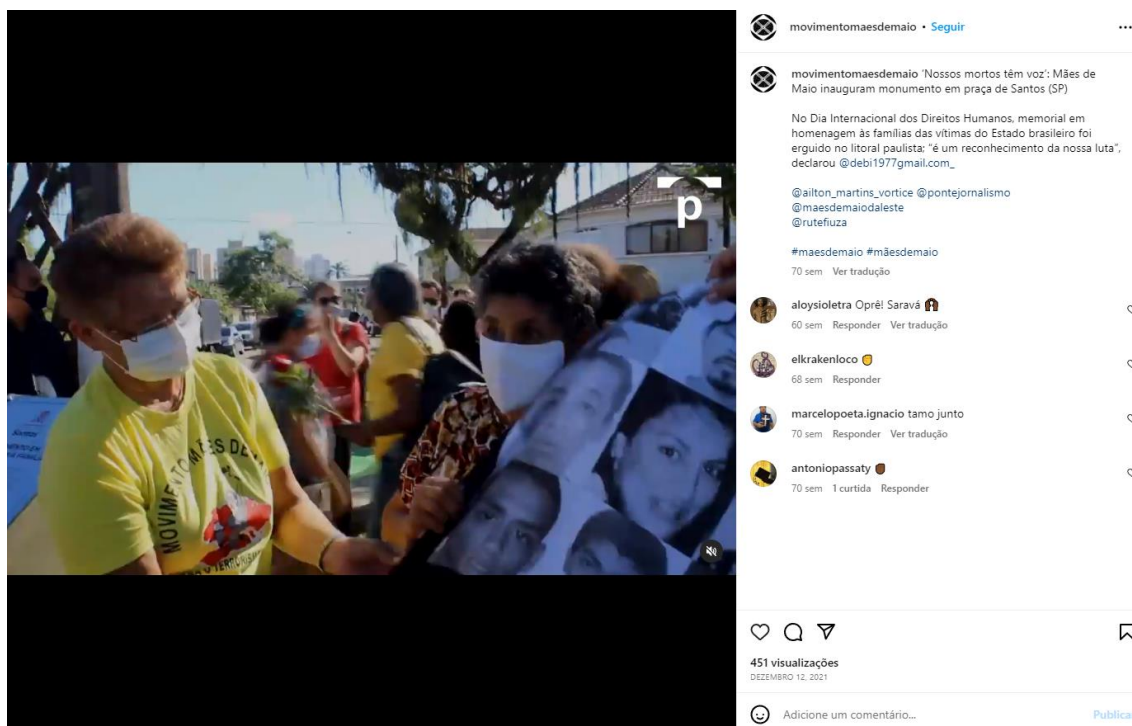
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CXRr_e2vjMf/ (2021)

Imagem 204 – 09/12/2021



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CXSKnvHNGzr/> (2021)

Imagem 205 – 12/12/2021



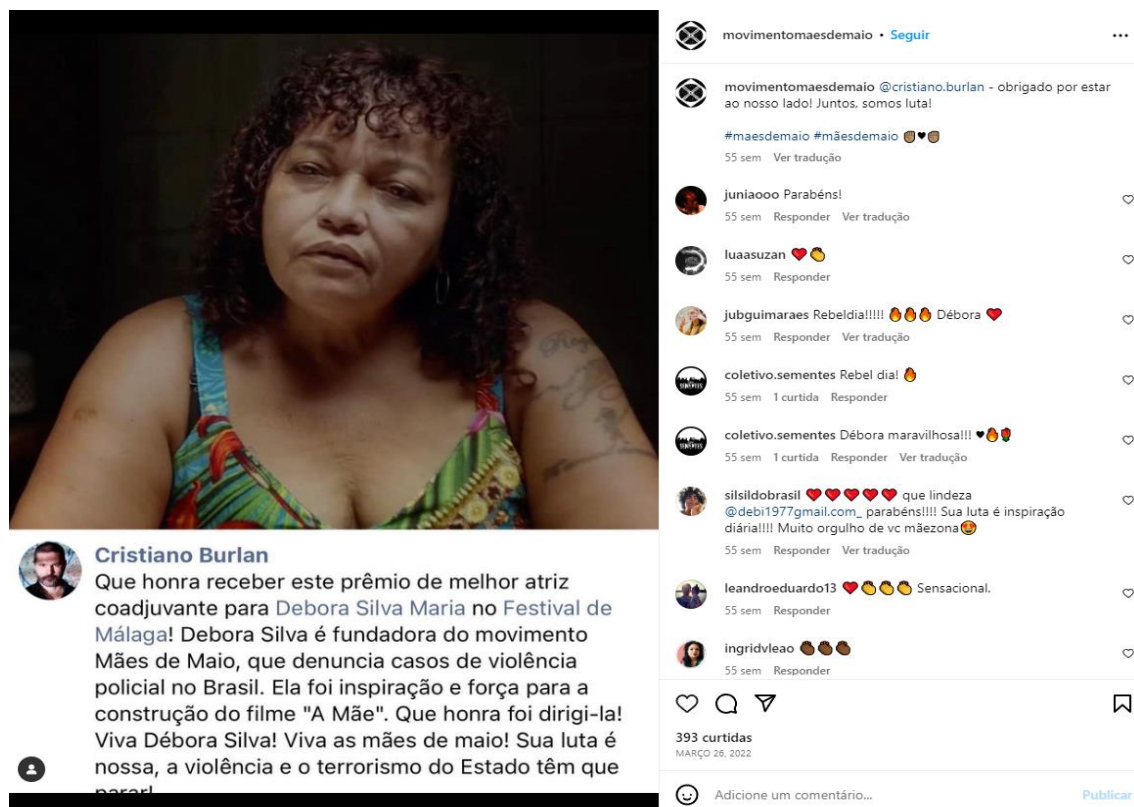
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CXYz2SCA-gb/> (2021)

Imagem 206 – 22/03/2022



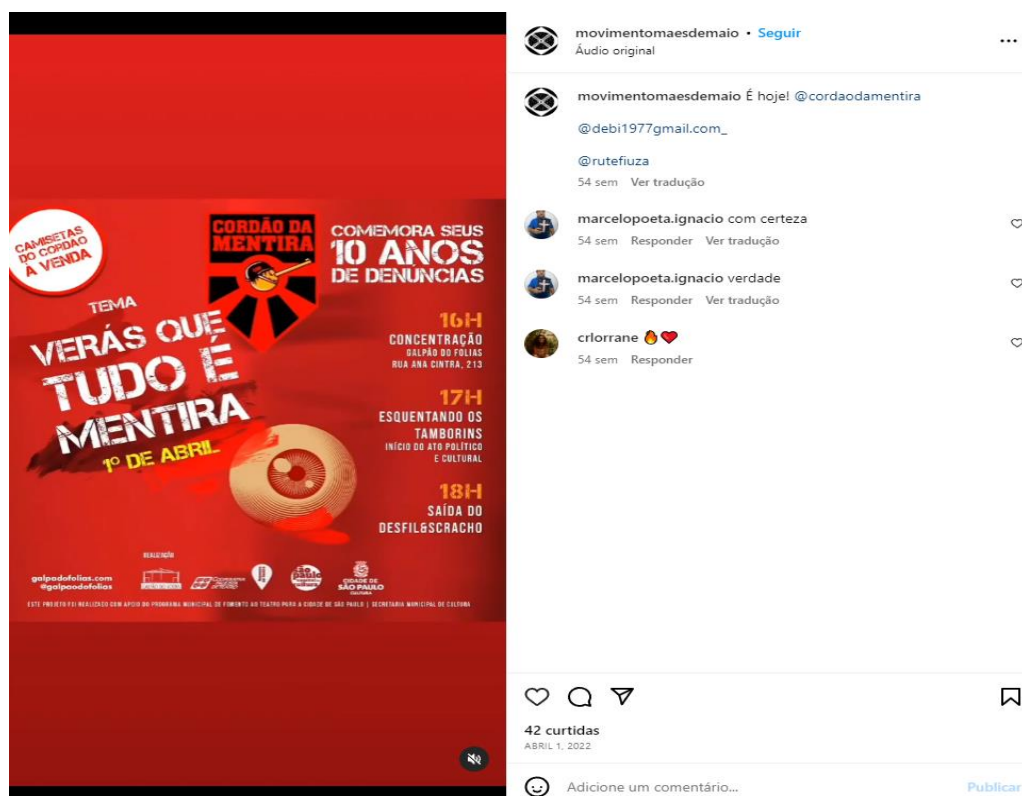
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CbaXNrktlO/> (2022)

Imagem 207 – 26/03/2022



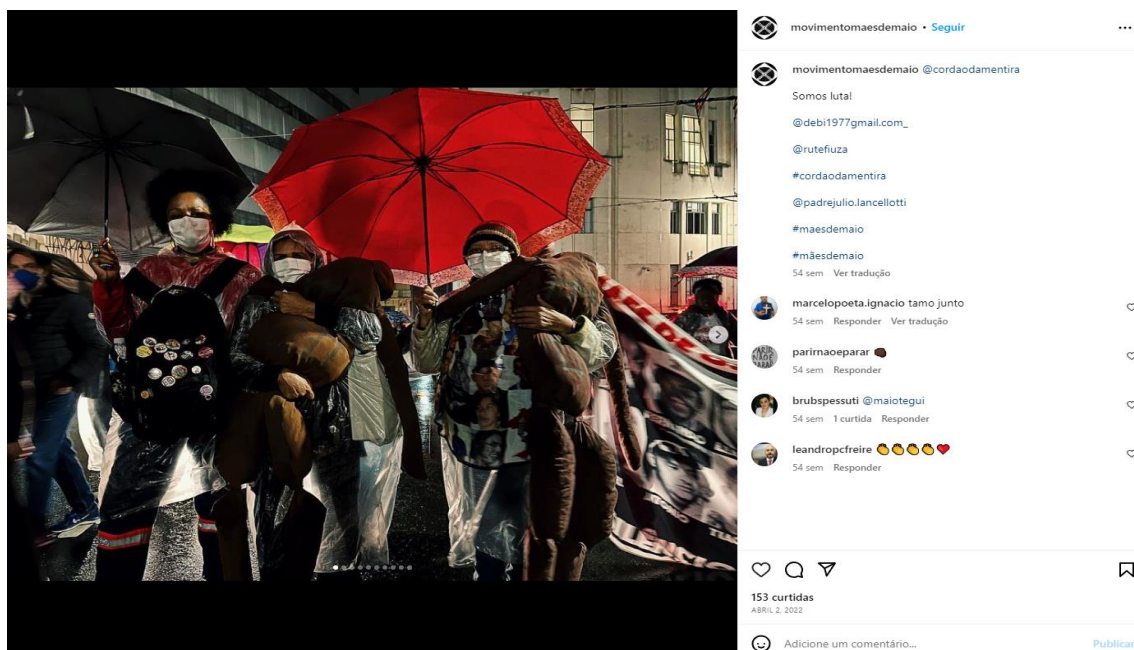
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CblJ5xJv80m/> (2022)

Imagem 208 – 01/04/2022



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/Cbz-L4Ggyz_/ (2022)

Imagem 209 – 02/04/2022



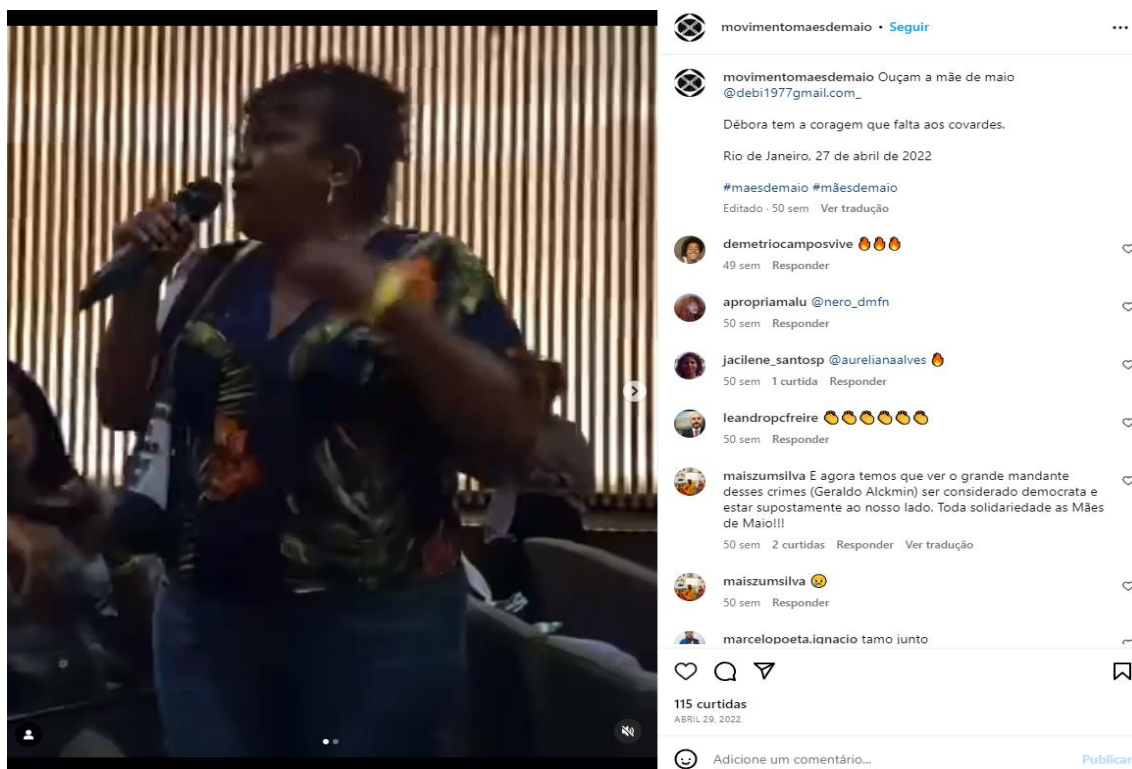
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Cb2180ZrebX/> (2022)

Imagem 210 – 07/04/2022



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CcEO1h1v11z/> (2022)

Imagem 211 – 29/04/2022



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Cc9PHnztTNP/> (2022)

Imagem 212 – 10/05/2022



Fonte:

Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CdZIBXCtTLv/> (2022)

Imagem 213 – 11/05/2022



Fonte:

Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CdcDJXDNYtB/> (2022)

Imagem 214 – 11/05/2022

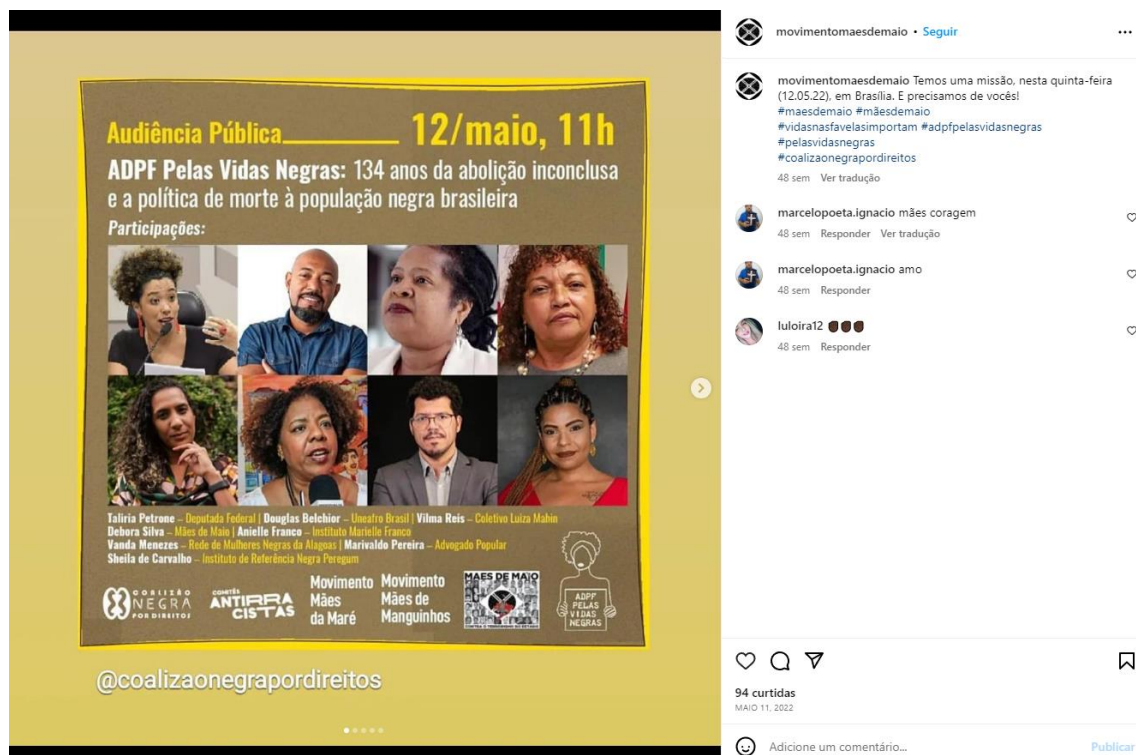
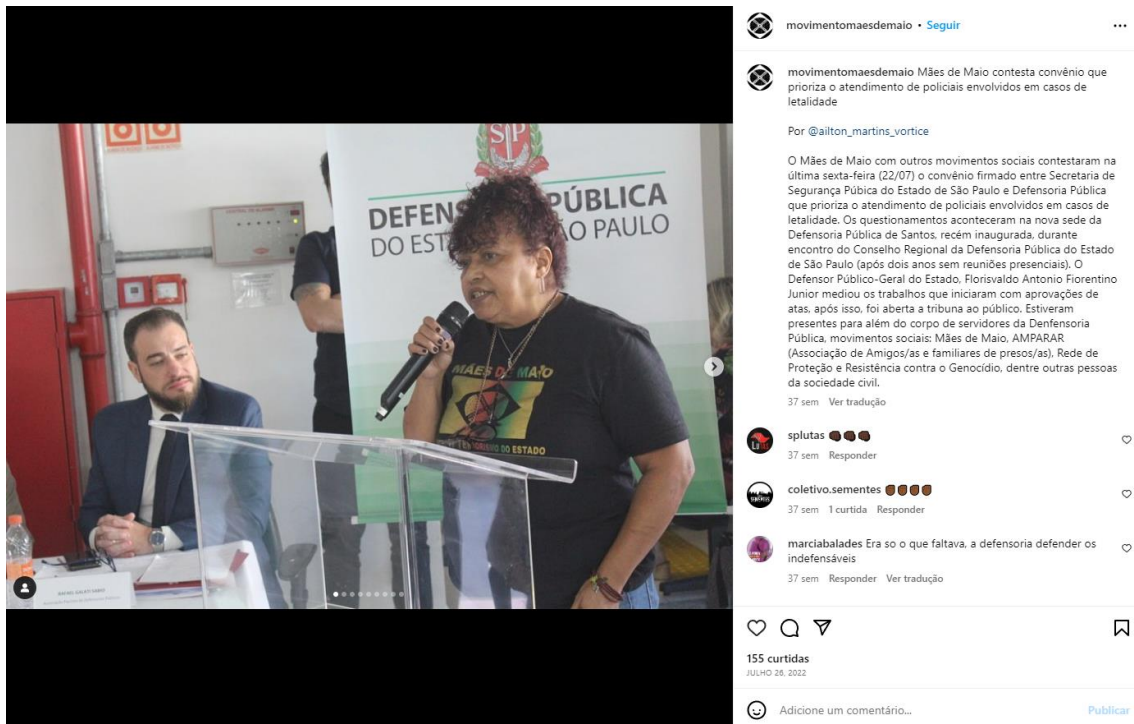
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CdcEBBENSAC/> (2022)

Imagem 215 – 26/07/2022



Fonte:

Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Cgf2QQeN4UO/> (2022)

Imagem 216 – 08/08/2022



Fonte:

Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/ChBRKoPrzV6/> (2022)

Imagem 217 – 16/08/2022



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/ChVPKwqvXZJ/> (2022)

Imagem 218 – 21/08/2022



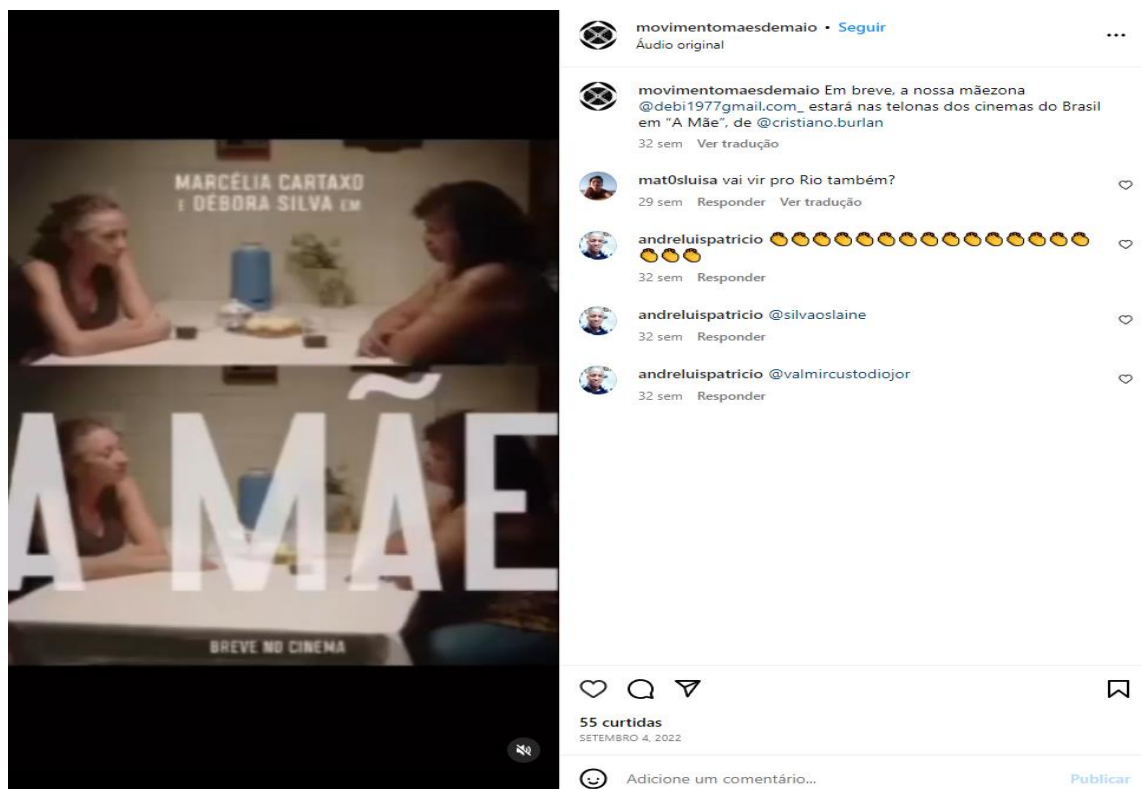
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/ChhyDM4Lhg_/ (2022)

Imagem 219 – 30/08/2022



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Ch4-bb6OxHq/> (2022)

Imagem 220 – 04/09/2022



Fonte:

Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CiF1g5qACtB/> (2022)

Imagem 221 – 04/09/2022



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CiGPXe_OOgP/ (2022)

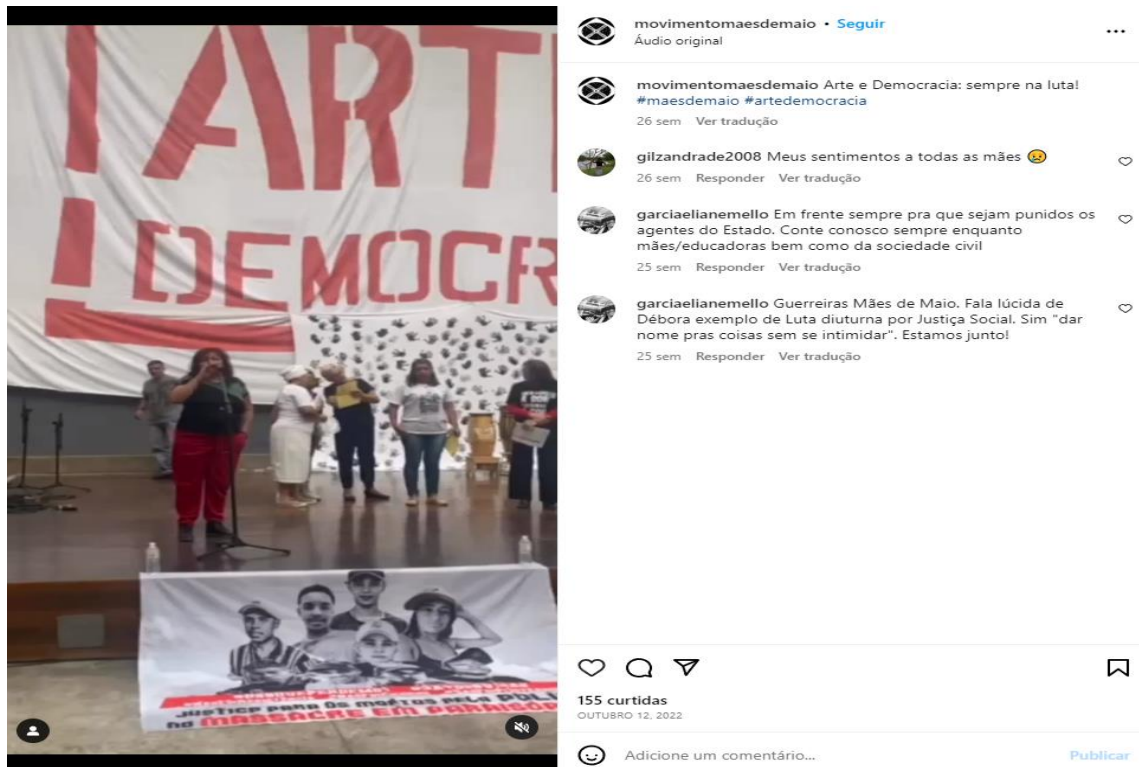
Imagem 222 – 02/10/2022



Fonte:

Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CjN4Hf_rGAR/ (2022)

Imagem 223 – 12/10/2022



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CjoGAD1AeXP/> (2022)

Imagem 224 – 14/10/2022



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CjtFa-luqBA/> (2022)

Imagem 225 – 02/09/2022



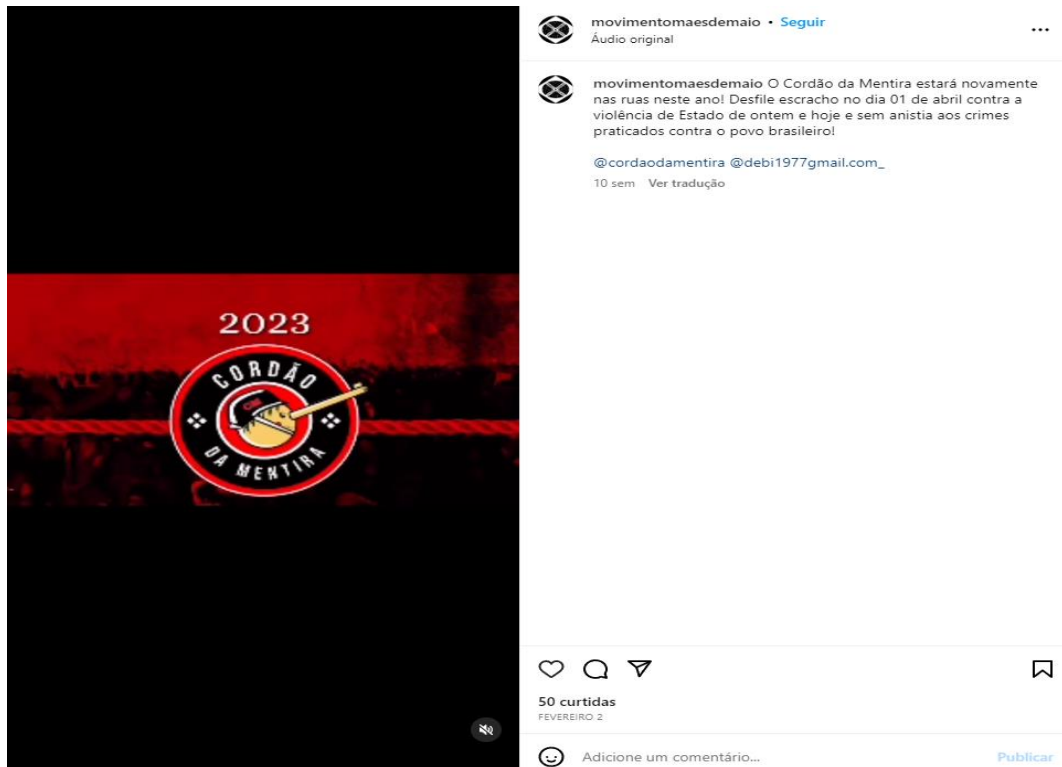
Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CkdwLXku4_2/ (2022)

Imagem 226 – 09/12/2022



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CI9S0bNPexP/> (2022)

Imagem 227 – 02/02/2023



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CoKq6Wrg4pT/> (2023)

Imagem 228 – 06/03/2022



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/CoWGAF-tRc1/> (2022)

Imagem 229 – 10/02/2023



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Cofh23rvh3g/> (2023)

Imagem 230 – 31/03/2023



Fonte:

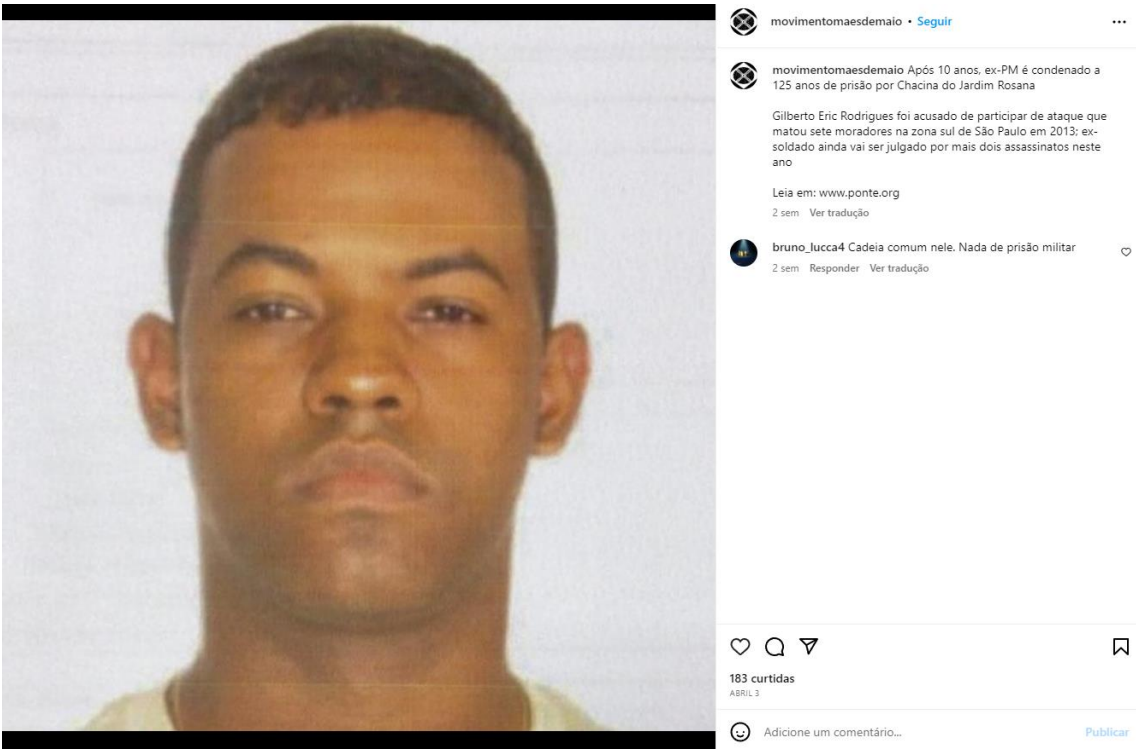
Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Cqd1GsuAxOu/> (2023)

Imagem 231 – 01/04/2023



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em https://www.instagram.com/p/CqgoOwsv2_z/ (2023)

Imagem 232 – 03/04/2023



Fonte: Movimento Mães de Maio, disponível em <https://www.instagram.com/p/Cql6-BNv5jZ/> (2023)